UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

KÁTIA REGINA GIESEN

O EPIDÍTICO COMO RECURSO PARA A REPRESENTAÇÃO DOS CONTEMPORÂNEOS NA EPISTOLOGRAFIA DE PLÍNIO, O JOVEM

VITÓRIA
2016

KÁTIA REGINA GIESEN

O EPIDÍTICO COMO RECURSO PARA A REPRESENTAÇÃO DOS CONTEMPORÂNEOS NA EPISTOLOGRAFIA DE PLÍNIO, O JOVEM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, na área de concentração Estudos Literários. Orientadora: Profa. Dra. Leni Ribeiro Leite.

VITÓRIA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
(Biblioteca setorial do Centro de Ciências Humanas e Naturais,
da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

G455e Giesen, Kátia Regina, 1992-
O epidítico como recurso para a representação dos contemporâneos na epistolografia de Plínio, o Jovem / Kátia Regina Giesen. – 2016.
214 f.

Orientadora: Leni Ribeiro Leite.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Plinio, o Moço – Correspondência – História e crítica. 2. Roma – HistóriaI. 3. Literatura latina I. Leite, Leni Ribeiro. II. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 82

Kátia Regina Giesen

“O epidítico como recurso para a representação dos contemporâneos na epistolografia de Plínio, o Jovem”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Letras.

Aprovada em 22 de março de 2016.

Comissão Examinadora:

Drª. Leni Ribeiro Leite (UFES)
Orientadora e Presidente da Comissão Examinadora

Dr. Gilvan Ventura da Silva (UFES)
Examinador titular interno

Dr. Pablo Schwartz Frydman (USP)
Examinador titular externo

AGRADECIMENTOS

Embora a pesquisa acadêmica pareça exigir uma boa dose de solidão para que se realizem as leituras e a escrita necessárias, jamais é um ato, de fato, solitário, pois depende não só de um diálogo constante com os textos e com outros pesquisadores, mas também do apoio material e imaterial de instituições e, principalmente, de pessoas. Por isso, dedico esse espaço para o reconhecimento daqueles que tornaram, por diferentes maneiras, a realização deste trabalho possível.

Agradeço, inicialmente, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela bolsa concedida.

À professora Dra. Leni Ribeiro Leite, não apenas pela orientação sempre muito eficiente desde a graduação, mas também por todas as aulas dadas dentro e fora das salas de aula; pelo apoio e incentivo à produção acadêmica e à docência; pela captação de material bibliográfico e empréstimo de muitos livros; e, especialmente, pela amizade.

Aos professores Dra. Laura Ribeiro da Silveira e Dr. Gilvan Ventura da Silva, cujas observações feitas tanto durante o exame de qualificação quanto em outros eventos acadêmicos, como os Colóquios de Pesquisas em Andamento do PPGL/Ufes, certamente permitiram o aperfeiçoamento das discussões realizadas neste trabalho.

Reitero meu agradecimento ao professor Dr. Gilvan Ventura da Silva e o estendo ao professor Dr. Pablo Schwartz Frydman, por comporem banca de defesa desta dissertação.

Manifesto minha sincera gratidão, ainda, aos meus queridos pais, Aloízio e Dorinha, pela compreensão, paciência, preocupação e apoio incondicional aos meus estudos; às minhas irmãs, Rosa e Karina, e ao pequeno Guilherme, por se fazerem presentes e disponíveis. Ao meu amado, Luiz Felipe, pelo carinho, apoio e incentivos constantes e incansáveis.

Por fim, agradeço aos amigos de pesquisa Marihá, Natan, Camilla, Luiza, Zilda e Alessandro, pelas conversas, angústias e alegrias divididas.

RESUMO

Gênero de caráter originalmente comunicacional, cotidiano e privado, as cartas foram utilizadas por Plínio, o Jovem, que organizou textos enviados por ele a amigos e os publicou em formato de coleção, como objeto de apreciação literária ao mesmo tempo em que instrumento para a formulação de imagens de si e da vida pública e privada durante o final do século I e início do II d.C.. Entre as mais de duzentas epístolas que compõem os livros I a IX da correspondência desse autor, há um grande número de textos cujo objetivo principal é retratar, elogiosamente, homens e mulheres de sua época. Nesses casos, o autor emprega recursos próprios do epidítico oratório para formular as imagens desses contemporâneos. Destacam-se, nesse contexto, as missivas em que o louvor é destinado a coetâneos de Plínio ainda vivos, uma vez que esse tipo de atitude não era, de acordo com Cícero (*De or*. II, 341-342), apreciada em contexto romano. Analisando o gênero epistolar a partir de uma perspectiva literária, procuramos demonstrar como e com quais funções Plínio utiliza o discurso de tipo epidítico no texto de treze cartas em que há louvores a homens vivos e ainda atuantes na sociedade da época. Para tal investigação, nos apropriamos de referenciais da Análise do Discurso apresentados por Maingueneau; do conceito de representação definido por Roger Chartier; além das próprias concepções antigas sobre epistolografia e gênero epidítico. Com isso, verificamos que os louvores efetuados nas cartas laudatórias de Plínio apresentam imagens de indivíduos exemplares tanto em razão de suas virtudes morais quanto pelo envolvimento com a cultura letrada de sua época, seja pela atuação na prática filosófica, oratória ou poética. Essas imagens textuais são marcadas especialmente pelo otimismo de Plínio em relação à contemporaneidade, que leva a considerar seu papel como apoiador do governo de Trajano.

Palavras-Chave: epistolografia greco-romana. Plínio, o Jovem. Discurso epidítico.

ABSTRACT

Originally a communicational, ordinary and private genre, epistolography became an object of literary appreciation in the hands of Pliny the Younger, who, by organizing texts written by him to friends and publishing them in a collection, used his letters as a tool to create pictures of himself and of public and private life during the late first century and early II AD. Among the more than two hundred letters that comprise books I to IX of Pliny's correspondence, there are several texts whose main subject is portraying men and women of his times. In such cases, the author employs expedients of epideictic oratory to elaborate images of his contemporaries. In this context, the letters in which praise is addressed to still living contemporaries of Pliny stand out, since that kind of attitude was not, according to Cicero (*De or.* II, 341-342), seen under positive light in Roman context. Analyzing the epistolary genre from a literary perspective, we aim at demonstrating how and with what functions Pliny used epideictic speech instruments in the text of the thirteen letters in which there are praises to men who are alive and still active in the society of the time. To do so, we used elements from Discourse Analysis as presented by Maingueneau; the concept of representation set by Roger Chartier; and ancient theorization about epistolography and epideictic genre. As results, we propose that the praise offered in Pliny's laudatory letters feature images of exemplary individuals, both because of their moral virtues and due to their involvement with the literary culture of their time, whether by acting on philosophical, oratorical or poetic practice. These textual images set the tone of Pliny's optimism in relation to his contemporary times, which plays an important part in his role as a supporter of Trajan's government.

Keywords: Greco-Roman epistolography. Pliny the Younger. epideictic speech.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....08
1 A EPISTOLOGRAFIA NA ANTIGUIDADE GRECO-ROMANA.....26
1.1 DEFINIÇÃO DO GÊNERO E SEU ESTATUTO LITERÁRIO.....26
1.2 A TEORIA EPISTOLAR ANTIGA.....33
1.3 A PRÁTICA EPISTOLOGRÁFICA.....48
1.4 A CARTAS DE PLÍNIO, O JOVEM, E A TRADIÇÃO ROMANA.....59
2 O EPIDÍTICO: DEMONSTRAÇÃO, PERSUASÃO E CONSELHO.....66
2.1 O DISCURSO SOBRE O GÊNERO.....67
2.2 AS PRÁTICAS DO ELOGIO EM PROSA: DE PÉRICLES A PLÍNIO, O JOVEM 85
2.3 O USO DOS LOUVORES NA EPISTOLOGRAFIA PLINIANA.....96
3 AS REPRESENTAÇÕES NAS EPÍSTOLAS LAUDATÓRIAS DE PLÍNIO..... 104
3.1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS: IMAGENS TEXTUAIS, REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS 104
3.2 O DISCURSO EPISTOLOGRÁFICO: POSICIONAMENTO POR MEIO DO INVESTIMENTO GENÉRICO 110
3.3 LOUVOR AOS CONTEMPORÂNEOS: A *ELOQUENTIA* E O *INGENIUM* 131
3.4 O ELOGIO ÀS LETRAS E AOS LETRADOS COMO FORMA DE REPRESENTAÇÃO POSITIVA DA DINASTIA ANTONINA 150
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 166
REFERÊNCIAS..... 172
APÊNDICE A - Tradução das epístolas que compõem o *corpus* 186
APÊNDICE B - Apresentação geral do conteúdo das cartas que compõem o *corpus* .. 207
APÊNDICE C - Apresentação dos correspondentes e destinatários das cartas que compõem o *corpus* 209

INTRODUÇÃO

O interesse pela fragilidade e mesmo pelas rupturas das fronteiras entre o público e o privado é a motivação inicial da pesquisa apresentada nesta dissertação. Por um lado, nossa opção pelo estudo da epistolografia de Plínio, o Jovem, nasce da percepção de que um texto escrito inicialmente para ser lido em contexto privado – a carta pessoal – passa a ser encarado, pelo seu próprio remetente, como uma escrita pública, uma vez que ele decide organizar suas missivas em formato de coleção e publicá-las como uma obra literária. Por outro lado, nosso interesse pelo epidítico surge ao ler esse conjunto de cartas e verificar que existe, em uma diversidade delas, a formulação textual de pequenos discursos de elogio, algo por nós conhecido como sendo próprio da oratória e, portanto, pertencente à esfera pública, mas que, nesse caso, foi utilizado em um texto de caráter originalmente privado.[1] É, então, a partir desse entrecruzamento entre um discurso que, a princípio privado, passa a ser público e literário e outro que, inicialmente público, é aplicado em contexto privado, que tem origem o nosso objeto de investigação: a utilização, nas cartas de Plínio, o Jovem, do gênero epidítico para louvar contemporâneos ainda vivos e as representações sociais advindas dessa utilização.

Por causa da diversidade de temas e dos assuntos simultaneamente públicos e privados de que tratam, as cartas de Plínio têm sido estudadas, majoritariamente, por sua importância como registro das relações sociais e mesmo de acontecimentos no Império Romano entre o final do séc. I d.C e o início do séc. II. Todavia, inseridas num gênero literário – a epistolografia – e dialogando com uma série de recursos estilísticos advindos da retórica e oratória – elementos que compõem a produção literária antiga – as missivas de Plínio requerem uma leitura em que seu caráter de artefato literário esteja também em vista.[2] Tendo

---

[1] Ao lado do deliberativo e do judiciário, o epidítico (ou laudatório) é um dos três gêneros do discurso estabelecidos pela Retórica (Aristóteles, *Retórica*, 1358b; *Retórica a Herênio*, I,2; Cícero, *De or.* II, 42-43; Quintiliano, *Inst. Or.* III, 3,14-15). A função do epidítico é louvar ou vituperar alguém ou algo. Na prática oratória, esse tipo de argumentação era utilizado tanto de maneira independente, como é o caso dos elogios fúnebres e dos panegíricos, por exemplo, quanto como parte dos discursos deliberativos e, especialmente, judiciários, nos quais poderia auxiliar na defesa ou acusação (*Retórica a Herênio*, III,15; *Inst. Or.* III, 7,2-3). Neste trabalho, as considerações sobre o gênero se concentram na sua utilização para o elogio.

[2] A retórica e o exercício da oratória estavam no centro da produção literária da Antiguidade. Fornecer definições ou delimitações do que seja retórica e oratória, no entanto, não é uma tarefa simples, pois os sentidos atribuídos a esses termos sofreram diversas modificações ao longo do tempo e variam mesmo entre os autores da própria Antiguidade. Numa visão geral, no entanto, pode-se afirmar, que "A oratória é uma prática formal e pública de discurso. É o ato político característico de antigas cidades-estado e de entidades políticas posteriores que se inspiram nelas. A retórica é o estudo dos meios disponíveis de persuasão. Ela surgiu como um empreendimento intelectual e social distinto por causa da prevalência da oratória na Antiguidade clássica. A retórica analisava os casos bem sucedidos de persuasão oratória e derivava deles princípios que poderiam ser aplicados em novas situações" (*Oratory is formal public speechmaking. It is the characteristic political act of ancient city-states and of later political entities that draw their inspiration from them. Rhetoric is the study of available means of persuasion. It came into being as a distinct intellectual and social enterprise because of the*

como ferramentas a tradução e análise das cartas a partir de referenciais da Análise do Discurso e da História Cultural, além das próprias concepções antigas sobre o tema, esta dissertação examina de que modo e com quais funções o autor utiliza, em sua correspondência, o elogio dirigido a alguns de seus contemporâneos ainda vivos. Com esse objetivo, no entanto, discutimos a inserção de Plínio na tradição epistolográfica antiga, assim como as concepções e práticas do elogio na Antiguidade, o que permite observar elementos que compõem o estilo e a linguagem do autor. Para a realização de tal leitura, selecionamos, dentre os nove primeiros livros que compõem a coleção epistolar pliniana, um total de treze missivas. Tais textos foram selecionados por conter como tema principal o elogio a um contemporâneo e por utilizarem, nesse louvor, algumas estruturas próprias do discurso epidítico descrito pela retórica.[3]

Nascido em Como, por volta de 62 d. C., *Gaius Plinius Caecilius Secundus* ficou conhecido como Plínio, o Jovem, ou Plínio, o moço, para diferenciar-se de seu tio Plínio, o velho (*Gaius Plinius Secundus*) que o adotou. Originário de uma família equestre, Plínio estudou retórica em Roma, sob a tutela de Quintiliano (Plin. *Ep.* VI, 6, 3), e ascendeu a diversos cargos da administração romana, assumindo, entre outras, as funções de questor, tribuno da plebe, pretor, cônsul e governador de província. Foi provavelmente no exercício dessa última atividade, na província da Bitínia, que Plínio, o Jovem, faleceu, em 113 d.C. (CONTE, 1999, p. 525).[4]

---

prevalence of oratory in classical antiquity. Rhetoric analyzed successful instances of oratorical persuasion and derived from them principles that could be applied in new situations) (HABINEK, 2005, p. vi). A princípio, portanto, a retórica surge como um treinamento ou um conjunto de regras que organizam os recursos a serem utilizados na prática política da oratória. Ainda na Antiguidade, no entanto, ela passa a assumir outras funções e adquirir maior importância. Uma dessas funções foi tornar-se o ápice da educação formal antiga (HABINEK, 2005, p. 60). Em contexto romano, por exemplo, a formação escolar tinha como objetivo a constituição de um cidadão que serviria à república exercendo, em especial, funções centradas no uso da palavra. Para isso, o ensino se fundamentava principalmente em práticas de leitura e escrita baseadas na declamação, interpretação, memorização e imitação de textos literários (MORGAN, 1998, p. 90). O último estágio dessa educação era justamente o estudo da Retórica, que preparava os estudantes para as práticas políticas da cidade. Era em tal momento da formação que o aluno intensificava não só o conhecimento sobre as ferramentas de estilo utilizadas para a composição de discursos, mas também sobre os modelos literários a serem lidos e imitados. É por essa relação indissociável das práticas literárias e retóricas que se pode falar de uma cultura letrada, ou seja, em uma cultura que se baseia nas letras e no uso da palavra, especialmente da exposição pública.

[3] Trata-se das cartas I.10; I.16; I.22; II.3; IV.27; V.14; V.17; VI.11; VI.21; VI.26; VII.25; VIII.12 e IX.22. As missivas que compõem esse *corpus* não incluem o livro X da obra de Plínio em virtude de uma série de diferenças estruturais e de conteúdo que distanciam o conjunto dos livros I a IX das missivas do livro X. Uma descrição detalhada sobre o processo de categorização e seleção das epístolas utilizadas nesta dissertação é feita ainda nesta introdução.

[4] Sobre a biografia de Plínio, o Jovem, as fontes antigas mais importantes são: a) suas próprias cartas, ainda que as informações se encontrem de forma bastante esparsa ao decorrer da obra e tenham um caráter extremamente alusivo (GIBSON; MORELLO, 2012, p. 11) e b) uma inscrição em pedra originária da cidade de Como (Cf. *Corpus Inscriptionum Latinarum* (CIL) V 5262 = DESSAU, *Inscriptiones Latinae Selectae* (ILS) 2927; 5263; 5667; 5279 = ILS 6728; *Suppl. Italica* I 745). Para Gibson e Morello (2012, p. 14), por exemplo, "o livro 7 oferece uma breve e sugestiva narrativa, mas completa em seus próprios termos, de um período notável da vida

As obras desse orador, magistrado e poeta romano que sobreviveram até a modernidade foram o conjunto de suas *Epístolas* e o *Panegírico* a Trajano. Ele teria escrito e publicado, porém, outros diversos discursos e também conjuntos de poemas.[5] A produção epistolar de Plínio compreende um conjunto de trezentas e cinquenta e sete cartas escritas em prosa e divididas em dez livros. Os nove primeiros livros foram organizados e publicados pelo autor ainda em vida e contêm, no total, duzentas e quarenta e sete epístolas. O livro X, composto por cento e vinte uma cartas, é uma publicação posterior, constituída apenas pela troca de correspondência entre Plínio e o imperador Trajano.[6] O texto do primeiro conjunto de cartas (I-IX) chegou até a modernidade por meio de três tradições de manuscritos, datadas provavelmente do final do século IX e início do X (SOUZA, 2013a, p. 34): a família dos nove livros (α), a família dos dez livros ou das cem cartas (β), e a família dos oito livros (γ). Dessas famílias, a α é considerada a mais completa, pois possui os nove primeiros livros de cartas, ainda que com algumas lacunas (RADICE, 1969, p. xxvi). O livro X, por sua vez, tem como principal fonte duas edições impressas datadas do final do século XV, as duas baseadas no

---

de Plínio, isto é, seu início de carreira política até por volta de 97. Cf. VII, 4; VII, 11, 3–5; VII, 14; VII, 16, 2; VII, 19, 10;VII, 27,14; VII, 31,2 e VII, 30." (*Book 7 offers a brief and suggestive, but within its own terms fairly complete, 'narrative' of a distinct period of Pliny's life, i.e. his early political career up to 97 or so; cf. 7.4, 7.11.3–5, 7.14, 7.16.2, 7.19.10, 7.27.14, 7.31.2, 7.30.*). Já em relação à inscrição, esses autores afirmam que "A inscrição fornece o *cursus honorum* de Plínio, em ordem decrescente, modificado (como muitas vezes em tais inscrições) pelo consulado e sacerdócio (augurado, no caso dele), sendo colocados diretamente após o nome, fora da ordem cronológica. Isso é seguido por uma lista de presentes dados em vida ou por testamento para a cidade de Como e seus cidadãos e para libertos de Plínio." (*The inscription gives Pliny's 'cursus honorum, in descending order, modified (as often in such inscriptions*) *by the consulship and priesthood (augurship in his case), being placed straight after the name, out of chronological order. This is followed by a listing of gifts given both in life and by will to the town of Comum and its citizens and to Pliny's freedmen*) (GIBSON; MORELLO, 2012, p. 271). Modernamente, informações bastante completas sobre a vida e a carreira de Plínio, o Jovem, são fornecidas por MOMMSEN, 1873, p. 31-78; SHERWIN-WHITE, 1998, p. 69-82; BIRLEY, 2000, p. 7-17; GIBSON; MORELLO, 2012, p. 265-273 e SOUZA, 2013b, p. 150-152.

[5] Em muitas das cartas endereçadas a seus amigos, Plínio, o Jovem, declara estar enviando algum discurso para que seu correspondente leia e revise (Cf. II, 5; V, 12; V, 20; VI, 33; VII, 12; VIII, 3; VIII, 13; IX, 4). Em alguns casos, ele mostra claramente o desejo de publicação desses escritos. Na carta I, 2, por exemplo, dirigida a Maturo Arriano, o autor revela não só o desejo de publicar o texto que está enviando ao amigo, mas também mostra a existência de publicações precedentes: "[...] mas é necessário publicar por vários motivos, mormente porque os livros que enviamos diz-se já estarem vendidos, embora tenham perdido o valor da novidade; a não ser, no entanto, que os livreiros estejam adoçando os nossos ouvidos. Mas que perfeitamente adocem, desde que, por essa mentira, nos recomendem nossos estudos" *([...] edendum autem ex pluribus causis, maxime quod libelli quos emisimus dicuntur in manibus esse, quamvis iam gratiam novitatis exuerint; nisi tamen auribus nostris bibliopolae blandiuntur. Sed sane blandiantur, dum per hoc mendacium nobis studia nostra commendent. Vale.")* (Plin. *Ep.* I, 2, 6. Tradução nossa). Além de discursos, Plínio também fala a respeito de uma produção poética sua, como é o caso das cartas IV, 14; V, 3, 10, VII, 4 e IX, 34, nas quais o autor comenta a escrita e a publicação de seus poemas hendecassílabos, obra que não chegou à modernidade. Embora seu volume de hendecassílabos seja a obra poética mais comentada pelo autor, na carta VII, 4 ele afirma ter também escrito uma tragédia grega e mesmo alguns versos épicos (VII, 4, 2-3). Sobre a visão do autor acerca da poesia, cf. HERSHKOWITZ, 1995.

[6] Sobre a publicação, datação e organização das cartas de Plínio, cf. SHERWIN-WHITE, 1998.

manuscrito denominado *parisinus*, que continha, já nesta época, todos os dez livros (FERNÁNDEZ, 2005, p. 44).[7]

Os temas na correspondência pliniana são diversos, assim como os tons do discurso e as extensões do texto. Há cartas destinadas a assuntos mais graves, outras a assuntos mais cotidianos. Há missivas que tratam de assuntos literários, outras de política ou mesmo da prática no fórum. Há, ainda, alguns textos que se dirigem a sua esposa ou familiares dela. As epístolas que compõem os nove primeiros livros se direcionam a uma diversidade de pessoas, geralmente identificadas como amigos ou familiares de Plínio, tendo, portanto, uma característica de correspondência aparentemente privada. O décimo livro, por sua vez, se direciona exclusivamente ao imperador Trajano e tem um tom muito mais oficial e público.

Por relatar, em formato de cartas, uma série de eventos cotidianos de Roma e das províncias romanas, Plínio é constantemente utilizado como fonte de evidências a respeito da vida cultural, social e política durante o governo de Trajano.[8] Um dos principais comentários de sua obra, por exemplo, tem como título *The Letters of Pliny: A Historical and Social Commentary* (SHERWIN-WHITE, 1998), e seu objetivo é compreender os paralelos que as cartas estabelecem entre si como parte de uma mesma obra, além de mostrar as relações políticas e sociais presentes no texto.[9] Para tanto, o comentarista considera que as cartas de Plínio servem como repositório de importantes evidências sobre o momento político, cultural e social do qual fazem parte (século I e II d.C.) (SHERWIN-WHITE, 1998, p. v). Esse mesmo viés histórico-informativo parece ser tomado pelos estudiosos brasileiros da obra pliniana durante a segunda metade do século XX.[10] Nessa perspectiva de análise, porém, o caráter

---

[7] Para informações mais detalhadas sobre as tradições de manuscritos das cartas de Plínio, cf. RADICE, 1969, p. xxvi-xxviii; SHERWIN-WHITE, 1998, p. 82-83; FERNÁNDEZ, 2005, p. 44-46 e SOUZA, 2013a, p. 33-35.

[8] Como mostra Aubrion (1989, p. 323) "No início de um artigo intitulado 'Plinio il Giovane in prospettiva letteraria', P. V. COVA observa que a obra de Plínio, o Jovem, por mais literária que seja, apaixona principalmente os historiadores. A *Correspondência*, de fato fornece evidências únicas para aprofundar o nosso conhecimento da cultura e da vida dos romanos no tempo de Trajano. Um grande número de instituições romanas, como a advocacia ou a administração provincial, tem sido estudados através da *Correspondência*."("*Au début d'un article intitulé Plinio il Giovane in prospettiva letteraria', P. V. COVA observe l'oeuvre de Pline Ie Jeune, toute littéraire qu'elle soit, passionne surtout les historiens. La 'Correspondance' fournit en effet des témoignages irremplaçables pour l'approfondissement de notre connaissance de la civilisation et de la vie des Romains à l'époque de Trajan. Un certain nombre de grandes institutions romaines, telles que le barreau, ou l'administration provinciale, ont depuis longtemps été étudiées à travers la 'Correspondance'*"") (tradução nossa). A tal afirmação, Aubrion ainda acrescenta que os principais temas trabalhados pela história a partir das cartas são: a) a vida cultural do período; b) a vida social do período; c) a prosopografia (descrição) e d) o nascimento do cristianismo (AUBRION, 1989, p. 324-7).

[9] Além do trabalho de Sherwin-White, outros textos de relevância para a crítica textual da obra epistolar de Plinio, o Jovem, são os estudos de MOMMSEN (1873) e GUILLEMIN (2003).

[10] Entre os pesquisadores que produziram durante a segunda metade do século XX, destacam-se VIEIRA (1996), OLIVEIRA (1978; 1984) e VENTURINI (1993; 2000).

fundamentalmente literário desse texto epistolar acaba, muitas vezes, sendo negligenciado.[11] Há, em contrapartida, portanto, um interesse atual em desenvolver aspectos ainda não tão explorados na obra pliniana. Por um lado, percebe-se uma recente publicação de textos que exploram o caráter literário das cartas desse autor; por outro, o desenvolvimento de uma série de estudos que procuram ler a coleção como um repositório de imagens linguística e discursivamente construídas sobre o próprio Plínio, sobre seus contemporâneos e sobre sua época.

Do primeiro grupo dessas publicações, é possível destacar os textos *Reading the Letters of Pliny the Younger: an introduction* (GIBSON; MORELLO, 2012), uma recente introdução geral aos nove livros de cartas que compõem a obra pliniana, e *The art of Pliny's Letters: a poetic of allusion in the private correspondence* (MARCHESI, 2008), também um livro recente, que trata da alusividade literária em Plínio, o Jovem.[12] O objetivo do texto de Marchesi é mostrar quais elementos fazem com que as cartas de Plínio sejam, de fato, um texto literário (MARCHESI, 2008, p. viii). Para tanto, a autora se dedica a olhar menos para as questões que tradicionalmente circundam esse texto – como é o caso das relações políticas e sociais evidenciadas nas cartas – e mais para o aspecto interno da obra. Para Marchiesi (2008), Plínio tem grande consciência da literariedade da coleção de cartas aparentemente

---

[11] Essa é uma reflexão proposta, por exemplo, por Marchesi (2008). Essa autora considera que "As Cartas de Plínio certamente são documentos que fornecem informações sobre uma realidade localizada fora delas: elas contêm dados úteis sobre as atividades econômicas, políticas e oratórias do próprio Plínio; transmitem uma imagem de lutas de poder, relações e costumes em seu círculo de amigos; registram a vida de alguns de seus contemporâneos e as mortes de muitos de seus anciãos; detalham curiosidades das paisagens naturais visitadas por ele, as virtudes arquitetônicas das casas habitadas por ele, e os caminhos intricados que ele seguiu em suas peregrinações literárias. As cartas já foram estudadas como indicadores de uma realidade externa (esta é a hipótese heterônoma guiando interpretações sócio-históricas tradicionais). Elas estão, no entanto, também abertas para uma abordagem diferente, que incide sobre objetos que não se encontram no exterior, mas sim dentro delas" (*Pliny's letters are certainly documents that provide information on a reality located outside them: they contain useful data on Pliny's own economic, political and oratorical activities; they convey a picture of power struggles, relations and customs in his circle of friends; they record the lives of some of his contemporaries and the deaths of many of his elders; they detail curiosities of the natural landscape he visited, the architectural virtue of the homes he inhabited, and the intricate paths he followed in his literary peregrinations. The letters have already been studied as pointers to an external reality (this is the heteronomous hypothesis guiding traditional socio-historical interpretations). They are, however, also open to a different approach, one which focuses on objects that do not lie outside but rather within them*) (MARCHESI, 2008, p. ix). Ainda, para essa autora (2008, p. 1), o texto de Plínio vem sofrendo, na crítica, de um duplo infortúnio: "seu autor foi um praticante da epistolografia em prosa, um gênero pouco estudado porque supostamente subliterário; e ele esteve ativo durante um período tradicionalmente desvalorizado, a depreciativamente rotulada Era de Prata (agora, em tempos de politicamente correto, conhecida como era pós-Augustana). A situação, no entanto, tem mudado recentemente." (*Their author was the practitioner of prose-epistolography, an understudied, because allegedly sub-literary, genre; and he was active during a traditionally devalued period, the disparagingly labeled Silver Age (now, in times of political correctness, known as the post-Augustan era) The situation, however, has recently changed*) (MARCHESI, 2008, p. 1).

[12] Embora estejamos destacando essa perspectiva literária como um movimento recente, é inegável a existência de produções anteriores que se debruçaram sobre o tema da literariedade da prosa epistolar pliniana, esse é o caso de algumas publicações de COVA (1966; 1972) e GUILLEMIN (1929).

privadas que se dispõe a publicar. O autor seria, portanto, bastante autorreflexivo em relação a essa literariedade (MARCHESI, 2008, p. ix). Um dos elementos próprios dessa autorreflexão é, para Marchesi, o uso de uma diversidade de alusões literárias, técnica que é o centro das discussões desenvolvidas pela autora. Em seu livro, ela analisa, então, detalhadamente, as referências e citações de outros textos literários realizadas por Plínio, especialmente aquelas que se referem às obras de Catulo, Cícero e Tácito. Tais leituras levam a autora a concluir que Plínio reescreve e reinventa a tradição epistolográfica que o precede (MARCHESI, 2008, p. 441), uma vez que esse autor se inclui, literariamente, num diálogo não só com uma tradição prosaica, aludindo e interagindo criticamente com textos de historiografia e oratória, mas também participa, por meio dos processos de uma alusão criativa, de uma tradição poética, especialmente a neotérica.

Também seguindo uma perspectiva literária, Gibson e Morello (2012) defendem que a coleção epistolar de Plínio, marcada pela amplitude e variedade de temas tratados, assim como por uma organização aparentemente aleatória, não deve ser definida como um mosaico, metáfora tradicionalmente atribuída pela crítica, mas sim como um caleidoscópio que se dispõe a uma série de leituras variadas (GIBSON; MORELLO, 2012, p. 1). Por isso, eles propõem uma análise das cartas a partir da ideia de releitura, uma vez que, para eles, apenas em uma segunda leitura do texto de Plínio, após já possuir alguma intimidade com a coleção completa, o leitor pode alcançar uma compreensão mais complexa e aprofundada da obra enquanto literatura. Diante dessa perspectiva, Gibson e Morello (2012) analisam, no decurso de sua introdução à epistolografia pliniana, alguns dos modos pelos quais o leitor pode aproximar-se dessa obra como, por exemplo, a leitura livro a livro, a seleção via antologias, o conjunto dos nove livros como um todo e a interpretação a partir de temas-chave. Um tratamento mais propriamente literário das cartas de Plínio é realizado por esses autores nos capítulos dois e três do livro, que discutem, respectivamente, as escolhas formais de Plínio em relação à organização das cartas no interior de cada livro e os diálogos que Plínio estabelece com uma tradição epistolar romana que o antecede. Nas análises que realizam, Gibson e Morello destacam, por um lado, a necessidade dos conhecimentos biográfico, social, histórico, econômico e político – exteriores ao texto – para uma compreensão mais ampla da obra; por outro, enfatizam a importância do estabelecimento de relações internas entre as cartas para a efetivação de uma leitura, ou melhor, uma releitura literária da prosa epistolar pliniana.

No segundo grupo de publicações que buscam explorar aspectos menos discutidos da prosa pliniana, encontram-se teses e dissertações recentes que têm analisado menos a vida

cotidiana e mais as diversas representações construídas na produção epistolográfica desse autor.[13] Essa tendência em analisar a construção de imagens no discurso epistolar de Plínio, o Jovem, vem sendo também desenvolvida recentemente no Brasil.[14] Alguns dos principais estudos produzidos nesse sentido são os trabalhos de Daniel Aparecido de Souza (2010), Thiago David Stadler (2010) e Marly de Bari Matos (2011).

Em sua dissertação, cujo objetivo é investigar as representações do homem político na correspondência pliniana, Souza (2010) analisa um conjunto de trinta missivas escolhidas tendo como critério a presença dos vocábulos *fides, virtus, Nerva, Domitiano* [*sic*], *liberto* [*sic*], *princeps e mos maiorum* (SOUZA, 2010, p. 65). Utilizando o conceito de representação como definido por Roger Chartier, as principais virtudes do homem romano e a noção de *mos maiorum*, associada ao estoicismo, Souza busca explicar a imagem política que Plínio constrói de si mesmo e de seus pares. Em seu estudo, o autor conclui que Plínio elabora, em suas cartas, por meio da utilização de uma série de virtudes que retomam os ideais estóicos do *mos maiorum*, uma representação ideal de homem político – aplicável ao imperador, a ele e a seus pares – com o objetivo de diferenciar-se e legitimar-se diante de novos grupos, mais afastados da elite citadina de Roma, que começavam a ascender na vida política. De algum modo, o estudo desse autor se aproxima bastante da temática laudatória, uma vez que as cartas que compõem o *corpus* de análise são, majoritariamente, textos de recomendação, petição e felicitação (2010, p. 102). Souza, porém, não discute o louvor de maneira aprofundada nem mesmo chega a defini-lo como gênero.

A dissertação de Thiago David Stadler (2010), por sua vez, mesmo que não utilize a representação como um conceito em sua análise e se dedique apenas ao livro X da correspondência pliniana, é útil para a compreensão de como a obra epistolar de Plínio vem sendo trabalhada no Brasil no que diz respeito às imagens que o autor constrói em seu discurso. O objetivo de Stadler, em seu estudo, foi analisar de que maneira, utilizando as virtudes, Plínio moldou, na correspondência mantida com Trajano, a figura desse imperador como um soberano ideal. Diante de tal objetivo, Stadler desenvolve seu trabalho mostrando que Plínio executou um papel central no processo de legitimação de Trajano, que era de

---

[13] Não será realizada, neste trabalho, uma descrição detalhada de toda a produção bibliográfica sobre a obra epistolar de Plínio, o Jovem. Nesta introdução, comentaremos apenas alguns estudos brasileiros recentes que se debruçaram sobre o tema da elaboração de determinadas imagens dos indivíduos a partir da obra pliniana. Para um comentário mais abrangente sobre a produção bibliográfica estrangeira e nacional a respeito da correspondência de Plínio, cf. GIBSON; MORELLO, 2012, 293-307; MARCHESI, 2008, p. 1-7 e SOUZA, 2010, p. 38-54.

[14] Nesta introdução, fazemos referência apenas a uma tradição brasileira desses estudos, todavia, há também uma série de publicações estrangeiras sobre o tema, como, por exemplo, HENDERSON (2002), MÉTHY (2007) e CARLON (2009).

origem provinciana, como imperador e contribuiu muito, ao formular uma imagem virtuosa e ideal, para que o período de governo desse *princeps* tivesse uma representação positiva não só contemporânea, mas também nos séculos que se seguiram (STADLER, 2010, p. 53). O estudo de Stadler se relaciona com a dissertação aqui apresentada na medida em que, ao tratar das virtudes, elemento que fornece às cartas características elogiosas (STADLER, 2010, p. 46,65), o autor as interpreta como forma de legitimação política durante o principado de Trajano. Todavia, de modo similar ao estudo de Souza (2010), Stadler (2010), embora se aproxime muito da temática epidítica, uma vez que analisa as virtudes, parte constituinte desse gênero de discursos, não chega discutir a ideia de elogio. Além disso, a análise do autor se concentra apenas na figura de Trajano, o que nos fornece uma leitura aprofundada acerca da utilização das virtudes para a legitimação do poder imperial, mas deixa um espaço em aberto para a análise da elaboração de imagens ideais de outros homens pertencentes às elites romanas.

Destacamos, por fim, um artigo de Marly de Bari Matos, intitulado "A imagem da criança e uma criança destituída de imagem: considerações sobre a infância nas cartas de Plínio o Jovem" (2011), no qual a autora discute o modo pelo qual Plínio constrói imagens negativas e positivas de homens públicos contemporâneos utilizando o elogio ou o vitupério de seus filhos.[15] Assim como o Stadler, Matos (2011) também trabalha com a ideia de construção de imagens ideais. A autora se preocupa, porém, em destacar a construção dessas imagens a partir do conceito de *exemplum* antigo. Ao executar a leitura das cartas II,7, IV,2 e IV,7 – a primeira, um elogio e as últimas, vitupérios -, a autora mostra de que modo Plínio constrói textualmente figuras exemplares de virtude e comportamento: em II, 7, uma imagem exemplar de jovem virtuoso e em IV, 2 e 7, um *exemplum* negativo de criança e de pai. Há uma grande aproximação entre o estudo desenvolvido nesse artigo e a dissertação aqui apresentada, uma vez que Matos analisa as representações da criança justamente a partir do louvor e do vitupério, partes constituintes do gênero epidítico, seu foco de análise, no entanto, se distancia do nosso ao voltar-se para questões da infância.

Diante desse quadro, a presente dissertação vai, por um lado, ao encontro da atual preocupação, exemplificada aqui pelos trabalhos desses três autores brasileiros, com as representações na obra pliniana. Tais representações, todavia, são analisadas, neste trabalho, não em relação ao imperador, como no estudo de Stadler (2010), ou às relações estritamente

[15] A obra epistolar de Plínio também foi um dos textos discutidos, ao lado da obra de Quintiliano e de Salústio, por essa autora em sua tese de doutorado (2006), na qual ela desenvolve um estudo mais amplo sobre a *pueritia* nos século I e II d.C. Em virtude da amplitude desse estudo, não trataremos dele neste trabalho.

políticas, como no caso de Souza (2010), mas no que se refere às ligações estabelecidas entre Plínio e seus pares frente ao campo político, social e cultural do período.[16] Por outro lado, objetivamos ler as cartas de Plínio tendo sempre em vista seu caráter literário, perspectiva analítica já observada nos textos de Marchesi (2008) e Gibson e Morello (2012) e que ainda precisa ser melhor desenvolvida em contexto brasileiro.[17] Além disso, o ponto de partida para a análise realizada neste estudo é a utilização do gênero epidítico, temática que vem à tona na leitura das cartas, em especial tendo-se em mente a importância literária assumida pelo *Panegírico,* texto de caráter majoritariamente laudatório, na produção literária do autor. Tradicionalmente reservada à declamação pública, a prática do elogio ainda não foi estudada de forma mais intensa e suficiente em relação a suas particularidades numa tradição epistolográfica.[18]

A classificação do texto de Plínio sob o nome de cartas epidíticas ou laudatórias é, neste trabalho, uma formulação nossa. Para agrupá-las sob essa nomenclatura, os critérios utilizados foram: a) o tema central da carta; e b) a estrutura do texto. Desse modo, foram consideradas epidíticas aquelas em que a) o assunto central fosse o louvor a alguém; e b) que esse elogio utilizasse, em algum grau, os elementos e estruturas próprios do discurso epidítico retórico. Trata-se da utilização dos principais lugares comuns da argumentação laudatória, como, por exemplo, louvor às origens (nascimento e família), à natureza (beleza física e de caráter), ao desenvolvimento e educação, às ações e às virtudes, além do uso de recursos de composição como a amplificação (Aristóteles, *Retórica,* 1366a - 1368b; *Retórica a Herênio,* III, 10-15; Cíc. *De or.* II, 42-43; Quintiliano, *Inst. Or.* III, 7, 7-28). Uma tipificação e agrupamento das cartas plinianas, todavia, foi algo já realizado por Sherwin-White (1998, p. 42-45), que as dividiu, tendo por critério o assunto, em oito tipos principais: i. assuntos públicos (*public affairs*); ii. esboços de personagens (*character sketches*); iii. patronato (*patronage*); iv. admoestações (*admonitions*); v. familiares (*domestic*); vi. literárias (*literary*); vii. cênicas (*scenic*) e viii. de cortesia (*courtesy*). Dentre essas categorias, três utilizam, em algum grau, as

---

[16] Nesse sentido, destacamos, ainda, o trabalho de GUILLEMIN (1929), cuja análise contempla a importância das relações culturais e, especialmente, literárias que Plínio estabelece em suas cartas.

[17] Temos notícias de uma produção nacional voltada para os aspectos literários do texto de Plínio. Tal produção é apresentada por SOUZA (2010, p. 46) e consiste *grosso modo* em textos publicados em formato de comunicação e palestras sob a autoria de Mára Rodrigues Vieira, vinculada à Universidade Federal do Rio de Janeiro. Assim como ocorre com o próprio SOUZA (2010), não conseguimos acessar esses textos, dos quais temos apenas os títulos e datas de apresentação: "A beleza literária da Carta II, 17 de Plínio o Jovem" (1993), "A linguagem afetiva nas Cartas de Plínio, o Jovem" (1999) e "Considerações sobre o estilo de Plínio o Jovem" (2002).

[18] Há, porém, alguns estudos publicados sobre o assunto. Esse é o caso, por exemplo, do artigo de Harpine (1998), sobre as cartas de Amarna, conjunto de tabuinhas em escrita cuneiforme encontradas no Egito; do capítulo de Rees (2007), sobre as cartas de recomendação em Plínio, o Jovem, e de alguns estudos sobre o autoelogio na epistolografia pliniana (Cf. LEACH, 1990; RIGGSBY, 1995; MAYER, 2003 e GIBSON, 2003).

temáticas de louvor e vitupério. A primeira se refere aos esboços de personagens, que incluem, como subtipos, o louvor aos homens (*laus hominum*) e os obituários (*exitium ilustrium*) (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 44); o segundo tipo são as admoestações, que abarcam, segundo o comentarista, os temas "conselho, louvor e censura" (p. 44); e o terceiro tipo são as cênicas, uma vez que inclui as cartas caracterizadas por uma *laus locorum*. As cartas que, nesta pesquisa, foram lidas como laudatórias não estão todas necessariamente distribuídas entre essas três categorias. Algumas delas também se encontram, na distribuição de Sherwin-White, classificadas como cartas sobre patronato, literatura e cortesia.

Do conjunto total das duzentas e quarenta e sete epístolas que compõem os livros I a IX da produção pliniana, quarenta e seis possuem encômios que obedecem, em algum grau, aos parâmetros descritos pela retórica antiga. Considerando o objeto de louvor de cada uma dessas cartas, é possível categorizá-las e dividi-las em dois grupos fundamentais: os elogios póstumos e os elogios a contemporâneos vivos.

Os elogios póstumos abarcam um conjunto de onze missivas[19] cujo assunto central é recordar a morte de um amigo enumerando suas qualidades e feitos. De modo geral, os elogiados são tomados como figuras exemplares e as cartas assumem um tom consolatório. Já os encômios aos contemporâneos vivos, que somam o total de trinta e cinco epístolas, podem ser divididos em três subcategorias: a) elogio a amigos[20]; b) recomendações (*commendationes*)[21] e c) elogio a mulheres[22]. No que se refere ao encômio de personagens femininas, o texto se configura de maneira diferente se comparado ao elogio de homens. Realizado de forma mais breve, o louvor à mulher é sempre em virtude da sua submissão à família, geralmente representada pela figura do pai, de um marido ou de um irmão. As *commendationes*[23], por sua vez, são as cartas em que o elogio é desenvolvido com o objetivo de indicar o elogiado, seja para a inclusão em algum círculo de amizade, ou para um cargo político. Por fim, as cartas de elogio a amigos são aquelas cuja motivação principal do encômio são as práticas intelectuais e políticas desses indivíduos. Tais cartas costumam

[19] I, 12; II, 7; III, 21; IV, 21; V, 5; V, 16; V, 21; VII, 24; VIII, 5; VIII, 23; IX, 9. Desse conjunto, as epístolas V,16; VII, 24 e VIII, 5 são elogios póstumos a mulheres.
[20] São, no total, vinte e uma cartas: I, 10; I, 16; I, 22; II, 3; III, 8; III, 15; IV, 3; IV, 23; IV, 27; V, 14; V, 15; V,17; VI, 11; VI, 21; VI, 26; VI, 34; VII, 25; VIII, 7; VIII, 12; IX, 8; IX, 22.
[21] Onze cartas: I, 14; II, 9; II, 13; II, 2; III, 3; IV, 4; IV, 15; VI, 6; VII, 16; VII, 22; VII, 3
[22] Três cartas: III, 16; IV, 19; VII, 19.
[23] Segundo Venturini (2013), a *commendatio* era uma prática integrante das relações de amizade no principado. Para a autora, "podia ser tanto um pedido de proteção, quanto um pedido para ser introduzido na carreira pública, cuja prática se dava com as cartas de recomendação" (VENTURINI, 2013, s.n.). Sherwin-White (1998, p. 44) utiliza o termo *commendaticiae* para definir as cartas que enumera como sendo sobre patronato (*patronage*).

celebrar o elogiado geralmente em função de algum cargo que assumiu ou de alguma recente publicação literária.

É nesse segundo grupo de cartas – elogio de contemporâneos vivos – que se encontra a inquietação inicial deste trabalho, evocada pelo texto de Cícero, quando esse orador afirma que os homens, em especial os vivos, não possuem merecimento de louvor (Cíc. *De or.* II, 341 - 342). Plínio, no entanto, apesar de comumente associado ao estilo ciceroniano[24], parece seguir em direção oposta, utilizando, com frequência, os louvores aos contemporâneos em sua obra epistolográfica. Tendo como suporte as epístolas, gênero literário de caráter cotidiano e geralmente pessoal, o emprego do epidítico realizado por Plínio compõe um quadro que é, de diversas maneiras, diferente dos elogios oratórios, lugar mais comum para a existência de elogios, o que requer, portanto, uma reflexão sobre como esses gêneros se relacionam e com que finalidades eles são associados.

Diante desse panorama, opta-se, neste trabalho, por não explorar as cartas em que Plínio elabora o elogio seguido de uma indicação (*commendatio*). Essas cartas são, em geral, mais breves e provavelmente levariam a uma análise mais centrada nas relações sociais de *amicitia* ou patronato[25] que na constituição do gênero em si. Também as cartas de elogio a mulheres se configuram de maneira diferente e requerem uma reflexão mais ampla acerca do lugar da mulher na sociedade romana, não pretendida nesta dissertação. Definem-se, portanto, como fontes textuais para a investigação neste trabalho as cartas em que Plínio elabora elogios a seus amigos ainda vivos tendo como motivação principal a atuação política e intelectual dos elogiados. A partir desse conjunto menor, o *corpus* específico de análise é composto por um grupo de treze missivas: I, 10; I.16; I.22; II.3; IV.27; V.14; V.17; VI.11; VI.21; VI.26; VII.25; VIII.12 e IX.22.[26]

---

[24] O próprio Plínio parece mostrar essa relação na carta I, 5, 12, na qual se opõe a um de seus inimigos no fórum afirmando querer seguir o estilo de Cícero e não estar satisfeito com a oratória contemporânea. Sobre as correlações possíveis entre Cícero e Plínio, cf. PEREIRA, 2006.

[25] Os conceitos de *amicitia* e patronato têm sido largamente utilizados como objeto de pesquisas no campo da História. Um exemplo de estudos nesse campo e que tem como objeto a obra de Plínio, o Jovem, são as pesquisas desenvolvidas por Renata Biazzoto Venturini. Sobre esses conceitos, Venturini (2001) define que: "No modelo político romano, as candidaturas e a busca de apoio político se faziam por meio da recomendação de um indivíduo à carreira pública. Tratava-se de uma relação de caráter pessoal que dependia de um 'patrono-amigo'. O termo patrono era usado para descrever o papel que um indivíduo tinha na sociedade, bem como a atenção que ele recebia em função de suas capacidades materiais e morais [...] Desse modo, havia um contexto romano para a prática do patronato. Nesse contexto, a instituição da *amicitia* estava onipresente. A *amicitia*, que poderíamos traduzir muito genericamente por 'amizade', sugeria diversas formas de envolvimento social. [...] Ela significava uma relação entre os *amici*, na qual a afetividade vinha se ligar às determinações pragmáticas da vida política. [...] não era somente um laço subjetivo de afeição, mas também uma ligação objetiva baseada na assistência mútua e na *fides*, isto é, na lealdade entre os *amici*" (VENTURINI, 2001, p. 215-216).

[26] Do conjunto das vinte e uma cartas em que ocorrem elogio a amigos ou literatos ainda vivos, foram retiradas oito do *corpus* principal de análise em virtude da pouca extensão e do desenvolvimento insuficiente do discurso

Tais cartas são um objeto propício para a leitura do elogio em Plínio porque se dirigem a um contemporâneo ainda vivo, o que contraria uma visão de que a prática laudatória romana sempre devia estar em posição periférica, especialmente em perspectiva ciceroniana. O encômio aos vivos, no entanto, certamente se torna uma prática comum ainda no período republicano e se mostra crescente durante o período imperial (PERNOT, 2005, p. 180).[27] O recorte, portanto, tem como função colaborar para a leitura do panorama da utilização do elogio no período, assim como refletir sobre o epidítico como uma característica própria da obra pliniana.

Por um lado, portanto, este trabalho procura perceber como Plínio se relaciona, em sua obra, com a tradição epidítica em sentido mais estrutural, ou seja, de que modo o autor utiliza as técnicas e estruturas descritas por autores anteriores a ele (Aristóteles, *auctor ad Herennium*, Cícero e Quintiliano, por exemplo) aplicando-as no gênero epistolográfico. Por outro lado, buscamos examinar por que o autor utiliza esse elogio em sua epistolografia, ou seja, quais as funções que esse elogio pode ter no contexto em que está sendo elaborado e publicado. Acreditamos que, nessas cartas, o emprego de um discurso elogioso colabora para a construção de uma imagem de alguns dos contemporâneos de Plínio como homens exemplares para aquela comunidade, cujas ações e virtudes devem ser imitadas. Para isso, recorremos, neste trabalho, também a referenciais teóricos modernos da Análise do Discurso e da História Cultural, mais especificamente alguns conceitos propostos por Maingueneau (2014), a noção de representação de Roger Chartier (2002) e o conceito de identidade (WOODWARD, 2000; SILVA, 2000; HALL, 2000).

Para Chartier (2002, p. 17), as *representações* podem ser definidas como "categorias de percepção e apreciação do real" dadas pelas classificações, divisões e delimitações que as organizam, e que são determinadas pelos interesses sociais. De um modo um pouco mais simplificado, esse conceito de representação pode ser entendido como o modo pelo qual um objeto, pessoa ou grupo são vistos – ou dados a ler – de acordo com um ponto de vista determinado. Tal conceito é utilizado nesta pesquisa a partir da compreensão de que, ao descrever, elogiosamente, em sua obra epistolográfica, o perfil de alguns de seus amigos em virtude da atuação política e/ou literária desses homens, Plínio está construindo uma imagem desses indivíduos diante de sua própria sociedade. Buscamos examinar, portanto, quais

---

epidítico nos textos. As cartas excluídas da análise foram: III, 8; III, 15; IV, 3; IV, 23; V, 15; VI, 34; VIII, 7; IX, 8.

[27] Pernot (1993, p. 55) considera que a valorização dos discursos de louvor durante a época imperial se dá em virtude do desenvolvimento da *Segunda Sofística*, movimento cultural e social que, segundo ele, teve grande importância política junto à aristocracia romana e ao imperador.

representações o texto de Plínio constrói a respeito de alguns de seus contemporâneos, que são participantes, assim como o próprio autor, de determinados ciclos políticos e intelectuais romanos. Considerando que a maneira pela qual Plínio inscreve seus contemporâneos, elogiosamente, em sua obra, elabora uma representação desses homens como membros exemplares da sociedade romana de sua época, também se torna possível enxergar, na correspondência pliniana, alguns dos ideais de homem romano, especialmente no âmbito intelectual, durante o final do século I d.C e início do II.

Empregar a noção de representação como uma das ferramentas teóricas para compreender as funções do elogio na correspondência pliniana leva, quase inevitavelmente, a operacionalizar também o conceito de identidade, pois há, entre esses conceitos, uma forte relação de interdependência, uma vez que "a fixação das identidades é um processo que depende sempre da maneira pela qual um determinado grupo concebe, interpreta ou representa seu mundo" (SILVA, 2004, p. 15). Em linhas gerais, entendemos por identidade o resultado das "posições que assumimos e com as quais nos identificamos" (WOODWARD, 2000, p. 55) e "um discurso sobre a realidade, existindo justamente por intermédio da linguagem que enuncia, que divide, que classifica e, desse modo, identifica" (SILVA, 2004, p. 21). Assim, a identidade pode ser definida como o conjunto das posições que são assumidas por meio do discurso tendo em vista as diversas representações que se tem da realidade.[28] No caso da correspondência pliniana, entendemos que o autor representa, por meio do discurso laudatório, um determinado grupo de homens de cujos valores elogiados ele mesmo busca compartilhar. Tal identificação, por sua vez, parece estar relacionada à manutenção da coesão desse grupo e à afirmação de sua posição naquela sociedade.

Por fim, recorremos ainda ao trabalho de Maingueneau porque o modo como este autor concebe o discurso literário auxilia na compreensão do texto de Plínio como obra literária, condição que está sempre em vista neste trabalho, mesmo diante da análise de elementos como representação e identidade – que poderiam dar a impressão de que tratamos mais das relações sociais, políticas e históricas que de literatura. Maingueneau considera o texto literário como um discurso (MAINGUENEAU, 2014, p. 43) que, como tal, é definido por uma série de "ideias-forças" (MAINGUENEAU, 2014, p. 40-42). Como discurso literário, as cartas de Plínio coincidem, em sua composição, com diversas dessas ideias delimitadas pelo teórico. Identificam-se, com alguma facilidade, por exemplo, pelo menos duas dessas ideias.

[28] O conceito de identidade exige, sem dúvidas, uma discussão mais ampla que esta aqui apresentada. Tal discussão, porém, não se acomoda aos propósitos e dimensões desta introdução. Para uma visão mais completa da discussão de identidade que baseia este trabalho, cf. SILVA, 2000; SILVA, 2004; ELIAS, 2000.

A primeira diz respeito à afirmação de Maingueneau de que o discurso é regido por normas; como veremos, a obra epistolar de Plínio se compõe a partir de um determinado grupo de regras textuais e sociais delimitado por sua condição de gênero comunicacional e literário, o que faz com que o texto se configure num determinado formato, obedecendo a certa ordem tradicional da escrita de cartas. A segunda se dá a partir da afirmação de que o discurso é considerado no âmbito do interdiscurso: no texto de Plínio, essa delimitação se aplica não só porque o autor faz uso dos louvores e dialoga, consequentemente, com uma tradição epidítica que o precede, mas também porque seu texto indica – por meio de alusões e citações – uma interlocução com uma tradição literária anterior e contemporânea.[29]

Outra questão importante para a definição de discurso postulada por Maingueneau é a indissociabilidade entre o texto e seu contexto.[30] Tal indissociabilidade, por sua vez, não se dá na visão de que o texto exprime aquilo que está ao seu redor, mas sim a partir da compreensão de que a obra literária tanto é constituída por quanto constitui o universo em que se insere.[31] Em relação a esse aspecto, o próprio processo de publicação da obra pliniana é peculiar, uma vez que as cartas eram publicadas com uma diferença temporal não muito grande em relação a quando tinham sido escritas.[32] Por um lado, portanto, ao tratar de assuntos bastante contemporâneos, essas cartas forneciam não apenas uma representação daquilo que estava acontecendo em volta de Plínio e seus pares, mas influenciavam, de algum modo, esse entorno. Exemplo dessa percepção em relação à obra de Plínio está nas diversas análises que pensam a correspondência como uma forma de atuação literária, social e política.[33] Por outro lado, uma vez que os livros não foram publicados todos simultaneamente, é possível pensar que a composição de novos textos também estava relacionada à recepção dos anteriores, o que indica uma confluência de um fator aparentemente contextual no desenvolvimento textual da obra.[34]

---

[29] Sobre os processos de alusão e intertextualidade nos textos de Plínio, o Jovem, cf. MARCHESI, 2008.

[30] Cabe destacar que as próprias noções de "texto" e "contexto" são colocadas em questão na perspectiva de Maingueneau. Cf. MAINGUENEAU, 2014, p. 13-45.

[31] "Não há, de um lado, um universo de coisas e atividades mudas e, de outro, representações literárias dele apartadas que sejam uma imagem sua. Também a literatura constitui uma atividade; ela não apenas mantém um discurso sobre o mundo, como produz a sua própria presença nesse mundo" (MAINGUENEAU, 2014, p. 44).

[32] Sobre o processo de compilação e publicação das cartas de Plínio, cf. SHERWIN-WHITE, 1998, p. 21-41 e 52-62.

[33] Esse tipo de leitura das cartas pode ser identificada, por exemplo, em GIBSON; MORELLO, 2012, p. 9-36, em que os autores discutem como Plínio realiza diversas escolhas literárias no primeiro livro de sua obra, cujas consequências se dão na formulação de um pensamento político e social sobre o período; nos textos de SOUZA (2010) e STADLER (2010), que analisam mais detidamente a atuação política de Plínio por meio das cartas; e, ainda, no texto de MARCHESI, 2008, cuja conclusão é que Plínio, pelo modo como lida com a tradição literária, altera e reinventa uma tradição epistolográfica.

[34] Como afirma Maingueneau, "A legitimação da obra não é um tipo de consagração final, improvável, que venha a atestar seu valor; ela organiza o conjunto do processo de constituição de obras em função de uma

Dentre os diversos conceitos apresentados por Maingueneau, nos apropriamos, neste trabalho, da noção de posicionamento. O autor utiliza esse vocábulo para designar uma "identidade enunciativa", isto é, "tanto uma 'tomada de posição' como recorte de território" no interior do campo no qual texto está inserido (MAINGUENEAU, 2014, p. 151). Trata-se de uma série de mecanismos textuais que são utilizados por um escritor para estabelecer seu posicionamento estético. Esses mecanismos são, para Maingueneau, um modo de inscrever, no próprio texto literário, a sua legitimidade (MAINGUENEAU, 2014, p. 156). Os principais expedientes discursivos que podem ser identificados no estabelecimento de um posicionamento são, para Maingueneau, a evocação dos *ritos genéricos*, o intertexto e o uso da *interlíngua*.

Segundo esse autor, ritos genéricos são "as atividades mais ou menos rotineiras através das quais se elabora um texto" (MAINGUENEAU, 2014, p. 155), ou seja, trata-se de perceber que o escritor registra, em sua obra, alguns de seus rituais de escrita, que ajudam a legitimá-lo enquanto autor. O intertexto, por sua vez, é entendido por Maingueneau não apenas como a intertextualidade estabelecida entre textos literários, mas sim como uma relação mais ampla entre diversas produções discursivas (MAINGUENEAU, 2014, p. 163-6). Para o autor, uma das formas de posicionamento via intertexto, por exemplo, é o investimento genérico, uma vez que participar, negar ou reempregar um gênero literário marca certa filiação por parte de um escritor (2014, p. 167-9). Por fim, para Maingueneau, a língua nunca é um fato estabelecido de antemão ao autor de um texto. O escritor, estando inserido em um universo de atuação literária e comunicando-se com outros escritores, participa de "uma interação de línguas e usos", e se reapropria dela mediante um trabalho criador, o que é denominado por Maingueneau de *interlíngua* (MAINGUENEAU, 2014, p. 181-2). É o modo como cada autor gere essa *interlíngua* que permite compreender seu posicionamento.[35] Em relação ao texto epistolar de Plínio, o conceito de posicionamento é operacionalizado, neste trabalho, para examinar quais os recursos identificáveis *no texto* permitem compreender como Plínio se posiciona social, política e intelectualmente.

Para identificar e analisar, então, por um lado o modo como Plínio utiliza a escrita epistolar e o gênero epidítico inserido num suporte epistolográfico, e, por outro, como isso formula uma representação de seus contemporâneos, produzindo certa identidade por meio de

---

antecipação de seu modo de difusão. Mesmo em seus mais solitários trabalhos, o escritor deve sem cessar situar-se diante das normas da instituição literária" (2014, p. 45).

[35] Nas palavras de Maingueneau, "a literatura não tem nenhuma relação natural com nenhum uso linguístico; mesmo quando a obra parece usar a língua mais "comum", há um confronto com a alteridade da linguagem, vinculada a um determinado posicionamento" (MAINGUENEAU, 2014, p.188)

um discurso literário, utilizamos como metodologia a observação, no texto das cartas, de determinados itens-chave. Para cada carta que compõe o conjunto de treze missivas selecionadas, investigamos: a) qual a estrutura textual utilizada na carta, o que inclui apontar, sua extensão, sua motivação, que tipo de organização argumentativa apresenta e, se for o caso, que alusão literária possui; b) como se configura o discurso laudatório desenvolvido, o que inclui determinar a ordem dos argumentos elogiosos, que tipo de virtudes são louvadas e que linguagem é utilizada; c) quem era, historicamente, o indivíduo – tanto o destinatário quanto o elogiado – retratado na carta, o que exige determinar, em linhas gerais, a biografia e posição política, social ou intelectual desses indivíduos.[36] É a partir de tais informações que buscamos responder aos questionamentos cujas conclusões nos levam a explicar como e com quais finalidades o elogio é utilizado na epistolografia pliniana. Alguns dos principais questionamentos são: de que modo Plínio estrutura seu texto, literariamente, em relação ao uso dos gêneros epistolográfico e laudatório? Considerando que as representações não são neutras, mas participam sempre de um contexto de competições[37], há, no caso de Plínio um ambiente de conflito que as faz surgir? Como a utilização do elogio, elaborado de acordo com determinados critérios literários e inserido num suporte epistolar, participa do posicionamento de Plínio nesse ambiente?

Para a realização desses objetivos, a dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro deles, é realizada uma discussão a respeito da epistolografia enquanto gênero literário. Embora modernamente seja vista como algo particular e reservado ao ambiente privado das relações entre pessoas, no mundo clássico a troca de missivas nem sempre possuía esse aspecto (COSTA, 2013, p. 31-32). A correspondência, real ou simulada, foi, na literatura latina, não só um meio de informar ou estabelecer o contato entre indivíduos, mas também um modo de produzir textos literários (CARDOSO, 2013, p. 199-200). Havia, portanto, a consciência da publicidade de muitas cartas sob aparente condição de textos privados. Esse é o caso da obra epistolar de Plínio, o Jovem. Embora suas missivas tenham provavelmente sido de fato enviadas a amigos, o autor lida com seus próprios textos vendo-os não apenas como um meio de comunicar-se com seus contemporâneos e amigos, mas como uma produção de caráter literário.[38] É comum pensar em cartas apenas como fragmentos da

---

[36] Para a execução dessa tarefa, recorremos principalmente aos textos de SHERWIN-WHITE (1998); SYME (1960;1985); BIRLEY (2000) e GIBSON;MORELLO (2012).

[37] Como afirma Chartier (2002, p. 17) as representações estão "sempre colocadas num campo de concorrências e de competição cujos desafios enunciam em termos de poder e de dominação" (CHARTIER, 2002, p. 17).

[38] Pode-se notar a proposta literária de Plínio já na dedicatória de seu conjunto de cartas, destinada a Septício Claro: "Com frequência você me encorajou a reunir e publicar minhas cartas, caso as tivesse escrito um pouco mais cuidadosamente. Reuni, não conservando a ordem temporal, pois certamente não estava compondo história,

realidade de seu período, por terem como tema assuntos cotidianos e serem, elas mesmas, constituintes desse cotidiano. No entanto, como construções textuais que são, as epístolas são compostas por elementos literários[39], que devem ser considerados no momento em que são lidas. No primeiro capítulo, portanto, inicialmente se discute o gênero epistolográfico e a sua tradição na Antiguidade e, em seguida, a inserção da obra pliniana nessa tradição epistolar.

O segundo capítulo, por sua vez, se concentra na apresentação e debate do gênero epidítico. Considerando que, na Antiguidade, o conhecimento de oratória e retórica tornou-se não só a chave para compreender os textos, mas também um meio pelo qual esses textos eram produzidos para que participassem de um círculo cultural letrado e que, portanto, os recursos de estilo e composição advindos do conhecimento da retórica figuram como elementos constituintes dos textos literários, a primeira parte do capítulo é uma preparação para responder a uma das perguntas motivadoras desta dissertação: como Plínio executa os elogios em sua obra epistolográfica? Assim sendo, faz-se, primeiramente, uma apresentação e discussão das principais conceituações antigas acerca dos discursos de elogio ou vitupério. Em seguida, são estudadas as principais práticas do elogio na Antiguidade. Com isso, procura-se refletir sobre as diferentes possibilidades de utilização do louvor e sobre a inserção de Plínio numa tradição de retórica epidítica. Por fim, o capítulo aborda a prática do discurso laudatório na obra pliniana, mostrando que a utilização dos louvores não se detém ao discurso de agradecimento pronunciado pelo autor ao imperador Trajano na ocasião de sua nomeação como *consul suffectus*, mas se expande para diversos trechos de sua obra epistolar.

No terceiro capítulo, é realizada, com base nos elementos epidíticos definidos pela retórica e no conceito de representação, a análise das cartas definidas no *corpus*.

---

mas como cada uma veio às mãos. Resta que nem você se arrependa da recomendação, nem eu da obediência. Certamente assim se fará, de modo que as que até agora permanecem esquecidas eu procurarei e, se as tiver juntado, não esconderei. Adeus" (*C. Plinius Septicio <Claro> suo S. Frequenter hortatus es ut epistulas, si quas paulo curatius scripsissem, colligerem publicaremque. Collegi non seruato temporis ordine (neque enim historiam componebam), sed ut quaeque in manus uenerat. Superest ut nec te consilii nec me paeniteat obsequii. Ita enim fiet ut eas quae adhuc neglectae iacent requiram et, si quas addidero, non supprimam. Vale*) (Plin. *Ep.*, I,1 – tradução nossa).

[39] Chamamos de elementos literários uma série de recursos linguísticos, estilísticos e composicionais dos quais um autor pode lançar mão para produção de efeitos de interpretação em seus possíveis leitores. Em relação a essa questão que se forma em torno da apreciação histórica ou literária das cartas, destaca-se o estudo de Ebbeler (2001). A autora mostra que, sob a égide de um pensamento científico e filológico nascido principalmente a partir da querela entre antigos e modernos, a apreciação literária do gênero epistolar ficou por muito tempo marginalizada. Para Ebbeler, algo que ilustra bem esse tratamento sobre o gênero está na discriminação feita por Adolf Deissman (1907) entre cartas e epístolas. Segundo a estudiosa, esse autor estabelece que cartas seriam os textos "reais" e espontâneos, cujo conteúdo pode contribuir para a reconstrução da realidade do período, já as epístolas seriam textos não relacionados à realidade, mas construções textuais de intenção literária (EBBELER, 2001, 33-37). A contribuição do estudo de Ebbeler, com a qual concordamos, está justamente em questionar essa divisão, mostrando esse tipo de construção hierárquica entre o falso e o verdadeiro como um pensamento limitado à época e às intenções específicas de Deissman (EBBELER, 2001, p. 36).

Examinamos, no conjunto das treze cartas, o modo como Plínio utiliza o gênero epidítico e de que maneira essa utilização colabora para a construção de determinadas representações. Num primeiro momento, o texto se concentra no exame do suporte genérico utilizado para a realização desses discursos, ou seja, na investigação de como Plínio utiliza os elementos próprios da epistolografia em suas missivas. Em seguida, a discussão recai sobre as técnicas e procedimentos utilizados para realização desses retratos, ou seja, na análise dos elementos discursivos do texto laudatório que são evocados para a produção dessas imagens textuais. Por fim, o capítulo se dedica a interpretar o quadro de representações gerado por esses procedimentos discursivos e a implicação que tem para a formulação de uma identidade do ciclo de notáveis literatos a que Plínio parece pertencer.

Além dos capítulos, a dissertação possui um apêndice que contém a tradução, de nossa autoria, em língua portuguesa, das treze cartas que compõem o *corpus* de análise.

Para leitura, estudo e tradução do texto de Plínio, utilizamos, além do comentário de Sherwin-White (Oxford University, 1998), a edição em dois volumes da Loeb Classical Library, por Betty Radice (2012). Os trechos das cartas de Plínio citados na dissertação em língua portuguesa são sempre de nossa tradução. Os demais textos clássicos têm seu tradutor indicado na primeira vez em que são citados; quando não há indicação, a tradução é de nossa autoria. Quando citados diretamente em língua portuguesa, os textos modernos em línguas estrangeiras se não referenciados numa edição já traduzida, são de tradução nossa.

1 EPISTOLOGRAFIA

1.1 Definição do gênero e seu estatuto literário

O que é uma carta? Essa é a primeira pergunta que grande parte daqueles que se propõem a estudar o gênero epistolográfico colocam em debate.[40] Sua resposta, todavia, não pode ser delimitada de maneira simples, uma vez que sob essa nomenclatura pode ser agrupada uma grande quantidade de textos não só advindos desde tempos bastante remotos[41], mas também tipos muito variados, incluindo, por exemplo, cartas documentais, ficcionais, filosóficas, abertas ou privadas, em prosa ou em verso (MORELLO; MORRISON, 2007, p.1). Um ponto de partida para tentar encontrar uma definição para esse tipo de texto, todavia, é recorrer a uma reflexão moderna acerca dos gêneros dos discursos.

Para Maingueneau (2014), a categoria *gênero do discurso* designa "dispositivos de comunicação sócio-historicamente definidos e que são concebidos habitualmente com a ajuda das metáforas do 'contrato', do 'ritual' ou do 'jogo'" (MAINGUENEAU, 2014, p. 234). Trata-se, portanto, de uma manifestação comunicativa que se define a partir de uma construção que é ao mesmo tempo linguística – pois depende dos termos utilizados na enunciação, das marcas linguísticas e da organização textual – e situacional – pois se organiza, entre outros elementos, a partir dos tipos de atores envolvidos, das circunstâncias e do canal utilizado (MAINGUENEAU, 2014, p. 234). Considerando tais fatores, uma definição bastante completa para o que é uma carta tanto antiga quanto modernamente nos é fornecida por Trapp (2003, p.1), ao afirmar que essa espécie de texto é

> [...] a combinação de características formais e contextuais. Uma carta é uma mensagem escrita por uma pessoa (ou um grupo de pessoas) para outra, exigindo ser fixada num suporte material, que por si só é para ser fisicamente transportado entre o(s) emissor(es) e receptor(es). Em relação ao aspecto formal, é uma peça de escrita que é claramente dirigida de remetente(s) para destinatário(s) pelo uso, no início e no final, de um conjunto limitado de fórmulas convencionais de saudação (ou alguma variação alusiva) que especifica ambas as partes da transação. Pode-se também acrescentar, a título de explicação, que a necessidade de uma carta como um meio de comunicação normalmente surge porque as duas partes estão fisicamente distantes (separadas) uma da outra, e, assim, incapazes de se comunicar por voz e

[40] Cf. CASQUERO, 1983, p. 377; TRAPP, 2003, p. 1; MORELLO; MORRISON, 2007, p.1; ZEINER-CARMICHAEL, 2014, p. 3;

[41] Harpine (1998), por exemplo, realiza um estudo sobre a presença do elogio em um texto conhecido como *Cartas de Amarna*. Trata-se de um conjunto de cerca de 400 tabuinhas em escrita cuneiforme encontradas no Egito entre os séculos XIX e XX. A escrita dessa correspondência, todavia, data, quase certamente, do século XIV a.C.. De acordo com Costa (2013) "Embora o início histórico da utilização da carta não possa ser precisado, sabe-se que a expansão de seu uso vincula-se estritamente à invenção da escrita alfabética. [...] a sua introdução na Grécia, ocorrida na metade do século VIII a.C. (cerca de 740 a.C.), deu início a uma notável mudança nos hábitos da população" (COSTA, M., 2013, p. 28).

> gesto sem mediação; e que normalmente se espera que uma carta tenha um comprimento relativamente limitado (TRAPP, 2003, p.1).[42]

Com exceção das categorias teóricas próprias da Análise do Discurso, claramente uma construção moderna, essa maneira de compreender e definir o texto epistolográfico já estava esboçada desde as primeiras reflexões gregas sobre o gênero. Esse é o caso do trecho destinado ao assunto no tratado *Sobre o Estilo,* de Demétrio que, ao discutir o estilo simples dos discursos, afirma:

> Ártemon, o editor das cartas de Aristóteles, disse que *se deve, do mesmo modo, escrever diálogo e cartas, pois a carta deve ser como uma das duas partes do diálogo*. Talvez tenha razão, mas não totalmente. A carta deve de algum modo ser mais elaborada do que o diálogo. Esse imita uma fala improvisada; já ela é escrita e enviada, de certa maneira, como um presente [...]. E se deve restringir o tamanho da carta, bem como o estilo. [...] Quanto à sintaxe, deve ser mais livre [...] (DEMÉTRIO. *Sobre o estilo*, 223-229. Tradução de Gustavo Araújo de Freitas. Grifo do tradutor).[43]

Desse modo, pode-se observar que já na Antiguidade a carta ganhou os principais contornos situacionais e formais que a delimitam como gênero até a atualidade: circunstancialmente, é uma espécie de diálogo *in absentia* (EBBELER, 2010, p. 266), uma vez que os interlocutores estão fisicamente separados, e que é escrito em material possível de transportar; formalmente, é delimitada pelas fórmulas de saudação e despedida, tem linguagem mais simples e tamanho mais ou menos reduzido. Mas é também ainda na Antiguidade greco-romana que esse gênero amplia seus limites, ultrapassando, por exemplo, sua função apenas comunicacional. Como afirma Goetzl (1952, p. 265), "Logo no início da história da Grécia nos deparamos com a carta como um meio de comunicação. Mas quase tão cedo quanto o discurso, a carta superou sua função original e tornou-se uma ferramenta de arte, bem como de informação".[44] Para essa autora, no entanto, um melhor desenvolvimento

---

[42] "[...] *a combination of contextual and formal characteristics. A letter is a written message from one person (or set of people) to another, requiring to be set down in a tangible medium, which itself is to be physically conveyed from sender(s) to recipient(s). Formally, it is a piece of writing that is overtly addressed from sender(s) to recipient(s), by the use at beginning and end of one of a limited set of conventional formulae of salutation (or some allusive variation on them) which specify both parties to the transaction. One might also add, by way of further explanation, that the need for a letter as a medium of communication normally arises because the two parties are physically distant (separated) from each other, and so unable to communicate by unmediated voice or gesture; and that a letter is normally expected to be of relatively limited length*" (TRAPP, 2003, p.1)

[43] Sobre esse texto e a sua importância para a teorização do gênero epistolográfico na Antiguidade, cf. item 1.2 desta dissertação. O tratado *Sobre o estilo,* cuja autoria é atribuída a Demétrio data, quase certamente, do século I d.C. é considerado um dos mais raros documentos gregos da Antiguidade que trazem uma reflexão sobre o gênero epistolográfico e o primeiro texto conservado sobre a questão (FREITAS, 2011, p. 76).

[44] "*Early in the history of Greece we encounter the letter as a means of communication. But almost as early as speech the letter outgrew its original function and became a tool of art as well as one of information. To perfect this art by offering both information and entertainment in letters directed, originally or ultimately, to the public, remained for the Roman masters of epistolography* [...]" (GOETZL, 1952, p. 265).

dos aspectos artísticos do gênero epistolar foi realizado pelos autores romanos, em especial Cícero, Ovídio, Plínio e Frontão (Cf. também SUÁREZ DE LA TORRE, 1979, p. 19). Diante desse quadro, a leitura da obra epistolar de Plínio proposta nesta dissertação parte de uma apreciação literária desse texto, e não apenas de seu caráter informativo ou cotidiano.

No que diz respeito à crítica moderna, uma das primeiras reflexões que surgem quando nos dispomos a pensar sobre o estatuto literário das cartas é o estudo do alemão Adolf Deissman (1907) (CASTILLO, 1974, p. 436; EBELLER, 2001, p. 33-37; ROSENMEYER, 2001, p. 5-7). Baseando-se em algumas dicotomias como, por exemplo, público *vs* privado, descrição da realidade *vs* produção artística (verdadeiro *vs.* falso) e efêmero *vs* permanente, esse autor estabeleceu uma diferença entre carta (*Brief*) e epístola (*Epistel*). De acordo com essa interpretação, as cartas seriam textos reais e espontâneos, cujo conteúdo pode contribuir para a reconstrução da realidade do período, já as epístolas seriam textos não relacionados à realidade, mas construções textuais de intenção literária (EBBELER, 2001, 33-37). A semelhança entre essas duas modalidades seria, portanto, apenas o formato (ROSENMEYER, 2001, p. 6). Embora a análise de Deissman tenha contribuído bastante para uma reavaliação dos textos epistolares que compõem o evangelho cristão e especialmente as cartas paulinas (ROSENMEYER, 2001, p. 6), ela vem sendo contestada já há algum tempo. Exemplo disso é a afirmação de Castillo (1974, p. 436-7): "Hoje está descartada a velha divisão entre 'carta' (documento particular) e 'epístola' (texto literário para o público): não se pode dizer que exista, na Antiguidade, uma distinção entre a carta privada e carta artisticamente elaborada".[45] Essa crítica ao modelo de Deissman é confirmada por Ebbeler (2001, p. 36) e Rosenmeyer (2001, p. 7). De fato, apesar dos mais diferentes tipos de cartas escritas pelos antigos, não há, na Antiguidade, por exemplo, palavras diferentes para se referir a cartas públicas ou privadas, literárias ou não literárias (ROSENMEYER, 2001, p. 5).[46]

---

[45] "*Hoy está desechada la antigua división entre 'carta' (documento privado) y 'epístola' (texto literário destinado al público): no puede decirse que exista en la Antigüedad distinción entre carta privada y carta artísticamente elaborada*" (CASTILLO, 1974, p. 436-7).

[46] Os termos utilizados em português para definir o gênero, *carta* e *epístola*, derivam, respectivamente, das palavras gregas *chártes* e *epistolé*. O primeiro desses vocábulos remete, na verdade, ao material no qual se escreviam os textos, geralmente um pedaço de papiro (PIERNAVIEJA, 1978, p. 361; SÁNCHEZ, 2011, p. 38). Já o segundo origina-se do verbo *epistélo* – enviar, notificar – daí, portanto, um sentido de algo que se envia, uma mensagem (ROSENMEYER, 2003, p. 19). Em latim, os termos apareceram, inicialmente, na construção "*charta epistolaris"* (uma papel para/de mensagem. Cf., por exemplo, Marcial, XIV, 11). Essa expressão se contrapunha ao vocábulo latino *litterae,* que a princípio designava apenas as letras, ou aquilo que estava escrito (PIERNAVIEJA, 1978, p. 361). Aos poucos, porém, essa diferença diminui e a palavra *epistula* passa a ser usada em latim para se referir ao que designamos hodiernamente como carta ou epístola, ao lado do termo *litterae,* também utilizado nesse sentido. Plínio, por exemplo, utiliza os dois termos indistintamente para se referir à correspondência: "*frequenter hortatus es ut epistulas* [...]" (I,1,1); "[...] *librum quem prioribus epistulis promisseram* [...]" (I,2,1); "[...] *mihi redditae sunt litterae tuae* [...]" (I,8,1); "[...] *scribo plurimas sed iliteratissimas litteras*" (I,10, 9).

O que pode caracterizar o gênero epistolográfico como uma forma literária, portanto, não é a sua possível divisão, mas sim sua capacidade de incluir outros estilos e mesmo outros gêneros. Como afirma Zeiner-Carmichael,

> [...] a maioria das cartas servem simultaneamente a múltiplos propósitos, misturando diferentes recursos estilísticos e literários. A flexibilidade das cartas, em função e estilo, significa que a carta muitas vezes incorpora características de outros gêneros literários, como poesia, história e filosofia. Assim, cartas podem incluir recursos encontrados em outras formas literárias familiares – na narrativa histórica ou poesia, por exemplo – ou podem mesmo incorporar completamente um gênero – por meio do verso, ou tomando a forma de um tratado filosófico. Esta inclusão literária inata é o que levou um filósofo francês como Derrida a declarar que a carta é "não é um gênero, mas todos os gêneros, a própria literatura" (ZEINER-CARMICHAEL, 2014, p. 5).[47]

Em contexto romano, por exemplo, há tanto a apropriação de recursos de outros gêneros na constituição de obras epistolares, como é o caso do próprio Plínio, em cuja obra é possível encontrar influências não só de outros textos epistolares, mas também da oratória, historiografia, poesia e filosofia (GUILLEMIN, 1929, 113-157; MARCHESI, 2008, 16-52; GIBSON;MORELLO, 2012, p. 80-83), quanto a utilização de um tom epistolar na construção de obras poéticas, tratadísticas ou filosóficas. Como mostra Cardoso,

> Foram muitos os escritores latinos que conferiram a seus textos um tom epistolar. Fizeram-no Catão, ao dirigir-se expressamente a seu filho, na enciclopédia que escreveu, Lucílio, em algumas de suas sátiras, Lucrécio, em seu belo poema *Sobre a Natureza,* ao endereçá-lo a Mêmio, Catulo em seus poemetos-bilhetes, Cícero, em alguns de seus tratados de retórica e filosofia.
> Salústio insere em seus textos históricos cartas simuladas de figuras reais e os poetas da época de Augusto se valem do tom epistolar em várias de suas obras.
> Se nas *Geórgicas* de Virgílio esse tom praticamente se dilui, conquanto o nome de Mecenas surja, de vez em quando, em apóstrofes, o mesmo não ocorre com Horácio, que, não satisfeito em dar um aspecto de carta a muitas das odes e sátiras, publicou dois livros de autênticas *Epístolas,* nas quais o destinatário é claro e expresso e o caráter epistolar patente.
> Tibulo e Propércio se valem algumas vezes da figura do receptor e Ovídio, se nas *Heroides* simula correspondência entre figuras mitológicas, nas *Cartas pônticas* se dirige, realmente, a personalidades da sociedade romana. (CARDOSO, 2013, p. 199-200)

---

[47] "[...] *most letters serve multiple purposes simultaneously, intermingling different stylistic and literary features. The letter's flexibility, in function and style, means that the letter often incorporates characteristics from other literary genres, such as poetry, history, and philosophy. Thus letters may include features found in other familiar literary forms – say, in historical narrative or in poetry – or they may even embody a genre altogether – through verse, or by taking the form of a philosophical treatise. This innate literary inclusivity is what led a French philosopher like Derrida to declare that the letter is 'not a genre but all genres, literature itself'*" (ZEINER-CARMICHAEL, 2014, p. 5).

Desse modo, a correspondência, real ou simulada, foi, em contexto romano, não só um meio de informar ou estabelecer o contato entre indivíduos, mas também um modo de produzir textos literários.

Afirmar a inexistência de vocábulos diferentes para designar cartas públicas e privadas, como fez Rosenmeyer (2001, p. 5), não significa, por consequência, que os antigos não diferenciassem essas práticas. Cícero, por exemplo, afirma: "escrevemos de uma maneira aquilo acreditamos que apenas os indivíduos para os quais enviamos lerão, e, de outra, aquilo que acreditamos que será lido por muitos (Cíc. *Ad Fam.* XV, 21,4); também Plínio esclarece que "[...] uma coisa é escrever para um amigo, outra para todos" (Plin. *Ep*. VI,16,22).[48] Essa distinção entre público e privado, porém, não está diretamente relacionada a uma classificação de literário e não literário, mas sim se refere à necessidade de adequação da linguagem epistolar ao público a que se destina.[49] No caso de Cícero e Plínio, por exemplo, são justamente suas cartas de caráter privado que tomam dimensões de obras literárias ao serem agrupadas em formato de coleção.

O aparecimento das coleções é, inclusive, um dos fatores que exemplifica a sofisticação literária alcançada pelas cartas ainda na Antiguidade greco-romana. Embora haja um número considerável de coletâneas epistolográficas gregas, como no caso das próprias cartas de Aristóteles mencionas por Demétrio (*Sobre o estilo*, 223), dos textos de Epicuro e de outros filósofos e oradores (TRAPP, 2003, p. 12-3), a atitude de reunir e publicar textos epistolográficos é uma tradição marcadamente romana, da qual Plínio é um dos exemplos mais preclaros, uma vez que suas cartas são fruto de um trabalho de seleção, organização e publicação de correspondências autênticas realizado ainda em vida, algo original mesmo em contexto romano (ANTÓN, 1996, p. 108).[50]

---

[48] "*aliter enim scribimus, quod eos solos, quibus mittimus, aliter, quod multos lecturos putamus*" (Cíc. *Ad. Fam.* XV, 21; "[...] *aliud amico aliud omnibus scribere*" (Plín. *Ep.* VI,16,22).

[49] Sobre a adequação de linguagem na epistolografia, cf. ÁNTON, 1996, p. 120; ARCOS PEREIRA, 2008, p. 365. Como afirma Costa, M.: "[...] os antigos já faziam a distinção entre carta particular e pública. A carta particular, de natureza reservada, destinava-se a um destinatário específico e pautava-se pela brevidade e por uma linguagem próxima do falar cotidiano. Seu conteúdo podia ser tão diversificado quanto o fossem as circunstâncias vivenciadas por seus remetentes [...] As cartas públicas, por sua vez, eram aquelas que, mesmo sendo dirigidas a um destinatário determinado, objetivavam alcançar um círculo consideravelmente amplo de pessoas. Elas podiam ter finalidade política, doutrinária ou poética" (COSTA, M., 2013, p. 31-32).

[50] A ideia de *publicação* é entendida, neste trabalho, na concepção antiga do termo. No caso das epístolas, trata-se do fornecimento de uma cópia finalizada do conjunto a partir da qual outras cópias podem ser feitas (Cf. KENNEY, 1982, p. 19-22; IDDENG, 2006). De acordo com Trapp (2003, p. 12-3), a reunião e publicação de cartas como uma atitude do próprio escritor não é facilmente comprovada em contexto grego. Para esse autor, as coleções de personagens do século VI a.C, como Sólon, Tales, Fálaris, Anacársis, Heráclito e outros pitagóricos, assim como algumas figuras dos séculos V e IV a.C., como Temístocles, Artaxerxes, Hipócrates, Eurípides, Sócrates e os socráticos, Xenofonte, Diógenes, Crates, Ésquines, entre outros, podem ser consideradas pseudoepigráficas. Para Trapp (2003, p. 12) o registro possivelmente mais seguro de coleção epistolar grega é o das cartas de Epicuro, cuja recepção moderna, todavia, é bastante fragmentária. Desse modo, a primeira coleção

De acordo com Trapp (2003, p. 12), tanto emissor quanto destinatário tinham razões para preservar cópias de sua correspondência com o objetivo de possivelmente publicá-las. Algumas das principais razões elencadas por esse autor são: "salvaguardar reputações e ajudar na construção de monumentos pessoais; documentar um período chave da história ou um conjunto de eventos; preservar os ensinamentos valiosos e/ou a escrita refinada contidos" (TRAPP, 2003, p. 12).[51] Não é apenas por suas motivações, no entanto, que a organização das cartas em formato de coleção é importante para a compreensão desse gênero como um texto literário, também os efeitos que esse agrupamento causa na recepção dos textos deve ser levado em consideração. Para Morello e Morrison (2007, p. x-xi), alguns desses efeitos são: tornar-se um meio didático mais efetivo – como no caso, por exemplo, das cartas de Epicuro; construir um senso de comunidade, tanto entre os destinatários quanto em relação ao leitor de modo mais geral; permitir que o remetente demonstre sua influência social; e, por fim, alcançar um número mais amplo de leitores, uma vez que as coleções agregam diferentes textos, sobre diferentes assuntos e com tons diversificados. Em resumo, Morello e Morrison (2007) afirmam que "Colocar cartas em conjunto as faz mais acessíveis, reforça o aspecto epistolar dos itens individuais da coleção [...] e oferece novas possibilidades literárias." (MORELLO; MORRISON, 2007, p. xi).[52] Desse modo, a edição e publicação das cartas de um escritor como uma obra única torna-se o indício de seu valor literário.

Esse é justamente o caso da correspondência pliniana. A literariedade atribuída a essas cartas está, em grande parte, associada ao fato de que o processo de seleção, organização e publicação foi realizado pelo próprio autor. Um dos indícios mais importantes desse processo autoral é a epístola I,1, que funciona tanto como uma carta privada dirigida ao seu amigo Septício Claro quanto como uma dedicatória pública de seu livro (CASQUERO, 1983, p.400; COSTA, M., 2013, p. 33-34).

> Ao amigo Septício Claro
> Com frequência você me encorajou a reunir e publicar minhas cartas, caso as tivesse escrito um pouco mais cuidadosamente. Reuni, não conservando a ordem temporal,

---

antiga mais completa e que sobreviveu até a modernidade foi a de Cícero, cujo processo de organização e publicação, ainda que pretendido durante a vida, é póstumo (TRAPP, 2003, p. 13). As cartas de Sêneca, por sua vez, não configuram exatamente uma coleção de cartas no mesmo sentido que Cícero e Plínio, já que se trata de uma série de textos elaborados diretamente para publicação em conjunto, tendo um destinatário único e o objetivo central de ensinamento filosófico, assumindo, com isso, um aspecto de tratado (EDWARDS, 2005, p. 277).

[51] "[...] *to safeguard reputations and help in the building of personal monuments, to document a key period of history or set of events, to preserve the valuable lessons and/or the fine writing contained*" (TRAPP, 2003, p. 12).

[52] "*Collecting letters together makes them even more accessible, reinforces the epistolary character of individual items in the collection [...] and offers new literary possibilities.*" (MORELLO; MORRISON, 2007, p. xi)

> pois certamente não estava compondo história, mas como cada uma veio às mãos. Resta que nem você se arrependa da recomendação, nem eu da obediência. Certamente assim se fará, de modo que as que até agora permanecem esquecidas eu procurarei e, se as tiver juntado, não esconderei. Adeus (Plin. *Ep.* I, 1).[53]

Nessa carta-proêmio, Plínio atrai a atenção de seu leitor por meio de uma *captatio benevolentiae*[54] na qual afirma que não é ele quem deseja publicar as cartas, mas existe certo público – representado pelo próprio Septício Claro – que deseja ter acesso a seus textos. Trata-se, ainda, de uma carta com conteúdo programático, uma vez que, por meio dela, Plínio apresenta aos seus leitores sua intenção de publicação, seu critério de escolha e o modelo de organização adotado por ele. O desejo de publicar é o ponto de partida para considerar que Plínio tinha intenções literárias com essa coleção; tal intenção é reforçada pelo estabelecimento de um critério linguístico e estilístico – *epistulae curatius scriptae* – que confirma esses textos como dignos da apreciação dos leitores. A organização dos textos, por sua vez, é definida como algo casual. A ordem aparentemente aleatória de compilação dos textos, todavia, é lida como um elemento artístico da obra (AUBRION, 1989, p. 358; GIBSON; MORELLO, 2012, p.1-3; MARCHESI, 2008, p. x-xi).[55] Em sua carta-proêmio, o autor também se posiciona em relação ao próprio gênero em que se insere, quando nega que poderia estar escrevendo história e reforça o aspecto mais puramente epistolar da obra.[56] Ao

---

[53] "*Frequenter hortatus es, ut epistulas, si quas paulo curatius scripsissem, colligerem publicaremque. Collegi non servato temporis ordine – neque enim historiam componebam – , sed ut quaeque in manus venerat. 2 Superest ut nec te consilii nec me paeniteat obsequii. Ita enim fiet, ut eas quae adhuc neglectae iacent requiram et si quas addidero non supprimam. Vale.*" (Plin. *Ep.* I, 1).

[54] Trata-se de um método de persuasão utilizado sempre no início dos discursos para fazer os ouvintes dispostos e interessados no que vai ser pronunciado. Quintiliano recomenda, por exemplo, que "[...] é desejável que se acredite que ele [o advogado] moveu a causa por um senso de dever, pela obrigação a um amigo, ou, ainda melhor, se for possível, por razões de ordem pública ou de importante caráter moral. Pois, sem dúvida, é mais interessante que os litigantes pareçam ter aceitado a ação por motivo nobre e razão honesta, ou ainda, por necessidade" (QUINTILIANO, *Inst. Or.* IV, 1, 7 - tradução nossa) ([...] *in primis existimetur venisse ad agendum ductus officio vel cognationis vel amicitiae, maximeque, si fieri poterit, rei publicae aut alicuius certe non mediocris exempli. Quod sine dubio multo magis ipsis litigatoribus faciendum est, ut ad agendum magna atque honesta ratione aut etiam necessitate accessisse videantur*). Embora nesse trecho Quintiliano esteja se referindo a prática forense, é bastante possível considerar esse recurso num contexto mais amplo de produção de discursos retoricamente elaborados.

[55] Sobre o processo de disposição dos textos como um elemento artístico da produção pliniana, cf. item 1.4 e 3.3.1 desta dissertação.

[56] Outra carta, além da I,1, em que Plínio se nega claramente a escrever história, tarefa que ele afirma ser frequentemente solicitado a realizar, é a V,8, destinada a Ticínio Capitão. A escrita de textos historiográficos, por sua vez, é um tema bastante recorrente na correspondência de Plínio e pode ser notada em diferentes manifestações. A primeira delas está no fato de que Tácito é, numericamente, o destinatário mais notável de Plínio. Ele recebe, no decorrer dos nove primeiros livros, onze cartas e é citado em outras três, enquanto outros destinatários mais frequentes – um grupo de cerca de seis personagens - recebem entre nove e seis cartas cada um (GIBSON; MORELLO, 2012, p. 142). Dessas cartas dirigidas ao historiador, pelo menos três estão diretamente ligadas à escrita da história, uma vez que Plínio afirma estar fornecendo informações para que ele inclua em sua obra: as duas missivas sobre a erupção do Vesúvio (VI,16 e VI,20) e a narração do caso contra Bébio Massa (VII,33). É justamente na carta VI,16 que Plínio diferencia, de maneira bastante proverbial, a epistolografia e a historiografia: "*Aliud est enim epistulam, aliud historiam, aliud amico aliud omnibus scribere*"

dizer que não utiliza uma ordem cronológica e seleciona as cartas “do modo como vieram às mãos”, ou seja, não reescreve os textos, Plínio reafirma a autenticidade dessa coletânea como um texto de caráter privado e cotidiano, algo que constrói uma atmosfera de aproximação com seu público leitor. O missivista cria uma expectativa em relação ao texto que não é de elevação, mas de simplicidade da linguagem e proximidade com o leitor.

Partindo do exemplo dado pela obra de Plínio, pode-se afirmar que os critérios para a definição da prosa epistolar como texto literário na Antiguidade não estão relacionados necessariamente ao seu caráter público ou fictício, como foi teorizado por Deissman, mas sim à preocupação com os recursos linguísticos utilizados e à própria consciência de um pertencimento genérico que delimita as estruturas, temas e modos de composição desses textos. Essas delimitações linguísticas, estruturais, temáticas e composicionais, por sua vez, podem ser pensadas, para os textos da Antiguidade, a partir de um tratamento teórico realizado pelas próprias fontes antigas.

1.2 A teoria epistolar Antiga

Discutir o tratamento dado por alguns dos textos antigos que se dedicaram a uma preceptiva da produção epistolográfica é algo significativo para compreender como se configura a tradição epistolográfica porque são eles os responsáveis não apenas por descrever as estruturas próprias e as funções dos textos epistolares na Antiguidade, mas também fornecer os critérios para avaliação artística dessa produção. Como destaca Trapp (2003, p. 42-3), as instruções fornecidas pelos tratados, sejam eles retóricos ou não, possuem, além de seu aspecto prático, também uma abrangência estética e social, uma vez que possibilitam desenvolver a habilidade de ler e julgar um texto epistolar tanto quanto escrevê-lo corretamente. Para Trapp,

> Aceitabilidade social, em qualquer nível, dependia em parte, para qualquer um, da capacidade de compor uma carta reconhecível. Para a elite educada, acostumada, em geral, a julgar e ser julgada pela habilidade verbal, importava ser capaz de escrever com elegância (e reconhecer e apreciar escrita elegante de outros) e seguir as regras em um nível muito mais elevado de sofisticação. O fato de que a carta foi reconhecida como uma forma particularmente pessoal – expondo, portanto, mais abertamente o indivíduo a julgamento do que alguns outros – só pode ter

---

(Pois uma coisa é escrever carta, outra, história; uma coisa é escrever para um amigo, outra para todos) (VI,16,22). Além da presença marcante de Tácito, Plínio menciona a eloquência historiográfica ao aconselhar que os jovens exercitem seu conhecimento escrevendo nesse gênero (VII, 9) e ao discutir alguma recente publicação historiográfica (IX,27).

> intensificado a ansiedade de desempenho, e por isso, ainda mais o desejo de orientação (TRAPP, 2003, p. 42-3).[57]

Ter domínio dos recursos que podem ser utilizados para a produção de um texto epistolar era, portanto, uma questão importante para os autores antigos. Exemplos dessa preocupação são dados pelo próprio Plínio. Ainda no primeiro livro de suas cartas, o autor afirma o desejo de publicar suas *epistulae curatius scriptae* (I,1,1), as quais considera dignas de apreciação, ao mesmo tempo em que se queixa de estar escrevendo "[...] *plurimas sed illitteratissimas litteras*" (I,10, 9), textos de caráter mais oficial, sem maior investimento no estilo da linguagem, que não figuram, portanto, entre as cartas de sua coleção literária. Tais afirmações atestam a consciência de Plínio a respeito dos recursos estilísticos próprios das cartas em seus diferentes tipos e sobre quais são publicáveis ou não. Tal propriedade da eloquência epistolar também é citada pelo autor nos conselhos que dá a Fusco Salinator, quando indica a escrita epistolar como uma forma de alcançar a brevidade e simplicidade do estilo.[58] Por fim, Plínio ainda se apresenta como capaz de julgar a elegância de uma carta, como o faz em relação às de Vocônio Romano, considerado por ele como as mais elegantes e mais amáveis.[59]

Há três tipos de fontes por meio das quais é possível mapear a teorização antiga a respeito da epistolografia (CASTILLO, 1974, p. 428; CASQUERO, 1983, p. 380; ÁNTON, 1996, p. 111): a) textos teóricos exclusivos sobre o gênero epistolar; b) discussões feitas em tratados de retórica, geralmente excertos e c) comentários existentes nas próprias epístolas. O primeiro desses tipos se desenvolve principalmente em língua grega e seus principais exemplos são os textos *Typói Epistólikoi* e *Epistolimaíoi Charaktéres.*[60] Do segundo tipo de

---

[57] "*Social acceptability, at whatever level, depended in part for anyone on the ability to compose a recognizable letter; for the educated elite, accustomed in general to judging and being judged on verbal ability, it mattered to be able to write elegantly (and to recognize and appreciate elegant writing by others), and to follow the rules at a much higher level of sophistication. The fact that the letter was recognized as a particularly personal form - thus exposing the individual more nakedly to judgement than some others - can only have intensified performance anxiety, and thus the desire for guidance, still further"* (TRAPP, 2003, p. 42-3).

[58] "Quero que você apreenda, em algum momento, alguma passagem de história, quero que você escreva cartas mais bem cuidadas. Pois muitas vezes, em um discurso, a necessidade também recai não apenas na forma histórica, mas na forma quase poética das descrições e se busca, por meio das cartas, uma fala concisa e correta" (*Volo interdum aliquem ex historia locum apprendas, volo epistulam diligentius scribas. Nam saepe in oratione quoque non historica modo sed prope poetica descriptionum necessitas incidit, et pressus sermo purusque ex epistulis petitur)* (*Plin. Ep.* VII, 9, 8).

[59] "*Post longum tempus epistulas tuas, sed tres pariter recepi, omnes elegantissimas amantissimas* [...]" (depois de muito tempo recebi suas cartas, porém três simultaneamente, todas elegantíssimas e amabilíssimas [...]) (Plin. *Ep.* IX, 28, 1).

[60] O tratado *Typoí Epistólikoi* é, de acordo com Malherbe (1988, p. 4) um manual que certamente fazia parte de um sistema retórico (embora não seja ele mesmo um manual de retórica) e que foi falsamente atribuído a Demétrio de Faleros, o mesmo autor de *Sobre o Estilo*. Por essa razão, esse texto é conhecido, modernamente, como sendo de autoria de pseudo-Demétrio (POSTER, 2007, p. 24). Sua datação é bastante incerta e varia entre

fontes, a Antiguidade nos legou dois exemplares, um grego – um excerto do *Sobre o estilo,* de Demétrio – e outro latino – *De epistolis*, de Júlio Vítor – sobre os quais falaremos em breve. Já o terceiro tipo, identificável desde o momento em que há cartas escritas,[61] tem como seus principais exemplares os autores romanos, mais especificamente Cícero e Sêneca.

Neste trabalho, o destaque dado aos preceitos da escrita epistológráfica advindos dos próprios textos antigos objetiva oferecer os critérios para analisar a obra epistolar de Plínio; por isso, a discussão sobre a teoria epistolar aqui proposta é realizada a partir de quatro fontes principais: o excerto existente no *Sobre o estilo,* de Demétrio, as cartas de Cícero e de Sêneca em que tratam do assunto e o *De Epistolis* de Júlio Vítor.

Apesar da dificuldade existente para estabelecer a datação e a autoria do tratado em grego *Sobre o estilo* (*Perí Hermeneías*), atribuído a Demétrio de Faleros, o pequeno excerto que ele contém a respeito de como se devem compor as epístolas "[...] é, certamente, uma das passagens mais comentadas do tratado, pois se trata de um dos raros documentos gregos da Antiguidade que trazem uma reflexão sobre o gênero [...] e o primeiro texto conservado sobre a questão" (FREITAS, 2011, p. 76).[62] O tratado de Demétrio objetiva apresentar as características dos diferentes estilos que podem ser adotados nos discursos. Os treze parágrafos que compõem a explicação sobre o gênero epistolar (§§ 223-235) estão incluídos na discussão sobre o estilo simples, isso porque "uma vez que também o tipo epistolar requer simplicidade, também a seu respeito falaremos" (Demétrio. *Sobre o estilo,* 223).

II a.C. e III d.C, quando teria tomado o formato que chegou até a atualidade (MALHERBE, 1988, p. 4; POSTER, 2007, p. 24). Além de uma definição do que é uma carta e de uma breve reflexão sobre sua utilização por secretários especializados, esse tratado contém a apresentação de trinta e um tipos de cartas seguidas de exemplos para cada uma delas. Já o tratado *Epistolimaíoi Charaktéres*, cuja atribuição de autoria varia entre Proclo (CASQUERO, 1983, p. 381; CASTILLO, 1974, p. 428) e (pseudo)Libânio (MALHERBE, 1988, p. 5; POSTER, 2007, p. 27), é datado entre os séculos IV e VI d.C. De acordo com Malherbe (1988, p. 5) " o manual contem uma definição de carta, enumera quarenta e um tipo de cartas e os define, fornece instruções de estilo e adiciona uma breve nota a cada um dos quarenta e um tipos de cartas" ("*The manual contains a definition of the letter (1-4), enumerates forty-one types of letters (4) and defines them (5-45), provides instruction on styles (46-51), and adds a brief note of each of the forty-one types of letters (52-93)"*). Em virtude da dificuldade de datação do primeiro desses tratados - que pode ser tanto muito anterior quanto muito posterior a Plínio – e da datação tardia do segundo – certamente posterior ao autor romano –, esses textos não são discutidos mais longamente neste trabalho.

[61] Cf. SULLIVAN (2007). Trata-se de um estudo sobre a teoria epistolar grega a partir das cartas de Isócrates (séc. V-IV a.C).

[62] De acordo com Malherbe (1988, p. 1), Trapp (2003, p. 43) e Freitas (2011, p. 15), o tratado é erroneamente atribuído a Demétrio de Faleros (350-328 a.C), um seguidor de Aristóteles e Teofrasto. Sua datação, segundo esses autores, já variou entre III a.C. e II d.C., porém, a crítica atual tende a localizá-lo no século I a.C. Para Kennedy (1994, p. 89-90) o aparecimento dessa discussão no tratado é consequência de um crescimento do papel desempenhado pelas epístolas, públicas e privadas, literárias e não literárias, no período Helenístico. Kennedy ainda acrescenta que o que chama atenção para esse texto não é o fato de que Demétrio trate do tema epistolar, mas sim de que outros retores não o tenham feito antes dele, uma vez que se considera que a epístola era amplamente utilizada como um gênero literário desde Isócrates, pelo menos (KENNEDY, 1994, p. 90).

Em primeiro lugar, Demétrio, discordando parcialmente de Ártemon[63], afirma que uma carta pode ser definida como uma das partes de um diálogo, porém em uma formulação mais elaborada, pois se trata de um texto escrito e que deve ser enviado (§§223-224). Por isso, nas cartas, não devem ser utilizadas as mesmas disjunções que são possíveis nos diálogos (§226), ou seja, deve-se prezar pela clareza da mensagem. O caráter (*éthos*) do sujeito epistolar, todavia, deve ser construído em semelhança ao que se faz na eloquência dialógica (§227):

> Mas que a carta tenha, ao máximo, uma mostra do caráter, tal como o diálogo. Pois cada qual escreve uma carta quase como uma imagem de sua alma. É, de fato, possível notar o caráter do escritor em qualquer discurso, porém em nenhum outro como na carta (*Sobre o estilo,* 227).

Para Demétrio, portanto, a carta é o tipo de discurso em que mais claramente se pode notar o caráter de seu escritor (§227). Essa é uma afirmação relevante, pois deixa clara a centralidade ocupada pelo emissor nesse tipo de discurso. Mais que *caráter*, como traduzido por Freitas (2011), o *éthos* do qual parece falar Demétrio está ligado à noção retórica do termo. Como definido por Aristóteles (*Retórica,* 1356a), o *éthos* é, juntamente com o *páthos* e o *lógos,* um dos três tipos de provas persuasivas técnicas – ou seja, construídas pelo/no discurso – e talvez a principal delas.[64] Para Aristóteles, trata-se da construção de uma imagem do orador como digno de confiança. No texto de Demétrio, essa imagem de si construída pelo emissor da mensagem é definida como uma "imagem da alma". Por um lado, portanto, o tratadista estabelece o *éthos* como o elemento discursivo mais evidente da epistolografia; por outro, ele indica que o *éthos* adequado para esse tipo de discurso é aquele que cria uma atmosfera de pessoalidade e proximidade com seu leitor. Considerando essa visão, é possível concordar com Ebbeler (2001, p. 1) ao afirmar que "não apenas as cartas são um modo de comunicar informação, mas elas são um meio de criar e circular um 'eu' textualizado".[65] A centralidade do sujeito epistolar é, inclusive, algo que tem destaque nas análises modernas do

---

[63] Ártemon teria sido o organizador da obra de Aristóteles e contemporâneo de Teofrasto (MALHERBE, 1988, p. 2). Considerando o que diz o próprio Demétrio, essa coletânea de cartas seria precedida de um estudo em que Ártemon teria realizado reflexões sobre o gênero. Sobre a importância dessa figura na obra de Demétrio, cf. MALHERBE (1988, p. 2), TRAPP (2003, 43-4) e FREITAS (2011, p. 77-8).

[64] "As formas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: umas residem no caráter moral do orador; outras, no modo como se dispõe o ouvinte; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece que demonstra [...] mas quase poderia se dizer que o caráter é o principal meio de persuasão." (*Retórica,* 1356a.Todos os trechos da *Retórica* de Aristóteles são citados neste trabalho a partir da tradução portuguesa de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena).

[65] "*Not only were letters a mode for communicating information, but they were a medium for creating and circulating a textualized self*" (EBBELER, 2001, p.1).

texto pliniano, uma vez que há, nas cartas desse autor, uma visível preocupação em construir uma imagem positiva de si mesmo.[66]

Após essas definições mais situacionais do gênero, Demétrio destaca seus aspectos formais: um tamanho mais restrito, uma linguagem menos pomposa (§228), e uma sintaxe mais simples (§229). Em seguida, o tratadista define suas características temáticas: a) nem todos os assuntos são próprios para serem tratados em epístolas (§230); b) discursos longos, como sofismas e tratados científicos não são próprios (§232); c) o conteúdo deve centrar-se nas mostras de amizade e nos provérbios (§232); e d) a demonstração (*apodêixis*) é própria das cartas (§233). Por fim, Demétrio observa que é necessário que o discurso epistolar se adapte ao receptor da mensagem. Sendo, por exemplo, uma carta direcionada a um rei ou a uma cidade, o tom da epístola deve ser elevado, mas sem tornar-se empolado em excesso (§234). Note-se que essas últimas definições estão, de algum modo, subordinadas a uma ideia geral de que as cartas são um texto de caráter pessoal e próximo. Para Trapp (2003, p. 44), Demétrio "insiste particularmente [...] sobre a necessidade de manter uma informalidade adequada e evitar elaboração estilística mais apropriada para outros tipos de escrita".[67]

Uma reflexão de caráter tratadístico e retórico como essa de Demétrio não ocorre em contexto romano pelo menos até o século IV d.C. De acordo com Malherbe (1988, p. 2), a teoria epistolar esteve ausente dos primeiros manuais de retórica, nos quais logrou uma inserção gradual e relativamente tardia. O adiamento de tal reflexão teórica, porém, não significa sua inexistência. No caso da epistolografia romana, essa reflexão inicial sobre o gênero acaba por ocorrer nos próprios textos epistolares.

A primeira coleção de cartas privadas de um autor dadas à publicação em contexto romano são as de Cícero (106 – 46 a.C.) (PIERNAVIEJA, 1978, p. 367; CASQUERO, 1983, p. 386; TRAPP, 2003, p. 13). Trata-se de uma coleção composta por cerca de novecentas cartas, das quais pouco mais de noventa são não enviadas, mas recebidas pelo autor. Tais textos cobrem um período de vinte anos da vida de Cícero, de 68 a 43 a.C. Tradicionalmente, a obra epistolar ciceroniana, dividida em trinta e sete livros, é organizada em quatro grupos: a) dezesseis livros destinados a familiares e amigos (*Ad familiares*); b) dezesseis dirigidos ao amigo Ático (*Ad Atticum*); c) três livros de textos enviados a Quinto, irmão de Cícero (*Ad Quintum fratrem*) e d) dois livros remetidos a Bruto (*Ad Brutum*) (CASQUERO, 1983, p. 390; ANTÓN, 1996, p. 126; TRAPP, 2003, p. 13; EDWARDS, 2005, p. 271; CARDOSO, 2013, p.

---

[66] Exemplos de leituras nesse sentido são os textos de LEACH (1990), GIBSON (2003), MORELLO (2007).

[67] "*He lays particular stress [...] on the requirement to maintain a suitable informality, and to avoid stylistic elaboration more appropriate to other kinds of writing*" (TRAPP, 2003, p.44).

200-1). Diante de tamanha diversidade de textos, certamente é possível encontrar epístolas em que o autor reflete sobre o próprio ato da escrita epistolográfica. Malherbe (1988, p. 2-3 e 20-7) identificou as cartas em que há tais reflexões e as delimitou a um grupo de oito epístolas, quatro pertencentes ao conjunto *Ad familiares* (II, 4; IV, 13; XII, 30 e XVI, 16) e quatro ao livro *Ad Atticum* (VIII, 14; IX, 4; IX, 10 e XII, 53). Para Malherbe (1988, p. 3) Cícero é, na verdade, uma "importante fonte secundária para a iluminação da teoria epistolar", isso porque esse orador não é considerado, de fato, uma fonte teórica, mas sim "uma abordagem mais pragmática da escrita epistolar" (EBBELER, 2001, p. 469).[68]

Cícero define as cartas como uma conversação entre pessoas fisicamente separadas cujo propósito principal é a comunicação. A essa definição primária, no entanto, o autor acrescenta a existência de mais dois tipos de cartas:

> Não ignoras haver muitos tipos de epístolas, mas o único mais certo é aquele por cuja causa a própria coisa foi inventada, para que informássemos os ausentes se ocorresse algo que eles soubessem que interessaria a nós ou a eles mesmos. Sem dúvida, não esperes cartas minhas deste tipo, pois de teus assuntos particulares tens tanto copistas quanto mensageiros domésticos, porém, nos meus assuntos absolutamente nada há de novo. Há outros dois gêneros de epístolas, que muito me agradam: o primeiro familiar e jocoso; o segundo sério e melancólico. Não sei qual dos dois me convenha usar menos. Gracejaria contigo através de cartas? Juro que não creio haver um cidadão que possa rir nestes tempos. Ou escreveria algo mais sério? O que há que poderia ser escrito seriamente por Cícero a Curião senão a respeito dos negócios públicos? Ora, dessa forma, esta minha situação é de tal modo que nem ousaria escrever o que sinto nem desejaria escrever o que não sinto. (Cic. *Ad fam.* II, 4, 1).[69]

Primeiramente, destaca-se nessa definição de Cícero a afirmação de que há muitos tipos de cartas, reconhecidos tanto por ele quanto pelo seu interlocutor. Essa afirmação demonstra que, embora não haja, modernamente, indícios suficientemente claros a respeito do assunto, a composição de textos epistolares fazia parte da formação escolar dos homens letrados.[70] A

---

[68] "*Cicero is an important secondary source for the illumination of epistolary theory*" (MALHERBE, 1988, p. 3); "*In Cicero we see the origins of a more pragmatic approach to letter-writing and exchange*" (EBBELER, 2001, p. 469).

[69] "*Epistolarum genera multa esse non ignoras, sed unum illud certissimum, cuius causa inuenta res ipsa est, ut certiores faceremus absentis, si quid esset quod eos scire aut nostra aut ipsorum interesset. Huius generis litteras a me profecto non exspectas; domesticarum enim tuarum rerum domésticos habes et scriptores et nuntios, in meis autem rebus nihil est sane noui. Reliqua sunt epistolarum genera duo, quae me magnopere delectant, unum familiare et iocosum, alterum seuerum et grave. Vtro me minus deceat uti, non intellego. Iocerne tecum per litteras? Ciuem mehercule non puto esse,qui temporibus his ridere possit. An grauius aliquid scribam? Quid est quod possit grauiter a Cicerone scribi ad Curionem nisi de re publica? Atque inhoc genere haec mea causa est, ut neque ea quae sentio audeam neque ea quae non sentio uelim scribere* (Cíc. *Ad fam.* II, 4, 1. Tradução de Marcos Antônio da Costa).

[70] De acordo com Malherbe (1988, p. 6) "nós não sabemos até que ponto os exercícios de escrita de cartas faziam parte do currículo escolar, mas é provável que a forma epistolar era ensinada com base em cartas modelo no estágio secundário de educação" (*we do not know the extent to which exercises in letter writting were part of*

evidência mais próxima em relação a essa prática escolar é, talvez, o texto dos *Typói Epistólikoi*, cuja dificuldade de datação impede que se afirme com certeza uma influência na prática romana de epistolografia, ainda que, de acordo com Malherbe (1988, p. 2-3) "Cícero conhecia as prescrições retóricas sobre as cartas e provavelmente estava familiarizado com os manuais de composição epistolar. Nessa medida, ele mostra muitos pontos de contato com a teoria epistolar grega [...]".[71] O texto dos *Typói* é exemplar nesse sentido porque oferece, além da definição e demonstração de trinta e um diferentes tipos de cartas, uma breve reflexão sobre a utilidade do próprio manual, uma vez que indica a existência da prática profissional de epistolografia.[72]

Em segundo lugar, percebe-se que, ao definir esses tipos de carta, Cícero delimita também, de uma maneira geral, o conteúdo próprio para cada um deles. O primeiro modelo de cartas tem como conteúdo as informações a respeito dos acontecimentos cotidianos, como por exemplo, as ações e o estado de saúde daquele que as envia. O segundo tipo, familiar e jocoso, refere-se às cartas próprias para a manutenção das amizades. Os tópicos tratados nesses textos são, de acordo com Cícero, os de caráter mais livre. Já as missivas pertencentes

---

the school curriculum, but is likely that epistolar form was taught on the basis of model letters in the secondary stage of education). Como descreve Quintiliano, especialmente nos dois primeiros livros de sua *Institutio oratoria*, pode-se dividir a formação do indivíduo letrado em três fases principais: a escola do *ludi magister*, o *grammaticus* e o *rhetor*. Iniciada na escola do *ludi magister*, a alfabetização se constituía pelo aprendizado desde o reconhecimento das formas e dos nomes das letras dos alfabetos grego e latino até a constituição de pequenas sentenças. Ainda segundo Quintiliano (I,1,35), a leitura, que se inicia nesse momento da formação, é principalmente de sentenças e frases moralizantes, com a intenção de formar o caráter do aluno. Após o *ludi magister*, o *grammaticus* era o professor responsável por ensinar a arte de falar corretamente e comentar os textos dos poetas. De acordo com a descrição feita por Quintiliano (I,4-5), o gramático devia ensinar o aluno a perceber os processos comuns da língua, assim como as partes do discurso, os casos, os gêneros e as flexões. Era nessa fase que idealmente se adquiriam também os conhecimentos sobre estilo, constituídos basicamente pelos vícios – que deveriam ser evitados – e pelas virtudes – que deveriam ser utilizadas – na prática de composição dos textos. O comentário aos autores de literatura também era introduzido nessa fase e se baseava na leitura e correção dos textos, além da interpretação dos seus aspectos formais e de conteúdo (QUINTILIANO, I, VII e IX). A terceira etapa do aprendizado clássico era a escola do *rhetor* ou *orator*, momento em que se ensinava a arte retórica para os jovens já togados (MARROU, 1990, 436-446).

[71] "*Cicero did know rhetorical prescriptions on letters and was problably familiar with handbooks on letter writing. To that extent he does show many point of contact with Greek letter theory* [...]"(MALHERBE, 1988, p. 3).

[72] "De acordo com a teoria que regula os tipos epistolares, Heráclito, (cartas) podem ser compostas em um grande número de estilos, mas são escritas naqueles em que sempre pede a circunstância particular (para quem elas são destinadas). Embora (as cartas) devessem ser escritas tão habilmente quanto possível, eles são, na verdade, compostas com indiferença por aqueles que realizam tais serviços para os homens em cargos públicos" (*According to the theory that governs the epistolar types, Heraclites, (letters) can be composed in a great number of styles, but are writen in those which always fit the particular circunstance (to which they are adressed). While (letters) ought to be written as skillfully as possible, they are in fact composed indifferently by those who undertake such services for men in public office*)(Pseudo Demetrius. *Epistolary Types*, 1-5. Tradução em inglês de Abraham J. Malherbe).

ao terceiro tipo – de caráter mais grave – são, muitas vezes, na correspondência ciceroniana, destinadas às questões políticas.[73]

Mais que uma comunicação entre ausentes, no entanto, a carta se mostra, na visão ciceroniana, como uma forma de fazer-se presente. Ela se torna, para esse escritor, o modo de aproximar-se daqueles com os quais não se pode falar pessoalmente:

> [...] me tranquilizo um pouco no meio dessa angústia quando quase falo com você, quando, de fato, leio suas cartas [...] (Cíc. *Ad Att.* VIII,14, 1).
> Ainda que eu não tenha nada sobre o que escrever, eu escrevo para que pareça estar conversando com você (Cic. *Ad Att.* XII,53, 1).[74]

Essa maneira de compreender a troca de missivas se relaciona, de algum modo, com a questão do *éthos* retórico percebida em Demétrio. Em uma de suas cartas ao amigo Ático, por exemplo, Cícero, ao agradecer as informações dadas por ele por meio de correspondência, afirma "*Te totum in litteris vidi*" ("Vi você claramente por meio das cartas" – Cic. *Ad Att.* XVI,16, 2). Ainda que Cícero não tivesse necessariamente em vista o tratado ou a percepção de Demétrio sobre o assunto, nessas cartas dirigidas a Ático fica clara a importância de que o texto epistolar forneça a "imagem da alma" de seus correspondentes que é o que garante, para os interlocutores, a presença daqueles com quem eles desejam manter certo diálogo.

A teoria epistolar presente nas cartas de Cícero mostra, portanto, maior ênfase nos aspectos situacionais e temáticos do gênero, sendo a primeira, por exemplo, a fornecer as divisões de tipos epistolares. No que se refere a estruturas textuais e linguísticas mais apropriadas ao gênero, há uma breve consideração sobre o estilo epistolar em um comentário que Cícero faz a respeito da carta que recebeu de Gaio Trebônio, para quem ele diz:

> Chego, agora, à sua epístola, para a qual, escrita tão suave e copiosamente, não há como responder com muitas palavras: primeiramente, porém, eu enviei aquela carta (sua) a Calvo esperando, não menos que em relação a essa que você lê, que ela seja publicada. De fato, escrevemos de uma maneira aquilo que acreditamos que apenas os indivíduos para os quais enviamos lerão, e, de outra, aquilo que acreditamos que será lido por muitos (Cíc. *Ad Fam.* XV, 21, 4).[75]

---

[73] Na carta IX,4 a Ático, por exemplo, Cícero afirma que está em dúvida entre escrever uma carta como "as que costumam ser escritas, intimamente, com a mente livre" (*Quae enim soluto animo familiariter scribi solent*) ou como "as que são [sobre as coisas] desse tempo [presente]" (*quae autem sunt horum temporum*) (Cic. *Ad Att.* IX,4,1).

[74] "[...] *requiesco paulum in his miseriis, cum quase tecum loquor, cum vero tuas epistulas lego* [...]" (Cic. *Ad Att.* VIII,14,1); "*Ego, esti nihil habeo, quod ad te scribam, scribo tamen, quia tecum loqui videor*" (Cic. *Ad Att.* XII, 53,1). Essa temática também é exposta por Cícero na carta *Ad Atticum* IX, 10, 1.

[75] "*nunc ad epistulam venio, cui copiose et suaviter scriptae nihil est quod multa respondeam: primum enim ego illas Calvo litteras misi non plus quam has, quas nunc legis, existimans exituras; aliter enim scribimus, quod eos solos, quibus mittimus, aliter, quod multos lecturos putamus*" (Cic. *Ad Fam.* XV,21, 4. Tradução nossa).

Nessa carta, Cícero menciona a abundância e a suavidade como características positivas do gênero epistolar, esclarece que mesmo cartas privadas podem se tornar públicas e que, diante dessa hipótese, elas devem ser melhor escritas.

A segunda grande coleção de cartas em latim conservada até a atualidade é a de Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.). Trata-se de uma obra composta por cento e vinte e quatro *epistulae morales* destinadas a Lucílio, personagem provavelmente fictício, e escritas entre os anos de 63 e 64 d.C. (TRAPP, 2003, p. 25). Mais que em qualquer outro assunto, as cartas de Sêneca se concentram numa reflexão sobre a filosofia, em especial a moral, por isso, as ponderações sobre um discurso epistolar existentes nessa obra são constantemente associadas ao próprio discurso filosófico.[76] Assim como ocorre com os textos de Cícero, não há, nas cartas de Sêneca um texto destinado exclusivamente para a discussão do gênero epistolar. Por isso, para mapear as concepções teóricas desse missivista, selecionamos alguns trechos das cartas 38,40, 45, 67, 75 e 118.[77]

Para Sêneca, as cartas são utilizadas como um substituto para outros dois tipos de comunicação. Por um lado, ela toma o lugar da conversação filosófica que poderia ocorrer pessoalmente, por outro, substitui os compêndios ou manuais de filosofia. Na epístola 38, Sêneca esclarece:

> Tens toda razão em exigir que tornemos mais frequentemente esta nossa troca de cartas. A conversação é sobremaneira útil, porquanto se grava no espírito a pouco e pouco; os discursos preparados e pronunciados perante um auditório, se se revestem de mais aparato carecem de familiariedade. Digamos que a filosofia é um bom conselho: ora ninguém dá conselhos em público! Uma vez por outra pode ser necessário usar um estilo, digamos assim, oratório, quando se trata de obrigar a decidir-se alguém que está hesitante; mas quando pretendemos não incutir em alguém a vontade de aprender, mas sim transmitir ensinamentos, então é preferível recorrer a palavras mais despretensiosas, que penetram e se gravam na ideia com mais facilidade. De facto, o que é necessário não é a abundância, mas sim a eficácia de palavras (Sêneca. *Cartas a Lucílio.* 38,1. Tradução de J. A. Segurado e Campos).[78]

---

[76] Santos (1999), por exemplo, executa uma análise bastante pormenorizada da importância da epistolografia para a concepção do discurso filosófico de Sêneca. Para o autor, as cartas, por seu caráter quase dialógico e estilo mais simples apresentam-se como o gênero discursivo ideal para o desenvolvimento do discurso filosófico de Sêneca, definido como um *sermo* aparentemente despreocupado com a utilização de recursos oratórios.

[77] A seleção das cartas de Sêneca discutidas neste tópico foi realizada com base em Casquero (1983), Malherbe (1988) e Santos (1999), que, ao tratarem uma teoria epistolar senequiana, enumeram alguns textos principais da obra desse autor.

[78] *"Merito exigis ut hoc inter nos epistularum commercium frequentemus. Plurimum proficit sermo, quia minutatim irrepit animo: disputationes praeparatae et effusae audiente populo plus habent strepitus, minus familiaritatis. Philosophia bonum consilium est: consilium nemo clare dat. Aliquando utendum est et illis, ut ita dicam, contionibus, ubi qui dubitat impellendus est; ubi vero non hoc agendum est, ut velit discere, sed ut discat, ad haec submissiora verba veniendum est. Facilius intrant et haerent; nec enim multis opus est sed efficacibus"* (Sêneca. *Cartas a Lucílio.* 38, 1)

Nesse trecho, a carta é colocada em paralelo ao *sermo* (conversação), ainda que seja útil para o autor que esse diálogo ocorra de forma escrita, por meio da intensa troca de missivas. Desse modo, a carta consegue efetuar função dupla: é um registro escrito dos pensamentos filosóficos senequianos ao mesmo tempo em que mantém a impressão de um diálogo familiar, mais eficaz para o ensinamento moral. Essa familiaridade pretendida por Sêneca, por sua vez, se dá porque a visão do autor sobre a relação destinatário-remetente, semelhantemente à de Cícero, é a de que se estabelece, por meio do gênero epistolar, uma conversação quase presencial.

> Agradeço-te a frequência com que me escreves, pois é esse o único meio de que dispões para vires à minha presença. Nunca recebo uma carta tua sem que, imediatamente, fiquemos na companhia um do outro. [...] a mão de um amigo gravada na folha da carta permite-nos quase sentir a sua presença – aquilo, afinal, que sobretudo nos interessa no encontro direto (Sêneca. *Cartas a Lucílio.* 40,1).
> As minhas conversas são quase todas com os livros. Sempre que aparece uma carta tua tenho a sensação de estar na tua companhia e isso dá-me uma disposição de espírito que mais me parece estar a responder-te de viva voz do que por escrito. (Sêneca. *Cartas a Lucílio.* 67, 2).[79]

Sêneca, todavia, expande essa reflexão sobre a relação ausência-presença e, ao realizar um paralelo entre as cartas e os retratos, estabelece uma noção da carta como a substituição de uma presença: "Se nós gostamos de contemplar os retratos de amigos ausentes como forma de renovar saudosas recordações, como não havemos de gostar de receber uma correspondência que nos traz a marca autêntica, a escrita pessoal de um amigo ausente?" (*Cartas a Lucílio*. 67,2).[80]

Percebendo a carta como uma conversação, Sêneca considera também que seu estilo deve imitar o *sermo* cotidiano, por isso, o gênero é caracterizado tanto por uma linguagem mais simples, quanto por um tamanho reduzido.[81] Por fim, no que tange às temáticas próprias da epistolografia, Sêneca afirma que

---

[79] "*Quod frequenter mihi scribis gratias ago; nam quo uno modo potes te mihi ostendis. Numquam epistulam tuam accipio ut non protinus una simus* [...] *Nam quod in conspectu dulcissimum est, id amici manus epistulae impressa praestat, agnoscere*" (Sêneca. *Cartas a Lucílio*. 40,1). "*Cum libellis mihi plurimus sermo est. Si quando intervenerunt epistulae tuae, tecum esse mihi videor et sic afficior animo tamquam tibi non rescribam sed respondeam. Itaque et de hoc quod quaeris, quasi colloquar tecum, quale sit una scrutabimur*" (Sêneca. *Cartas a Lucílio*. 67, 2).

[80] "*Si imagines nobis amicorum absentium iucundae sunt, quae memoriam renovant et desiderium [absentiae] falso atque inani solacio levant, quanto iucundiores sunt litterae, quae vera amici absentis vestigia, veras notas afferunt?*" (Sêneca. *Cartas a Lucílio*. 67,2).

[81] Sobre o estilo das epístolas (e dos discursos filosóficos), o autor afirma: "Tens-te queixado de receberes cartas minhas escritas sem grandes pluridos de estilo. Mas quem é que escreve com pruridos de estilo se não aqueles cuja pretensão se limita a uma eloquência empolada? Se nós sentássemos a conversar, se nós discutíssemos passeando de um lado para o outro, o meu estilo seria coloquial e pouco elaborado; pois é assim que eu pretendo que sejam as minhas cartas, que nada tenham de artificial, de fingido" (*Minus tibi accuratas a me epistulas mitti*

> [...] antecipadamente [escrevo], mas sem fazer o que Cícero, esse mestre da eloquência, pedia a Ático que fizesse: 'que, mesmo sem ter assunto, escrevesse o que lhe viesse à ideia' [Cíc. *Ad Att.* I,12,4]. Comigo nunca haverá falta de matéria a desenvolver. Já sem falar daqueles temas que preenchem as cartas de Cicero: qual o candidato em campanha eleitoral; quem se apresenta como candidato de um grupo, e quem o faz contando apenas consigo mesmo; quem procura aceder ao consulado com esperança no auxílio de César, quem se apoia em Pompeio, quem se fia no poder da corrupção; até que ponto Cecílio é um agiota implacável, ele, a quem nem os parentes conseguem arrancar uma moeda por menos de doze por cento de juro [Cíc. *Ad Att.* I,12,1]. É mais importante cuidar dos nossos próprios males que dos alheios: analisarmo-nos com o maior empenho, verificarmos a quantas situações somos candidatos... e não deixarmos eleger! Isto, meu caro Lucílio, é que se chama proceder com nobreza, agir com segurança e liberdade: nada pedirmos para nós, atravessar incólumes todos os comícios da fortuna! (Sêneca. *Cartas a Lucílio.* 118,1-3).[82]

Nessa carta, o autor reconhece que há diferentes possibilidades de assuntos a serem tratados nas cartas e que, na tradição romana – nesse caso, Cícero – o assunto preferencial são os acontecimentos cotidianos, especialmente os políticos. Sêneca, no entanto, destaca que sua escolha temática é a filosofia.[83] Essa atitude de demonstrar no próprio texto das cartas as razões de estar utilizando o gênero e de que modo o faz, é, inclusive, algo que já aparece nas cartas 38 e 75. Numa leitura geral das cartas em que Sêneca fala sobre a própria prática epistolar, é possível notar, portanto, grande consciência do autor a respeito da relação existente entre o suporte escolhido para uma obra e seu conteúdo. O conteúdo que Sêneca pretende discutir deve ser preferencialmente tratado, na visão dele, por meio do discurso epistolar.[84] O gênero escolhido pelo autor não é, portanto, vazio de sentido, mas, na verdade, auxilia a compor os sentidos da obra e os efeitos causados no público leitor.[85]

---

quereris. Quis enim accurate loquitur nisi qui vult putide loqui? Qualis sermo meus esset si una desideremus aut ambularemus, inlaboratus et facilis, tales esse epistulas meas volo, quae nihil habent accersitum nec fictum) (Sêneca. *Cartas a Lucílio.* 75,1). Já em relação ao tamanho dos textos epistolares, Sêneca afirma: "mas para não exceder a dimensão normal de uma carta, que não deve encher a mão esquerda do leitor, adiantarei para outra altura esta discussão com os dialéticos, gente em excesso subtil, e cuja única preocupação é esta, e apenas esta" (*Sed ne epistulae modum excedam, quae non debet sinistram manum legentis implere, in alium diem hanc litem cum dialecticis differam nimium subtilibus et hoc solum curantibus, non et hoc*) (Sêneca. *Cartas a Lucílio.* 45,13)

[82] "[...] *in anticessum dabonec faciam quod Cicero, uir disertissimus, facere Atticum iubet, ut etiam'si rem nullam habebit, quod in buccam uenerit scribat'. Numquam potestdeesse quod scribam, ut omnia illa quae Ciceronis implent epistulas transeam: quis candidatus laboret; quis alienis, quis suis uiribus pugnet; quis consulatumfiducia Caesaris, quis Pompei, quis arcae petat; quam durus sit fenerator Caecilius, a quo minoris centesimis propinqui nummum mouere non possint. Sua satius est mala quam aliena tractare, se excutere et uidere quam multarumrerum candidatus sit, et non suffragari. Hoc est, mi Lucili, egregium, hoc securum ac liberum, nihil petere et tota fortunae comitia transire*" (Sêneca. *Cartas a Lucílio.* 118,1-3).

[83] Sobre a leitura dessa epístola como uma *recusatio* à temática e ao estilo ciceroniano, cf. EBBELER, 2001, p. 70-71.

[84] De acordo com Santos (1999, p. 72), na visão senequiana "O discurso adequado ao filósofo deve ser, pelo gênero, a conversa, pode ser, pela espécie, epístola, e opõe-se ao discurso poético e oratório".

[85] Como afirma Maingueneau "A transmissão do texto não vem depois de sua produção; a maneira como o texto se institui materialmente é parte integrante de seu sentido" (MAINGUENEAU, 2014, p. 212).

Após as reflexões de Sêneca, há um breve comentário, inserido na obra de Quintiliano, a respeito do gênero epistolográfico em contexto romano. Em sua discussão sobre os elementos que devem ser utilizados na composição dos diferentes tipos de discursos, o autor afirma que

> Há, portanto, antes de tudo, por um lado, uma linguagem encadeada e composta, por outro, uma livre, tal como [a que é usada] na conversa e nas cartas, a não ser quando tratam de algo que está além de sua própria natureza, como da filosofia, da república ou de algo similar (Quintiliano. *Inst. Or.* IX, 4, 19).[86]

Apesar de ser um trecho bastante breve, Quintiliano se posiciona em relação a vários elementos próprios da escrita epistolar. Primeiramente, estabelece que a *oratio soluta* é o tipo de linguagem própria das epístolas. Simultaneamente, afirma que as cartas e a conversa (*sermo*) são textos de uma mesma categoria. Em seguida, mostra que assuntos como filosofia e política não seriam habitualmente parte desse gênero. Tal afirmação contraria, no entanto, a própria prática romana uma vez que os textos de Cícero tratam também de política e os de Sêneca, de filosofia.[87]

Após Quintiliano, outra possível fonte para a compreensão de uma teoria epistolar romana seria o próprio texto de Plínio, o Jovem; todavia, como bem resumiu Casquero (1983, p. 400) "Plínio não fala sobre as cartas, ele as escreve".[88] De fato, não é fácil encontrar, no interior da obra epistolar de Plínio, suas opiniões acerca de como se deve escrever uma carta. É possível, no entanto, destacar três indícios de uma teoria epistolar pliniana. O primeiro está em VI,16,22, em que Plínio afirma, usando como argumento a contraposição entre

---

[86] "*Est igitur ante omnia oratio alia vincta atque contexta, soluta alia, qualis in sermone et epistulis, nisi cum aliquid supra naturam suam tractant, ut de philosophia, de re publica similibusque*" (Quintiliano. *Inst. or.* IX, 4, 19).

[87] A opinião de Quintiliano sobre a prática epistolar romana não é, no entanto, de todo negativa. Em relação a Cícero, Quintiliano afirma que não há nenhuma rivalização possível entre Cícero e Demóstenes na epistolografia e nos diálogos (cf. *Inst. Or.* X, 1, 107); já em relação a Sêneca, sobre quem não possuía uma opinião positiva de um modo mais geral (cf. *Inst. Or.* X.1,125-130), Quintiliano considera "Ele tratou também de quase tudo que fosse matéria de estudo. De fato, circulam dele discursos, poemas, cartas e diálogos. Na filosofia foi pouco diligente, mas foi um singular censor dos vícios. Nele são muitos e brilhantes os ditos sentenciosos, mas na sua forma de expor a maior parte é corrompida e de certo modo extremamente perniciosa, pois eles se inundam de vícios que docemente seduzem. Seria desejável ele ter dito, com o próprio talento, o que disse, mas com o discernimento alheio. Com toda certeza, se tivesse desprezado umas tantas coisas, se não tivesse tido a concupiscência das coisas depravadas, se não tivesse amado tudo que vinha de si, se não tivesse quebrado o peso de unidade das ideias com frases as mais diminutas, ele seria aprovado, antes pelo consenso dos eruditos do que pela paixão de meninos ([...] *nam et orationes eius et poemata et epistulae et dialogi feruntur. In philosophia parum diligens, egregius tamen vitiorum insectator fuit. Multae in eo claraeque sententiae, multa etiam morum gratia legenda, sed in eloquendo corrupta pleraque, atque eo perniciosissima quod abundant dulcibus vitiis. Velles eum suo ingenio dixisse, alieno iudicio: nam si aliqua contempsisset, si +parum+ non concupisset, si non omnia sua amasset, si rerum pondera minutissimis sententiis non fregisset, consensu potius eruditorum quam puerorum amore comprobaretur*) (*Inst. Or.* X, 1, 129-30. Tradução de Antônio Martinez de Rezende).

[88] "*Plinio no habla de las cartas; las escribe*" (CASQUERO, 1983, p. 400).

epistolografia e história, existir uma diferença entre a escrita pública e a privada. Um segundo indício está no conselho dado por Plínio a Fusco Salinator em VII, 9,8, quando a carta é caracterizada como um texto marcado pela correção e brevidade. Tal conselho está de acordo com a visão expressa por Plínio ainda na carta IX, 2, na qual diz a Sabino que prefere a brevidade à composição mais copiosa própria da epistolografia ciceroniana. Para Plínio, portanto, as cartas devem ser textos breves e acurados, embora nos discursos ele tenha preferência pela abundância.[89]

O primeiro tratado retórico em latim em que há uma reflexão mais ampla sobre a produção epistolográfica é a *Ars rhetorica*, de Júlio Vítor, datada de por volta do século IV d.C..[90] Trata-se, portanto, de um texto bastante posterior à produção da prosa epistolar pliniana. Ainda assim, porém, é útil mencioná-lo, uma vez que, mesmo com a diferença temporal, esse tratado fornece uma visão latina do tema e sua discussão contém, de algum modo, o resultado dos desenvolvimentos de uma prática epistolar mais ampla em contexto romano.[91] O *De epistolis*, de Júlio Vítor é, na verdade, um breve texto inserido no capítulo XXVII de seu tratado *Ars rhetorica*. Não só pelo posicionamento, mas também porque "os preceitos sobre a conversação e as epístolas, que se expõem nos dois últimos capítulos [...] são estranhos a todas as artes, gregas e latinas, anteriores a C. Júlio Vítor, [e] tratam de material estranho a uma arte retórica [...]" (MARTIN, 2010, p. 17), esse texto é considerado, juntamente com o *De sermocinatione*, um apêndice ao tratado de Júlio Vítor (MALHERBE, 1988, p. 3; TRAPP, 2003, p. 44). Para Trapp (2003, p. 44), o *De epistolis* é um texto que oscila entre um manual prático e um ensaio teórico sobre a escrita epistolográfica. Já para Castillo (1974, p. 429), o tratamento de Júlio Vítor é um exemplo de que a epistolografia está assumindo um papel de importância crescente no interior da discussão retórica a partir desse período. Tal crescimento, de acordo com a autora, tem como resultado o fato de que, na *ars*

---

[89] Cf. Plin. *Ep.* I, 20. Nessa longa carta, destinada a Tácito, Plínio argumenta copiosamente sobre a necessidade de que, nos discursos, o orador utilize mais a abundância de palavras que a brevidade,

[90] De acordo com Martin (2010, p. 9) "Muito pouco se sabe a respeito de Caio Júlio Vitor, estima-se que tenha sido um professor de retórica do séc. IV d.C., provavelmente da Gália. Sua arte retórica é alicerçada nas obras de Hermágoras, Cícero e Quintiliano, e também denuncia fontes que lhe foram mais próximas, tais como Áquila, Marcomano e Ticiano".

[91] No século IV d.C., já está consolidado um *corpus* epistolográfico latino bastante extenso e diversificado, formado pelas obras de autores como Cícero (I a.C.), Horácio (I. a.C.), Ovídio (I.a.C.), Sêneca (I d.C.), Plínio (I –II d.C.), Frontão (II d.C) e Cipriano (III d.C), por exemplo. Esse *corpus*, que já estava em crescimento até o século IV d.C., se torna ainda mais abundante durante e após esse período, especialmente em virtude da utilização do gênero epistolar pelos autores critãos, como Agostinho de Hipona (séc. IV d.C.), Ambrósio (IV d.C.), Paulino de Nola (final do IV d.C.), Jerônimo (IV-V d.C.) e Sidônio Apolinário (V d.C.), que escreveram em latim, e João Crisóstomo e Basílio de Cesareia, ambos localizados aproximadamente no séc. IV d.C., em contexto de língua grega. Uma produção não cristã desse gênero é exemplificada, em contexto latino, pelas epístolas poéticas de Ausônio (IV d.C.) e pela produção em prosa Símaco (IV-V d.C.); em contexto grego, principalmente pela abundante coleção de Libânio (IV d.C.).

dictaminis medieval, as cartas são explicadas e analisadas a partir de divisões análogas as que são usadas nos discursos oratórios.[92]

Em seu tratado, Júlio Vítor divide as cartas em dois tipos principais: *negotiales* e *familiares*. As primeiras são destinadas aos assuntos oficiais e graves, e as outras a assuntos mais livres. Desse modo, nas *negotiales*, é necessário escrever com clareza e utilizar as figuras e preceitos oratórios. Essas cartas podem conter passagens de história e assuntos mais eruditos, porém o missivista deve manter a leveza (*gratia*) própria das cartas. Nas *familiares*, por sua vez, os recursos sugeridos por Júlio Vítor são a brevidade e a simplicidade da linguagem.

Após essa divisão inicial, o autor passa a considerações mais amplas sobre a escrita epistolar. De modo geral, a preceituação realizada no tratado se refere a que recursos de estilo utilizar nos textos. O primeiro desses recursos é clareza

> [...] quando absolutamente não há necessidade de esconder, a obscuridade deve ser evitada mais do que no discurso ou na conversa: pois podes pedir a quem pouco claramente, que diga mais claramente, o que não se dá nas epístolas trocadas por ausentes. E, por isso, não se deve inserir história meio obscura, nem provérbio meio desconhecido, ou palavra meio envelhecida, ou figura meio afetada (Júlio Vítor. *Ars rhetorica*, XXVII).[93]

---

[92] Não foi possível, para as dimensões deste trabalho, discutir os desdobramentos de uma teoria epistolar posterior, e mesmo contemporânea, ao texto de Júlio Vítor. Cabe destacar, todavia, que há vários textos que se dedicaram ao tratamento do assunto. Exemplos dessas produções são os já mencionados *Epistolimaíoi Charaktéres* (sec. IV-VI d.C.), atribuídos a pseudo Libânio e a epístola 51, de Gregório de Nazianzo (séc. IV d.C.). Como desdobramentos dessas reflexões surge uma descrição mais ampla a respeito da composição de prosa epistolar, a *ars dictaminis* medieval, que, ao lado da *ars poetria* e da *ars praedicandi*, compunha a base da formação do período (ARCOS PEREIRA, 2003, 371-2). Originária provavelmente do século XII (ARCOS PEREIRA, 2008, p. 374) a *ars dictaminis* ou *ars dictandi* é o resultado da "integração da escrita epistolar na teoria principal de educação e formação no período medieval" ([...] *the integration of letter-writing into mainstream educational theory and training in the medieval period* [...]) (TRAPP, 2003, p. 46). De acordo com Arcos Pereira (2008) "Durante a Idade Média, *ars dictaminis* se aplicava a qualquer tipo de composição latina (prosa ou métrica) e o ensino e a prática da composição epistolar se torna o aspecto mais importante. As razões são basicamente duas: a carta foi uma das formas de composição mais utilizada na Idade Média e a *ars* oferecia uma das raras oportunidades para desempenhar um cargo na administração. Portanto, ela será ensinada nas catedrais, escolas monásticas e, mais tarde, em universidades por toda a Europa. Não devemos esquecer que *dictator* designa tanto o que ensina a escrever em latim quanto o que escreve em latim profissionalmente" (*Durante la Edad Media, ars dictaminis se aplicaba a cualquier tipo de composición latina (prosa o métrica) y la enseñanza y la práctica de la composición epistolar se convierte en el aspecto más importante. Las razones son, básicamente, dos: la carta fue una de las formas de composición más utilizadas en la Edad Media y el ars ofrecía una de las pocas oportunidades para desempeñar un puesto en la administración. Por ello, se enseñará en catedrales, escuelas monásticas y, más tarde, en las universidades de toda Europa. No debemos olvidar que dictator designa tanto al que enseña a escribir en latín como al que escribe en latín de manera professional*) (ARCOS PEREIRA, 2008, p. 374-5).

[93] "*Ceterum cum abscondito nihil opus est, cavenda obscuritas magis quam in oratione aut in sermocinando: potes enim parum plane loquentem rogare, ut id planius dicat, quod in absentium epistolis non datur. Et ideo nec historia occultior addenda nec proverbium ignotus aut verbum cariosius aut figura putidior*" (Júlio Vítor. *Ars rhetorica*, XXVII. Todas as traduções do *De epistulis* são de Thais Morgato Martin).

Nesse trecho, subjaz a ideia de que as cartas são como uma conversa na ausência de um de seus interlocutores, por isso, a mensagem deve ser escrita de maneira clara, uma vez que não há espaço para interpelações. O segundo recurso sugerido é a adequação ao receptor da mensagem.

> Que a epístola se escreveres a um superior não seja jocosa; se a um semelhante, que não seja impessoal; se a um inferior, que não seja soberba. Não escrevas de modo descuidado a um douto e nem de modo diligente a um indouto, nem de modo desleixado a um muito próximo, nem de modo inimistoso a um menos familiar. Felicita o caso bem sucedido mais prolixamente, para que exaltes a alegria dele; quando topares alguém que se dói, consola-o com umas poucas palavras, porque a úlcera, quando tocada com a mão acerta, ainda se dilacera. Brincarás com os familiares nas cartas de modo que imagines que possa suceder que leiam essas cartas num momento mais triste. [...] os prefácios e subscrições devem ser computados conforme o discernimento da amizade ou merecimento, conservada a ordem do costume (Júlio Vítor. *Ars rhetorica,* XXVII).[94]

Nesse trecho, Júlio Vítor dialoga, de alguma maneira, como a preceptiva do *Sobre o estilo,* de Demétrio. Como já mencionado, o tratadista grego recomenda que o tom da carta seja elevado caso ela se destine a algum governante (Demétrio. *Sobre o estilo.* 234). No *De epistolis,* essas recomendações parecem ser expandidas. Primeiramente, Júlio Vítor enfatiza certa hierarquia a se ter em mente no momento de composição das cartas. Essa hierarquia delimita tanto o tipo de dicção a ser utilizada (jocosa ou não; acurada ou menos diligente; familiar ou mais distanciada) quanto o tipo de saudação ou despedida a carta deve conter. A própria citação desses elementos – *praefactio* e *subscriptio* – é algo que não aparece nas reflexões anteriores sobre o gênero epistolar.[95] Essa preocupação hierárquica está

---

[94] "*Epistula, si superiori scribas, ne iocularis sit; so apri, ne inhumana; si inferior, ne superba; neque docto incuriose, neque indocto indiligenter, nec coniunctissimo translatitie, nec minus familiar non amice. Rem secundam prolixius gratulare, ut illius gaudium extollas: cum offendas dolentem, pauculis consolare, quod ulcus etiam, cum plana manu tangitur, cruentatur. Ita in litteris cum familiaribus ludes, ut tamen cogites posse evenire, ut eas litteras legant tempore tristiore* [...] *praefactiones ac subscriptiones litterarum computandae sunt pro discrimine amicitiae aut dignitatis*" (Júlio Vítor. *Ars rhetorica,* XXVII).

[95] Sobre o aparecimento desse recurso bastante prático num manual de caráter retórico, Poster (2007, p. 35) argumenta que "Embora isso pareça estar lembrando ao leitor das formas cada vez mais complexas de endereçamento e posição que estavam se desenvolvendo no baixo império e da constante elaboração da subscrição, Júlio Victor não nos fornece realmente quaisquer detalhes relativos a estas práticas costumeiras. As tabuinhas de Vindolanda, que preservam para nós saudações reais e cartas documentais, sugerem que a prática romana incluía adjetivos e advérbios em vez dos nomes simples, recomendados pelos teóricos gregos. Como um retor, Júlio Victor parece preocupar-se com a parte retórica da carta (o estilo de narração), mais que com técnicas que se refiram exclusivamente à arte epistolary" (*Although this appears to be reminding the reader of the increasingly complex forms of address and rank that were developing in the late empire and the ongoing elaboration of the subscription, Julius Victor does not actually give us any details concerning these customary practices. The Vindolanda tablets, which preserve for us actual salutations and documentary letters, would suggest that roman practice included adjectives and adverbs rather than the bare names recommended by greek theorists. As a rhetorician, Julius Victor seems to concern himself with the rhetorical part of the letter (the narration style) rather than technicalities pertaining exclusively to the epistolar art*) (POSTER, 2007, p. 35).

possivelmente relacionada ao destaque dado pelo autor às cartas *negotiales*.[96] Em segundo lugar, percebe-se que Júlio Vítor enfatiza não apenas o processo de produção e emissão da carta, mas também de recepção desse texto, ao preocupar-se com quais recursos podem ser utilizados para que a carta não seja lida de forma incorreta e nem cause efeitos negativos no receptor. O *éthos*, tão importante nas reflexões anteriores, parece então ficar em segundo plano nesse tratado.

Outras duas recomendações feitas por Júlio Vítor e que se diferenciam dos tratados anteriores se referem mais propriamente a recursos linguísticos e de construção que podem ser utilizados nas missivas. Para o tratadista

> É agradável acrescentar algo em grego às cartas, se não fizeres isso nem intempestiva nem frequentemente, e é muito conveniente usar um provérbio não desconhecido e um versinho ou parte de verso. Não raro, é gracioso interpelar [o correspondente] como se [estivesse] presente, por exemplo, "ei, tu", "que dizes?", "vejo-te rir". Muitas coisas desse gênero há em M. Túlio. Mas essas coisas, como disse, são familiares, pois a severidade daquelas outras é maior (Júlio Vítor. *Ars rhetorica*, XXVII).[97]

Nesse trecho, Júlio Vítor enfatiza a importância da clareza – não utilizar citações desconhecidas – e da adequação – utilizar interpelações apenas nas familiares. Acrescenta, ainda, Cícero como o modelo para pensar a escrita de cartas, o que indica que as epístolas literárias antigas já circulavam como modelo de imitação do estilo.

1.3 A prática epistolográfica

Se, por um lado, a teorização sobre a epistolografia é relativamente escassa, por outro, as fontes antigas legaram uma grande quantidade de textos que comprovam uma prática não apenas abundante, mas também bastante variada do gênero.[98] Mesmo considerando apenas a

---

[96] Para Poster (2007, p. 35): "Ao contrário da teoria epistolar grega, que pressupõe que todos os homens educados são amigos e iguais devido à sua iniciação comum na *paideia*, a tradição latina parece insistir mais sobre a consciência hierárquica, algo antecipando as elaborações da *salutatio* fundamentada em distinções muito precisas de posição social na *ars dictaminis* medieval" (*unlike Greek epistolar theory, which presumes that all educated men are friends and equals due to their commom initiation into paideia, the Latin tradition appears to insist more on awareness of hierarchy, something antecipating the elaborations of the salutatio grounded in very precise distinctions of social rank in the medieval ars dictaminis*).

[97] "*Graece aliquid addere litteris suave est, si id neque intempestive neque crebro facias: et proverbio uti non ignoto percommodum est, et versiculo aut parte versus. Lepidum est nonnunquam quase praesentem aloqui , uti 'heus tu' et 'quid ais' et 'video te deridere': quod genus apud M. Tullium multa sunt. Sed haec, ut dixi, in familiaribus litteris*" (Júlio Vítor. *Ars rhetorica*, XXVII).

[98] "A Antiguidade greco-romana nos deixou um legado de aproximadamente quinze mil cartas" (COSTA, M., 2013, p. 30). Cabe destacar que sob o nome de epístolas, cartas ou missivas, costuma-se designar um grupo de textos com formas e conteúdos muito heterogêneos, que inclui, por exemplo, produções documentais, ficcionais, filosóficas, abertas ou privadas, em prosa ou em verso (MORELLO; MORRISON, 2007, p.1).

seleção de um *corpus* greco-romano desses textos, há uma diversidade de fatores a serem pensados. Como destaca Trapp,

> Além de estarem em duas línguas diferentes, sendo compostas em pontos muito diferentes no espaço e no tempo, e sendo transmitidas por diferentes meios, essas cartas também são o produto de diferentes origens sociais e educacionais, desde os mundos dos modestos provincianos (embora modestamente bem educados) que escreveram a produção em papiro, madeira e chumbo, aos correspondentes altamente cultivados e socialmente eminentes da estirpe de um Cícero, um Plínio, um Basílio ou Libânio; e elas são, respectivamente, de muitos diferentes graus de sofisticação conceitual e estilística, do ingênuo ao requintado (TRAPP, 2003, p.2).[99]

Embora o autor enfatize, nesse trecho, a diversidade da produção epistolográfica greco-romana, o conjunto desses textos forma, por outro lado, uma tradição – multifacetada – do gênero.[100] Diante da existência de tal tradição, este trabalho busca mapear alguns dos principais textos que compõem a prática epistolar antiga, especialmente a produzida em latim. Tal mapeamento objetiva contextualizar genérica e literariamente a produção epistolográfica pliniana.

As cartas, como parte de uma comunicação escrita entre dois ou mais indivíduos, eram compostas, na Antiguidade greco-latina, em uma diversidade de materiais. Numa visão geral, as cartas de que dispomos por meio de evidências arqueológicas sobreviveram "[...] na forma de tabuinhas de cera, tabuinhas de madeira, óstraca [...] e papiro. Cartas, especialmente aquelas [oriundas] de um imperador, poderiam assumir também a forma de inscrições em pedra ou bronze, destinadas à comunidade inteira" (ZEINER-CARMICHAEL, 2014, p. 8).[101] Trapp (2003, p. 6) aponta também as placas de chumbo como um dos materiais utilizados para escrita de cartas, ainda que, de acordo com esse autor, esse não fosse o material mais comum. Por sua maleabilidade, as tabuinhas de cera, por exemplo, eram um material mais vantajoso uma vez que permitiam muitas reutilizações. Um destinatário, por exemplo, poderia

---

[99] "*Besides being in two different languages, being composed at widely differing points in space and time, and being transmitted by different means, these letters are also the product of differing social and educational backgrounds, from the worlds of the modest (though modestly well-educated) provincials who wrote the items on papyrus, wood and lead, to highly cultivated and socially eminent correspondents of the stamp of a Cicero, a Pliny, a Basil or a Libanius; and they are, correspondingly, of many differing degrees of conceptual and stylistic sophistication, from the naive to the exquisite*" (TRAPP, 2003, p. 2).

[100] Exemplos de uma consciência da tradição do gênero epistolar estão nas comparações possíveis entre as obras de alguns autores, realizadas já na Antiguidade, como a de Cícero e Demóstenes (Quint. *Inst. Or*. X, 1, 107), Sêneca e Cícero (*Cartas a Lucílio*, 118, 1-3), Cícero e Plínio (*Ep.* IX, 2, 2), mas também modernamente, como é o caso de Sêneca e Horácio (TRAPP, 2001, p. 25) ou Sêneca e a tradição filosófica grega, especialmente Epicuro (EDWARDS, 2005, p. 278; CASQUERO, 1983, p. 396); Tais exemplos estão também nas apropriações do modelo epistolar para a composição em outros gêneros literários, como é caso das cartas-proêmio (cf. Marcial, *Epigramas*, II, 1; VIII,1 e XII, 1; Estácio, *Silvae*, I)

[101] "[...] *primary letters survive in the form of wax tablets, wooden tablets, ostraca [...] and papyri. Letters, especially those from an emperor, could also take the form of inscriptions on stone or bronze, intended for an entire community*" (ZEINER-CARMICHAEL, 2014, p. 8).

escrever sua resposta na mesma superfície em que recebeu uma correspondência, bastava reaquecer a cera e aplainá-la novamente (ZEINER-CARMICHAEL, 2014, p.8-10. Cf. Ovídio, *Amores,* I,11 e I,12). Essas tabuinhas, após escritas, eram presas com fios ou faixas e, então, seladas com cera e um anel de sinete (ROSENMEYER, 2001, p. 22).

Segundo Rosenmeyer (2001, p. 23), o meio preferido pelos antigos para a escrita de missivas era o papiro, embora fosse um material mais caro. De fato, mais de uma centena de cartas nesse tipo de material já foi descoberta no Egito greco-romano, a maioria delas advindas da cidade de Oxirrinco e datadas a partir do século III a.C. Esses textos abrangem, por exemplo, missivas privadas, negociais e correspondência oficial. Nas cartas em papiro, geralmente o endereçamento e, por vezes, a data de envio eram colocados na parte externa. O texto dessas missivas poderia ser escrito em colunas e, ocasionalmente, em mais de um lado do papiro; se o-remetente utilizasse um escriba para escrever a carta, ele poderia acrescentar a nota de despedida a próprio punho (ROSENMEYER, 2001, p. 23; TRAPP, 2003, p. 7; ZEINER-CARMICHAEL, 2014, p. 10). Outro importante conjunto de evidências arqueológicas da prática epistolar está nas placas de madeira, datadas provavelmente dos séculos I e II d.C., descobertas desde 1973 em Vindolanda, um forte romano localizado no Reino Unido (HALLA-AHO, 2008, p. 5-6). Trata-se de grupo tabuinhas muito finas, geralmente do tamanho de um cartão postal e em cuja superfície os textos eram escritos com tinta. De acordo com Trapp (2003, p. 9) do total dos items originários de Vindolanda já publicados, cerca de cento e setenta são cartas.

Diante desses indícios arqueológicos, Zeiner-Carmichael afirma que

> A evidência epistolar remanescente prova que a escrita de cartas não era exclusivamente reservada aos imperadores ou à elite da camada mais elevada (letrada), mas era usada cotidianamente por indivíduos de uma grande parte da sociedade, incluindo camada mediana, escravos, estrangeiros, homens e mulheres, ricos e pobres. Os exemplos existentes ilustram a variedade de caligrafias (maiúscula, minúscula e cursiva), tanto em grego quanto em latim, e eles demonstram diferentes níveis de qualidade de escrita e letramento (ZEINER-CARMICHAEL, 2014, p. 10).[102]

O texto dessas cartas atesta, ainda, que, em muitos casos, elas não eram escritas pelo mesmo indivíduo que aparece como seu remetente. A existência de uma variação de

[102] "*Surviving epistolary evidence proves that letter-writing was not exclusively reserved for emperors or the upper-class (literate) elite but was used by everyday individuals across a wide section of society, including the middle class, slaves, citizens, foreigners, men and women, rich and poor. Extant examples illustrate a variety of scripts (capital, lower-case, and cursive), in both Greek and Latin, and they showcase different levels of handwriting quality and literacy*" (ZEINER-CARMICHAEL, 2014, p. 10). Rosenmeyer (2001, p. 31-2) comprova essa variedade da produção epistolográfica pelo menos desde a metado do século III a.C..

caligrafias indica a possibilidade da utilização de escribas, possivelmente profissionais, para a composição de cartas (TRAPP, 2003, p. 8; HALLA-AHO, 2008, p. 21). No período imperial romano, por exemplo, em que, por causa da vasta extensão geográfica do império, as missivas eram um meio de conduzir assuntos da administração, manutenção de fronteiras, finanças e impostos, assim como atividade militar, criou-se o posto de secretário *ab epistolis*, que tinha como função administrar a correspondência imperial (ZEINER-CARMICHAEL, 2014, p. 11).[103]

Dificilmente se pode afirmar que tenha havido um sistema de correio estruturado na Antiguidade. Rosenmeyer (2001, p. 24) explica que, tanto na Grécia clássica quando na helenística,

> A entrega efetiva das cartas poderia ser um assunto complicado. Cartas oficiais tinham seus próprios canais: despachos militares iam por mensageiro – soldado ou escravo – e documentos do governo iam por emissários do governo. Mas cartas privadas estavam excluídas deste sistema, e um missivista sem os meios financeiros para despachar seu próprio escravo dependia principalmente de viajantes que fossem na direção certa ou comerciantes que empregassem uma rota regular em terra ou mar. O envio não possuía nenhuma garantia: um missivista poderia esperar atrasos por conta do mau tempo, acidentes ou mensageiros não confiáveis (ROSENMEYER, 2001, p 23-24).[104]

---

[103] "O imperador Cláudio (41-54 d.C.) estabeleceu uma série posições de secretariado imperiais, incluindo a de secretário epistolar (o secretário *ab epistolis*), que contribuiu significativamente para a burocratização e centralização da administração imperial. Esse posto já existia em uma forma militar durante o final do período republicano; no entanto, não havia recebido reconhecimento oficial como um título até o início no império [...] O secretário epistolar era provavelmente responsável não só por transcrever cartas ditadas pelo imperador, nas quais o imperador poderia, em seguida, adicionar um subscrito, mas também por compor cartas (e respondê-las) por sua própria vontade [...] Isto significa, então, que o próprio secretário poderia tomar decisões sobre determinadas questões administrativas imperiais, funcionando, assim, não apenas como um escritor de cartas, mas como um ministro imperial significativo" (*The Emperor Claudius (r. 41–54 ce) established a number of imperial secretarial positions, including that of epistolary secretary (the secretary ab epistulis), which significantly contributed to the bureaucratization and centralization of imperial administration. This post had already existed in a military form during the late republican period; however, it did not receive official recognition as a title until the early empire [...] The epistolary secretary was likely responsible not only for transcribing letters dictated by the emperor, to which the emperor might then add a subscript, but also for composing letters (and answering them) at his own discretion [...] This means, then, that the secretary himself could make decisions on certain imperial administrative issues, thereby functioning not just as a letter-writer, but as a significant imperial minister*) (ZEINER-CARMICHAEL, 2014, p. 11-12). Poderia haver, na verdade, dois secretários epistolares, um responsável pelas cartas em grego (*ab epistolis Graecis*) e outro pelas missivas em latim (*ab epistolis Latinis).* Inicialmente, libertos eram apontados para esse cargo, mas, a partir de Domiciano, principalmente equestes e indivíduos da camada mediana mais elevada assumiam essa posição (PIERNAVIEJA, 1978, p. 362; ZEINER-CARMICHAEL, 2014, p. 11-12).

[104] "*The actual delivery of letters could be a complicated affair. Official letters had their own channels: military dispatches went by courier - soldier or slave - and government documents went by government messengers. But private letters were excluded from this system, and a letter writer without the financial means to dispatch his own slave depended primarily on travellers going in the right direction, or merchants plying a regular route on land or sea. Delivery was by no means guaranteed: a letter writer could expect delays on account of bad weather, accidents, or untrustworthy couriers"* (ROSENMEYER, 2001, p. 23-4). Para a autora, esse estrutura se distancia, por exemplo, de um sistema de correspondência oficial bastante eficiente desenvolvido pelos Persas e descrito por Heródoto no livro VIII da *História.*

Em contexto romano, essa estrutura não era muito diferente. A correspondência particular era, em geral, enviada por meio de escravos, mensageiros profissionais ou viajantes. Os romanos ricos podiam designar um grupo específico de escravos para esse papel, conhecidos como *tabelarii* (ZEINER-CARMICHAEL, 2014, p. 11; PIERNAVIEJA, 1978, p. 361). Em relação à correspondência oficial, no entanto, especialmente durante o período do império, um sistema mais formal foi desenvolvido. De acordo com Suetônio (*Vida do divino Augusto,* XLIX), o imperador,

> [...] para que pudesse mais fácil e prontamente ser anunciado e dado a conhecer o que se passava em cada província, dispôs de início jovens em pequenos intervalos nas vias militares, e depois carros. Isso lhe pareceu mais conveniente, porque aqueles que lhe levavam cartas pelo mesmo local também poderiam ser interrogados se as circunstâncias o exigissem (Suetônio. *Vida do divino Augusto.* XLIX. Tradução de Matheus Trevisam, Paulo Sérgio Vasconcellos e Antônio Martinez de Rezende).[105]

De acordo com a descrição de Suetônio, num primeiro momento, portanto, as cartas eram transferidas de mensageiro para mensageiro até alcançar seu destino. Em seguida, com a implantação de carros, alguns mensageiros poderiam fazer o caminho completo. De acordo com Zeiner-Carmichael (2014, p. 15), porém, mesmo com algumas das estruturas desenvolvidas durante o império, a correspondência antiga continuava a ser transportada majoritariamente de modo privado.

É difícil precisar em que momento as cartas começam a ser utilizadas como um meio de comunicação escrita (COSTA, M., 2013, p. 28; ROSENMEYER, 2001, p. 28). Em contexto greco-romano, o primeiro registro literário desse tipo de comunicação está na *Ilíada* (VI, 168) (ROSENMEYER, 2001, p. 25; CASTILLO, 1974, p. 429), o que indica a existência de uma prática epistolar grega pelo menos a partir do século VIII a.C..[106] Fisicamente, as primeiras cartas remanescentes em grego são três peças riscadas em folhas de chumbo, a primeira, conhecida como *carta de Berezan*, data de por volta do ano 500 a.C., as outras duas, de algum momento no século quarto (TRAPP, 2003, p. 6). Advinda do período que abrange o século V a.C., porém, há uma série de textos epistolares embutidos em outros gêneros da literatura grega, como nas obras de Heródoto (*História,* I,123; V, 35; VII, 239), Tucídides (*História da Guerra do Peloponeso,* I,128; IV,50; VII, 11-15; VIII, 50-51; VI) e Eurípides (*Ifigênia em*

---

[105] "[...] *quo celerius ac sub manum adnuntiari cognoscique posset, quid in provincia quaque gereretur, iuvenes primo modicis intervallis per militaris vias, dehinc vehicula disposuit. Commodius id visum est, ut qui a loco idem perferunt litteras, interrogari quoque, si quid res exigant, possint*" (Suetônio. *Vida do divino Augusto.* XLIX)

[106] De acordo com Suárez de la Torre (1979, p. 23) e Rosenmeyer (2001, p. 25), porém, Clemente de Alexandria (séc. II-III d.C.), atribuiu, com base em Helânico, a invenção da carta à rainha persa Atossa (séc. V a.C.).

Táuris, 98 ss.; *Ifigênia em Táuris*, 770 ss. e *Hipólito*, 85 ss.) (GALLÉ-CEJUDO, sd., p. 16-17; SUÁREZ DE LA TORRE, 1979, p. 24; ROSENMEYER, 2001, p. 45-97). Nesses casos, há tanto missivas supostamente reais, uma vez que sua autoria é atribuída a algum personagem histórico – como é o caso dos textos presentes nas obras de Heródoto e Tucídides – quanto cartas assumidamente ficcionais – como nas peças euripideanas.[107]

No que se refere à existência de um *corpus* epistolar grego formado de textos não embutidos em obras de outros gêneros, Suárez de la Torre (1979, p. 22) afirma que "os antigos gregos, de fato, nos deixaram um riquíssimo conjunto epistolar, igualmente abundante de problemas".[108] Para esse autor, há uma grande dificuldade em estabelecer a autenticidade da maioria das cartas, embora o fato de serem possivelmente pseudoepigráficas não as torne menos importantes para o conhecimento da epistolografia grega (SUÁREZ DE LA TORRE, 1979, p. 23). Trapp explica que sob a categoria de pseudoepigráficos estão designados alguns conjuntos de textos cuja autoria é atribuída a diversos personagens históricos ou supostamente históricos do período entre os séculos VI a.C. e II d.C.[109] De acordo com o autor:

> O estatuto de alguns [conjuntos] (especialmente os de Platão e Demóstenes) é disputado, mas desde o célebre trabalho de Richard Bentley, no final do século XVII, tem sido geralmente (e corretamente) aceite que a grande maioria não é aquilo

---

[107] A menção a uma diferença entre cartas reais e ficionais realizada neste ponto não significa uma retomada na divisão de Deissman. Trata-se apenas de uma forma de compreender os diferentes graus de ficcionalidade que os textos epistolares podem assumir. O que define as cartas como objetos de valor literário não é, como já discutido neste texto, seu grau de realidade ou ficcionalidade. O que retomamos aqui é, de algum modo, uma categorização elaborada por Trapp (2003). Com o objetivo de mapear os principais exemplos da prática epistolar greco-romana, Trapp (2003, p. 3) diferencia os textos epistolográficos da Antiguidade em cinco categorias principais a partir do seu grau de aproximação com uma realidade ou ficcionalidade: "a) cartas compostas para serem enviadas por indivíduos históricos [...], mas nunca lançadas posteriormente em uma coleção editada [...] b) cartas compostas para serem enviadas por indivíduos históricos, mas posteriormente também lançadas em uma coleção editada para um público mais amplo, com talvez alguma melhoria dos conteúdos [...]; c) cartas de e para indivíduos históricos, mas nunca enviadas fisicamente como itens individuais em modo epistolar, porque destinadas desde o início mais para um público mais amplo que para um destinatário específico [...]; d) cartas que pretendem ser de (e algumas vezes para) indivíduos históricos, mas são, na realidade, um trabalho de um imitador literário posterior, mais uma vez escrevendo exclusivamente para um público leitor [...]; e e) cartas de e para personagens inventados, ou inventados pelo epistológrafo, ou herdados por ele de uma literatura precedente." (*(a) letters composed for sending by historical individuals [...], but never subsequently released in an edited collection [...]; (b) letters composed for sending by historical individuals, but subsequently also released in an edited collection for a broader readership, with perhaps some 'improvement' of the contents [...]; (c) letters by and to historical individuals, but never physically sent as individual items in letter mode, because intended from the start more for a broader readership than for the specified addressee [...]; (d) letters purporting to be by (and sometimes to) historical individuals, but in fact the work of a later literary impersonator, again writing exclusively for a reading public [...]; and (e) letters by and to invented characters, whether invented by the epistolographer, or inherited by him from earlier literature* [...]) (TRAPP, 2003, p. 3).

[108] "*Los antiguos griegos, en efecto, nos han dejado un riquíssimo conjunto epistolar igualmente abundante en problemas*" (SUÁREZ DE LA TORRE, 1979, p. 22).

[109] Trapp (2003, p. 27) enumera esses autores com base na lista completa impressa e comentada por Hercher, na obra *Epistolographi Graeci* (1873): Ésquines, Anárcasis, Apolônio de Tiana, Aristóteles, Ataxerxes, Bruto, Quíon de Heracleia, Crates, Demóstenes, Dião, Diógenes, Eurípedes, Heráclito, Hipócrates, Isócrates, Periandro, Fálaris, Platão, Pitágoras, Sócrates, Sólon, Tales, Temístocles e Xenofonte.

> que afirma ser, mas sim o trabalho de autores posteriores imitando essas grandes figuras do passado (TRAPP, 2003, p. 27).[110]

Os motivos para tais composições imitadas, segundo Trapp (2003, p. 28), parecem ter sido variados, como, por exemplo, produzir modelos para vários tipos de correspondência, preencher partes de um registro histórico deixado em branco por textos mais comuns, transmitir um ensino moral de forma mais atraente, ou simplesmente entreter por meio das supostas trocas de cartas pessoais entre grandes figuras do passado.

Apesar das questões em torno da autenticidade, entre as coleções antigas em prosa consideradas as mais importantes, de acordo com Suárez la Torre (1979, p. 24), estão as atribuídas a filósofos e oradores, como Demóstenes, Isócrates e Platão. Em relação à epistolografia grega, porém, a maior ênfase geralmente é dada aos autores tardo antigos, como Libânio, especialmente os cristãos, como Basílio, João Crisóstomo e Gregório de Nazianzo (SUÁREZ DE LA TORRE, 1979, p. 29-30). Estudos recentes, porém, têm demonstrado maior interesse pela produção epistolográfica grega de caráter ficcional, como as cartas de Alcifrão e Filóstrato (Cf. ROSENMEYER, 2001; COSTA, C., 2001).

Assim como ocorre em contexto grego, as primeiras evidências de uma prática epistolar romana estão inseridas em textos literários (CASQUERO, 1983, p. 386).[111] Tais evidências são encontradas em pelo menos quatro das peças de Plauto (250?-184? a.C.): *Báquides* (728-750 e 983-1035); *O Gorgulho* (422-436); *O Persa* (496-527) e *Psêudolo* (20-74 e 987-1014) (CASQUERO, 1983, p. 387; BARBIERO, 2014, p. 5) . Em todas essas obras, há cenas em que cartas são lidas em voz alta por algum dos personagens, ou se trata de alguém que entrega a carta e a lê para o destinatário, ou o destinatário que lê na presença daquele que traz a mensagem. Essa leitura é sempre entrecortada por diálogos e comentários dos envolvidos na ação cômica. Alguns desses comentários se dirigem aos aspectos linguísticos ou materiais dessas missivas, o que permite perceber uma série de expectativas acerca da composição e circulação desses textos. Em todas as ocorrências, por exemplo, a saudação inicial das cartas é lida. Quando não há saudação nas missivas (*Báquides*, 1000; *Psêudolo*, 998), o personagem que ouve a leitura interpela em tom de estranhamento, indicando que se trata de uma ofensa. Esse estranhamento demonstra, por um lado, que essas fórmulas próprias de saudação já eram

---

[110] "*The status of some (especially those of Plato and Demosthenes) is disputed, but since the celebrated work of Richard Bentley at the end of the seventeenth century, it has been generally (and rightly) accepted that the vast majority are not what they claim to be, but instead the work of later authors impersonating these great figures of the past*" (TRAPP, 2003, p. 27).

[111] Sobre a inserção de textos epistolares em obras literárias gregas, cf. GALLÉ-CEJUDO, sd, p. 15-21; SUÁREZ DE LA TORRE, 1979, p. 24 e ROSENMEYER, 2001, p. 39-168.

fixas e esperadas para o gênero, por outro, que elas eram essenciais para o estabelecimento de um diálogo epistolar adequado (PIERNAVIEJA, 1978, p. 365). Além da estrutura textual, as peças de Plauto mencionam a materialidade das epístolas. As tabuinhas de cera aparecem, nas peças, como o principal material utilizado. Também a existência do selo surge como uma questão importante no enredo das obras, uma vez que o mensageiro – geralmente portando uma carta enganosa – faz questão que o receptor reconheça a marca própria do suposto remetente (Cf. *O Gorgulho*, 424; *Báquides*, 986).

O modo dinâmico pelo qual Plauto insere o texto epistolar em sua obra cômica pode ser considerado um indício de uma prática já bastante difundida desse tipo de comunicação, uma vez que o humor das cenas costuma ser construído a partir da quebra de uma série de expectativas estruturais do gênero, das quais os ouvintes precisam, portanto, partilhar.[112] Para Barbiero (2014, p. 5), mais do que um indício para as práticas do gênero, nessas comédias, a "carta funciona como um elemento essencial para o enredo e é composta, enviada ou lida no palco [...] a maioria desses textos é ardilosa, usada pelos personagens para disseminar informação falsa de modo a executar um esquema enganoso e é, então, apropriada, roubada ou forjada *ex nihilo*" (BARBIERO, 2014, p. 5).[113]

Além dessas inserções ficcionais realizadas por Plauto, algumas fontes antigas atestam, no período entre os séculos III e II a.C., a publicidade das cartas de Catão, o censor (Cíc., *De off.*, I, 37), Cipião Africano (Políbio. *Hist.* X, 9, 3) e Cornélia, filha de Cipião (Cic., *Brut.*, 211; Quint. *Inst. Or.* I,1,16).[114] No entanto, como já mencionado, a primeira coleção de cartas antigas de fato publicadas da qual dispomos modernamente é a de Cícero, que contém, no total, mais de novecentas cartas publicadas entre 68 e 43 a.C. (CASQUERO, 1983, p. 386; TRAPP, 2003, p. 13). De acordo com Trapp, "Coletivamente, essas cartas fornecem uma

---

[112] Como aponta Rosenmeyer (2001, p. 63), ao analisar a presença de cartas nas tragédias de Eurípedes, "podemos supor que a escrita e a leitura haviam se tornado conceitos familiares suficientes na vida urbana cotidiana que a introdução e recitação de uma carta no palco não confundiriam a maioria dos membros do público". Ainda, para essa autora, "do mesmo modo que dispositivos teatrais semelhantes, como o *ekkyklema* ou *deus ex machina*, ou adereços [...] cartas eram introduzidas presumivelmente para animar uma cena, para apoiar uma discussão com um auxílio visual, ou para transmitir informação crítica que não poderia, de acordo com as convenções dramáticas, ser revelada de outro modo" ([...] *we may assume that writing and reading had become familiar enough concepts in everyday urban life that the introduction and recitation of a letter on stage would not confuse most members of the audience [...] Like similar theatrical devices, such as the ekkyklema or deus ex machina, or props [...] letters were introduced presumably to liven up a scene, to support an argument with a visual aid, or to impart critical information that could not, according to dramatic conventions, otherwise be reveale*) (TRAPP, 2001, p. 63).

[113] "[...] *epistle functions as an essential element of the plot and is composed, delivered or read onstage [...] the majority of these texts are tricky, used by the characters to disseminate false information so as to execute a deceptive scheme, and are thus appropriated, stolen or forged* ex nihilo" (BARBIERO, 2014, p. 5).

[114] De acordo com Casquero (1983, p. 387-90), as cartas de Cipião e Cornélia se caracterizam pelo caráter simultaneamente autobiográfico e político - mais especificamente propagandístico - enquanto as de Catão, pelo aspecto didático.

visão incomparável sobre a carreira e as atitudes de Cícero, assim como sobre o mundo social e a linguagem informal da elite romana no final da República" (TRAPP, 2003, p. 13).[115]

Embora o autor tenha manisfestado o desejo de editar e publicar suas cartas ainda em vida (*Ad Att.* XVI, 5,5) o processo de compilação e publicação desses textos é póstumo. Acredita-se que as cartas aos familiares, a Bruto e ao irmão Quinto tenham sido publicados após a morte do autor, provavelmente durante governo de Augusto, por Tirão, um liberto de Cícero.[116] Não se sabe exatamente a data da publicação das cartas ao amigo Ático e nem quem as compilou, todavia, o texto já se encontrava em circulação durante o período neroniano (TRAPP, 2003, p. 13; EDWARDS, 2005, p. 271). Tal publicação é comprovada pela obra de Sêneca, que cita as epístolas de Cícero a Ático em algumas de suas próprias cartas (*Cartas a Lucílio*, 21,4; 97, 3-4; 118,1-3). Modernamente, a obra epistolar de Cícero, após permanecer fora de circulação por algum tempo, foi redescoberta por Petrarca em 1345, em Verona. Esses textos tiveram grande importância na obra desse humanista e mesmo para uma visão mais humanizada do próprio Cícero durante o Renascimento (CASQUERO, 1983, p. 391).

A epistolografia ciceroniana se caracteriza por ser o resultado de uma correspondência real, mas publicada posteriormente com valor literário. Em relação à forma, portanto, as cartas desse autor possuem todos os elementos próprios do gênero epistolar. Além das expressões formulares de saudação e despedida, por exemplo, esses textos costumam apresentar a data de envio. As cartas são destinadas a muitos e diferentes personagens contemporâneos ao autor. Igualmente, os assuntos tratados e as extensões dos textos também são variados. A linguagem utilizada é marcada, como é próprio do gênero, por certa familiaridade e coloquialidade, mas que adequada ao assunto e ao destinatário de cada epístola. Como afirma Edwards,

> Os destinatários de Cícero incluem aqueles com quem Cicero se relacionava, evidentemente, em termos próximos, como Curião e Célio, mas também outros, como os poderosos aristocratas Lêntulo Spinther e Ápio Pulcher, que ele conhecia bem menos. Cartas para os da segunda categoria tendem a ser redigidas em um estilo elaborado e formal que difere pouco do de outros tipos de obras de Cícero publicadas. Cartas para amigos íntimos, sobretudo aquelas a Ático, em contrapartida, estão repletas de termos vulgares, neologismos e diminutivos, que têm sido vistos como características distintivas da escrita epistolar informal de Cícero.

---

[115] "*Collectively, these letters give an unparallelled insight into Cicero's career and attitudes, as well as into the social world and informal language of the Roman elite of the late Republic*" (TRAPP, 2003, p. 13).

[116] Sobre o processo de organização dessas coleções, no entanto, alguma "evidência que nos permita avaliar a extensão de qualquer tratamento editorial a que essas cartas foram submetidas é sutil, embora o arranjo do *Ad fam*., em parte pelo correspondente e em parte pelo tipo de carta, sugira um desejo de facilitar vários tipos diferentes de leitura" (*Evidence that would allow us to assess the extent of any editorial processing the letters underwent is thin, though the arrangement of the Ad fam., partly by correspondent and partly by type of letter suggests a desire to facilitate several different kinds of reading*) (TRAPP, 2003, p. 13-14).

> Este último estilo é, com certeza, não menos autoconsciente e cuidadosamente trabalhado (EDWARDS, 2005, p. 272).[117]

As missivas desse autor têm sido lidas tanto como um complemento aos seus discursos (EDWARDS, 2005, p. 272), quanto como uma forma de elaborar uma autorrepresentação política e social (CASQUERO, 1983, p. 391-392; TRAPP, 2003, p. 14).

É da autoria de Sêneca (4 a.C. - 65 d.C.) a segunda coleção de epístolas latinas em prosa publicada, as *Ad Lucilium epistolae morales*.[118] Desse autor, chegou à modernidade um conjunto de cento e vinte e quatro missivas, compostas, provavelmente, entre o período de 63 e 64 d.C., quando Sêneca já havia se retirado da vida pública (TRAPP, 2003, p. 25; EDWARDS, 2005, p. 277). Diferentemente do que ocorre na epistolografia ciceroniana, a obra de Sêneca é toda dirigida a apenas um destinatário, Lucílio, sobre o qual há escassas informações, a maioria delas provenientes das próprias cartas de Sêneca (SEGURADO E CAMPOS, 1991, p. vi-viii). Não apenas por causa da grande incerteza a respeito desse destinatário, mas principalmente pelo modo como Sêneca desenvolve seus temas, enfatizando, em especial, os ensinamentos do estoicismo, a autenticidade das cartas como correspondência privada de fato enviada a um destinatário tem sido largamente debatida (TRAPP, 2003, p. 25; EDWARDS, 2005, p. 277). Segurado e Campos (1991, p. x), por exemplo, afirma que as epístolas desse autor "são uma correspondência real entre dois amigos em que, na quase totalidade dos casos, são desenvolvidos por Sêneca diversos problemas de índole filosófica" (SEGURADO E CAMPOS, 1991, p. x). Para Trapp (2003, p. 26), todavia, "Sêneca pode, de fato, ter trocado cartas sobre filosofia moral com Lucílio, e atuado como seu mentor, mas as

---

[117] "*Cicero's addressees include those with whom Cicero was evidently on close terms, such as Curio and Caelius, but also others, such as the powerful aristocrats Lentulus Spinther and Appius Pulcher, whom he knew much less well. Letters to those in the second category tend to be couched in an elaborate and formal style that differs little from that of Cicero's published works of other kinds. Letters to close friends, above all those to Atticus, are by contrast full of the vulgar terms, neologisms and diminutives that have come to be seen as the distinctive features of Cicero's informal letter-writing. This latter style is of course no less selfconscious and carefully worked*" (EDWARDS, 2005, p. 272).

[118] Nesta dissertação, as considerações sobre a tradição epistolográfica romana se concentram nos textos publicados em formato de coleção e em prosa. No período entre a obra de Cícero e a de Sêneca, porém, há importantes produções de caráter epistolar em verso, as de Horácio e Ovídio. Possivelmente entre 20 e 19 a.C. Horácio publica seu primeiro livro das *Epistolae*, considerada a primeira coleção epistolar a tratar de uma temática filosófica, ainda que em formato poético (EDWARDS, 2005, p. 274). Ovídio (43 a.C. - c. 18 d.C.), por sua vez, lança mão de um formato epistolar como elemento constitutivo principal nas *Heroides* e nas *Epistolae ex Ponto*, e o utiliza, mais esporadicamente, também em alguns textos dos *Tristia*. Sobre as obras desses autores como parte da tradição de coleções epistolares romanas, cf. TRAPP, 2003, p. 23-25 e EDWARDS, 2005, p. 274-77.

Cartas, como nós as temos e lemos, são [...] mais próximas a 'diálogos com um verniz epistolar'" (TRAPP, 2003, p. 26).[119]

Mesmo que não haja uma solução definitiva sobre esse aspecto, há algum consenso em relação ao fato de que, sendo ou não enviadas a um personagem fictício, essas cartas certamente foram escritas tendo em vista a leitura por um público maior que não apenas seu receptor inscrito no texto (TRAPP, 2003, p. 25; EDWARDS, 2005, p. 277). Tal consciência de uma publicação é demostrada por Sêneca em alguns momentos da obra. Na missiva 8, por exemplo, o autor afirma que "Retirei-me não só dos homens, como dos negócios, começando com os meus próprios: estou trabalhando para a posteridade. Vou compondo alguma coisa que lhe possa vir a ser útil; passo ao papel alguns conselhos, salutares como as receitas dos remédios úteis [...]" (*Cartas a Lucílio,* 8, 2).[120] A ideia de que as cartas pretendem uma fama maior junto à posteridade fica mais clara na epístola 20, na qual Sêneca cita as obras epistolares de Epicuro e Cícero.

> Quem conheceria hoje Idomeneu se o filósofo [Epicuro] o não citasse em sua correspondência? [...] São as cartas de Cícero que não deixam esquecer o nome de Ático. [...] O mesmo que Epicuro prometeu ao seu amigo, eu to prometo a ti, Lucílio: a posteridade há-de recordar-se de mim, hei-de fazer com que alguns nomes perdurem por estarem ligados ao meu (*Cartas a Lucílio,* 21,4-5).[121]

Apesar dessa atribuição ao ficcional, associada, em grande parte, aos aspectos temáticos da obra senequiana, formalmente, os textos apresentam uma diversidade de estruturas que os confirmam como textos epistolares. Além das fórmulas de saudação e despedida, presentes em todas as missivas, Sêneca referencia, frequentemente, mecanismos próprios da operação epistolar: a escrita, o envio, o recebimento e a leitura da mensagem (3,1; 15,1; 18,14; 33,1; 38,1; 40,1). A obra epistolar desse autor também se caracteriza pela brevidade dos textos e pela frouxidão própria da epistolografia em relação à variação dos tópicos entre uma carta e outra.[122]

---

[119] "*Seneca may indeed have exchanged letters on moral philosophy with Lucilius, and acted as his mentor, but the* Epistles *as we have them and read them are [...] more like dialogues with an epistolar veneer*" (TRAPP, 2003 p. 26).

[120] "*Secessi non tantum ab hominibus sed a rebus, et in primis a meis rebus: posterorum negotium ago. Illis aliqua quae possint prodesse conscribo; salutares admonitiones, velut medicamentorum utilium compositiones, litteris mando* [...]"(*Cartas a Lucílio,* 8, 2).

[121] "[...] *quis Idomenea nosset nisi Epicurus illum litteris suis incidisset? [...] Nomen Attici perire Ciceronis epistulae non sinunt. [...] Quod Epicurus amico suo potuit promittere, hoc tibi promitto, Lucili: habebo apud posteros gratiam, possum mecum duratura nomina educere*" (*Cartas a Lucílio,* 21,4-5).

[122] Para Trapp (2003, p. 26), que se posiciona a favor da ficcionalidade da obra senequiana, essa aparente naturalidade na mudança dos assuntos é, na verdade, algo planejado pelo autor.

Na obra de Sêneca, é possível notar a recorrência de algumas temáticas principais, geralmente relacionadas aos ensinamentos estoicos dados a Lucílio, como, por exemplo, a brevidade da vida, a *ratio* estoica – dominação das paixões pela razão –, a irrelevância dos bens mundanos, a conveniência do suicídio e a resistência à dor (EDWARDS, 2005, p. 277; SEGURADO E CAMPOS, 1991, p. xxiv-xxvii). Trapp (2003, p. 25) define as cartas de Sêneca como "uma espécie de curso de filosofia estoica", cujos ensinamentos são dados não apenas a partir de uma discussão teórica, mas da exemplaridade que Sêneca fornece por seus próprios atos descritos nas cartas. No decorrer da obra, Lucílio parece responder a esse curso, progredindo, de algum modo, em relação aos conselhos dados por Sêneca (Cf. *Cartas a Lucílio*, 2,1; 4,1; 5,1; 19,1; 20,1; 31,1 e 34,1). Para Trapp (2003, p. 26) os dois grandes modelos de imitação identificáveis na epistolografia senequiana são Cícero e Epicuro. De fato, ambos são citados diretamente nas missivas. Epicuro de modo geral, é indicado para exemplificar ou ratificar algo que Sêneca diz a Lucílio (Cf. 7,11; 9, 1 e 8; 21, 3-4; 22,5; 79,15 e 92, 25). Cícero, por outro lado, é, ao mesmo tempo, reconhecido e refutado (21, 3-4 e 118, 1-3).

1.4 A cartas de Plínio, o Jovem e a tradição romana

A obra epistolar de Plínio, o Jovem, como mencionado anteriormente, compreende um conjunto de trezentas e cinquenta e sete cartas escritas em prosa e divididas em dez livros. Os nove primeiros, organizados e publicados pelo próprio autor, contêm, no total, duzentas e quarenta e sete epístolas, todas enviadas por Plínio aos seus amigos e familiares. O décimo livro, constituído apenas pela troca de correspondência entre Plínio e Trajano, é composto por cento e vinte e três cartas, das quais setenta e duas são para o imperador e cinquenta e uma são respostas dele para Plínio. Trata-se, no entanto, de uma publicação posterior à morte de ambos.

Embora Plínio, diferentemente do que ocorre na obra de Cícero, não inclua a data de envio em suas epístolas, sabe-se, por meio da interpretação das informações contidas nas próprias obras do autor e nas de seus contemporâneos, como Tácito, por exemplo, que o texto das missivas cobre um período de pouco mais de dez anos da vida de Plínio e que seu processo de elaboração coincide com a ascensão da disnastia antonina ao poder imperial. Em relação à composição dos nove primeiros livros da obra, Sherwin-White (1998) estabelece a

seguinte cronologia[123]: os livros I e II foram compostos entre o final de 96 e setembro do ano 100; o livro III, entre setembro do ano 100 e o ano 103, exceto pelas epístolas 4 (99 d.C.) e 9 (metade do ano 100). O quarto livro, foi composto entre 104 e 105. Já o V, entre 105 e 106, exceto pela *Ep*. 20, provavelmente datada do início de 107. O livro VII, por sua vez, data do ano 107, e o VIII, do período entre 107 e 108. Por fim, o livro IX teria sido composto entre 106 e 108, com exceção das cartas 4 (100-1), 8 (104-5) e 26 (96-98) (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 41). Em relação ao décimo livro da obra, com exceção das missivas X,1 a X,14, que seriam de um momento anterior à ida de Plínio para Bitínia, as demais compreendem o período em que o autor desempenhou suas funções como governador dessa província (112-113 d.C.).

Conquanto se possa falar mais seguramente sobre o processo de composição das cartas, a publicação é um fato mais complexo de ser determinado. Sherwin-White (1998, p. 55-56), após discutir a visão de alguns autores sobre o assunto, considera que o primeiro grupo (livros I-III) foi publicado antes de Plínio tornar-se curador do Tibre (entre 103-104) e os livros seguintes foram sendo publicados após 106, com uma diferença de um ou dois anos em relação à composição das cartas. O último livro (IX) teria sido publicado entre 109 e 110 ou um pouco depois, mas certamente antes de Plínio transferir-se para a Bitínia. Sobre o livro X, Radice (1969), afirma que

> A correspondência com Trajano, publicada postumamente (por Suetônio talvez, ou por outro amigo literato de Plínio depois da morte de Trajano) presumivelmente não foi revisada e fornece informações a respeito do funcionamento da burocracia romana que não existem em nenhum outro lugar (RADICE, 1969, p. xvi).[124]

Os processos de composição e publicação desses textos demonstram que, embora modernamente os dez livros circulem como uma coleção única, há uma série de diferenças estruturais e de conteúdo que separam os textos que compõem o conjunto I a IX das missivas do livro X (Cf. ANTÓN, 1996, p. 134-5; MARCHESI, 2008, p. 18, nota 20). Em virtude da do aspecto literário da obra pliniana, levado em consideração neste trabalho, as análises aqui desenvolvidas se concentram apenas na primeira parte do conjunto (I-IX).

---

[123] Mommsen (1873) e Syme (1958) também propõem cronologias para a obra pliniana. As datações estabelecidas por esses autores diferem, em alguns casos, da fornecida por Sherwin-White (1998). Nesta dissertação, no entanto adotamos a cronologia deste último em virtude do trabalho minucioso de reavaliação dos autores anteriores em conjunto com a interpretação das próprias cartas de Plínio – fonte principal para o estabelecimento de qualquer datação.

[124] "*the correspondence with Trajan, posthumously published (by Suetonius perhaps, or another of Pliny's literary friends after Trajan's death), is presumably unrevised and provides essential information which exists nowhere else for the workings of Roman bureaucracy*" (RADICE, 1969, p. xvi).

A crítica moderna considera que a obra epistolar pliniana é marcada pela originalidade em relação às cartas de Cícero e Sêneca, seus predecessores na epistolografia romana em prosa. Essa visão é bem resumida por Ebbeler ao afirmar que

> Enquanto Sêneca escreveu cartas eruditas para a posteridade, longe da confusão e agitação do fórum, as cartas de Cícero são, em contrapartida, cotidianas e efêmeras. As cartas de Plínio diferem tanto das de Cícero quando das de Sêneca: elas evitam o abertamente político, mas são ainda sobre a vida cotidiana. Plínio empurra Cícero e Sêneca para fora do caminho para criar uma situação [apropriada] para a originalidade de sua contribuição (EBBELER, 2001, p. 77).[125]

Sêneca, pelo caráter filosófico ensaístico e possivelmente não autêntico de suas cartas, é, de modo geral, desconsiderado como modelo para a epistolografia pliniana (EDWARDS, 2005, p. 279). De fato, tendo em vista uma intertextualidade mais direta, há apenas uma menção na obra que pode ser entendida como um reconhecimento de Plínio acerca da obra senequiana. Na *Ep*. IX, 2, Plínio afirma que seu destinatário, Sabino, o associa ao estilo epistolar ciceroniano e que solicita que escreva epístolas mais frequentes e abundantes. O missivista, porém, recusa essa possibilidade e declara que suas missivas se aproximam muito mais de exercícios escolares ([...] *scholasticas tibi atque, ut ita dicam, umbraticas litteras mittere*) (*Ep.* X,2,3). Para Ebbeler, nessa missiva,

> Plínio não se refere a Sêneca pelo nome, mas podemos assumir que ele está aludindo ao caráter decididamente não político e filosófico das *Epistulae Morales*. Ao descrever as *litterae* de Sêneca como *scholasticae* e *umbraticae*, Plínio reforça a distinção desenhada por Sêneca entre suas próprias cartas inspiradas pelo *otium* e as cartas de Cícero que documentam as convulsões políticas no fim da República (EBBELER, 2001, p. 77).[126]

Gibson e Morello (2012, p. 169-199) e Marchesi (2008, p. 15) confirmam que a concepção pliniana do *otium* – que é um elemento de algum modo evocado nessa missiva – é um dos pontos de contato entre a epistolografia pliniana e Sêneca. De acordo com Gibson e Morello (2012, p. 169-199), para ambos, Plínio e Sêneca, o período ocioso deve ser

---

[125] "*Whereas Seneca wrote learned letters for the ages, far from the hustle and bustle of the forum, Cicero's letters are by contrast quotidian and ephemeral. Pliny's letters differ from both Cicero's and Seneca's: they avoid the overtly political, but are still about daily life. Pliny elbows Cicero and Seneca out of the way to make a case for the originality of his contribution*" (EBBELER, 2001, p. 77). Tal argumento é confirmado também por Casquero (1983, p. 400), Arcos Pereira (2008, p. 351), Marchesi (2008, p. 7) e Gibson e Morello (2012, p. 78).

[126] "*Pliny does not refer to Seneca by name, but we may assume that he is alluding to the decidedly non-political and philosophical character of the Epistulae Morales. In describing the Senecan litterae as scholasticae and umbraticae, Pliny reinstantiates the distinction Seneca drew between his own, otium-inspired letters and Cicero's letters documenting the political upheavals at the end of the Republic*" (EBBELER, 2001, p. 77). Sherwin-White (1998, p. 3) também menciona, brevemente, esse trecho da carta de Plínio como se referindo a Sêneca.

aproveitado, majoritariamente, com atividades intelectuais. As epístolas IX, 36 e IX, 40, por exemplo, que descrevem em detalhe a rotina de Plínio quando em um período de recesso, encontram uma contraparte na missiva 83, de Sêneca.

Em relação a Cícero, o estabelecimento de um diálogo se mostra quase imperativo, uma vez que "nos dias de Plínio, Cícero havia se tornado o grande arquétipo latino, tanto na prosa epistolar quanto na oratória" (GIBSON; MORELLO, 2012, p. 77).[127] Todavia, a busca por referências mais óbvias da obra epistolar ciceroniana nas cartas de Plínio pode revelar-se frustrante, uma vez que este último, embora frequentemente filie-se à oratória e mesmo à produção poética de Cícero, raramente e de maneira muito sutil alude às cartas de seu antecessor (EBBELER, 2001, p. 75; GIBSON; MORELLO, 2012, p. 77).[128] O único momento em que Plínio cita mais claramente a possibilidade de aproximação com a epistolografia ciceroniana, por exemplo, é por meio da recusa, na carta IX, 2.[129]

De modo geral, no entanto, o próprio investimento genérico de Plínio, ao optar por compilar, revisar e publicar suas cartas cotidianas em formato de coleção, algo que havia sido realizado, ainda que não pelo próprio autor dos textos, com as epístolas de Cícero, faz com que a comparação entre seus textos e a obra ciceroniana seja inevitável. Para Marchesi (2008),

> Como um todo, o *corpus* epistolográfico de Cícero constitui um poderoso e inevitável ponto de comparação para a obra de Plínio, mesmo do ponto de vista da sua recepção. Leitores de Plínio associariam mais facilmente seu esforço literário ao exemplo dado por Cícero do que à experiência mais recente com as convenções epistolares tentada por Sêneca. Ao contrário da de Sêneca, a *persona* epistolar de Plínio reflete, principalmente, o seu papel público como homem de política e de letras, e sua filosofia moral é, no máximo, ocasional (MARCHESI, 2008, p. 209).[130]

Embora essa comparação com a *persona* epistolar da obra ciceroniana seja comum e mesmo vantajosa para a epistolografia de Plínio (RIGGSBY, 1995, 131-2), há uma série de

---

[127] "*by Pliny's day, Cicero had become the great Latin archetype, in epistolary as in oratorical prose*". Cf. também MARCHESI, 2008, p. 209.

[128] A filiação à oratória ciceroniana é feita por Plínio, por exemplo, nas missivas I,2,4; I,5,12 e IX,26; referências à produção poética desse autor como maneira de legitimar a sua própria, por sua vez, são feitas em VII,4,3-7 e V,3,5; ainda, em IV,8,5, Plínio elabora uma comparação entre a sua carreira pública e a de Cícero. Modernamente, cf. GIBSON;MORELLO, 2012, p. 74 e PEREIRA, 2006.

[129] Embora não sejam explícitas, é possível encontrar outras referências e alusões à epistolografia de Cícero na obra pliniana. Para uma análise de tais possíveis diálogos, cf. MARCHESI, p. 207-244 e GIBSON;MORELLO, 2012, p. 74-103.

[130] "*As a whole, Cicero's epistolographic corpus constituted a powerful and unavoidable point of comparison for Pliny's work even from the point of view of its reception. Pliny's readers would more easily associate his literary endeavor with the example set by Cicero than with the more recent experiment with epistolary conventions attempted by Seneca. Unlike Seneca's, Pliny's epistolary persona primarily reflects his public role as man of politics and letters, and his moral philosophy is at best occasional"* (MARCHESI, 2008, p. 209).

fatores que diferenciam a produção pliniana da tradição que o precede e atestam certa originalidade na obra.

O primeiro desses elementos distintivos é o fato de que a coleção foi organizada e editada pelo próprio autor. Uma das consequências desse ato é a percepção de que a obra se organiza a partir de critérios literários. Um dos princípios de composição atribuídos a Plínio no que se refere à reunião de suas cartas é a *variatio*, recurso poético de origem helenística (AUBRION, 1989, p. 358; GUILLEMIN, 1929, p. 88). Pensada pelo autor, essa organização teria como objetivo uma variação temática e de correspondentes que atribuiria maior vivacidade ao texto como um todo. Recentemente, Gibson e Morello (2012, p. 36-73 e 235-263) enfatizam uma diversidade de simetrias encontradas no interior de alguns livros e uma simetria mais ampla marcada entre o primeiro e o último livro da obra. Análises que defendem uma total consciência de Plínio sobre a organização de seus textos atribuem, inclusive, um significado poético aos nomes dos destinatários da primeira e da última carta da coleção: *Septicius Clarus* (I,1) e *Fuscus Salinator* (IX,40). Esses nomes, estabelecendo um jogo de luz (*Clarus*) e sombra (*Fuscus*), indicariam uma ideia de progressão da obra, que contempla abertura e fechamento (GIBSON;MORELLO, 2012, p. 238; MARCHESI, 2008, p. 239). Uma segunda consequência da publicação autoral de Plínio se relaciona mais diretamente com o diálogo que ela acaba por estabelecer com o texto de Cícero. Se considerarmos que um dos efeitos desses conjuntos epistolares é fornecer a imortalidade aos nomes e feitos não só de seus autores, mas também de seus correspondentes e mesmo dos que são citados neles, assim como desenvolver um autorretrato – em geral, positivo – da vida social e política de seus autores, Plínio gerencia essas possibilidades de maneira ativa, enquanto Cícero o faz passivamente, por não ter sido o organizador de sua própria correspondência. Nessse aspecto, portanto, é possível considerar que Plínio supera seu modelo anterior (MARCHESI, 2008, p. 213).

Outra diferença da obra epistolar pliniana em relação à epistolografia em prosa que o precede é a utilização de cartas monotemáticas (CASTILLO, 1974, p. 433; MARCHESI, 2008, p. 171; GIBSON; MORELLO, 2012, p. 78). Em contraposição ao que ocorre nas epístolas de Cícero, por exemplo, nas quais muitos temas distintos costumam ser tratados no interior de uma única carta (GIBSON; MORELLO, 2012, p. 78), as missivas de Plínio, de modo geral, ocupam-se de apenas um assunto principal cada uma. Essa utilização de missivas monotemáticas é o que permite que, muitas vezes, o autor elabore miniaturas de outros

gêneros no interior de sua obra epistolar. Esse é o caso, por exemplo, das narrativas históricas sobre a erupção do Vesúvio (VI, 16 e VI, 20).[131]

Por fim, outro elemento de diferenciação nas cartas plinianas é um ocultamento, na maior parte das vezes, de indicadores de tempo e lugar. De acordo com Gibson e Morello,

> Plínio também tende [...] a retirar detalhes como datas, horários, lugares ou especificidades da situação – tanto a sua própria quanto a de seu destinatário – deixando o leitor em dúvida, por exemplo, sobre onde (ou mesmo se) um destinatário militar está servindo em campanha, ou sobre qual dos seus próprios discursos ele está atualmente polindo para publicação. Isso promove certa atemporalidade que torna a correspondência mais fácil de ler para o leitor comum (mesmo que acabe por criar outros desafios e frustrações [...]), bem como mais fácil de imitar (GIBSON;MORELLO, 2012, p. 78-9).[132]

Esse ocultamento reforça o aspecto literário da obra, ao diminuir a importância de elementos que marcam sua origem prática e exclusivamente comunicacional.

O diálogo da prosa epistolar pliniana com a tradição literária latina não se restringe, certamente, apenas aos modelos epistolográficos em prosa que o precedem. A obra desse autor, de acordo com Marchesi (2008, p. 7-9), se relaciona mais diretamente com pelo menos quatro tradições genéricas: a epistolografia, a oratória, a historiografia e a poesia.[133] Nossa breve leitura sobre as relações que o autor estabelece com a epistolografia de Cícero e Sêneca, porém, permite perceber que a obra epistolar pliniana executa um posicionamento bastante ativo em relação à tradição epistolográfica romana, o que também contribui para uma leitura literária dessa obra. Posteriormente, Plínio é tomado como modelo de imitação para as obras de Aurélio Símaco, no final do século IV d.C., cuja produção epistolar se organiza também em dez livros, os nove primeiros aos familiares e o último contendo cartas oficiais, e Sidônio Apolinário (V d.C.), que, de acordo com Fernández (2005, p. 46) cita Plínio mais diretamente em sua coleção também formada por nove livros.

Conquanto modernamente seja vista como um gênero de caráter comunicacional, particular e reservado ao ambiente privado, a troca de missivas, como demonstra a abundante e variada prática epistolar greco-romana, não era compreendida dessa forma na Antiguidade.

---

[131] Essa sequência de textos é considerada por Guillemin (1929, p. 130), por exemplo, como um epílio em prosa. Sobre esses textos como imitação de um modelo historiográfico, cf. MARCHESI, 2008, p. 171-189.

[132] "*Pliny also tends [...] to strip out details such as dates, times, places or specifics of situation – both his own and that of his addressee – leaving the reader in doubt, for example, about where (or even whether) a military addressee is serving on campaign, or about which of his own speeches he is currently polishing for publication. This fosters a certain timelessness which makes the correspondence easier to read for the general reader (even if this ultimately creates other challenges and frustations, such as those mentioned earlier), as well as easier to imitate*" (GIBSON;MORELLO, 2012, p. 78-9).

[133] Sobre esses diferentes diáolgos com a tradição literária romana, cf. GUILLEMIN, 1929; HERSHKOWITZ, 1995; ASH, 2003 e MARCHESI, 2008.

Real ou fictícia, a correspondência foi, nesse contexto, não só um meio de informar ou estabelecer o contato entre indivíduos, mas também um modo de produzir textos literários. Tal produção foi acompanhada por uma discussão teórica sobre o gênero, que forneceu não apenas as características formais dessa modalidade da escrita, mas também as preceptivas a respeito de seu estilo e conteúdo. Em contexto romano, essa prática literária da epistolografia tornou-se recorrente no formato de coleções que reúnem cartas originalmente privadas em uma publicação de caráter público. Esse é o caso da obra epistolar de Plínio, o Jovem. Embora suas missivas tenham sido de fato enviadas a amigos, o autor encarou seus próprios textos vendo-os não apenas como um meio de comunicar-se com seus contemporâneos, mas como uma produção literária, como é perceptível pelo modo como o autor organizou seu texto e pelo diálogo que manteve com a literatura que o precede, por exemplo. É nesse contexto de uma produção que tem como ambiente a esfera pessoal das relações, mas que possui caráter literário e público que o autor elabora elogios a alguns de seus contemporâneos. Tais louvores, por sua vez, se organizam de acordo com uma série de elementos próprios do gênero epidítico retórico, que parecem reforçar, de algum modo, o aspecto público desses textos. A inserção de Plínio numa tradição epidítica greco-romana é o tema discutido no segundo capítulo deste trabalho.

2 O EPIDÍTICO: DEMONSTRAÇÃO, PERSUASÃO E CONSELHO

O termo epidítico (*epideiktikós*) é originário da palavra grega *epídeixis*, utilizada para designar, de modo abrangente, uma "exibição", "palestra pública" ou "demonstração oratória" (PERNOT, 2005, p. 175). A partir das delimitações de Aristotéles, no entanto, que define sob esse vocábulo um dos três tipos de discurso tratados pela retórica, ele passou a significar, tradicionalmente, discurso de louvor. Como destaca Russell (1998, p. 21), o equivalente latino dessa palavra grega, em acepção aristotélica, é *genus demonstrativum.* A essa equivalência, o autor acrescenta que

> De acordo com a sua associação do gênero com a descrição do presente, ele [Aristóteles] parece ter pensado no sentido de que esse tipo de oratória 'exibe' ou 'demonstra' como as coisas são. Porém, mais habitualmente, a 'exibição' ou a 'demonstração' é pensada como a do orador colocando sua habilidade em cena. Neste sentido, o termo abrange todo tipo de discurso que não tem nenhuma finalidade prática, em outras palavras, sempre que a audiência é composta de espectadores que apreciam e não que tomam decisões (RUSSEL, 1998, p. 21).[134]

Esse tipo de discurso é associado, portanto, desde muito cedo, a uma fala ornamental e supérflua. Todavia, o epidítico, tanto em relação à terminologia quanto em relação à sua função e prática na Antiguidade, não está restrito ao supérfluo ou vazio.

Quando circunscrito pela definição de gênero oratório, o epidítico é, juntamente com o deliberativo e o judiciário, uma das três formas de discurso que podem ser produzidas por um orador.[135] Tal modalidade discursiva possui ainda uma subdivisão, que se dá entre louvor (*epainós*, em grego; *laus*, em latim) e vitupério (*psógos*, em grego*; vituperatio*, em latim). Neste capítulo, as reflexões são desenvolvidas principalmente a respeito dos discursos de louvor, uma vez que a prática do vitupério não é tão recorrente na obra epistolar pliniana[136] e, como mostra Pernot (2005, p. 181), o vitupério, por não possuir uma utilização oficial, não alcançou a mesma condição de discurso retórico público atingida pelo elogio.[137]

---

[134] "*In accordance with his association of the genre with the description of the present, he [Aristotle] seems to have thought of it as meaning that this sort of oratory 'displays' or 'demonstrates' how things are. But more usually, the 'display' or 'demonstration' is thought of as that of the orator, putting his skill on show. In this sense, the term covers every kind of speech that has no practical purpose, in other words whenever the audience is made up of appreciative spectators who are not decision-makers*" (RUSSEL, 1998, p. 21).

[135] Para uma discussão mais ampla acerca da tripartição da retórica na Antiguidade e o lugar ocupado pelo epidítico nessa divisão, cf. PERNOT, 1993, p. 25-42.

[136] Plínio faz uso desse gênero especialmente para confrontar a figura de Régulo. Cf. I, 5; I, 20; IV, 2; IV, 7 e VI, 2.

[137] De acordo com Pernot, "(...) a invectiva nunca teve a mesma importância que o elogio. Teoricamente, a censura é o inverso de louvor. Pode-se censurar pessoas e cidades (os deuses não eram incluídos) empregando os mesmos *tópoi* e revertendo-os. Isso acontecia na escola como parte dos exercícios preparatórios [...]. Mas na sociedade da Era Imperial, as invectivas não tinham uso oficial, e, por isso, mantiveram-se restritas aos ataques

2.1 O discurso sobre o gênero

Embora o exercício da eloquência remonte a tempos anteriores[138], a reflexão sobre a prática do discurso de louvor ou vitupério e a teorização sobre o gênero epidítico surge a partir do século IV a.C, na Grécia (RUSSELL; WILSON, 1981, p. xix), e vai se desenvolvendo de diferentes maneiras nos séculos seguintes, tanto em contexto grego, quanto em contexto romano. Tal teorização se manifesta, a princípio, como parte de textos cujo objetivo era um tratamento mais amplo da retórica, como é o caso da *Retórica* de Aristóteles (séc. IV a.C.), em contexto helênico, e mesmo das produções latinas posteriores sobre o tema, como a *Retórica a Herênio* (séc. I a.C.), diversos textos de Cícero (séc. I a.C.) e a *Institutio Oratoria* (por volta de 95 d.C.), de Quintiliano. Há também, no entanto, desenvolvimentos que poderíamos nomear de mais específicos e mesmo práticos sobre esse assunto, como é o caso de alguns *progymnásmata*[139] e dos dois tratados relativamente tardios de Menandro, o retor, sobre o gênero epidítico (séc. III d.C.).[140]

---

encontrados em discursos judiciais, admoestações dos filósofos, diatribes [...]. Elas forneceram um terreno fértil para a literatura sem nunca se tornar um gênero retórico das instituições públicas" ([...] *invective never had the same importance as the encomium. Theoretically, blame is the inverse of praise. One can blame people and cities (the gods were not included) by taking the same topoi and reversing them. This happened in school as part of the preparatory exercises* [...]. *But in the society of the Imperial Age, invective had no official use, and so it remained restricted to the attacks found in judicial speeches, philosophers' admonitions, diatribes* [...]. *It provided fertile ground for literature without ever becoming a rhetorical genre of public institutions*) (PERNOT, 2005, p. 181).

[138] Há, por exemplo, autores que identificam já na obra homérica e na literatura arcaica grega, de um modo geral, a evidência da prática de uma eloquência que pode ser considerada parte de uma "pré-retórica" (EIRE, 1987, p. 16-17; ALEXANDRE JUNIOR, 2005, p. 17-18; PERNOT, 2005, p. 1-10). Também no período clássico da literatura grega podem ser encontrados exemplos dessa prática oratória, como é o caso dos famosos discursos de Péricles citados na obra historiográfica de Tucídides (*História da Guerra do Peloponeso*, I,14-145; II,35-46; II,60-64) e, é claro, dos próprios discursos políticos e forenses gregos que chegaram até nós. No que diz respeito à prática epidítica, mais especificamente, não ocorre de maneira muito diferente, como veremos no tópico destinado ao mapeamento da prática laudatória em prosa na Antiguidade.

[139] Os *progymnásmata* eram exercícios preliminares de composição utilizados para preparar os estudantes que estavam ingressando no aprendizado da retórica (KENNEDY, 2003, p. x; WEBB, 2001, p. 289). Segundo Kennedy (2003, p. x) esses exercícios eram recomendados pelos gramáticos gregos depois que os alunos já haviam aprendido a ler e escrever. Sua finalidade era prepará-los para a declamação. Essas atividades continuavam, em forma escrita, ainda nas escolas de retórica, mesmo quando a prática declamatória já havia começado. Ainda de acordo com esse autor, os gramáticos romanos utilizavam exercícios similares aos gregos em latim também com o intuito de preparar os alunos para a declamação (KENNEDY, 2003, p. x). Sobre esse tema, Russel e Wilson (1981, p. xxv-xxviii) comentam e analisam brevemente alguns exemplos de *progymnásmata* - datados do séc. I d.C. ao séc. V - que trataram do gênero epidítico. Um autor desse tipo de exercício retórico importante para o período aqui pesquisado é Elio Teão, contemporâneo de Quintiliano.

[140] RUSSEL; WILSON, 1981, p. xl. A questão sobre a autoria e a datação desses tratados atribuídos a Menandro, o retor, é bastante complexa e ultrapassa os limites e os objetivos deste trabalho. Em sua edição, tradução e comentário aos tratados, Donald Andrew Russel e Nigel Guy Wilson fornecem uma visão geral da discussão sobre essa obra. Seguiremos, portanto, o texto e a tradução estabelecidos por esses autores.

A *Retórica* de Aristóteles é certamente um marco para toda a teorização posterior sobre a oratória.[141] Incluído num contexto de conflito entre retórica e filosofia, Aristóteles colabora para uma visão menos negativa da prática do discurso persuasivo e estabelece a posição da retórica enquanto *téchne*. Como mostra Alexandre Júnior,

> A grande inovação de Aristóteles foi o lugar dado ao argumento lógico como elemento central da arte de persuasão. A sua *Retórica* é sobretudo uma retórica da prova, do raciocínio, do silogismo retórico; isto é, uma teoria da argumentação persuasiva. E uma das suas maiores qualidades reside no fato de ela ser uma técnica aplicável a qualquer assunto. Pois proporciona simultaneamente um método de trabalho e um sistema crítico de análise, utilizáveis não só na construção de um discurso, mas também na interpretação de qualquer forma de discursos (ALEXANDRE JÚNIOR, 2005, p. 34).

Concebida desta maneira, a retórica aristotélica se distanciaria de retóricas anteriores e talvez principalmente da visão platônica sobre o tema.[142] Conforme Barthes (1975, p. 155), a retórica silogística de Aristóteles se afasta de uma retórica divisional – separada entre boa ou má – de Platão.

No que se refere ao tratamento mais específico dos discursos de louvor e vitupério, destacam-se alguns princípios estabelecidos por Aristóteles. No primeiro livro de sua obra, divide-se a exposição oratória em três gêneros a partir dos tipos de orador, assunto e ouvinte possíveis. Tais gêneros são: o deliberativo, o judicial e o epidítico (Aristóteles, *Retórica*, 1358b).[143] As primeiras definições de Aristóteles sobre o discurso epidítico estabelecem que: a) trata-se de elogio ou de censura; b) possui como tempo principal o presente, embora possa evocar o passado e conjecturar sobre o futuro; e c) o fim desse tipo de discurso é o belo e o

---

[141] [...] todos os elementos didáticos que alimentam os manuais clássicos vêm de Aristóteles [...]. (BARTHES, 1975, p. 155).

[142] Há, em contexto helênico, uma produção bastante mais ampla de reflexões sobre a retórica, muitas delas inclusive anteriores a Aristóteles. Esse é o caso, por exemplo, das discussões sobre a matéria já existentes nos diálogos platônicos *Fedro, O Banquete* e *Górgias*. Ainda que não muito anteriores a Aristóteles, esses diálogos discutem concepções retóricas diferentes e mesmo mais antigas, uma vez que a produção oratória de Górgias, por exemplo, e, portanto, suas concepções retóricas que são de algum modo reportadas no texto platônico, estão localizadas principalmente no século V a.C. Antes ainda de Platão, as primeiras iniciativas de sistematização e ensino de retórica são atribuídas aos sicilianos Córax e Tísias (ALEXANDRE JÚNIOR, 2005, p. 19-20. KENNEDY, 1994, p. 30-31). Para uma descrição mais ampla das reflexões desenvolvidas sobre a retórica, cf. KENNEDY, 1994; HEATH, 2009; ALEXANDRE JÚNIOR, 2005. Neste trabalho, optou-se, em virtude da importância e influência que o autor possui também nas produções latinas sobre o tema, por examinar, dentre as obras mais antigas, apenas o trabalho de Aristóteles. Da tradição grega, o outro texto comentado neste trabalho serão os tratados de Menandro (séc. III d.C.).

[143] Para cada tipo de discurso, o autor fornece as seguintes definições "Numa deliberação temos tanto o conselho como a dissuasão [...] Num processo judicial temos tanto a acusação quanto a defesa [...] no gênero epidítico temos tanto o elogio como a censura. Os tempos de cada um destes são: para o que delibera, o futuro, pois aconselha sobre eventos futuros, [...] para o que julga, o passado, pois é sobre atos acontecidos que um acusa e outro defende; para o gênero epidítico o tempo principal é o presente, visto que todos louvam ou censuram eventos atuais, embora também muitas vezes argumentem evocando o passado e conjecturando sobre o futuro." (Aristóteles. *Retórica*, 1358b).

feio. Após essas definições iniciais, Aristóteles retoma a retórica epidítica apenas depois de dissertar longamente sobre os discursos de tipo deliberativo, que parece ser, inclusive, o tipo de eloquência mais caro ao autor, se considerarmos o espaço que ele dedica a tratar desse assunto em seu trabalho e a própria finalidade e aplicação da deliberação: trata das coisas boas ou más e se aplica nas discussões políticas.

Em sua explicação mais ampliada sobre o tema (*Retórica.* 1366a-1368a), Aristóteles define melhor o objetivo, o objeto e os meios de persuasão próprios do louvor ou da censura. Para o autor, o objetivo é tratar das virtudes e dos vícios, ou, em outras palavras, do belo e do feio. O objeto desse tipo de discurso pode ser os homens, os deuses, os seres inanimados ou os animais. Durante toda a teorização sobre os recursos usados no discurso epidítico, fala-se somente do louvor, pois, no que se refere à censura, o autor diz, apenas no final de suas considerações sobre o gênero, que "[...] adquiridas estas noções, são evidentes os seus contrários; porquanto a censura deriva dos contrários" (*Retórica.* 1368a). Além disso, a discussão sobre o elogio incide somente sobre os homens, pois os louvores direcionados aos deuses ou outros seres não são mencionados. Por fim, os meios de persuasão utilizados nesse discurso, segundo Aristóteles, são as virtudes. Tais virtudes são consideradas, de modo geral, como aquilo que é útil ao bem comum.[144] Nesse contexto, o autor pondera sobre as principais virtudes: justiça, coragem, temperança, magnificência, magnanimidade, liberalidade, mansidão, prudência e sabedoria.[145] Suas reflexões passam pela definição sucinta de algumas delas e pela menção a seus opostos. Os atos a serem louvados, portanto, de acordo com o texto de Aristóteles, são aqueles dirigidos por essas virtudes. Além das virtudes, o autor defende que o principal recurso argumentativo do epidítico é a amplificação.[146] Na definição dada pelo autor, a amplificação é a capacidade de, pelo discurso, aumentar a importância dos

---

[144] "[...] Se isto é belo, então a virtude é necessariamente bela; pois, sendo boa, é digna de louvor. A virtude é, como parece, o poder de produzir e conservar os bens, a faculdade de prestar muitos e relevantes serviços de toda a sorte e em todos os casos. [...] As maiores virtudes são necessariamente as que são mais úteis aos outros, posto que a virtude é a faculdade de fazer o bem" (*Retórica,* 1366a-1366b).

[145] Embora ele não estabeleça exatamente uma ordem de preferência para todas, Aristóteles afirma a existência de pelo menos três principais: a justiça, a coragem e a liberalidade. "Por esta razão, se honram sobretudo os justos e os corajosos, pois a virtude destes é útil aos demais na guerra, e a daqueles na paz. Segue-se a liberalidade; pois os liberais são generosos e não disputam sobre as riquezas, que é o que mais cobiçam os outros [...]"(*Retórica,* 1366b).

[146] Para Aristóteles, a amplificação é adequada ao epidítico assim como os exemplos são ao deliberativo e os entimemas ao judicial. "A amplificação enquadra-se logicamente nas formas de elogio, pois consiste em superioridade, e a superioridade é uma das coisas belas. Pelo que, se não é possível comparar alguém com pessoas de renome, é pelo menos necessário compará-lo com outras pessoas, visto que a superioridade parece revelar a virtude. Entre as espécies comuns a todos os discursos, a amplificação é, em geral, a mais apropriada aos epidíticos; pois estes tomam em consideração as ações por todos aceites, de sorte que apenas resta revestí-las de grandeza e de beleza. Os exemplos, por seu turno, são mais apropriados aos discursos deliberativos; pois é com base no passado que adivinhamos e julgamos o futuro. E os entimemas convêm mais aos discursos judiciais; pois o que se passou, por ser obscuro, requer sobretudo causa e demonstração" (*Retórica,* 1368a).

feitos do elogiado, tornando-os mais relevantes e mais belos (1368a). Tal recurso pode ser utilizado, na concepção aristotélica, juntamente com a comparação entre o elogiado e outra pessoa de renome.

Uma passagem relevante na *Retórica* é a distinção que este autor faz entre elogio e encômio.

> O elogio é um discurso que manifesta a grandeza de uma virtude. É, por conseguinte, necessário mostrar que as ações são virtuosas. Mas o encômio refere-se às obras (e as circunstâncias que as rodeiam concorrem para as provas, como, por exemplo, a nobreza e a educação; pois é provável que de bons pais nasçam bons filhos, e que o caráter corresponda a educação recebida). É por isso fazemos encômio de quem realizou algo. As obras são sinais de caráter habitual de uma pessoa; pois elogiaríamos até quem nenhuma fez, se estivéssemos convencidos de que era capaz de fazer. A benção e a felicitação são idênticas uma à outra, não são, porém, o mesmo que o elogio e o encômio. Mas, como a felicidade engloba também a virtude, também a felicitação engloba estes (*Retórica*, I, 1367b).[147]

Primeiramente, destaca-se nessa passagem o fato de que a diferença entre elogio e encômio não é comum nas retóricas latinas, como veremos ao falar de Cícero e Quintiliano, por exemplo. Por outro lado, é relevante a definição aristotélica do elogio como aquele que é feito pela virtude mais que pelas ações, com a qual Cícero (*De or.* II, 342) vai dialogar. É também nesse trecho que Aristóteles define, ainda que muito sucintamente, algumas das categorias utilizadas para louvar alguém: a nobreza, que compreende a origem e, em especial, a família; e a educação. Tais categorias serão expandidas em diversos tratados posteriores.

Outra definição aristotélica que se destaca pela singularidade é a associação entre o elogio e o conselho.

> O elogio e os conselhos pertencem a uma espécie comum; pois o que se pode sugerir no conselho torna-se encômio quando se muda de forma de expressão. Quando, portanto, sabemos o que devemos fazer e como devemos ser, basta que, para estabelecer isso como conselho, se mude a forma de expressão e se dê a volta na frase; dizendo, por exemplo, que importa não nos orgulharmos do que devemos à fortuna, mas só do que devemos a nós mesmos. Dito assim, tem a força de um conselho; mas, expresso como elogio, será: ele não se sente orgulhoso do que deve à fortuna, mas apenas do que deve a si próprio. De sorte que, quando quiseres elogiar, olha para o conselho que se poderá dar; e quando quiseres dar um conselho, olha o que se pode elogiar [...]" (*Retórica*, 1368a).

Tal afirmação se distingue na tradição retórica pelo fato de os textos de elogio ou vitupério se tornarem, com o passar do tempo, um repositório de personagens viciosos ou virtuosos tomados como exemplo para certas ações. Essa percepção do louvor ou censura

---

[147] Essa diferenciação entre elogio e encômio também é discutida na *Ética a Nicômaco*, I, 1101b.

como forma de exemplificar e educar fica evidente na concepção desse gênero como conselho.

O período entre a reflexão aristotélica sobre a retórica e a publicação de um tratado latino sobre o assunto é bastante significativo, não só pelo espaço temporal existente, mas também pela transformação cultural identificada no período, conhecido como Alexandrino.[148]

> Nos dois séculos entre a morte de Aristóteles (332 a.C.) e o aparecimento do primeiro grande tratado romano por volta de 90 a.C., os desenvolvimentos mais importantes na retórica clássica ocorreram na codificação e esquematização. Sistematizar o conhecimento existente foi a atividade central do grande complexo de biblioteca pública em Alexandria, no Egito [...] Tanto quanto sabemos, nenhum trabalho retórico importante surgiu a partir do trabalho dos estudiosos alexandrinos, mas o seu interesse em digerir, analisar e editar o trabalho de outras pessoas dá-nos uma boa ilustração do tom intelectual do período imediatamente após Aristóteles (MURPHY, 2003, p. 128).[149]

Em virtude dessa fase de desenvolvimento cultural grego e do período de expansão territorial romano, os séculos II e I a.C. são marcados por mudanças culturais e processos de adoção de alguns ideais helênicos na formação romana. Tal adoção, porém, ocorre de modo gradual e certamente enfrentando oposições.[150] Esse processo não uniforme de assimilação da

---

[148] Embora não tenhamos notícias de outros trabalhos tão consagrados quanto os de Aristóteles, as discussões gregas sobre a retórica não cessam após a teorização aristotélica da matéria. Como mostra Murphy (2003, p. 130), "Sabe-se que outros retores gregos atuaram durante os dois séculos que separam Aristóteles e Cícero, mas seus trabalhos não sobreviveram. Nós sabemos a respeito de suas teorias apenas pelas referências nos textos de escritores como Cícero e Quintiliano" (*Other Greek rhetoricians are known to have been active during the two centuries that separate Aristotle and Cicero, but their works have not survived. We know about their theories only from references in the works of writers like Cicero and Quintilian*). Um texto remanescente, no entanto, é a *Retórica a Alexandre*, provavelmente contemporânea ao período de vida de Aristóteles, que chegou a ser considerado autor da obra. Segundo Chiron (2000, p. 111), "O texto foi transmitido no seio do *corpus* aristotélico, mas evidentemente não é de Aristóteles. Hesita-se, pois, em contar com um texto de origens incertas. A hipótese de atribuição da obra a Anaxímenes de Lâmpsaco, isto é, a um sofista, não deve ter encorajado os críticos: o tratado caiu sob o impacto da suspeita que tradicionalmente pesa sobre a corrente sofística. Felizmente, trabalhos recentes mostram que essa corrente está em processo de reavaliação". Embora possua diferenças e mesmo inovações em relação ao texto aristotélico (MURPHY, 2003, p. 130; RUSSEL e WILSON, 1981, p. xxi), esse tratado provavelmente não foi tão influente quanto o próprio texto da *Retórica*, por isso, não nos deteremos em uma análise detalhada de seus preceitos.

[149] "*In the two centuries between the death of Aristotle (332 B.C.E.) and the appearance of the first major Roman treatises about 90 B.C.E. the most important developments in classical rhetoric took place in codification and schematization. Systematizing existing knowledge was the central activity of the great public library complex at Alexandria in Egypt [...] As far as we know, no major rhetorical work emerged from the labors of the Alexandrian scholars, but their interest in digesting, analyzing, and editing the work of others gives us a good illustration of the intellectual tone of the period immediately following Aristotle*" (MURPHY, 2003, p. 128).

[150] Como aponta Pernot, com uma expressão um pouco exagerada, "Nós estaríamos completamente enganados se estivéssemos a imaginar os romanos como caipiras servilmente traduzindo textos gregos que estavam além de sua compreensão. É necessário, antes, imaginar aristocratas refinados, bilíngues, por natureza orgulhosos e cruéis, tomando posse da retórica e dos retóricos gregos e formando com eles instrumentos complementares de dominação mundial. É necessário imaginar pensadores dando uma nova vida aos conceitos gregos" (*We would be completely mistaken were we to imagine the Romans as hicks slavishly translating Greek texts that were beyond their comprehension. It is necessary, rather, to imagine refined aristocrats, bilingual, by nature proud and cruel, taking possession of Greek rhetoric and rhetors and fashioning from them supplementary instruments*

cultura grega está registrado justamente no primeiro livro do texto que inaugura a teorização latina sobre a retórica: a *Retórica a Herênio*.[151] Em sua dedicatória ao possível discípulo Caio Herênio, o autor do texto – cuja identificação é ainda incerta – afirma

> Desprezamos, por isso, as coisas de que se apropriaram, por vã arrogância, os escritores gregos. Para não parecerem saber muito pouco, empenharam-se no que não era pertinente, a fim de que a arte fosse considerada mais difícil de reconhecer. Nós, entretanto, adotamos aquilo que parece pertencer ao método do discurso, pois não viemos a escrever movidos pela glória ou pela expectativa de lucro, como os demais, e sim, para, com diligência, atender a tua vontade (*Retórica a Herênio*, I, 1. Tradução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra).[152]

Há pelos menos dois aspectos a se notar ainda nesse proêmio da obra. Primeiro, a negação inicial feita pelo autor mais aproxima que afasta a influência dos autores gregos do campo de reflexão de seu leitor. Essa menção a uma forma grega de elaboração e, talvez ainda mais, de teorização dos discursos revela a clara interferência desse paradigma cultural na formação do paradigma romano, uma vez que só é possível negar algo que de fato existe; só é possível desprezar uma interferência se, de fato, ela ocorre. Segundo, essa mesma negação estabelece uma diferença entre uma forma romana de oratória – e mesmo de reflexão sobre a oratória, ou seja, retórica – e uma forma grega anterior. O texto de Aristóteles pode ser lido como a produção de um conhecimento teórico sobre a retórica preocupado mais em descrever e explicar certas categorias que informar e ensinar como deve ser feito. Daí, por exemplo, ter como característica marcante o estabelecimento de cada termo pela definição e subdivisão. Já a retórica latina, desde o surgimento, parece se caracterizar por uma maior preocupação em ensinar a arte do dizer: "[...] adotamos aquilo que parece pertencer ao método do discurso (*rationem dicendi*)[...]", ou seja, de deixar clara a utilização do conhecimento retórico para uma finalidade prática. Por isso, mesmo com a consciência de que a circulação da *Retórica a*

---

of world domination. It is necessary to imagine thinkers giving a new life to Greek concepts) (PERNOT, 2005, p. 99).

[151] "A *Retórica a Herênio* possivelmente composta entre 86 e 82 a.C. é a mais remota arte retórica escrita em latim que a Antiguidade nos legou e uma das obras antigas de maior circulação na Idade Média. Permaneceu, durante longo tempo, desconhecida dos retores romanos e as primeiras referências textuais a ela surgem apenas no século IV, em Jerônimo, Rufino e Prisciano, acompanhadas da atribuição a Cícero. Tal atribuição, justificada pela semelhança entre o *Da Invenção* e os três primeiros livros do manual dedicado a Herênio, só começou a ser questionada no século XV. Até então, a filiação fora asseverada pela transmissão do tratado em códices compartilhados com as obras de Cícero, nos quais o *Da Invenção* recebia a alcunha de *Retórica Primeira* e a *Retórica a Herênio*, de *Retórica Segunda* (FARIA; SEABRA, 2005, p. 11-12).

[152] "*Quas ob res, quae Graeci scriptores inanis adrongantiae causa sibi adsumpserunt, relinquimus. Nam illi, ne parum multa scisse viderentur, ea conquisierunt, quae nihil adtinebant, ut ars difficilior cognitu putaretur, nos autem ea, quase videbantur ad rationem dicendi pertinere, sumpsimus. Non enim spe quaestus aut gloria commoti venimus ad scribendum, quemadmodum ceteri, sed ut industria nostra tuae morem geramus voluntati*" (*Ret. Her.*, I, 1). Outro trecho destinado à oposição de uma forma grega de composição de textos sobre retórica está em *Ret. Her.*, IV, 1-7.

Herênio talvez não tenha sido tão intensa na Antiguidade, sua utilização como um exemplo preservado do que se produzia ou se pensava sobre retórica nesse momento da história romana é útil à nossa discussão.

Algo que aponta para um caráter mais prático desse texto é a ênfase dada ao discurso de tipo judiciário. Dos quatro livros que compõem a totalidade da obra, pelo menos dois se dedicam quase que inteiramente ao tratamento desse gênero. Como ressalta o próprio texto do tratado,

> [...] como não pudemos falar de tudo juntamente e precisávamos escrever primeiro sobre as coisas mais importantes para que as outras te parecessem mais fáceis de entender, decidimos começar pelo que era mais difícil. Os gêneros das causas são três: demonstrativo, deliberativo e judiciário. De longe o mais difícil é o judiciário, por isso o desenvolvemos em primeiro lugar nesse livro e no anterior. [...] (*Retórica a Herênio,* II, 1).[153]

Além da afirmação dessa preferência discursiva, que pode ser associada a uma prática judiciária frequente em contexto romano, o uso de uma segunda pessoa (tu/você) como interlocutor, evidente nesse trecho, corrobora a compreensão desse tratado como um texto, se não escolar, ao menos didático, já que o seu objetivo é instruir alguém acerca de uma disciplina. O texto da *Institutio Oratoria,* de Quintiliano, por exemplo, sobre o qual ainda falaremos, assume um formato parecido. A diferença maior está no fato de que Quintiliano projeta seu texto para uso dos professores de Retórica e não para alguém que queira aprender a disciplina. Ainda assim, no entanto, a *Institutio* não deixa de possuir fortes laços com o ensino.

O autor da *Retórica a Herênio* segue, como se vê no último trecho citado, a divisão em três gêneros de discurso já adotada por Aristóteles. Ele estabelece essa divisão ainda no primeiro livro (*Ret. Her.* I, 2) e a reitera no segundo (*Ret. Her.* II, 1). No entanto, o comentário sobre os outros dois gêneros que não o judiciário só ocorre a partir do livro III e, na verdade, fica limitado a ele, uma vez que o quarto livro se dedica ao exame da elocução, ou seja, ao estilo dos discursos.

O elogio e vitupério são apresentados, na *Retórica a Herênio*, como partes do discurso demonstrativo (*demonstrativum*) e discutidos de forma mais precisa e aprofundada entre os capítulos 10 e 15 do livro III. Em comparação com Aristóteles, o tratado latino fornece maior quantidade de informações, especialmente no que se refere à estruturação do discurso. O

---

[153] "*Verum, quod neque de omnibus rebus simul dici poterat et de maximis rebus primu scribendum fuit, quo cetera tibi facioliora cognitu viderentur, ita nobis placitum est, ut ea, quae dificilima essent, potissimum conscriberemus. Causarum tria genera sunt: demonstrativum, deliberativum, iudiciale. Multo difficilimum iudiiciale est, ergo id primum absoluimus hoc et priore libro*" (*Ret. Her.,* II, 1).

método seguido para a apresentação de cada gênero passa pela definição geral do tipo de discurso, seguida de uma explicação pormenorizada de cada item que o compõe.

De acordo com esse tratado, o elogio incide sobre três categorias principais: coisas externas, coisa do corpo e coisas do ânimo (III, 10).[154] As coisas externas são obra do acaso, dependem da fortuna, como ascendência, educação, riqueza, poder, entre outros. As coisas do corpo se referem, como sugerem, às características físicas, que podem ser classificadas como boas ou más. Já as coisas do ânimo dizem respeito ao que chamamos, de acordo com o tratado de Aristóteles, de virtudes. As principais virtudes apresentadas na *Retórica a Herênio* são: prudência, justiça, coragem e modéstia.[155] Note-se, portanto, uma drástica diminuição das virtudes principais. Como veremos na leitura de outros tratados, esse número – quatro virtudes – se estabiliza, posteriormente, com esse formato.

Após a enumeração das virtudes, o autor indica o que se deve fazer em cada parte do discurso. Ele começa pelo proêmio (III, 11), dizendo a partir de que elementos se podem tirar os argumentos iniciais (do próprio orador, da pessoa de quem se fala, dos ouvintes ou da própria matéria do louvor ou vitupério). Após a explicação sobre o proêmio, o tratado estabelece a ordem cronológica como estratégia para o elogio ou vitupério das ações (III, 13) e mostra como as virtudes devem ser aplicadas a elas (III, 14-15). Um aspecto singular na *Retórica a Herênio* é que a explicação de toda essa estrutura é feita tendo em vista tanto vitupério quanto louvor. O comentário sobre a invectiva não se encontra, como ocorre em outros textos, no final do capítulo, mas é feito, de modo bastante sistemático, durante enumeração de cada virtude. Por fim, o potencial mentor de Herênio fala do epílogo (III, 15). Nesse momento, segundo o autor, o objetivo é retomar e amplificar certos argumentos utilizados anteriormente.

Um último aspecto relevante nesse primeiro tratado latino sobre retórica é a ressalva feita pelo autor sobre a prática do discurso de louvor.

> [...] Se, isoladamente, o gênero demonstrativo é tratado com menos frequência, é comum que nas causas judiciárias e deliberativas grandes seções se ocupem do elogio e do vitupério. Por isso consideremos que também esse gênero de causa deve demandar alguma dedicação (*Retórica a Herênio*, III, 15).[156]

---

[154] Essa divisão é, segundo Ponce (1998, p. 222), uma tripartição de origem socrática.

[155] *prudentia, iustitia, fortitudo* e *modestia*. No trecho (III, 10), o autor apenas menciona as quatro virtudes principais e redireciona seu leitor para uma passagem anterior (III, 3), sobre o gênero deliberativo, na qual enumera e explica cada uma das virtudes. Após isso, as virtudes são apenas citadas no momento em que se está explicando o que se deve dizer e em que ordem (III, 15).

[156] "[...] *et si separatim haec causa minus saepe tractatur, at in iudicialibus et in deliberativis causis saepe magnae partes versantur laudis aut vetuperationis. Quare in hoc quoque causae genere nonnihil industriae consumendum putemus"* (*Ret. Her.*, III, 15).

Essa utilização do epidítico como recurso para outros tipos de discurso é algo que aparece também nos outros autores latinos que versaram sobre a retórica. Tal visão parece ser, inclusive, uma contribuição marcadamente romana para a teorização sobre a oratória. Embora não se possa falar de um diálogo direto entre a *Retórica a Herênio* e outros textos latinos imediatamente posteriores, uma vez que essa retórica permaneceu desconhecida pelos retores romanos por um longo período (FARIA; SEABRA 2005, p. 12), há semelhanças entre as considerações feitas na *ad Herennium* e os textos de Cícero e Quintiliano. A subordinação do gênero epidítico a outros tipos de discursos no que se refere à prática oratória dialoga, por exemplo, com a visão ciceroniana; considerando a forma completa como trata as diversas partes e categorias que compõem o discurso epidítico, a *Retórica a Hêrenio* partilha de concepções presentes em Quintiliano.

Versados na arte da persuasão oratória, esses autores – Cícero e Quintiliano – escreveram textos que pretendiam de algum modo reunir e divulgar os principais preceitos da Retórica para aqueles que estavam se formando para o exercício nos fóruns.[157] Cícero, entre outros escritos, dedicou-se aos conhecimentos sobre a retórica em seu *De oratore* (55 a.C.), texto em formato de diálogo e dividido em três livros, nos quais o autor pretende explicar os preceitos que precisam ser aprendidos por um bom orador. Quintiliano, por sua vez, em sua principal obra e única remanescente, a *Institutio Oratoria*, cujo objetivo é mais amplo que o

[157] A intenção de reunir e divulgar os preceitos da oratória com o objetivo de melhorar a formação dos oradores de seus respectivos contextos foi expressa por esses autores em diversos momentos de seus textos. Cícero, por exemplo, afirma que: "[...] E devo rememorar uma antiga história, não muito nítida, é certo, mas adequada, segundo penso, àquilo que me solicitas – saber o que os homens mais eloquentes e ilustres pensavam acerca da doutrina oratória. De fato, como me disseste várias vezes, pretendes, pelo fato de os escritos que escaparam incompletos e grosseiros de nossos apontamentos, quando éramos meninos ou adolescentes, mal serem dignos desta nossa idade e desta experiência que granjeamos em tantas e tão importantes causas defendidas, que publiquemos algo mais refinado e completo acerca do mesmo tema" (*[...] tibi vero, frater, neque hortanti deero neque roganti, nam neque auctoritate quisquam apud me plus valere te potest neque voluntate. Ac mihi repetenda est veteris cuiusdam memoriae non sane satis explicata recordatio, sed, ut arbitror, apta ad id, quod requiris, ut cognoscas quae viri omnium eloquentissimi clarissimique senserint de omni ratione dicendi. Vis enim, ut mihi saepe dixisti, quoniam, quae pueris aut adulescentulis nobis ex commentariolis nostris incohata ac rudia exciderunt, vix sunt hac aetate digna et hoc usu, quem ex causis, quas diximus, tot tantisque consecuti sumus, aliquid eisdem de rebus politius a nobis perfectiusque proferri; solesque non numquam hac de re a me in disputationibus nostris dissentire, quod ego eruditissimorum hominum artibus eloquentiam contineri statuam, tu autem illam ab elegantia doctrinae segregandam putes et in quodam ingeni atque exercitationis genere ponendam*) (Cíc. *De Or.* 1.4-5. Neste trabalho, utiliza-se, em todas as passagens do *De oratore*, de Cícero, a tradução de Adriano Scatolin). Já Quintiliano apresenta sua obra mostrando que mais que por sua vontade, o trabalho por ele desenvolvido era a resposta aos pedidos de seus amigos: "que parecia ser para mim um trabalho não injusto, se não descobrir coisas novas, pelo menos, dar um juízo definitivo sobre o que foi feito pelos meus antecessores. Ainda que, no entanto, não me tenha vencido tanto a necessidade de apresentação, o que exigia confiança, quanto a timidez de recusar.[...]" (*[...] ut mihi si non inveniendi nova, at certe iudicandi de veteribus iniungere laborem non iniuste viderentur. Quamvis autem non tam me vinceret praestandi quod exigebatur fiducia quam negandi verecundia* [...]) (Quint. *Inst. Or.*, 1. Pr. 2).

de Cícero no *De oratore*, uma vez que pretende tratar da formação do orador desde a tenra idade, também se ocupa abundantemente da matéria.

No texto de Cícero, as primeiras considerações sobre os gêneros aparecem a partir do livro II. Em *De or.* II, 41- 43, ao estabelecer uma divisão da retórica a partir de dois tipos de questões: o tipo definido (*certum*) e o tipo indefinido (*infinitum*), Cícero situa o discurso retórico nas questões de caráter definido e o divide em três tipos de discurso:

> [...] E que definido, por outro lado, é aquele em que se investiga algo em pessoas e situações estabelecidas e determinadas; desse tipo são os que giram em torno do fórum e das causas e debates entre cidadãos. Tais tipos parecem residir, ou na exposição dos litígios, ou no aconselhamento; pois aquele terceiro tipo, que foi abordado por Crasso e que, segundo ouvi dizer, o próprio Aristóteles, que trouxe enorme luz a tais temas acrescentou, ainda que seja útil, é menos necessário.
> - Qual, perguntou Cátulo, os louvores? Pois vejo que este é o proposto como terceiro gênero (Cíc. *De or.* II, 42-44).[158]

Importa perceber nesse trecho que, apesar de reconhecer que o discurso epidítico está identificado na prática oratória desde Aristóteles, Cícero o apresenta como um "terceiro tipo", numa expressão que denota certo menosprezo por esse modo de discursar.[159]

Em Quintiliano, a divisão da retórica é explicada em *Inst. Or.* III, 3, logo após o autor enumerar as cinco partes principais da oratória (invenção, disposição, elocução, memória e ação).

> [...] Dizem que as divisões retóricas são: laudatória, deliberativa e judiciária. Se são divisões, são mais propriamente da matéria que da arte. Uma vez que cada uma delas contém toda retórica, também exigem, cada uma delas, não só a invenção, quanto a disposição, a elocução, a memória e ainda a pronunciação. Por isso, alguns preferiram nominá-las os três gêneros retóricos, melhores, no entanto, foram aqueles que Cícero seguiu: gêneros das causas (Quint. *Inst. Or.* III, 3,14-15).[160]

Nesse trecho, Quintiliano divide os gêneros (*genera causarum*) pelos quais podem ser compostos os discursos em *laudativum, deliberativum* e *iudiciale.* Após citá-los, o autor discute mais demoradamente os fundamentos de cada um deles a partir de *Inst. Or.* III, 4. Em

---

[158]"[…] *Certum autem, in quo quid in personis et in constituta re et definita quaereretur cuius modi sunt, quae in foro atque in civium causis disceptationibusque versantur. Ea mihi videntur aut in lite oranda aut in consilio dando esse posita; nam illud tertium, quod et a Crasso tactum est et, ut audio, [ille] ipse Aristoteles, qui haec maxime inlustravit, adiunxit, etiam si opus est, minus est tamen necessarium." "Quidnam?" inquit Catulus; "an laudationes? Id enim video poni genus tertium.*"(Cíc. *De or.* II, 42-44).

[159] No parágrafo 44, Cícero chega a questionar a validade desse tipo de discurso enquanto arte. O autor afirma que: "[…] Porém, parece-me que nem tudo o que falamos deve ser remetido à arte e aos preceitos;[...]"([...] *Sed non omnia, quaecumque loquimur, mihi videntur ad artem et ad praecepta esse revocanda*;) (Cíc. *De or.* II, 44).

[160] *"[...] partes enim rhetorices esse dicebant laudativam deliberativam iudicialem. Quae si partes sunt, materiae sunt potius quam artis. Namque in his singulis rhetorice tota est, quia et inventionem et dispositionem et elocutionem et memoriam et pronuntiationem quaecumque earum desiderat. Itaque quidam genera tria rhetorices dicere maluerunt, optime autem ii quos secutus est Cicero, genera causarum".*

um primeiro momento (*Inst. Or.* III, 4, 4-5), Quintiliano mostra as diferentes opiniões sobre essa divisão genérica, posiciona-se em relação a elas e explica, em linhas gerais, o que define cada um dos gêneros. Para ele, o discurso de tipo epidítico, como já delimitado por outros autores, é aquele que se destina a vituperar ou elogiar alguém. Além disso, o autor analisa, em *Inst. Or.* III, 4, 12-16, os termos utilizados para nomear o gênero formado pelo louvor ou vitupério. Segundo ele, os termos latinos mais utilizados seriam demonstrativo e laudativo (*demonstrativum, laudativum*) e os termos gregos, encomiástico, panegírico e epidítico (*Enkomiastikós, panegyrikós, epideiktikós*). Essa enumeração de diferentes maneiras de nomear e mesmo de compreender esse tipo de discurso é algo que se encontra quase que exclusivamente na obra de Quintiliano. Tal capacidade de retomar diversas perspectivas anteriores é resultado, por um lado, da posição privilegiada desse autor, localizado, temporalmente, após uma série de textos e autores que já haviam estabelecido, de algum modo, uma tradição retórica; por outro, essa retomada e reunião de ideias anteriores pode ser consequência do próprio objetivo da obra, direcionada aos professores dessa disciplina.

Nesse primeiro momento de divisão e definição dos gêneros, podem ser observadas diferenças no tratamento dado por cada um dos oradores latinos. Por um lado, Cícero aborda o tema de modo mais conciso. Ele não se preocupa, por exemplo, em fornecer outras visões acerca da divisão, nem mesmo discute a variedade de termos existentes para nomear cada um deles. A apresentação dos gêneros feita pelo autor, inclusive, se dá mais pela definição que pela nomenclatura. Além disso, no que se refere ao gênero laudatório, Cícero deixa bastante clara sua menor apreciação desse tipo de discurso.[161] Por outro lado, Quintiliano realiza uma abordagem mais ampla, preocupando-se em dar maiores detalhes sobre os gêneros. Suas considerações sobre o discurso de tipo epidítico, em especial, se tornam notáveis, pois, diferentemente de Cícero, Quintiliano cita o discurso de louvor como primeiro e, em vários momentos de sua *Institutio*, explica os preceitos relacionados a ele antes dos demais.

---

[161] No texto do livro II do *De oratore*, que ocorre em formato de diálogo entre Cátulo e Antônio, as opiniões que predominam são principalmente as desse segundo orador. Enquanto Antônio demonstra certo menosprezo pelo gênero epidítico, Cátulo parece insistir para que o amigo fale dele. Assim, pode-se perceber que existiam, nas discussões sobre a oratória, opiniões divergentes sobre os gêneros e especialmente sobre os discursos do tipo epidítico e que Cícero parece propositalmente colocar o epidítico num segundo plano, como um gênero menos valorizado. Cícero não mantém, no entanto, na totalidade de sua obra sobre oratória, uma visão exclusivamente depreciativa do discurso encomiástico. No texto do *Orator* (*Or.* 37-42), por exemplo, Cícero faz um excurso de dimensões consideráveis no qual discute a utilidade do discurso demonstrativo para a formação do orador. Além disso, elabora um breve histórico da produção desse tipo de discurso em contexto grego. Nesse excerto da obra ciceroniana, as produções de tipo encomiástico se apresentam como um bom exercício para o desenvolvimento do estilo ornado e da prosa rítmica, um dos principais assuntos desse tratado. A valorização do epidítico se realiza, todavia, nesse trecho do *Orator*, pela subordinação a outros gêneros em contexto oratório e pela sua caracterização como um gênero a ser apreciado em contexto não forense.

Essas são constatações que permitem pensar o próprio estatuto dado ao gênero epidítico na transição entre os períodos republicano e imperial. Embora pareça dar maior visibilidade aos discursos de louvor, Quintiliano não deixa de lembrar aos leitores que "no decurso de um inquérito rigoroso sobre a questão ocorreu-me que as tarefas de oratória ou devem se preocupar com o que é judicial ou com que está para além do judicial".[162] Tal afirmação mostra uma centralidade da oratória do tipo judiciário. Assim, a posição de Cícero no texto do *De oratore*[163] e a declaração de Quintiliano mostram que, provavelmente em virtude da atividade política e forense em Roma, os discursos deliberativo e judiciário – e talvez principalmente esse último – eram considerados mais importantes na educação do orador. Como afirma Russell (1998, p.19), "Esses tipos de oratória 'celebrativa' [discurso epidítico] eram bastante distintos, no objetivo, dos tipos 'deliberativo' e 'judiciário', nos quais – e particularmente no 'judiciário' – o ensino retórico naturalmente se concentrava".[164] Havia, no entanto, como os textos de Cícero e Quintiliano nos comprovam, diversas manifestações que se davam por meio do gênero laudatório e uma longa tradição de sua prática. Para Cícero, a utilização dos discursos de louvor era uma tradição grega e aparentemente menos apreciada na prática oratória romana.

> [...] não costumamos fazer grande uso dos louvores. De fato, os próprios gregos com frequência escreveram louvores mais para a leitura e deleite ou para honrar algum homem do que para uma utilidade prática do fórum; há livros deles em que louvam Temístocles, Aristides, Agesilau, Epaminondas, Felipe, Alexandre e outros; os nossos louvores, que empregamos no fórum, ou apresentam uma brevidade nua e sem adornos de um testemunho, ou são escritos para um discurso fúnebre, que é completamente inadequado para exibir habilidades discursivas. [...] (Cic. *De or*. II, 341).[165]

---

[162] *"[...]Mihi cuncta rimanti et talis quaedam ratio succurrit, quod omne orationis officium aut in iudiciis est aut extra iudicia"*(Quint. *Inst. Or*. III, 4, 6).

[163] Cícero expressa certo menosprezo ao gênero epidítico de vários modos. Um deles é enumerá-lo sempre como terceiro. Outro, é ressaltar a importância do gênero judiciário, como faz, por exemplo, em *De or*. II, 72, quando afirma que o discurso judiciário é um dos mais, se não o mais, importante entre os discursos. No *Orator* (46 d.C.), Cícero modifica um pouco essa visão sobre o epidítico. Nesse texto, o autor se dedica a falar um pouco mais sobre esse tipo de discurso. Ele elabora, inclusive, um encômio a Isócrates, um dos autores mais eloquentes no gênero (*Or*. 37-42). Cícero não deixa de destacar, no entanto, que essa é uma prática própria dos exercícios escolares e demonstrações, não adequada a uma oratória mais séria (*Or*. 42).

[164] "*These kinds of 'celebratory' oratory were quite distinct in aim from 'forensic' and 'deliberative' types, on which – and particularly on the forensic – rhetorical teaching naturally concentrated*" (RUSSELL, 1998, p.19).

[165] "*Nec illud tertium laudationum genus est difficile, quod ego initio quasi a praeceptis nostris secreveram; sed et quia multa sunt orationum genera et graviora et maioris copiae, de quibus nemo fere praeciperet, et quod nos laudationibus non ita multum uti soleremus, totum hunc segregabam locum; ipsi enim Graeci magis legendi et delectationis aut hominis alicuius ornandi quam utilitatis huius forensis causa laudationes scriptitaverunt: quorum sunt libri, quibus Themistocles, Aristides, Agesilaus, Epaminondas? Philippus, Alexander aliique laudantur; nostrae laudationes, quibus in foro utimur, aut testimoni brevitatem habent nudam atque inornatam aut scribuntur ad funebrem contionem, quae ad orationis laudem minime accommodata est.* [...]" (Cic. *De or*. II, 341)

Quintiliano, por sua vez, apresenta as possibilidades da utilização do discurso laudatório preocupando-se menos com essas ressalvas ciceronianas, embora destaque o fato de que, em contexto grego, a prática de louvor e vitupério teve como função principal o deleite da audiência (Quint. *Inst. Or.* III, 7.1).

> [...] Porém o costume romano também inseriu esse trabalho em suas ocupações públicas. Pois não só as orações fúnebres recaem frequentemente como tarefa para aqueles que exercem algum cargo público ou muitas vezes são confiadas aos magistrados por ordem do senado, como também louvar a testemunha, ou o inverso, é adequado para a moção do processo judicial [...] E não nego que haja alguns discursos desse gênero compostos apenas para exposição, como as louvações aos deuses e aos homens, que os tempos anteriores legaram [...] (Quint. *Inst. Or.* III, 7, 2-3).[166]

Para além dessas definições iniciais, Cícero e Quintiliano fornecem aos seus leitores uma série de preceitos sobre o que deve ser louvado e sobre como realizar o vitupério ou louvor. Em Quintiliano, esses preceitos se encontram reunidos principalmente no sétimo capítulo do terceiro livro. O autor esclarece que os discursos de louvor direcionam-se, em geral, aos deuses ou aos homens, mas que podem ser também direcionados a animais ou seres inanimados (*Inst. Or.* III, 7,6). Com isso, ele dialoga de forma bastante próxima com a definição aristotélica.[167] O texto da *Institutio* (*Inst. Or.* III, 7, 7-28) apresenta, ainda, como deve ser louvado cada um desses tipos a partir de uma série de passos, que podem ser sistematizados da seguinte maneira:

a) Louvor aos deuses: i) mostrar veneração à natureza divina do deus; ii) exaltar o poder específico do deus, mostrando o benefício dele para a humanidade; iii) falar da antiguidade e da descendência; iv) falar da origem imortal ou da aquisição da imortalidade por mérito (*Inst. Or.* III, 7, 7-9).

b) Louvor aos homens: i) se vivo, pensar na época do elogiado e em como as coisas eram antes de seu nascimento; ii) se morto, pensar no tempo depois de sua vida; iii) elogiar coisas que precedem seu nascimento: cidade de origem, os pais, parentes (se for de origem nobre, mostrá-lo como um belo exemplo de sua estirpe; se não for nobre,

---

[166] "*Sed mos Romanus etiam negotiis hoc munus inservit. Nam et funebres laudationes pendent frequenter ex aliquo publico officio atque ex senatus consulto magistratibus saepe mandantur, et laudare testem vel contra pertinet ad momentum iudiciorum* [...] *Neque infitias eo quasdam esse ex hoc genere materias ad solam compositas ostentationem, ut laudes deorum virorumque quos priora tempora tulerunt* [...]".(Quint. *Inst. Or.* III, 7, 2-3)

[167] "Mas, como muitas vezes acontece que, por brincadeira ou a sério, louvamos não só um homem ou um deus mas também até seres inanimados ou qualquer animal que se apresente, devemos de igual modo prover-nos de premissas sobre estes assuntos" (*Retórica*, I, 1366a).

como um indivíduo que enobrece sua família), mencionar alguma possível profecia; iv) elogiar o próprio indivíduo: o seu caráter (se procedeu bem com os bens da fortuna) e seu físico (beleza e força). No elogio ao caráter, podem-se destacar os feitos do elogiado de modo cronológico e ressaltar como foram realizados de acordo com algumas virtudes principais: coragem, justiça e temperança (*fortitudo, iustitia* e *continentia*). Além disso, os feitos devem ser considerados inusitados, singulares e não direcionados ao próprio favor (*Inst. Or.* III, 7, 10-16).

c) Louvor a cidades: deve ser feito de acordo com a estrutura do elogio aos homens, a partir de algumas equivalências. O fundador é elogiado como um pai; a antiguidade como a autoridade; os habitantes como os descendentes; os feitos dos habitantes como as fontes de virtudes ou vícios; a arquitetura e infraestrutura como a beleza (*Inst. Or.* III, 7, 26-27).

No texto de Cícero, o discurso de louvor é tratado de modo diferente. Para o autor, o primeiro aspecto que deve ser considerado na prática do gênero epidítico é o fato de que os homens não possuem, de fato, atributos próprios para serem louvados, mas devem-se louvar seus atos quando dirigidos pela virtude. Segundo ele,

> É evidente, então, que alguns elementos são desejáveis num homem, outros, louváveis. A estirpe, a beleza, as forças, os recursos, as riquezas e demais coisas que a fortuna concede exteriormente ou ao corpo não contém em si verdadeiro motivo de louvor, o qual, segundo se julga, é devido unicamente à virtude; no entanto, pelo fato de se perceber a virtude sobretudo no uso e na medida de tais coisas, devem receber tratamento nos louvores também esses bens da natureza e da fortuna, nos quais há enorme motivo de louvor (Cic. *De or.* II, 342).[168]

Desse modo, o louvor se dirige menos aos homens que à própria virtude. Como vimos, essa é uma definição que dialoga, ainda que não diretamente, com o texto de Aristóteles. Cícero não diferencia elogio e encômio, mas acaba mantendo resquícios dessa divisão. Nesse contexto, o encômio deve ser feito considerando como aquele que é louvado agiu diante das situações impostas pela fortuna (*De or.* II, 342). Em relação às virtudes, Cícero destaca que todas são dignas de louvor, mas que clemência, justiça, benignidade, lealdade e coragem

---

[168] "*Perspicuum est igitur alia esse in homine optanda, alia laudanda: genus, forma, vires, opes, divitiae cetera[que], quae fortuna dat aut extrinsecus aut corpori, non habent in se veram laudem, quae deberi virtuti uni putatur; sed tamen, quod ipsa virtus in earum rerum usu et moderatione maxime cernitur, tractanda in laudationibus etiam haec sunt naturae et fortunae bona; in quibus est summa laus non extulisse se in potestate, non fuisse insolentem in pecunia, non se praetulisse aliis propter abundantiam fortunae, ut opes et copiae non superbiae videantur ac libidini, sed bonitati ac moderationi facultatem et materiam dedisse*" (Cic. *De or.* II, 342).

(*clementia, iustitia, benignitas, fides, fortitudo)* seriam as mais agradáveis nos homens (*De or.* II, 343). Tais são as mais louváveis porque são qualidades que beneficiam os outros mais que ao próprio elogiado. Além dessas, no entanto, destacam-se a sabedoria, a magnanimidade, a inteligência, a reflexão e a própria eloquência. Estas últimas são menos valorizadas porque não contribuem para o bem-estar de outros, mas são boas para o próprio elogiado. Essa é uma reflexão relevante em Cícero, pois o pensamento que parece estar subjacente é que a cidade e o bem comum (*res publica*) sempre funcionam como a referência. Algo só é bom ou ruim em comparação ao bem ou mal que causa à cidade e aos seus cidadãos, o que se relaciona, ao fim, com um entorno político republicano próprio do período e da concepção do autor.

Um dos últimos temas tratados na discussão sobre o epidítico é o vitupério. No *De oratore* (II, 349), Cícero explica a invectiva como a inversão do processo de elogio. Ele acrescenta, ainda, que, para isso, o orador deve levar em consideração uma reflexão sobre as virtudes e os vícios. Na *Institutio Oratoria,* o tema do vitupério é tratado no espaço entre o elogio aos homens e o elogio às cidades (III, 7, 19-21). Quintiliano, porém, se estende mais que seu antecessor no tratamento do tema, comentando reflexões anteriores, como as do próprio Aristóteles, por exemplo, e oferecendo alguns exemplos.

Na comparação dos preceitos explicados por Cícero e Quintiliano, tornam-se perceptíveis algumas mudanças. Enquanto Cícero mostra certa resistência em tratar do tema e parece explicá-lo apenas pela obrigação que se impôs de fornecer os preceitos sobre todos os assuntos ligados à prática da retórica, Quintiliano apresenta a prática laudatória como exercício fundamental para a formação do orador exemplar. Diferentemente de Cícero no *De oratore,* Quintiliano propõe o discurso epidítico como algo que pode ser positivo e mesmo valorizado em contexto romano.

A compreensão das proposições estabelecidas por esses autores é fundamental, pois o texto de Plínio, o Jovem, participando de uma tradição literária romana, estava sujeito às influências desses modelos de construção do discurso vindos da oratória e retórica. Cícero, por exemplo, é considerado um dos modelos de imitação para a obra pliniana.[169] Quintiliano, por sua vez, oferece, com o texto da *Institutio,* a reunião de uma série de preceitos já existentes antes dele. Assim, não apenas expõe sua opinião ou suas recomendações para o orador, mas permite conhecer as principais hipóteses já levantadas por outros autores precedentes. Esse autor foi contemporâneo e professor de Plínio (Plin. *Ep,* VI, 6, 3), o que faz

[169] As aproximações entre Plínio e Cícero estão atestadas já na Antiguidade por autores como Marcial (*Epigramas,* X, 20) e o próprio Plínio (*Ep.* I, 5). Modernamente, Pereira (2006) fornece um estudo mais amplo sobre as relações entre os dois autores.

acreditar na possibilidade das considerações expressas em seu ideal de formação terem influenciado diretamente a produção literária de Plínio. Nesse caso, há uma mudança operada por Quintiliano em relação ao gênero epidítico, valorizando-o como parte frequente da prática oratória. Tal mudança pode estar relacionada ao entorno político cultural do século I d.C., uma vez que se está diante de um regime imperial, quando a prática do encômio parece tornar-se mais comum. Exemplo disso é o próprio panegírico de Plínio, o Jovem, ao imperador Trajano, que alcançou visibilidade e importância.[170]

A valorização do gênero epidítico vista em Quintiliano é, portanto, parte de um movimento mais amplo de reconhecimento e validação do uso dos louvores em contexto romano. Como destaca Pernot (2005, p. 176), esse foi um gênero preterido durante o período helenístico grego e a República romana, mas que toma força em Roma durante o período imperial. Para esse autor (2005, p. 181) a ascensão do gênero dos louvores está relacionada à própria configuração política, marcada pela concentração de poder nas mãos do imperador, assim como ao desenvolvimento da Segunda Sofística, movimento cultural e social que, segundo ele, teve grande importância política junto à aristocracia romana e ao imperador (PERNOT, 1993, p. 55).

O trabalho mais amplo que possuímos sobre o discurso de tipo epidítico na Antiguidade, no entanto, aparece somente na segunda metade do século III d.C, sob a possível autoria de Menandro, o retor (ou Menandro de Laodiceia).[171] Parte da tradição retórica grega, tal obra consiste em dois tratados incompletos (RUSSEL;WILSON, 1981, p.xxxvii) – geralmente intitulados *Tratado I* e *Tratado II* – cujo objetivo é discutir apenas o "terceiro gênero" da oratória. Uma das passagens mais conhecidas da obra de Menandro é justamente o *basilikòs lógos*, que se dedica à preceituação do discurso de elogio ao imperador.

Embora sejam textos distantes, temporalmente, de Plínio, o Jovem, e, portanto, torne-se impossível afirmar que eles tenham influenciado as concepções desse autor acerca do uso do elogio, os tratados de Menandro são paradigmáticos para a compreensão de como se dá o desenvolvimento da discussão sobre a retórica epidítica em contexto greco-romano e mesmo

---

[170] Além de publicado nas atas oficiais do senado (Plin. *Pan.* 95.1), o texto da *gratiarum actio* de Plínio foi revisado e publicado em uma versão estendida algum tempo após seu pronunciamento (RADICE, 2012, p.77). A importância desse discurso pode ser observada por sua recepção durante a Antiguidade Tardia e Idade Média, sendo o primeiro do conjunto de panegíricos conhecido como *XII Panegyrici Latini* (RADICE, 2012, p.78). Como primeiro texto dessa coleção composta por outros onze panegíricos e o mais antigo dentre eles, o discurso de Plínio provavelmente foi utilizado como modelo para os demais.

[171] Há uma série de discussões sobre a autoria desses tratados. Há pesquisas que consideram Menandro autor de apenas um deles, outras consideram que eles são obras de apenas um autor, mas em tempos diferentes. Maiores detalhes dessa discussão estão na edição comentada de Donald Andrew Russell e Nigel Guy Wilson. Cf. RUSSEL;WILSON, 1981, p.xxxv-xxxix.

para situarmos o lugar da obra pliniana diante desse desenvolvimento. As obras de Plínio, datadas do final do século I d.C. e início do II encontram-se justamente num período intermediário entre o começo de uma valorização teórica do epidítico, exemplificada, neste capítulo, pela obra de Quintiliano (séc. I d.C) e uma reflexão sobre o elogio como prática já bastante difundida e sistematizada, exemplificada, nesse caso, pelos tratados de Menandro (séc. III d.C).

O *Tratado I* está dividido em três livros. Esse trabalho apenas cita, no início, a divisão da retórica em três gêneros de discurso e, em seguida, delimita o terceiro como seu objeto principal (I, 331, 4-14). Tal gênero é definido de modo comum aos outros textos vistos até aqui, ou seja, se compõe pelo louvor e pelo vitupério. Um pouco diferente dos demais, no entanto, o texto de Menandro expande com maior detalhe as subdivisões do discurso de louvor.[172] O tratado separa o elogio entre direcionado aos deuses ou às coisas mortais (I, 331, 15-20). O que se destina aos deuses são os hinos, que possuem vários tipos, os quais Menandro comenta com algum aprofundamento no primeiro livro (333-344). No campo das coisas mortais, o elogio é novamente subdividido, sendo destinado a cidades, criaturas vivas (irracionais ou racionais, dentre as quais, o homem) e seres inanimados. No livro I, não há maiores comentários sobre o louvor a coisas mortais, essas são objeto de tratamento dos livros II e III, que estabelecem o modo e as categorias próprias para o louvor de regiões e cidades. Uma notável ausência no *Tratado I* é o tópico do louvor aos seres humanos, provavelmente ausente pela incompletude do tratado. Esse é um fato notável uma vez que, como destaca Pernot (2005, p. 176), o louvor a pessoas foi a prática laudatória mais frequente na Antiguidade e servia de modelo para as demais formas de louvor, algo que Quintiliano, por exemplo, demonstra ao falar da possibilidade de aplicar às cidades as categorias de elogio aos homens (Cf. Quint. *Inst. Or.* III, 7, 26-27). Um dos elementos utilizados para o louvor às cidades é justamente a virtude existente em suas ações e nas decisões de seus cidadãos. Para o elogio dessas ações, Menandro enumera as quatro virtudes cardinais, já vistas nos tratadistas anteriores: justiça, temperança, prudência e coragem (III, 361, 10-20). Além de citá-las, o tratado as subdivide e explica brevemente (III, 361-364).

A ausência do louvor aos homens no primeiro tratado é, de algum modo, suprida pelo *Tratado II*. Para Pernot (2005, p. 178), "O segundo tratado atribuído a Menandro se aproxima do encômio em um espírito mais prático e concreto, enumerando os diferentes tipos de

[172] O vitupério, de acordo com o tratado, não possui subdivisões. Como ocorreu com as outras obras, e talvez de forma ainda mais evidente, o trabalho de Menandro não se preocupa com a invectiva na mesma medida que o louvor.

discursos epidíticos".[173] De fato, essa segunda parte da obra, dividida em dezoito espécies de orações laudatórias, é bastante detalhada a respeito de que categorias o orador deve utilizar e quais tópicos no interior de cada uma delas.[174] Para alguns discursos, o tratado indica inclusive a extensão mais apropriada (Cf. *Tratado II*, 411, 28; 423, 3; 434, 7; 437, 1).

É de maneira bastante metódica, portanto, que o tratado apresenta os diferentes discursos de tipo laudatório. Para os objetivos deste trabalho, interessam principalmente as descrições sobre os discursos feitos para pessoas notáveis e ocasiões oficiais, cujo exemplo modelar é o discurso ao imperador (*basilikòs lógos*), primeiro tipo abordado pelo tratado.[175] De maneira geral, a estrutura dos discursos aos seres humanos se mantém razoavelmente uniforme, sendo composta pelo proêmio, pelo desenvolvimento dos tópicos, que se pode entender como encômio propriamente dito, e pelo epílogo. Cada uma dessas partes contém suas subdivisões, que variam dependendo de cada discurso realizado.[176]

Considerando o que foi visto nos demais tratados, importa destacar quais são os itens geralmente utilizados no elogio aos homens. De modo similar a seus antecessores, Menandro destaca como principais a família, o nascimento (ou origem), a natureza (física e mental), o desenvolvimento, a educação, os feitos e os bens da fortuna. Tomando a explicação sobre o elogio imperial como modelar, destacamos a síntese dos tópicos e virtudes utilizados por Menandro elaborada por Ponce:

> O elogio ao imperador se desenvolve do mesmo modo que o elogio à pessoa. O esquema tripartido de origem socrática (bens da alma, do corpo e exteriores) é reconhecido em algum momento pelo nosso autor (397, 16 - 398, 26), mas vê seu papel consideravelmente reduzido em benefício da virtude, que se alça como principal motivo do elogio. Menandro desenvolve uma lista de *tópoi* que trata de seguir uma ordem cronológica, marcando as etapas da biografia até chegar ao núcleo do encômio: as ações e virtudes da idade adulta. Contempla, assim, sucessivamente, *eugéneia* ou *génos* [família] (369,17-371,3), *génesis* [origem] (371,3-14), *phýsis* [natureza], que compreende, por sua vez, vários *tópoi*, *sôma* [corpo] (371,14-17), *trophé* ou *anatrophé* [crescimento] (371,17-24), *paideía* [educação] (371,24 - 372,2) e *epideúmata* [desenvolvimento] (372,3-13) e, finalmente, *práxeis* e *aretaî* [ações/feitos] (372,25 - 376,23) que constituem o *tópos* mais importante da época imperial. [...] A classificação das virtudes se realiza conforme a tétrade platônica (*phrónesis* ou *sophía*, *sophrosýne*, *dikaiosýne* e *andreía*) [sabedoria, moderação, justiça e virtude] como vinha sendo regra desde o século II d.C. (373, 7-8) (PONCE, 1998, p. 222).[177]

---

[173] "*The second treatise attributed to Menander approaches the encomium in a more practical and concrete spirit, enumerating the different types of epideictic orations*" (PERNOT, 2005, p. 178).

[174] Não é tão pertinente a este trabalho enumerar e explicar cada uma dessas espécies. Para uma sinopse útil dos discursos abordados no *Tratado II*, cf. PERNOT, 2005, p. 178.

[175] No grupo de discursos de tipo oficial e dirigido aos homens também se pode incluir o discurso de boas-vindas (*epibatérios*) e o discurso a um governante (*prosphonetikós*), por exemplo.

[176] O tratado menciona, por exemplo, a possibilidade de existência de até três proêmios.

[177] "*El elogio del emperador se desarrolla conforme al elogio de persona. El esquema tripartito de origen socrático (bienes del alma, del cuerpo y exteriores) es reconocido en algún momento por nuestro autor (397. 16*

Com essa sistematização dos discursos a governantes e talvez especialmente ao imperador, o segundo tratado de Menandro acaba preenchendo uma lacuna teórica sobre os discursos de louvor imperial deixada, de algum modo, por Quintiliano. Este último, embora vivenciando um período de crescimento da prática de elogio aos governantes, não a discute em seu texto sobre a oratória, o que é feito, portanto, pelo trabalho atribuído a Menandro. Mesmo com a diferença em relação a sua natureza e objetivo – textos que versam exclusivamente sobre o discurso laudatório – os *Tratados*, pela centralidade das virtudes e as estruturas utilizadas na descrição do discurso de elogio, ainda mantêm muitas das bases teóricas já expostas nas diferentes artes oratórias antigas. Fornecem, todavia, um tratamento bastante mais expandido e detalhado acerca dos discursos de louvor.

O gênero epidítico é um dos temas principais desta dissertação. Com o objetivo de perceber quais são os elementos principais que o compõem e também de que modo esse tipo de discurso era visto na Antiguidade, retomou-se, até aqui, o tratamento que lhe foi dado pelos próprios autores antigos. O objetivo dessa retomada foi compreender como se configura o pensamento sobre os discursos de tipo laudatório que possivelmente influenciou a formação e a prática literária de Plínio, o Jovem. Acrescentamos a essa discussão os tratados de Menandro que, mesmo sendo posteriores, auxiliam na percepção de que o uso dos louvores, que esteve em processo de ascensão durante o período vivido por Plínio e, portanto, manifestou-se em sua produção literária (Cf. item 2.3 deste capítulo), resulta, no século III d.C., em uma produção teórica exclusivamente dedicada à oratória epidítica. Doravante, com a intenção de refletir sobre as diferentes possibilidades de utilização do louvor e sobre a inserção de Plínio numa tradição de retórica epidítica, são estudadas as principais práticas do elogio na Antiguidade.

2.2 As práticas do elogio em prosa: de Péricles a Plínio, o Jovem

Pensar a produção de textos de caráter encomiástico na Antiguidade requer observar que as categorias *louvor* e *vitupério*, definidoras do gênero epidítico, abarcam um campo bastante

---

- 398.26) pero ve su papel considerablemente reducido en beneficio de la virtud, que se alza como principal motivo del elogio. Menandro desarrolla una lista de tópoi que trata de seguir un orden cronológico, marcando las etapas de la biografia hasta llegar al núcleo del encomio: las acciones y virtudes de la edad adulta. Contempla así sucesivamente, eugéneia o génos (369.17-371.3), génesis (371.3-14), physis, que comprende,a su vez, varios topoi, sôma (371.14-17), trophé ou anatrophé (371.17-24), paideía (371.24 - 372.2) y epideúmata (372.3-13) y finalmente práxeis e aretaí (372.25-376.23) que constituyen el tópos más importante de época imperial. [...] La clasificación de las virtudes se realiza conforme a la tétrada platónica (phrónesis o sophía, sophrosýne, dikaiosyne y andreía) como venía siendo regla desde el s.II d.C. (373, 7-8)" (PONCE, 1998, p. 222).

amplo de produção literária. Além do desenvolvimento de espécies oratórias quase independentes, como a *laudatio funebris* (*epitáphios lógos*, em contexto grego) e os panegíricos, as modalidades do encômio ou da invectiva estão inseridos em uma diversidade de outros gêneros literários[178] e oratórios[179] antigos. Neste trabalho, no entanto, limitaremos nossas considerações sobre a prática do epidítico nos discursos em prosa.[180]

De acordo com Cícero (*De or.* II, 341; *Or.* 39-40), os gregos foram os pioneiros e talvez os que mais praticaram o gênero epidítico. Pernot (1993, p. 19-20), em concordância com os depoimentos desse e de outros autores antigos, mostra que os discursos epidíticos, enquanto prática oratória, nasceram em Atenas, pouco depois das Guerras Pérsicas. As primeiras manifestações de que temos notícias do louvor em prosa foram os elogios fúnebres (*epitáphioi lógoi*)[181], cujo principal exemplo é o discurso de Péricles em honra aos mortos na expedição de Samos, durante a guerra do Peloponeso.[182]

Discurso breve, o epitáfio de Péricles é composto da seguinte forma: no exórdio, o orador evoca rapidamente a tradição do pronunciamento desse tipo de discurso (II, 35) e, em seguida, aponta como pretende organizar sua exposição (II, 36). Na argumentação, que se baseia menos no elogio aos mortos que no louvor à cidade de Atenas e aos antepassados, Péricles enaltece a política democrática ateniense, sua superioridade cultural e financeira, sua formação militar e táticas de guerra e as características intelectuais/humanas da população (II, 37-40). Tais argumentos são sucedidos pela exaltação da bravura dos que morreram (41-42), pela consolação dos parentes e pela exortação ao público (43-44). A exposição termina com o anúncio das medidas que serão tomadas em relação à família dos mortos e com a dispersão da audiência (45). Nota-se, portanto, nesse discurso, uma série de elementos que, como vimos,

---

[178] Sobre essa prática mais ampla do elogio na literatura antiga, cf. BURGESS, 1902, p. 166-241. Esse texto oferece um levantamento exaustivo de textos literários que utilizam elementos epidíticos, especialmente produções em poesia, história e filosofia.

[179] Como apontaram os tratadistas latinos (*Ret. Her.* III, 15; Quint. *Inst. Or.* III, VII, ; Cic. *De or.* II, 349) a prática do discurso epidítico podia ser bastante proveitosa na construção dos argumentos nos discursos deliberativos e judiciários. Exemplos desse uso podem ser encontrados nos discursos de Cícero, como o *Pro Marcello* e *Pro Archia*, assim como em seus antecessores gregos, como Demóstenes, por exemplo, que, na *Oração da Coroa*, elabora, para sua própria defesa, tanto um elogio aos atenienses quanto um eloquente vitupério ao seu adversário.

[180] Não seria possível, para as dimensões desse trabalho, mapear toda a prática laudatória em prosa na Antiguidade. Entretanto, buscou-se mencionar e comentar brevemente os principais exemplos dessa produção.

[181] O *epitáphios* era um discurso pronunciado como parte dos ritos funerais coletivos em Atenas, nos séculos V e IV a.C. Esse costume é descrito por Tucídides para introduzir a oração fúnebre de Péricles: "[...] Após o enterro dos restos mortais, um cidadão escolhido pela cidade, considerado o mais qualificado em termos de inteligência e tido na mais alta estima pública, pronuncia um elogio adequado em honra dos defuntos. Depois disso o povo se retira. São assim os funerais e durante toda a guerra, sempre que havia oportunidade, esse costume era observado [...]" (Tuc. *História da Guerra do Peloponeso*, II, 34. Tradução de Mário da Gama Kury).

[182] Esse discurso pronunciado no inverno de 431/430 a.C. (AMATO, 2010, p. 129-130) e cuja autoria é atribuída a Péricles pode ser considerado, na verdade, como sendo de autoria do próprio Tucídides, que é quem o reporta em sua obra sobre a guerra (Tuc. *História da Guerra do Peloponeso*, II, 35-46).

serão descritos, no século seguinte, por Aristóteles, e que continuarão integrando a teorização e prática desse gênero. Um desses elementos é, por exemplo, o elogio a uma virtude. No discurso de Péricles, a principal virtude enaltecida é a coragem dos que morreram em função do bem comum. Assim, mais que dar honras aos mortos – seu aparente objetivo inicial -, o orador parece utilizar os atos deles como um exemplo a ser seguido pelos demais cidadãos atenienses. O epitáfio, portanto, executa um louvor à cidade de Atenas e, por meio dele, exorta os cidadãos presentes ao engajamento nas questões mais importantes para a pólis naquele momento, especialmente a guerra.[183]

Diante desse quadro, concordamos com a visão de Pernot (1993, p. 19) que, ao considerar o caráter institucional e cívico do pronunciamento desse tipo de discurso epidítico, uma vez que integrava a tradição dos ritos fúnebres, conclui que "No alvorecer do gênero, a retórica do elogio se caracteriza por sua função social" (PERNOT, 1993, p. 19). Tal função social, todavia, não se deve apenas ao seu caráter convencional e coletivo, como parece defender Pernot, mas também ao impacto que o discurso pretende causar em seus ouvintes e às relações que estabelece com o seu contexto de realização. Portanto, contrariando uma visão que parece ter sido comum mesmo na Antiguidade, a utilização do gênero epidítico não deve ser considerada apenas ornamental ou vazia.[184]

Essa concepção do epidítico apenas como prática de exibição oratória e, portanto, de menor valor pode ter surgido, inclusive, principalmente a partir de uma outra tradição de discursos laudatórios: os de caráter exclusivamente literários ou ficcionais. A prática grega de

---

[183] Para uma análise mais pormenorizada entre as relações do discurso de Péricles e a pólis, cf. AMATO, 2010.

[184] Há vários testemunhos antigos que mostram uma menor valorização dos discursos de louvor. Em contexto grego, o próprio Aristóteles, embora não faça nenhuma crítica à pratica de encômios, dá menor atenção ao gênero em comparação com tratamento dado ao forense e o deliberativo, por exemplo (PERNOT, 1993, p. 29). Em contexto romano, Cícero parece ter sido o maior depreciador desse gênero. No *Orator*, por exemplo, embora faça um amplo elogio a Isócrates, um dos autores gregos mais relevantes na prática do elogio, Cícero afirma, ao fim de sua digressão sobre esse tipo de discursos que "Desse modo, está, naquele que chamamos de epidítico, um gênero de discurso agradável, prosaico e fluente, harmonioso nas sentenças, sonoro nas palavras. Tal discurso, dizemos ser próprio dos sofistas, mais apto ao cortejo que à luta, aos ginásios e à academia consagrado, rejeitado e afastado pelo fórum. [...] De fato, estas [características] são dos jogos e do cortejo; nós, todavia, vamos em direção da batalha e do combate." (*Dulce igitur orationis genus et solutum et fluens, sententiis argutum, verbis sonans est in illo epidictico genere quod diximus proprium sophistarum, pompae quam pugnae aptius, gymnasiis et palaestrae dicatum, spretum et pulsum foro. [...] Verum haec ludorum atque pompae; nos autem iam in aciem dimicationemque veniamus*) (Cíc. *Or.* 42. Tradução nossa). Para Rees (2007), a própria atitude negativa moderna diante do elogio tem suas raízes nos relatos de autores gregos e romanos. Segundo o autor, "Essa atitude [moderna] ecoa autores antigos tão díspares como Agostinho que condenou suas próprias performances de panegírico imperial em Milão (*Conf.* 6.6.9), Luciano, punindo o panegírico como tudo aquilo que uma historiografia respeitável não deveria fazer (*Hist. Conscr.* 7) e Juvenal, crítico violento de seus contemporâneos em Roma que buscaram vantagem social para si mesmos ao oferecer louvor (3.41–2)" (*This attitude echoes ancient authors as disparate as Augustine, who condemned his own performances of imperial panegyric at Milan (Conf. 6.6.9), Lucian, castigating panegyric as everything respectable historiography should not be (Hist. Conscr. 7), and Juvenal, viciously critical of his contemporaries in Rome who sought social advantage for themselves by offering praise* (3.41–2)) (REES, 2007, p. 136).

discursos epidíticos não se restringiu, mesmo em seu momento inicial, aos elogios de caráter institucional e coletivo, como é o caso dos epitáfios. Bastante cedo, os sofistas introduziram modalidades laudatórias com finalidades literárias bastante evidentes e cujo objeto passou do coletivo para o individual. Os exemplos mais relevantes desse tipo de louvores são de Górgias (475-370 a.C) e Isócrates (436-338 a.C.).

Se considerarmos a afirmação de Cícero no *Orator*[185], Górgias está entre os primeiros a fazer uso do gênero demonstrativo. Seu mais famoso discurso e um dos únicos a chegarem íntegros até nossos dias é o *Elogio a Helena*.[186] Esse é um discurso paradigmático para a leitura da tradição epidítica, pois trata-se de um encômio a uma personagem mitológico-literária, Helena de Troia, cuja imagem não é necessariamente positiva, mesmo na literatura. O orador se dispõe, portanto, a defender uma causa quase impossível: provar a inocência de Helena.

Breve, esse discurso de Górgias mantém uma estrutura retórica bastante tradicional.[187] Embora intitulado *Elogio* (*enkómion*), o discurso é, na verdade, uma defesa, já que o louvor propriamente dito ocorre apenas entre os parágrafos três e quatro. Tal louvor é feito a partir de dois bens externos à elogiada: primeiramente, Górgias celebra a genealogia da personagem, fosse ela divina, fosse humana; em seguida, argumenta sobre a sua beleza. O orador omite, sabiamente, as ações de Helena relativas ao mito da guerra de Troia, da qual ela teria sido causadora, assim como não atribui à personagem nenhuma virtude relacionada a suas ações.

Uma passagem que surpreende nesse discurso de Górgias é a sua irônica afirmação final:

> Com este discurso afastei a ignomínia que pesava sobre uma mulher e permaneci fiel ao objetivo que fixei no início do discurso; tentei destruir a injustiça duma censura e a ignorância duma opinião; quis fazer deste discurso um elogio para Helena e um divertimento para mim. (GÓRGIAS. *Elogio a Helena,* 21. Tradução de Manuel José de Sousa Barbosa e Inês Luisa de Ornellas e Castro).

---

[185] "Dizem que Trasímaco de Calcedônia e Górgias de Leontinos foram os primeiros que recorreram a esses procedimentos[...]" (*Haec tractasse Thrasymachum Calchedonium primum et Leontinum ferunt Gorgiam [...]*) (Cíc. *Or.* 39).

[186] Segundo Pernot (2005, p. 16-7), temos acesso parcial a pelo menos quatro obras desse autor, dentre as quais duas possuem caráter laudatório evidente: O *Elogio a Helena* e a *Oração Fúnebre*. Dos quatro discursos, apenas o *Elogio a Helena* e a *Defesa de Palamedes* chegaram intactos até nossos dias (DINUCCI, 2009, p. 202).

[187] "Como seria habitual em todos os seus discursos, também este reflecte uma sólida estruturação que permite distinguir uma parte preambular (§§1-5) onde se anuncia a *propositio* (§2), se faz a apresentação da elogiada (§§3-4) e se justifica a inutilidade da *narratio* (§5). A argumentação propriamente dita inicia-se no §6 com a enumeração dos motivos do procedimento de Helena, seguidamente desenvolvidos: a força dos deuses Destino e Necessidade (§§6-7), a força sedutora do Discurso (§§8-14), e o fascínio de Eros (§§15-19). Estes motivos serão, no final da argumentação (§20) recapitulados na ordem inversa. No §21 Górgias enuncia os objectivos alcançados com este seu discurso, entre os quais o do divertimento" (BARBOSA; CASTRO, 1993, p. 41).

Sobre esse trecho, podem ser feitas duas considerações. Primeiramente, ao afirmar que seu discurso é um divertimento, o orador manifesta o caráter de exercício – muitas vezes escolar – que os discursos de elogio tiveram na Antiguidade (RUSSELL, 1998, 22-3). Nesse sentido, o gênero epidítico é pensado como uma forma de treinamento de estilo para o orador ideal.[188] Em segundo lugar, o aspecto jocoso defendido por Górgias faz com que a exposição seja entendida não apenas como uma defesa de Helena, mas como uma proposta de discussão sobre a própria prática oratória.[189]

Trata-se, assim, de uma vertente da tradição epidítica, que, diferentemente dos epitáfios, se baseia num elogio ficcional – cujo objeto é uma personagem mitológico-literária – e individual. Górgias não é único a atuar nesse tipo de discursos. Como afirma Pernot (1993, p. 22), o *Elogio de Helena* inaugura uma série de exercícios laudatórios jocosos próprios do final do século V e início do IV a.C. que se destinavam a personagens mitológicas e paradoxais.[190] Dentre os que possuem discursos nesse formato está o próprio Isócrates, que também escreveu um elogio a Helena, ainda que se contrapondo, em muitos aspectos, ao discurso de Górgias (LACERDA, 2011, p. 29).

A maior inovação de Isócrates em relação à oratória epidítica, no entanto, está em seus encômios de caráter não mitológico, principalmente nos discursos *Panegírico* e *Evágoras*. Discurso extenso se comparado aos textos laudatórios de Górgias e Péricles, o *Panegírico*, escrito provavelmente entre 380 e 379 a.C., ainda sob os efeitos da guerra do Peloponeso, é, na verdade, um discurso de caráter deliberativo, uma vez que seu objetivo principal é persuadir os gregos para que estabeleçam novas alianças entre si. Tal persuasão, no entanto, passa por uma longa exaltação à cidade de Atenas, que parece ter como objetivo mostrar a capacidade ateniense em assumir a hegemonia do Peloponeso. O título desse discurso se origina do termo *panégyris*, utilizado para designar simplesmente uma assembleia pública (REES, 2007b, p. 136), mas também para nomear os grandes festivais pan-helênicos, como os Jogos Olímpicos, Píticos, Ístmicos e Nemeus, ocasião em que comumente se faziam louvores

---

[188] É esse argumento, por exemplo, que Cícero defende, no *Orator*, afirmando que o gênero demonstrativo, pelo uso de uma diversidade de recursos artísticos e por vezes poéticos, é mais próprio dos exercícios escolares que da prática política e judicial dos fóruns (Cíc.*Or.* 42). Górgias, inclusive, é conhecido por ter um estilo quase poético de oratória. Seu discurso, portanto, beira a persuasão pela arte poética (PERNOT, 2005, p. 17-8).

[189] Para Barbosa e Castro "[...] o *Elogio de Helena* poderá considerar-se pioneiro de outros do mesmo gênero que, alicerçados em assuntos ligeiros, eram pretexto para cada um exercitar a sua habilidade. [...] tanto o *Elogio de Helena* como a *Defesa de Palamedes* seriam exemplos de exercícios retóricos sobre temas da mitologia, visando mostrar como, com suficiente habilidade e cinismo, se podiam defender causas que, à partida, poucas hipóteses teriam de sucesso" (BARBOSA; CASTRO, 1993, p. 40).

[190] Podem ser acrescidos a esse tipo de louvores ficcionais aqueles elaborados com o objetivo de louvar animais, objetos e mesmo seres inanimados, prática bastante comum em contexto grego. Cf. PERNOT, 1993, p. 20; BURGESS, 1902, p. 165-6.

e apenas simulada por Isócrates na composição desse discurso.[191] Apesar da origem bastante específica, o vocábulo *panegírico* foi utilizado, posteriormente, para designar os discursos de elogio de modo mais geral e se tornou, por fim, epônimo para um gênero de discursos laudatórios bastante praticado a partir do período imperial romano.

O *Evágoras*, por sua vez, é considerado o primeiro elogio individual em prosa a um contemporâneo.[192] Escrito em 365 a.C, esse discurso é um encômio ao rei Evágoras, de Salamina, cidade da ilha de Chipre, falecido em 374 a.C. Composto por oitenta e um parágrafos e dedicado ao filho do próprio Evágoras, Nícocles, esse panegírico está organizado de modo muito próximo à estrutura descrita, posteriormente, por Aristóteles, Quintiliano e Demétrio. Pode-se afirmar, inclusive, que esse discurso executou um papel importante no estabelecimento das regras do gênero (BRAUND, 2012, p. 85; INNES, 2011, p. 69).

Para Pernot (1993, p. 21), o *Evágoras* estabelece uma dupla inovação em relação à prática laudatória grega. Por um lado, trata-se de um discurso direcionado a um indivíduo e não ao coletivo – como no caso das orações fúnebres e discursos em festividades; por outro, é o louvor de uma figura contemporânea, e não de uma personagem mitológica, como nos elogios jocosos iniciados por Górgias.[193] Esse formato epidítico iniciado por Isócrates, especialmente quando direcionado a soberanos, tornou-se comum durante o período helenístico (PERNOT, 1993, p. 22) e pode ser considerado um dos principais precedentes dos elogios individuais romanos, especialmente os panegíricos imperiais (BRAUND, 2012, p. 85).

Apesar da aparente relutância de Cícero em admitir a produção epidítica romana (Cf. *Or.*, 38; *De or.* II, 44-5 e 341), os latinos também se exercitaram em diferentes modalidades de louvor. Assim como ocorre em contexto grego, a prática latina surge dos encômios

---

[191] Bertacchi, (2014, p. 42-43) afirma que esse discurso de Isócrates nunca foi, de fato, pronunciado durante um festival, pois se destinava apenas à leitura. Todavia, o autor considera importante a cenografia estabelecida pelo orador, pois, ao situar seu discurso na ocasião de um importante festival pan-helênico, Isócrates intensifica o objetivo de seu discurso - persuadir para uma conciliação entre os helenos - ao mesmo tempo em que estabelece indiretamente um diálogo com a produção celebrativa de outros autores como Górgias e Lísias, que discursaram em Olimpíadas.

[192] Esse ineditismo é evocado pelo próprio Isócrates no início de seu discurso (5-8). Ainda que haja alguma controvérsia sobre a total primazia isocrática, Pernot (1993, p. 22) afirma que "Mesmo que o elogio de um contemporâneo em prosa tenha estado em germe em Atenas no início do século IV a.C., Isócrates continua a ser o primeiro, a nosso conhecimento, que assumiu o risco de tratar o gênero de uma maneira séria" (*Même si l'elóge de contemporain en prose était en germe à Athènes au début du IV° siècle, Isocrete reste le premier, à notre connaissance, qui ait pris le risque de traiter le genre sur le mode sérieux*).

[193] Todavia, mesmo sendo inovador, o *Evágoras* de Isócrates não deixa de dialogar com manifestações laudatórias precedentes. Para Braund, o novo formato isocrático é, na verdade, a junção de dois outros tipos de elogio bastante tradicionais: os epinícios de Píndaro e as orações fúnebres. De acordo com essa autora "como Píndaro, em seus hinos epinícios, Isócrates louva um indivíduo; assim como na oração fúnebre, o objeto do elogio está morto" (*like Pindar in his epinician hymns, Isocrates praises an individual. as in the funeral oration, his subject is dead*) (BRAUND, 2012, p. 86).

póstumos, as denominadas *laudationes funebres*[194], modalidade para a qual o próprio Cícero permite uma exceção.[195] A *laudatio* era parte dos funerais públicos ou privados de romanos ilustres. Embora saibamos da existência de inúmeras *laudationes* pronunciadas por e para figuras notáveis[196], temos acesso, por meio de inscrições fragmentárias, a apenas três elogios póstumos, dirigidos, porém, a personagens femininas razoavelmente obscuras[197].

Segundo o detalhado relato de Políbio (*Hist.*, VI, 53-54), a oração fúnebre era pronunciada por um filho ou um parente próximo do falecido. No caso de cerimônias públicas, passava também a ser um dever de magistrados, senadores e cônsules (Quint. *Inst. Or.* III, 7, 2). Esse discurso geralmente era composto por duas partes. Em uma delas, eram louvados os feitos e as virtudes daquele que estava sendo sepultado; em outra, os feitos e virtudes de seus ancestrais. Segundo Políbio, essa forma de organização do discurso tinha uma importante função: estimular os jovens e as gerações futuras para que se comprometessem com a coletividade e desejassem uma glória igual a de seus precedentes (*Hist.*, 54). Diante desse quadro, pode-se afirmar, juntamente com Rees (2007b, p. 138) que a prática romana de elogios fúnebres possuía um caráter ritualístico, ornamental e comemorativo. No entanto, percebe-se que ela também assume funções culturais mais amplas, em especial políticas, principalmente porque se baseia numa ideia de exemplaridade.

Apesar da importância cultural das orações fúnebres romanas[198], elas não parecem ter tido a mesma visibilidade literária que alguns dos epitáfios atenienses obtiveram. De fato, no que se refere ao desenvolvimento estilístico das *laudationes*, há diferentes opiniões. Por um

---

[194] É provável que o primeiro discurso fúnebre romano tenha acontecido mesmo antes das primeiras evidências atenienses do gênero. Conforme argumenta Crawford (1941, p. 20), a primeira *laudatio* teria sido realizada por Valério Publícola em honra de Bruto, seu companheiro no consulado, pouco tempo antes da Batalha de Maratona. Sobre referências antigas à prática de elogios fúnebres, cf. Políbio. *Hist.*, 53-54; Cíc. Brut., 61; *De or.* II,44; Tác. *Ann.*, XIII, 3; Plin., *Ep.* II, 1. Para uma explicação mais detalhada do gênero, cf. CRAWFORD, 1941.

[195] "Sim, respondeu Antônio, eu sei que, exatamente neste gênero, ficamos, eu e todos os que estavam presentes, extremamente encantados com o elogio fúnebre que fizeste a Popilia, vossa mãe, a primeira mulher a quem, julgo eu, foi concedida tal honra em nossa cidade. Porém, parece-me que nem tudo o que falamos deve ser remetido à arte e aos preceitos"("*Ita," inquit Antonius "et in eo quidem genere scio et me et omnis, qui adfuerunt, delectatos esse vehementer, cum a te est Popilia, mater vestra, laudata, cui primum mulieri hunc honorem in nostra civitate tributum puto. Sed non omnia, quaecumque loquimur, mihi videntur ad artem et ad praecepta esse revocanda*) (Cíc. *De or.* II, 44).

[196] Para uma listagem de alguns dos principais elogios fúnebres latinos, cf. CRAWFORD, 1941.

[197] São esses discursos os elogios a Matidia, Murdia e a Turia (CRAWFORD, 1941, p. 27; PERNOT, 2005, p. 182). Dentre eles, o mais famoso é o elogio de Turia, sobre o qual Rees (2007, p. 138) afirma: "O exemplo melhor preservado, a *laus Turiae*, é a mais longa inscrição privada remanescente do mundo romano e data do século I a.C. [...] O fato de que ela foi inscrita em pedra revela que foi projetada para comemorar seu assunto bem depois de sua morte, mas o elogio de Turia não pode ser descrito como retórico" (*The best preserved example, the* laus Turiae, *is the longest surviving private inscription from the Roman world, and dates to the late first century BCE* [...] *The fact that it was inscribed in stone reveals that it was designed to commemorate its subject well after her death, but the praise of Turia cannot be described as rhetorical*).

[198] Segundo Crawford (1941, p. 25-6), uma cópia do discurso pronunciado passava a fazer parte dos *monumenta privata* da família. Desse modo, sua importância pode ser comparada a outras representações monumentais (bustos, por exemplo) feitas após a morte de algum ilustre romano.

lado, Cícero recomenda menor utilização de recursos nesse tipo de discurso (Cíc. *De or.* II, 341 e II, 44), por outro, há evidências de um maior cuidado literário em sua elaboração e execução. Esse é o caso, por exemplo, da *laudatio* de Tácito, então cônsul, pronunciada em honra ao político romano Vergínio Rufo e mencionada por Plínio, o Jovem, a qual ele descreve como realizada pelo mais eloquente panegirista (*laudator eloquentissimus*) (Plin. *Ep.* II, 1, 6). O próprio Tácito, por sua vez, nos *Anais*, destaca a grande diligência demonstrada por Sêneca ao compor o discurso fúnebre de Cláudio, pronunciado por Nero.[199]

As divergências entre esses autores ilustram, inclusive, as diferenças existentes entre a retórica epidítica republicana e a imperial. As afirmações de Cícero sobre a *laudatio* são próprias do período republicano, em que o elogio é, pelo menos teoricamente[200], colocado em uma posição periférica, enquanto as afirmações de Plínio e Tácito colaboram para a ideia de crescimento da prática laudatória no período imperial.

Embora Roger Rees (2007b), afirme que o primeiro panegírico latino[201] foi, de fato, o texto de Plínio, o Jovem, em honra ao imperador Trajano, publicado por volta do ano 100 d.C, esse mesmo autor destaca que a prática do louvor individual a uma figura de autoridade política pode ser encontrada já em alguns textos do próprio Cícero. Para Rees, o primeiro exemplo dessa prática está no discurso deliberativo conhecido sob os nomes de *Pro lege Manilia* ou *De imperio Cn. Pompei*, datado do ano 66 a.C., no qual o orador executa, no decorrer de sua defesa, uma série de elogios a Pompeu. Tais elogios, na análise de Rees (2007b, p. 140-1), utilizam estruturas, conceitos e recursos estilísticos próprios do gênero epidítico. Além disso, o autor afirma que

> Uma razão pela qual o discurso [*pro lege Manilia*] é importante na história da oratória romana está no fato de que ele é nosso primeiro exemplo da aplicação da retórica epidítica em assuntos estritamente político-militares. [...] Cícero, então, teve a versatilidade de empregar, nesse contexto deliberativo, aspectos da retórica epidítica que serviriam para seu objetivo. Mas se pode ser visto como um exemplo da praticidade romana, isso também demonstra como a retórica traçava os contornos da política, uma vez que o *Pro lege Manilia* defendeu e celebrou uma concentração sem precedentes de poderes em um só homem (REES, 2007b, p. 140-1).[202]

---

[199] "[...] esse discurso fora com muita arte composto por Sêneca, homem de sedutor engenho, muito ao gosto daquela época." ([...] *oratio a Seneca composita multum cultus praeferret, ut fuit illi viro ingenium amoenum et temporis eius auribus accommodatum*) (Tác. *Ann.* XIII, 3. Tradução de Leopoldo Pereira).

[200] Embora, em nível teórico, o gênero pareça ser menor valorizado, há uma oratória epidítica bastante desenvolvida ainda sob a República. Sobre isso, cf. MANUWALD, 2011, p. 85-103.

[201] Entendido, neste caso, não como louvor num sentido amplo, mas como um gênero dos discursos de elogio, escrito em prosa e com a finalidade de aclamar um contemporâneo, em especial um governante, ainda vivo.

[202] "*One reason why the speech [pro lege Manilia] is important in the history of Roman oratory is because it is our earliest example of the application of epideictic rhetoric to specifically political-military affairs.[...] Cicero, then, had the versatility to employ in this deliberative context aspects of epideictic rhetoric which would serve his purpose. But if this can be seen as an example of Roman practicality, it also demonstrates how rhetoric*

Colaboram para essa visão também outros textos de Cícero considerados cesaristas: *Pro Marcello*, *Pro Ligario* – ambos de 46 a.C – e *Pro rege Deiotaro*, de 45 a.C. Tais textos são vistos dessa maneira porque, ao pedir desculpas (*Pro Ligario* e *Pro rege Deiotaro*) ou agradecer (*Pro Marcello*[203]) a Júlio César, fazem loas a ele. A sinceridade do encômio executado por Cícero nesses discursos, porém, ou seu alinhamento político em favor de seu elogiado certamente tem sido objeto de questionamento e diferentes interpretações (REES, 2007b, p. 141-2). Esses discursos são lidos, por exemplo, muito mais como elaborados para instruir ou corrigir as ações de seu elogiado que para celebrá-lo.[204]

Sendo possivelmente parte do processo de centralização do poder na mão de um soberano, o elogio individual romano de fato se desenvolveu principalmente quando direcionado ao imperador (PERNOT, 1993, p. 108).[205] Isso não impede, entretanto, a existência de encômios individuais em honra a outras figuras da sociedade romana. Não sendo comumente executados como prática isolada (*Ret. Her.* III, 15), os louvores a contemporâneos podem ser encontrados, ainda durante a República, em textos forenses e deliberativos.[206] Um exemplo desse tipo de oratória está no *Pro Archia poeta*, de Cícero. Nesse discurso, datado de 62 a.C., Cícero defende o direito de cidadania romana concedido ao poeta grego Aulo Licínio Árquias. Trata-se, portanto, de um texto forense, mas que, como aponta o proêmio do próprio discurso, tem como característica a exaltação tanto da figura do poeta quanto da própria literatura.[207]

---

traced the contours of politics, as the Pro lege Manilia argued for and celebrated the unprecedented concentration of powers in one man" (REES, 2007b, p. 140-1).

[203] Esse discurso chama especial atenção porque é, de fato, uma *gratiarum actio* de Cícero para César (BRAUND, 2012, p. 101), mesma classificação dada ao discurso pronunciado por Plínio em honra ao imperador Trajano.

[204] Cf. BRAUND, 2012. Nesse texto, a autora analisa textos latinos considerados proto-panegíricos. O objeto de análise do artigo é justamente as relações entre o elogio e uma prática protréptica (*protreptic*) - instrutiva - desses discursos. Tal interpretação também pode ser aplicada a outro texto anterior aos panegíricos imperiais, mas já posterior ao período republicano, o *De clementia* (55/56 d.C.), de Sêneca. Apesar de ser um tratado filosófico, esse texto contém, no início, um elogio a Nero que participa claramente, segundo Braund, de diversas convenções do gênero epidítico, mas parece ter por objetivo mais que felicitar o imperador por sua clemência, persuadí-lo a exercitá-la (BRAUND, 2012, p. 104-6).

[205] Para Pernot (2005, p. 171-6) e Hesk (2009, p. 159), a oratória epidítica assume, de fato, grande importância a partir do crescimento do poder autocrático em Roma.

[206] Sobre o aspecto político e não apenas celebratório dessa inserção dos elogios em outros tipos de discurso, cf. MANUWALD, 2011, p. 90.

[207] Cícero capta a benevolência de seus ouvintes e indica o caráter epidítico de seu discurso como que pedindo desculpas por utilizar esse gênero. "Todavia, para que a ninguém pareça estranho usar eu, - numa causa forense e em julgamento público, processada diante de um pretor do povo romano, homem distintíssimo, diante de respeitabilíssimos juízes e perante tão grande assembleia, - de um método oratório que se afasta não só da praxe tribunalícia, mas ainda do estilo forense: peço-vos que nesta causa me concedais tal permissão, acomodada à qualidade do réu, e a vós, segundo me parece, nada prejudicial. Falando, pois, em defesa de um grande erudito e poeta, nesta reunião de pessoas cultas, ante um pretor e juízes tão esclarecidos, consenti-me que o faça de

No que se refere ao elogio do poeta Árquias, é possível identificar uma série de elementos próprios dos discursos de louvor a um indivíduo, como, por exemplo, a referência a sua origem e família nobres, à formação liberal e literária, e a sua distinção entre os seus.

> Com efeito, logo que Árquias saiu da puerícia e daqueles exercícios em que a idade infantil se costuma preparar para as belas artes, entregou-se ao estudo da composição. Primeiro em Antioquia, onde nascera de família nobre. Nesta cidade, outrora famosa e rica, repleta de homens eruditos, em breve conseguiu avantajar-se a todos pelo brilho da inteligência. Depois, nas restantes partes da Ásia e da Grécia [...] (Cíc. *Arch.* 4).[208]

Nesse trecho, que faz parte da *narração* do discurso, o orador menciona também a atuação de Árquias junto a famílias ilustres romanas, quando beneficiou seus benfeitores não apenas pelo seu talento nas letras, mas também exercitando sua natureza e virtude: "*non solum ingenii ac litterarum, verum etiam naturae atque virtutis fuit*" (*Arch.* 5). Após esse momento inicial, o louvor ao poeta é retomado após o elogio da própria literatura (18), quando o orador eleva o talento poético de Árquias e afirma ser ele comparável a grandes literatos, embora não cite quais. A comparação, por sua vez, também é um elemento próprio do discurso de louvor (Cíc. *De or.* II, 347).

O caráter epidítico desse discurso de Cícero, no entanto, não se limita ao encômio do poeta e nem mesmo ao elogio às letras. No epílogo de sua fala, o orador faz uma reflexão acerca do desejo de glória, considerado por ele como natural aos homens (*Arch.* 26). A esse desejo de glória, ele acrescenta uma comparação que dialoga muito proximamente com o discurso de Isócrates, no *Evágoras.* Cícero defende que

> E, se milhares de homens nobilíssimos procuraram deixar estátuas e imagens, efêmeros reflexos não de suas almas e sim de seus corpos, não devemos nós, com muito maior razão, esforçar-nos por deixar o retrato de nossos pensamentos e de

---

maneira mais livre sobre estudos das humanidades e das letras e que empregue uma linguagem quase nova nestas circunstâncias. (*Sed ne cui vestrum mirum esse videatur me in quaestione legitima et in iudicio publico-cum res agatur apud praetorem populi Romani, lectissimum virum, et apud severissimos iudices, tanto conventu hominum ac frequentia--hoc uti genere dicendi, quod non modo a consuetudine iudiciorum, verum etiam a forensi sermone abhorreat; quaeso a vobis, ut in hac causa mihi detis hanc veniam, adcommodatam huic reo, vobis (quem ad modum spero) non molestam, ut me pro summo poeta atque eruditissimo homine dicentem, hoc concursu hominum literatissimorum, hac vestra humanitate, hoc denique praetore exercente iudicium, patiamini de studiis humanitatis ac litterarum paulo loqui liberius, et in eius modi persona, quae propter otium ac studium minime in iudiciis periculisque tractata est, uti prope novo quodam et inusitato genere dicendi*) (Cíc. *Arch.* 2. Tradução de Maximiano Augusto Gonçalves). Embora esse trecho possa ser lido como um pedido de desculpas antecipado em virtude do caráter quase literário do discurso que Cícero propõe, a permissão solicitada pode também ser relacionada ao aspecto mais livre da própria eloquência laudatória.

[208] *"Nam ut primum ex pueris excessit Archias, atque ab eis artibus quibus aetas puerilis ad humanitatem informari solet se ad scribendi studium contulit, primum Antiochiae--nam ibi natus est loco nobili--celebri quondam urbe et copiosa, atque eruditissimis hominibus liberalissimisque studiis adfluenti, celeriter antecellere omnibus ingeni gloria contigit. Post in ceteris Asiae partibus cunctaeque Graeciae [...]"*(Cíc. *Arch.* 4).

> nossas virtudes traçado pelo talento de um grande gênio? Quanto a mim, tudo que realizava já mesmo ao empreendê-lo, pensava em dá-lo à publicidade e propagá-lo na memória eterna universal. [...] (Cic. *Arch.* 30).[209]

Isócrates, por sua vez, afirma:

> [...] E eu, Nícocles, considero muito belas as estátuas e os monumentos, mas julgo muito mais grandiosas as imagens dos seus feitos e das suas decisões, aquelas que só poderiam ser contempladas no discurso que tem arte. Prefiro antes estas porque sei bem que os homens nobres não são tão louvados pela beleza de seus corpos quanto são amados pelo reconhecimento de suas ações e convicções. Depois, porque as imagens necessariamente permanecem perto daqueles junto dos quais foram erigidas, mas os discursos são capazes de viajar por toda a Hélade [...] (Isóc. *Evag.* 73-4. Tradução de Júlio de Figueiredo Lopes Rego).

Não se pode dizer com certeza que Cícero esteja imitando diretamente o texto isocrático[210], porém a existência dessa semelhança é relevante, uma vez que ela faz com que Cícero se inclua, de algum modo, numa tradição de retórica epidítica. Além disso, esses trechos demonstram com bastante clareza a função memorial do louvor.[211] Como destacam os dois oradores, o encômio, sendo superior aos monumentos físicos, concede honra, glória e imortalidade ao nome do elogiado.

Os louvores individuais a outros cidadãos se desenvolveram, após o estabelecimento do Principado, também em outros gêneros literários que não apenas os discursos oratórios. Esse é o caso, por exemplo, do texto *Agrícola*, um dos primeiros textos historiográficos de Tácito, que pode ser encarado, ao mesmo tempo, como discurso de elogio e como biografia. Escrita em 98 d.C, essa obra objetivou, segundo o próprio Tácito, "narrar a vida de um morto".[212] Tal objetivo fez com que ela se identificasse, de algum modo, com o gênero das *laudationes funebres*, classificação na qual não se integra completamente, no entanto, por não ter sido composta para o ritual funerário.[213] A vida narrada é a de Gneu Júlio Agrícola, general romano bastante envolvido com a conquista da Britânia e sogro de Tácito. Mais que apenas expor os feitos e virtudes desse general, no entanto, Tácito escreve um texto que dialoga

---

[209] *"An statuas et imagines, non animorum simulacra sed corporum, studiose multi summi homines reliquerunt; consiliorum relinquere ac virtutum nostrarum effigiem nonne multo malle debemus, summis ingeniis expressam et politam? Ego vero omnia quae gerebam, iam tum in gerendo spargere me ac disseminare arbitrabar in orbis terrae memoriam sempiternam. Haec vero sive a meo sensu post mortem afutura est sive--ut sapientissimi homines putaverunt--ad aliquam mei partem pertinebit, nunc quidem certe cogitatione quadam speque delector"* (Cic. *Arch.* 30).

[210] Murphy (1958, p. 104, nota 12) mostra que Cícero pode estar utilizando apenas um lugar comum dos discursos de louvor em que se faz uma comparação entre a beleza corporal e as virtudes, mas ressalta que há também estudos que apontam para a possibilidade de uma imitação.

[211] Sobre as funções do elogio, cf. PERNOT, 1993, p. 659-724.

[212] [...] *narraturo mihi vitam defuncti* [...] (Tác. *Agric.* 1).

[213] A publicação do texto se dá apenas em 98 a.C.. Agrícola havia falecido em 93.

fortemente com seu entorno político e social.[214] Composta por quarenta e seis parágrafos, a obra sobre a vida de Agrícola se dedica, em grande parte (§§10-39), também a narrar os diversos conflitos ocorridos na Bretanha, assim como comentar a situação contemporânea de Roma, especialmente os problemas do governo de Domiciano.

A biografia-elogio de *Agrícola* é relevante no contexto deste trabalho porque não se trata de um elogio ao imperador, mas a um cidadão romano, prática que se aproxima da realizada por Plínio, o Jovem, em suas cartas. Se, como se vê pela leitura de outros discursos que exaltam uma figura autocrática, os elogios podem ser interpretados como uma maneira de instruir e sugerir um curso de ação ao elogiado (ROCHE, 2011, p. 5), os elogios a um aristocrata contemporâneo podem estar relacionados a uma exemplaridade ainda mais ampla. No caso desse tipo de elogio, o aconselhamento subjacente aos encômios parece não se aplicar apenas ao elogiado, que é o motivo e, muitas vezes, o seu interlocutor, mas sim apresentar-se como ideal de atitudes a serem seguidas por um público aristocrático mais amplo. Nesse sentido, a obra de Plínio, o Jovem, é exemplar, pois é marcada tanto pelo elogio imperial de caráter oratório do *Panegírico*, quanto pelo louvor realizado em um gênero literário mais privado, que é aquele que se encontra em sua obra epistolar.

2.3 O uso dos louvores na epistolografia pliniana

Há pelo menos duas vias pelas quais se pode discutir a prática epidítica na obra de Plínio, o Jovem. Por um lado, as cartas desse autor, quando lidas como fontes para uma diversidade de informações sobre o cotidiano romano do séc. I d.C., fornecem-nos também relatos sobre a utilização do elogio em Roma nesse período. Por outro lado, tanto várias de suas epístolas, quanto seu discurso mais preclaro – o *Panegírico* a Trajano – são exemplos eloquentes da prática epidítica do autor. Neste trabalho, o objetivo é seguir os passos dados em apenas uma dessas vias possíveis, a do elogio praticado pelo próprio Plínio. Esse caminho permite, entretanto, pelo menos mais uma divisão, estabelecida entre o exercício encomiástico realizado no *Panegírico* e o realizado na obra epistolar. Diante dessa possibilidade, este trabalho opta por investigar como o autor faz uso do gênero epidítico em suas cartas e quais as possíveis funções dessa utilização, sejam elas literárias, sociais ou políticas. Tradicionalmente reservada à declamação pública, a prática do elogio ainda não foi estudada de forma mais intensa e suficiente em relação a suas particularidades numa tradição epistolográfica.[215]

---

[214] Sobre algumas das implicações políticas de *Agrícola*, cf. FAVERSANI; JOLY, 2013.

[215] Sobre o *Panegírico*, por outro lado, é possível encontrar uma série de estudos recentes que analisam a estruturação e os objetivos do elogio de Plínio, ainda que isso certamente não signifique um esgotamento do

Todavia, para fornecer uma perspectiva mais ampla sobre a utilização do louvor por Plínio, faz-se necessária uma apresentação, ainda que breve, sobre as outras possibilidades do encômio na obra desse autor.

As informações dadas por Plínio acerca dos discursos de elogio em Roma começam a aparecer ainda nos primeiros livros de sua obra epistolar. A carta II,1, por exemplo, destinada a Vocônio Romano, faz, ao lamentar a morte de Vergínio Rufo[216], uma menção à *laudatio funebris* realizada por Tácito na ocasião da morte desse amigo em comum (II, 1, 6). Além disso, Plínio afirma que o próprio Vergínio estava, na ocasião em que sofreu o acidente que o debilitou, terminando de preparar um discurso de agradecimento ao imperador (II, 1, 5). Essa carta a Vocônio Romano é talvez a única referência sobre a performance de *laudationes*, porém não é a única a respeito de agradecimentos a um *princeps*. Plínio cita essa prática em mais quatro cartas: III, 13; III, 18; VI, 27 e VII, 32. As duas primeiras são sobre o discurso do próprio autor em honra a Trajano e fornecem um quadro amplo sobre o processo de revisão, edição e recitação desse texto. Na III, 13, Plínio afirma estar enviando a Vocônio Romano uma versão do seu discurso que já havia sido pronunciada no senado (III, 13, 1) e solicita ao destinatário que revise seu texto (III, 13, 4-5). Na III, 18, o missivista comenta as motivações que o levaram a revisar e recitar seu agradecimento. Nessa carta, Plínio aproveita para falar da qualidade oratória de sua própria obra, ao mostrar uma recepção muito positiva de seu discurso, assim como destaca uma renovação do gosto pelo elogio imperial.[217]

As missivas VI, 27 e VII, 32, por sua vez, não tratam, a princípio, do texto de Plínio. Em VI, 27, o autor tem como objetivo principal aconselhar seu destinatário, Vetênio Severo, a como elaborar seu próprio agradecimento ao *princeps*. Para isso, no entanto, o missivista acaba falando sobre suas próprias escolhas na elaboração do elogio a Trajano. Já em VII, 32, destinada ao seu sogro, Fabato, Plínio apenas menciona rapidamente o fato de que os dois foram louvados em uma *gratiarum actio*. Mais interessante que a simples menção, porém, é o comentário do autor ao fato. Citando Xenofonte, ele afirma que o louvor é uma das melhores coisas de se ouvir (VII, 32, 2). Essa citação reforça um caráter positivo dado por Plínio a uma

---

tema. Indicativos dessa produção são, por exemplo, o volume organizado por Paul Roche (2011) dedicado exclusivamente à *gratiarum actio* de Plínio; uma série de artigos sobre o mesmo tema publicados no livro editado por Roger Rees (2012); e, em contexto brasileiro, a dissertação de mestrado de Alex Aparecido da Costa (2013).

[216] Verginio Rufo foi, segundo o próprio Plínio, um notável cidadão e político romano. Sobre ele, cf. SHERWIN-WHITE, 1998, p. 142.

[217] Para mostrar uma nova valorização dos discursos de elogio, Plínio afirma que "Acrecentar-se-á, portanto, também isso ao elogio do nosso príncipe: que algo antes tão odiado quanto falso, fez-se, agora, tanto verdadeiro quanto amável" (*Accedet ergo hoc quoque laudibus principis nostri, quod res antea tam invisa quam falsa, nunc ut vera ita amabilis facta est.*) (Plín. *Ep*. III, 18, 7).

prática laudatória realizada de modo independente de outros discursos – como o forense e o deliberativo, por exemplo – e direcionada a pessoas contemporâneas àquele que elogia, visão que difere da expressa por oradores anteriores como Cícero e Quintiliano.[218] O maior exemplo dessa prática laudatória autônoma na obra pliniana é justamente o seu único discurso oratório remanescente, o *Panegírico* a Trajano.

O que é conhecido sob o nome de *Panegírico* foi, na verdade, uma *gratiarum actio*, tipo de discurso de agradecimento tradicional e recorrente desde o período republicano e que era pronunciado ao se assumir o cargo de cônsul (MANUWALD, 2011, p. 96). Proferido por Plínio no ano 100 d.C, na ocasião de sua nomeação como *consul suffectu*s e, em seguida, revisado e publicado em uma versão escrita, o discurso em honra a Trajano passou a ser nomeado como *Panegírico* apenas a partir de Sidônio (séc. V d.C.) (RADICE, 2012, p.78). Sua importância está atestada no fato de que é considerado o primeiro panegírico imperial e, por isso, é visto como o maior influenciador dos louvores imperiais desenvolvidos nos séculos III e IV d.C, especialmente o conjunto de discursos conhecido como *Panegyrici Latini* (RADICE, 2012, p.78).[219] Composto por noventa e cinco capítulos, o texto de Plínio é também o maior da coleção. Sua extensão notória se deve aos processos de revisão, edição e mesmo recitação pelos quais passou após ter sido pronunciado no Senado. A estrutura seguida pelo autor certamente dialoga com a tradição epidítica que o precede, sem contudo, deixar de utilizar estratégias singulares na composição de seus argumentos.[220]

Para além de uma fonte histórica de informações sobre o início do principado de Trajano, uma vez que cita uma diversidade de eventos relacionados à ascensão e realizações iniciais desse imperador[221], o encômio elaborado por Plínio tem sido analisado por seu valor

---

[218] Embora se note, na obra pliniana, uma visão positiva sobre o elogio, ela não deve ser aplicada como perspectiva unânime para o contexto de Roma ao fim do século I e início do século II d.C.. O próprio Plínio deixa transparecer a existência de uma crítica ao uso dos louvores. Na breve carta VII, 18, destinada a Septício Claro, o autor responde, de maneira jocosa, às críticas recebidas por louvar demais seus amigos. Embora nessa missiva ele reafirme seu gosto pelo encômio, fica clara a existência de algum incômodo social causado pelo excesso dessa prática.

[219] Para Morford (2012, p. 129) o discurso de Plínio representaria, na verdade um novo tipo de oratória para Roma, uma vez que "esta foi a primeira vez que um *princeps* ('imperador') vivo foi elogiado em sua presença por meio de um discurso que foi projetado mais para persuadir que para adular". Todavia, embora não se negue a importância do *Panegírico* de Plínio para o desenvolvimento do gênero, a posição completamente original, primeira e modelar desse texto tem sido repensada. Para Nixon e Rodgers "[...] está claro que a *gratiarum actio* tornou-se laudatória (*panegyrical*) em uma fase inicial. Na República, era costume que os cônsules pronunciassem um discurso de agradecimento ao *senatus populusque Romanus* pelo seu consulado. Nos tempos de Augusto, o incumbido agradecia aos deuses e ao César (Iv. *Pont.* 4.4.65-39). O *Panegírico* de Plínio apenas aconteceu de ser o primeiro desses discursos que sobreviveu" (NIXON; RODGERS, 1994, p. 3). Já para Henderson (2011), é necessário ter em vista que "a coleção dos *Panegyrici Latini* privilegia Plínio ao colocá-lo em primeiro lugar, mas ela não é um álbum de decalques" (HENDERSON, 2011, p. 183).

[220] Sobre as relações entre o *Panegírico* de Plínio e a tradição retórica, cf. INNES, 2011.

[221] Trajano foi nomeado em 98 d.C, apenas dois anos antes do pronunciamento do *Panegírico.*

literário que passa, fundamentalmente, pela utilização que o autor faz da retórica. Tal modo de análise, por sua vez, tem contribuído para que se observe esse texto não só como informativo do período ou apenas um discurso adulatório, mas como uma obra que, pelo modo como se constrói, cria determinadas imagens dos atores sociais envolvidos em sua performance e, além disso, parece querer influenciar nas decisões futuras do novo *princeps.* Um elemento bastante marcante quando se trata da leitura do *Panegírico* é, por exemplo, a insistência desse orador a respeito da própria sinceridade. Uma boa parte do proêmio (capítulos 2-3) se dedica a mostrar que o discurso que está sendo pronunciado é parte da obrigação de cônsul e de cidadão, mas que, mesmo sendo algo tradicional, é realizado, naquela ocasião, de maneira renovada e sincera. Como recurso que visa atribuir verdade ao que está sendo dito, essa insistência também se relaciona ao desafio político que se coloca diante de Plínio: elaborar uma distância entre os governos de Domiciano e Trajano. Tal distância seria necessária para o panegirista em virtude de sua ascensão política ter ocorrido em grande parte sob o governo de Domiciano. Com esse objetivo, o orador constrói, no discurso, pelo menos três imagens principais: a de si mesmo como orador e cidadão verdadeiro, a de Trajano como exemplo positivo de imperador e a de Domiciano como modelo negativo de governo.[222] Adjacente a essa, outra leitura recorrente do *Panegírico* se relaciona ao seu aspecto aconselhatório. Dado o momento em que o discurso foi pronunciado – logo no início do principado de Trajano -, o destaque que Plínio dá ao papel do Senado e a escolha por enfatizar o louvor a virtudes como *moderatio* e *modestia*[223] (ROCHE, 2011, p. 8), o *Panegírico* é lido menos como adulação ao novo imperador que como a construção de um *princeps* ideal que deve ser seguido pelo próprio Trajano.[224] Essa perspectiva aconselhatória é atestada pelo próprio Plínio, na carta III, 18, 2, ao afirmar que seu discurso tinha como objetivo também aconselhar Trajano por meio do louvor às virtudes, assim como oferecer um bom exemplo aos imperadores futuros.

Se uma leitura dos aspectos literários do *Panegírico* conduz a uma reflexão sobre as configurações políticas das quais participa, isso não é diferente quando se trata da obra epistolar de Plínio, o Jovem, na qual o autor também executa muitas formas de elogio. Como já apresentado na Introdução, as cartas em que se identifica, além do elogio como um dos objetivos principais do texto, o uso das ferramentas próprias do discurso epidítico, são

---

[222] Sobre a sinceridade de Plínio, a construção dessas imagens e o afastamento entre os dois imperadores, cf. MORFORD, 2012; BARTSCH, 2012; ROCHE, 2011, p. 6-22.

[223] Tais virtudes são as mesmas louvadas por Tácito ao falar de seu sogro Agrícola (Cf. JOLY; FAVERSANI, 2013, p. 133).

[224] Sobre o aspecto instrutivo (protréptico) dos louvores, cf. BRAUND, 2012. Sobre uma imagem moderada e acessível de Trajano, cf. ROCHE (2011, p. 45-66). Sobre a formulação de um orador ideal e o aconselhamento de Trajano, cf. RADICE, 2012. p. 77-84. COSTA;VENTURINI, 2013 e MORFORD, 2012.

denominadas, neste trabalho, cartas epidíticas ou laudatórias. Do conjunto total das duzentas e quarenta e sete epístolas que compõem os livros I a IX da produção pliniana, quarenta e seis possuem encômios que obedecem, em algum grau, aos parâmetros descritos pela retórica. Nesse conjunto, é possível encontrar tanto elogios póstumos quanto a contemporâneos vivos. No grupo dos elogios a contemporâneos, é possível perceber, ainda, diferentes objetos e motivações para o elogio, o que possibilita a percepção de subgrupos de cartas: elogios a mulheres, *commendationes* e elogios a amigos. Nesta dissertação, definiu-se como fonte de investigação apenas as cartas em que Plínio elabora elogios a seus amigos ainda vivos tendo como motivação principal a atuação política e intelectual dos elogiados. Mais especificamente, é examinado, neste trabalho, um conjunto de treze cartas: I, 10; I,16; I,22; II,3; IV,27; V,14; V,17; VI,11; VI,21; VI,26; VII,25; VIII,12 e IX,22.

O conjunto de cartas laudatórias que compõem o *corpus* de análise deste trabalho abrange, de algum modo, todos os livros da obra pliniana, com a exceção do livro III, no qual os textos de elogio são ou muito breves, ou póstumos.[225] Por isso, é possível afirmar que o tom epidítico do texto de Plínio é razoavelmente constante. Não se trata, portanto, de uma característica apenas localizada em um período específico da produção ou da carreira desse autor, mas algo que acompanha sua escrita ao longo dos aproximadamente dez anos durante os quais os livros foram sendo compostos e publicados.[226] Tal fato se torna ainda mais claro se o conjunto total das cartas epidíticas, que somam o número de quarenta e seis epístolas, for considerado, uma vez que há, em média, cinco textos de caráter laudatório em cada livro.[227] No caso das cartas de elogio a amigos ainda vivos, a distribuição é um pouco menos regular. Cinco livros – II, IV, VII, VIII e IX – possuem apenas um exemplar desse tipo de texto cada e as outras oito cartas estão distribuídas entre demais livros – I, V e VI. Embora seja difícil argumentar com certeza a razão dessa distribuição, uma vez que o próprio Plínio afirma no prefácio à sua obra que reuniu suas cartas na ordem em que elas lhes vieram à mão (I,1,1), alguns indícios podem ajudar a compreender essa forma de organizá-las.

Um dos princípios de composição atribuídos a Plínio no que se refere à reunião de suas cartas é a *variatio*, recurso poético de origem helenística (AUBRION, 1989, p. 358; GUILLEMIN, 1929, p. 88). De acordo com Goetzel, a *variatio* é utilizada por Plínio como "o

---

[225] Também não há, nesse *corpus*, cartas pertencentes ao livro X, uma vez a análise proposta nesta dissertação se concentra no tratamento dos discursos de elogio apenas nos livros I-IX.

[226] As cartas foram compostas entre os anos 96 e 108 d.C. (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 41) e sua publicação se deu de forma separada (com algumas exceções de livros publicados em grupos de dois ou três) entre os anos de 104-110 (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 55-6).

[227] Nos livros I-III, há exatamente cinco missivas epidíticas em cada um. No livro IV, sete; no livro V, seis; no livro VI, cinco; no livro VII, seis; no livro VIII, 4 e no livro IX, três.

grande remédio contra '*rerum similitudo et satietas'* ('a mesmice e saturação das coisas' – Tác. *Ann.* IV, 33). Outros notáveis escritores e poetas como Lívio, Horácio, Tibulo e Propércio e, acima de tudo, Cícero, usaram esse recurso antes dele" (GOETZEL, 1952, p. 265).[228] Para essa mesma autora, enquanto poetas como Horácio, por exemplo, executaram a variação a partir do uso de diferentes metros, Plínio o faz em pelo menos quatro instâncias de sua obra: no vocabulário, no estilo, nos conteúdos e na organização (GOETZEL, 1952, p. 266). Esses dois últimos modos de variação são fáceis de ser identificados pelo leitor, ainda numa primeira leitura, pois, em todos os livros, é possível encontrar sequências de cartas que, apesar de muito próximas, têm extensões, assuntos, tons discursivos e destinatários muito diferenciados.[229] No decorrer de sua obra, Plínio dificilmente repete, por exemplo, mais de duas vezes um mesmo correspondente em um livro. Exemplo disso é Tácito que, embora seja o destinatário numericamente mais frequente da obra, recebe apenas onze cartas, distribuídas entre os nove primeiros livros da coleção.

Não é diferente o princípio que organiza a disposição das treze cartas analisadas neste estudo. Com exceção da possibilidade de que os correspondentes das cartas VI,21 e VII,25 sejam a mesma pessoa, não há repetição de correspondentes quando o tema é o elogio de contemporâneos vivos.[230] Do mesmo modo, dificilmente ocorre reincidência em relação à pessoa elogiada nessas epístolas.[231] Por fim, nos livros em que há mais de uma carta de

---

[228] "*[...] that great remedy against 'rerum similitudo et satietas'. Other famous writers and poets such as Livy, Horace, Tibullus, and Propertius and above all Cicero, had used it before him"* (GOETZEL, 1952, p. 265).

[229] Observando, por exemplo, a sequência das últimas cinco cartas do livro I, o leitor se depara, primeiramente, com uma carta bastante extensa - vinte e cinco parágrafos – destinada a Tácito e cujo conteúdo é o posicionamento de Plínio a respeito da brevidade na eloquência, com a qual ele discorda, em tom ao mesmo tempo tratadístico e jocoso (*Ep.* I, 20); em seguida, há um breve bilhete – dois parágrafos - endereçado a Plínio Paterno a respeito de uma compra de escravos (I,21); A missiva seguinte, I,22, enviada a Catílio Severo é o elogio de Plínio a Títio Aristo, realizado num texto razoavelmente longo e com um tom grave e comovente; Já na I, 23, Plínio aconselha, em quatro parágrafos, seu receptor, Pompeio Falco, a como conciliar os deveres de advogado e de Tribuno; por fim, em I, 24, solicita, também em quatro parágrafos, a Bébio Hispano que procure uma propriedade para ser comprada por Suetônio.

[230] Na carta VII, 25, Plínio nomeia seu destinatário apenas pelo *cognomen: Rufus.* Tal modo de nomeá-lo dificulta a identificação precisa desse personagem, uma vez que, como mostram Radice (1969, p. 579) e Birley (2000, p. 85), há pelo menos treze personagens presentes nas cartas de Plínio que possuem esse sobrenome: *Acilius, Asinius, Calvisius, Caninius, Corellius, Curtius, Minicius, Octavius, Pomponius, Saturius, Sempronius, Varenus* e *Verginius.* Em algumas cartas, eles são nomeados com dois nomes, em outras apenas com o *cognomen.* Os apresentados apenas por sobrenome nem sempre são o mesmo. No caso dessa carta, seguimos o que é estabelecido por Sherwin-White (1998, p. 434), que, juntamente com Radice (1969, p. 579) e Birley (2000, p. 85), considera mais possível a identificação do Rufo da carta VII, 25 como Canínio Rufo, que é, portanto, o mesmo que recebe a missiva VI, 21, cujo objetivo é elogiar Vergílio Romano.

[231] Há, certamente, exceções a esse principio geral da obra. No *corpus* de análise deste estudo, a reincidência de elogiados ocorre entre as cartas VI, 11 e VI, 26, nas quais Fusco Salinator é elogiado. Os contextos para esse elogio, no entanto, são diferentes. Na primeira dessas cartas, Salinator é homenageado, juntamente com Umídio Quadrato, em razão de sua eloquência, na segunda; a celebração de Plínio se dá em razão do casamento desse jovem com a filha de Júlio Serviano. O caso de Fusco Salinator, no entanto, exatamente por ocorrer uma reincidência precisa ser pensado com mais cuidado, em especial porque se trata de um jovem que começa

elogio, ele não é de um mesmo tipo. No caso do livro I, por exemplo, em que há três cartas laudatórias, a primeira é um elogio direcionado a um filósofo (I,10), a segunda a exaltação dos talentos de alguém versado tantos em gêneros de prosa quanto de poesia (I,16) e a terceira o louvor a um jurista (I,22). Esse mesmo procedimento ocorre nos livros V e VI. A carta V,14 tem por objetivo principal louvar Cornuto Tértulo pelos cargos públicos que assumiu, já a V,17 concentra-se na avaliação de uma recitação poética. No livro VI, Plínio primeiramente elogia Fusco Salinator e Umídio Quadrato por sua atuação oratória (VI, 11), em seguida, aprecia a produção artística do comediógrafo Vergílio Romano (VI, 21) e, por fim, exalta as qualidades morais de Fusco Salinator no contexto de uma felicitação pelo seu casamento (VI, 26).

Desse modo, a utilização da *variatio* como um princípio de organização desses livros garante, por um lado, que as cartas não se tornem uma leitura monótona; por outro lado, esse mesmo princípio contribui para que um mesmo tema apareça de forma razoavelmente constante no conjunto. Observando a distribuição das treze cartas laudatórias, percebe-se que Plínio não concentra muitas missivas desse tipo em apenas um livro, porém, utiliza um mesmo tipo de cartas em livros diferentes, expandindo o tratamento do tema. Assim como ocorre em relação à *variatio*, modelo de organização de origem poética que é respeitado por Plínio na composição literária de sua obra epistolar, o autor observa também alguns padrões próprios dos discursos epidíticos oratórios na realização dos louvores em suas epístolas.

Na leitura dessas epístolas, para além das estruturas fixas próprias do gênero, o que determina que os textos sejam iniciados sempre com "*C. Plinius suo* (nome do amigo) *S.*", ou seja, "Caio Plínio saúda o querido (nome do amigo)" e terminados sempre com um "*vale*" (adeus), é também perceptível uma organização própria das passagens laudatórias. Quando o elogio se refere a algum amigo reconhecido estritamente por sua atividade literária ou filosófica, Plínio segue *grosso modo* a seguinte estrutura: a) inicia as cartas dando alguma motivação para o texto, como, por exemplo, dizendo que as artes liberais estão em crescimento ou evocando a recitação da qual participou recentemente; b) menciona o nome daquele que será o elogiado e tece seu julgamento sobre ele; c) elogia o amigo como que analisando-o: fala do estilo utilizado, as técnicas que compõem sua produção, sua postura, vestimenta, habilidade de fala, por exemplo. Em alguns casos, Plínio compara o elogiado a algum autor anteriormente consagrado que é seu provável modelo de imitação; d) ao fim da

---

aparecer a partir do livro VI e será recorrente nos livros seguintes. A posição desse *novus homo* introduzido por Plínio nos últimos livros da coleção será discutida mais adiante na análise.

carta, o autor tece alguma reflexão sobre a literatura, ou exorta seu destinatário a ler ou ouvir o elogiado.

Quando se trata de algum amigo retratado majoritariamente por sua atuação social ou política, a estrutura segue uma ordem bem parecida, mas sofre algumas modificações. A motivação das cartas se dá, por exemplo, geralmente ou por algum acontecimento de ordem política, como a promoção do elogiado a algum cargo; ou de ordem íntima, como o lamento por uma doença. Após mencionar o amigo que é motivo do encômio, Plínio fala de suas características morais e destaca também quão fortes são os laços de amizade que os unem. Plínio disserta, ainda, sobre as contribuições políticas e/ou literárias do amigo em questão e termina com alguma exortação, prece ou expressão de bons votos para o sucesso do elogiado.

Como se vê, o elogio das cartas possui vários elementos em comum com os descritos para a elaboração de discursos epidíticos oratórios, reforçando, desse modo, a percepção de que as concepções retóricas e literárias não se encontram em localidades separadas da literatura antiga, mas que, na verdade, participam de um mesmo campo de atuação cultural e político em que a produção letrada é um dos elementos mais valorizados. É justamente sobre a participação nesse campo letrado que muitas das cartas epidíticas de Plínio incidem. Trata-se da utilização, por Plínio, de um gênero retórico, o encômio, em uma produção de caráter literário, mas originalmente privado, a epístola, com vistas a formular imagens de si e de seus pares diante de um público mais amplo. Ao utilizar esses recursos, a preocupação do autor nessas cartas parece ser, por um lado, mostrar envolvimento com a literatura produzida em seu tempo e, por outro, também formular uma representatividade política – de si mesmo e de seus pares – na *Vrbs*. Esse, no entanto, é o tema abordado no terceiro capítulo deste trabalho, juntamente com a análise mais aprofundada de como os elementos epidíticos são utilizados nas epístolas.

3 AS REPRESENTAÇÕES NAS EPÍSTOLAS LAUDATÓRIAS DE PLÍNIO

3.1 Considerações teóricas: Imagens textuais, representações e discursos

Aparentemente contrariando suas próprias opiniões negativas sobre a utilização do epidítico, expressas em algumas passagens do *De oratore*[232], Cícero, na defesa do poeta Árquias, concede uma mostra bastante eloquente de seu próprio desejo de ter o nome, talento e virtudes propagados por meio da obra literária de alguém. Após apontar claramente, no parágrafo vinte e oito desse discurso[233], seu amor pela glória e afirmar que o próprio Árquias havia escrito um poema elogiando suas ações durante o consulado, Cícero ainda reitera:

> [...] E, se milhares de homens nobilíssimos procuraram deixar estátuas e imagens, efêmeros reflexos não de suas almas e sim de seus corpos, não devemos nós, com muito maior razão, esforçar-nos por deixar o retrato de nossos pensamentos e de nossas virtudes traçado pelo talento de um grande gênio? Quanto a mim, tudo que realizava já mesmo ao empreendê-lo, pensava em dá-lo à publicidade e propagá-lo na memória eterna universal [...] (Cíc. *Arch*, 30).[234]

Em tal passagem, o orador utiliza como argumento para defender a cidadania de Árquias – identificado indiretamente como "grande gênio" – a sua capacidade de, pela literatura, eternizar os feitos de um cidadão notável – cujo exemplo, nesse discurso, é o próprio Cícero. Tal eternização é comparada, no trecho, a elementos de caráter monumental e

---

[232] "Na obra *De oratore* (II, 41-44), Cícero afirma a partir da fala de Antônio que este terceiro tipo de discurso [epidítico], ainda que seja útil, é menos necessário [...]. Em II, 49-50, Cícero explica que como o epidítico não buscava preceitos na arte, esse gênero retórico era facilmente discursado pelos oradores, explicando a insignificância do demonstrativo diante dos outros gêneros. Em II, 69, ele afirma que não oferecerá métodos para se discursar nesse gênero, pois quando se aprende o mais complexo – nesse caso, o deliberativo e judicial –, o mais fácil é feito sem dificuldade. Ainda reiterando o caráter irrelevante do epidítico na república romana, Rees (2007, p. 137) comenta que para Cícero, os gregos utilizavam os panegíricos para se exibirem, diferentemente dos discursos deliberativos e judiciais que tinham uma aplicabilidade civil" (CARVALHO, 2014, p. 43-44).

[233] "[...] confesso-vos, também, de minha parte, certo amor de glória, talvez muito ardoroso, mas legítimo e honesto. Aliás, o que me foi possível realizar com vosso auxílio, durante o meu consulado, em prol desta cidade e deste Império, pela vida dos cidadãos e pela república, Licínio o escreveu em magníficos versos: e, escutados por mim em parte, incitei-o a terminá-los, por me parecerem um empreendimento notável e porque a virtude não exige outra recompensa de suas obras além do louvor e da glória. E sem esse estímulo, juízes, que razão teríamos para nos expor a tão grandes fadigas, no decurso de uma existência tão rápida?" ([...] *indicabo, et de meo quodam amore gloriae, nimis acri fortasse verum tamen honesto vobis, confitebor. Nam quas res nos in consulatu nostro vobiscum simul pro salute huiusce imperi et pro vita civium proque universa re publica gessimus, attigit hic versibus atque inchoavit: quibus auditis, quod mihi magna res et iucunda visa est, hunc ad perficiendum adornavi. Nullam enim virtus aliam mercedem laborum periculorumque desiderat, praeter hanc laudis et gloriae: qua quidem detracta, iudices, quid est quod in hoc tam exiguo vitae curriculo [et tam brevi] tantis nos in laboribus exerceamus*) (Cic. *Arch.*, 28. Tradução de Maximiano Augusto Gonçalves).

[234] "[...] *An statuas et imagines, non animorum simulacra sed corporum, studiose multi summi homines reliquerunt; consiliorum relinquere ac virtutum nostrarum effigiem nonne multo malle debemus, summis ingeniis expressam et politam? Ego vero omnia quae gerebam, iam tum in gerendo spargere me ac disseminare arbitrabar in orbis terrae memoriam sempiternam*.[...]" (Cic. *Arch*, 30).

imagético, como pode ser percebido pelas palavras utilizadas no texto latino: *statuas, imagines, simulacra* e *effigiem*. Desse modo, estão relacionadas num mesmo breve trecho duas formas de propagar a imagem de alguém de maneira perene: a construção de uma imagem gráfica[235], como uma estátua, por exemplo, e a construção de imagem verbal[236], como um poema. O entrelaçamento desses dois modos de representação se dá, no discurso de Cícero, justamente por meio de uma símile em que o orador relaciona "*effigiem expressam et politam"* ("um retrato gravado e polido"), algo de caráter bastante imagético, a "*consiliorum et virtutum nostrorum",* ("dos nossos pensamentos e virtudes"), elementos que não se retratam graficamente com facilidade. Assim, o orador reitera a ideia de que a melhor imagem é, na verdade, o texto de um literato, e não uma pintura ou estátua.

É de modo bastante similar ao texto ciceroniano que Plínio também demonstra o desejo de ser retratado literariamente. Esse desejo toma forma de um pedido bastante direto na carta VII, 33, dirigida a Tácito.

> Eu prevejo, e não me engana a previsão, que suas histórias serão imortais. Por isso, mais ainda eu anseio – e falarei abertamente – ser incluído nelas. Pois, se costumamos nos preocupar para que nossa aparência seja retratada pelo melhor dos artífices, não deveríamos eleger para que desenhe as nossas atuações um escritor e encomiasta similar a você? Exponho, então, algo que não pode escapar do seu cuidado, uma vez que foi publicado nas atas públicas, eu exponho, porém, para que você confie ainda mais. Será uma alegria para mim se você tiver engrandecido, com seu talento e seu testemunho, um feito meu, cujo crédito foi concedido pelo perigo (Plin. *Ep.* VII, 33, 1-3).[237]

Torna-se perceptível por meio dos trechos de Cícero e Plínio que a elaboração de uma imagem de si diante da sociedade de seu próprio tempo e, consequentemente, também da futura é algo importante para alguns homens romanos, pelo menos entre os séculos I a.C. e II d.C. Tal importância dada à imagem textual é geralmente atribuída, como bem mostrou o próprio Cícero (*Arch.,* 28), ao desejo de *gloria.* A *gloria* romana pode ser definida como "o público reconhecimento das qualidades do cidadão" (PEREIRA, 1990, p. 335). Trata-se,

---

[235] De acordo com Mitchell (1986, p. 10), o termo imagem gráfica (*graffic image)* abarca itens como as estátuas, os desenhos e as pinturas, por exemplo, sendo, assim, objeto de apreciação das artes plásticas.

[236] Conforme Mitchell (1986, p. 10), imagem verbal (*verbal image*) se refere às metáforas e descrições, por exemplo, sendo , portanto, objeto de investigação da crítica literária.

[237] "*1 Auguror nec me fallit augurium, historias tuas immortales futuras; quo magis illis – ingenue fatebor – inseri cupio. 2 Nam si esse nobis curae solet ut facies nostra ab optimo quoque artifice exprimatur, nonne debemus optare, ut operibus nostris similis tui scriptor praedicatorque contingat? 3 Demonstro ergo quamquam diligentiam tuam fugere non possit, cum sit in publicis actis, demonstro tamen quo magis credas, iucundum mihi futurum si factum meum, cuius gratia periculo crevit, tuo ingenio tuo testimonio ornaveris*" (Plin. *Ep*. VII, 33, 1-3.

portanto, de um conceito fortemente associado à *virtus*[238] e aos deveres da *res publica* e, por isso, de algo que os homens querem e buscam durante sua carreira, seja ela militar, política ou literária. Essa busca se justifica pelo fato de que a glória era, para esses homens, uma garantia da imortalidade (GUILLEMIN, 1929, p. 17).[239] Outro fator que deve ser destacado é que essa imagem textual positiva da qual falam Cícero e Plínio é considerada ainda melhor quando se dá por meio da obra literária de outra pessoa, uma vez que, como também demonstra o próprio Cícero, a glória precisa ser comprovada pelos testemunhos de outros: "Pois, de fato, a glória é a fama pelo atos bons e grandes serviços para com a *res publica*, que se comprovam, quer pelo testemunho dos homens notáveis, quer pelo da multidão".[240]

Considerando as imagens textuais positivas que criam, as cartas laudatórias de Plínio analisadas neste trabalho parecem assumir justamente esse papel de ser um testemunho notável para os atos e caráter de diversos homens de seu tempo. Sendo assim, a elas poderia ser atribuído o conceito mais lato de representação, definido como a reapresentação de um objeto ausente por meio de uma imagem presente (CHARTIER, 2002, p. 21). No entanto, não é apenas nesse sentido mais amplo que os retratos criados por Plínio atingem o conceito formulado por Chartier. Para compreender a ideia de representação em Plínio como "categoria de percepção e apreciação do real" (CHARTIER, 2002, p. 17), todavia, faz-se imprescindível recordar o estatuto literário da correspondência pliniana.

Embora não se possa negar o valor das cartas de Plínio como fontes para o conhecimento acerca da sociedade e do quotidiano dos dois primeiros séculos d.C., essa obra não é apenas um conjunto de registros colocados em formato epistolar que nos fornecem trechos da realidade cotidiana desse autor.[241] Trata-se, de fato, de um texto elaborado esteticamente. Apesar da aparente recusa de Plínio na carta I,1 ao afirmar não ter premeditado um modelo de composição dos livros, é possível indicar uma diversidade de recursos linguísticos e de organização que tornam essa correspondência uma obra de apreciação literária. Como aponta, por exemplo, Casquero (1983, p. 401), a própria atitude de Plínio ao

---

[238] A palavra *virtus* pode ser entendida, de modo geral, como virtude própria do homem romano. Esse conceito, porém, toma uma diversidade de conotações em contexto latino. Sobre isso, cf. PEREIRA, 1990, p. 399-409.

[239] Sobre as reflexões romanas a respeito desse conceito, cf. PEREIRA, 1990, p. 333-7; Sobre os diferentes tipos de gloria (militar, política e literária) e a preferência de Plínio pela glória literária, cf. GUILLEMIN, 1929, 13-22.

[240] *"Est autem gloria laus recte factorum magnorumque in rem publicam meritorum, quae cum optimi cuiusque, tum etiam multitudinis testimonio comprobatur"* (Cíc. *Filípicas.* I, 29. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira).

[241] De fato, muitos são os autores que destacam a importância da correspondência pliniana para o conhecimento da sociedade de sua época. Cf., por exemplo, GUILLEMIN, 1929, p. 1; LEACH, 1990, p. 14; SHERWIN-WHITE, 1998, p. v; ZEHNACKER, 2003, p. 47; MARCHESI, 2008, p. viii; SOUZA, 2013a, p. 19; FANTHAM, 2013, p. 197. Sobre uma crítica à visão das cartas apenas como *flashes* de realidade, cf. EBBELER, 2001, p. 33-78.

selecionar, compilar e publicar suas cartas pode ser considerada um ato literário. Para Guillemin (1929, p. 113-157) e Marchesi (2008, p. ix-x) são a consciência genérica, os processos de alusão e a importância dada aos modelos oratórios, historiográficos e, em especial, os poéticos, que garantem a estruturação literária da correspondência pliniana. Já Aubrion (1989, p. 356), Edwards (2005, p. 280) e Gibson e Morello (2012), destacam a importância da disposição das cartas em cada livro, assim como a ordenação dos próprios livros, como um elemento de literariedade. Tais fatores estão, ainda, fortemente inter-relacionados com a utilização de uma linguagem marcada pela diversidade de estilos imitados e pela presença constante de figuras (FERNÁNDEZ, 2005, p. 39-42; SÁNCHEZ, 2011, p. 46).

Diante disso, a metáfora dos quadros ou esculturas textuais pode continuar a ser utilizada no campo das representações presentes na epistolografia de Plínio. Agora, porém, com a clareza de que autor elabora retratos artísticos que, como qualquer produção desse tipo, são concebidos a partir de uma série de procedimentos e técnicas de composição.[242] Nesse ponto, concordamos com a visão de Ebbeler (2001) sobre a relação entre as cartas e suas condições de produção: "Se cartas são 'fotografias da vida cotidiana', elas são retratos posados e muito retocados" (EBBELER, 2001, p. 51).[243] A interpretação de Ebbeler coincide com a concepção de Plínio sobre os retratos textuais na carta VII, 33, uma vez que a imagem que ele solicita de Tácito, embora baseada em feitos comprovados pelas atas públicas, depende do ornamento realizado pelo historiador para que tenham sucesso: "[...] Será uma alegria para mim se você tiver engrandecido, com seu talento e seu testemunho, um feito meu, cujo crédito foi concedido pelo perigo" (Plin. *Ep.* VII.33, 3).[244] Desse modo, o elogio utilizado nas cartas de Plínio se configura como um recurso por meio do qual se torna viável criar essas imagens textuais de seus contemporâneos acrescidas de uma valoração positiva.

---

[242] Sobre isso, Trapp (2003, p. 4) afirma que "Consciente ou inconscientemente, missivistas selecionam o que eles vão dizer e o que eles não vão dizer, e escolhem como eles vão verter aquilo que dizem. Desse modo, constroem uma versão personalizada da realidade à qual se referem. Igualmente, na escrita, os escritores de cartas constroem e projetam uma *persona* que pode suportar todos os tipos de relação (incluindo uma bastante tênue) do seu personagem como percebido pelos outros do que o seu correspondente do momento*"* (C*onsciously or unconsciously, letter-writers select what they are going to say and what they are not going to say, and choose how they are going to slant what they do say, and thus construct a personalized version of the reality they are referring to. Similarly, in writing, letter-writers construct and project a persona which may bear all kinds of relationship (including a very slender one) to their character as perceived by others than their correspondent of the moment*).

[243] "*If letters are 'snapshots of everyday life', they are posed and heavily re-touched fotos*" (EBBELER, 2001, p. 51).

[244] "[...] *iucundum mihi futurum si factum meum, cuius gratia periculo crevit, tuo ingenio tuo testimonio ornaveris*" (Plin. *Ep.* VII, 33, 3).

O retrato criado por Plínio é, portanto, diferente de uma realidade referencial que ele aparentemente busca imitar. Trata-se, então, de um modo de conceber e apresentar o real que passa pela utilização de um determinado tipo de discurso e tem, como fim, o estabelecimento de uma identidade do autor e de seu grupo. Para compreender como esse mecanismo funciona, todavia, é necessário levar em consideração que mesmo essa realidade referencial já não é absorvida por Plínio de forma neutra. Não há, por um lado, uma realidade pura que o missivista busca retratar e, por outro, uma visão completamente pessoal sobre aquele objeto. Nas palavras de Maingueneau,

> Não há, de um lado, um universo de coisas e atividades mudas e, de outro, representações literárias dele apartadas que sejam uma imagem sua. Também a literatura constitui uma atividade; ela não apenas mantém um discurso sobre o mundo, como produz a sua própria presença nesse mundo (MAINGUENEAU, 2014, p. 44).

Aquilo que está representado na obra é também uma construção influenciada por outros fatores e representações mais ou menos estabelecidos tanto social quanto literariamente. Cada carta que Plínio escreve precisa ser pensada a partir da forma pela qual esse autor se insere em seu grupo social e literário.

Nesse caso, é útil recorrer, ainda que de maneira bastante breve, ao conceito de paratopia, definido por Maingueneau. A paratopia é, para esse analista do discurso, algo inerente à produção literária (MAINGUENEAU, 2014, p. 108), pois é o que define o estatuto do escritor em relação a sua obra e sua sociedade. Para Maingueneau (2014, p. 108), o escritor é alguém que ocupa um não-lugar no mundo e deve se posicionar através de sua obra, que é, na verdade, o resultado da gestão que o escritor faz dos espaços sociais e literários em que está, de algum modo, inserido. Tal conceito contribui para a reflexão a respeito das representações dos contemporâneos nas cartas de Plínio desenvolvida neste trabalho, pois consegue explicar as epístolas como textos que são parte de um cotidiano e, portanto, estão ligadas ao seu entorno histórico, ao mesmo tempo em que configuram uma construção literária desse mesmo contexto. Assim, não são apenas fontes de informação para a compreensão de um dado momento da história, mas uma construção filtrada por determinadas concepções de mundo, expressas por determinados modelos de escrita e produção e que, por isso, produzem uma visão própria deste mesmo contexto e dos indivíduos que o compõem. Considerando que Plínio escreveu suas cartas sobre contemporâneos vivos e as publicou ainda em vida, as representações que ele evidenciou em suas missivas são também um modo de influenciar seu entorno.

Tendo em vista o conceito de paratopia de Maingueneau, pode-se afirmar que coube a Plínio, então, gerir, em sua obra epistolográfica, uma diversidade de fatores literários e sociais que estão ligados à produção de suas cartas. É para compreender como Plínio realizou essa gestão que os conceitos de discurso, representação e identidade são empregados nesta dissertação.

Em relação ao seu pertencimento literário, é necessário ter em vista que Plínio foi formado em uma determinada maneira de pensar e atuar: a retórica. Tal formação interferiu na produção de suas cartas uma vez que o autor empregou, nesses textos, uma diversidade de recursos originários das práticas oratórias. Esse é o caso, por exemplo, da utilização do discurso epidítico em contexto epistolar. Seu vínculo com a literatura se dá, ainda, por meio do investimento genérico feito pelo autor, ou seja, a epistolografia. Sendo assim, aquilo que ele escreveu levou em consideração a utilização de uma diversidade de elementos próprios da literatura epistolar precedente. Essa relação é complementada por sua comunicação com diversos modelos oratórios, historiográficos e poéticos. É o conjunto desses elementos que integram o que se pode analisar como o discurso utilizado por Plínio, cujo exame mais detalhado fornece seu posicionamento. O discurso, para Maingueneau, não é um conceito de fácil definição (2014, p. 39), mas pode ser delimitado por uma série de "ideias-forças" (MAINGUENEAU, 2014, p. 40): é uma organização transfrástica; é uma forma de ação; é interativo; é orientado; é contextualizado; é assumido por um sujeito, é regido por normas e é considerado no âmbito do interdiscurso (MAINGUENEAU, 2014, p. 40-42). Nesse caso, a epistolografia pliniana pode ser pensada como discurso, pois é um conjunto de textos (organização transfrástica) que não apenas descreve seu cotidiano, mas participa dele e o modifica (forma de ação). Além disso, é constituído a partir da *interação* com outros discursos, especialmente o retórico e epistolográfico, *contextualizados* na sociedade imperial romana dos séculos I e II d.C.. Esse discurso parte de um *sujeito* epistolar concentrado na figura de Plínio, o Jovem e é construído a partir das *normas* próprias tanto da epistolografia quando da eloquência laudatória, além de estar em constante comunicação (interdiscurso) com a tradição literária que o precede.

Em relação ao pertencimento social de Plínio, alguns dos fatores que dizem respeito mais propriamente à análise aqui pretendida são sua origem municipal relativamente afastada do centro do Império, uma vez que nasceu em Como[245], sua ascensão no *cursus honorum*,

[245] Plínio nasceu no município de *Novum Comum*, referido pelo missivista apenas como *Comum* (Plin. *Ep.* I, 3,1), localizado na região Transpadana do norte da Itália. Tanto sua família paterna quanto a materna pertenciam à aristocracia municipal de Como (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 69). De acordo com Allain (1901, p. 23), os

inicialmente como membro da classe equestre e, depois, atuando como senador em diversos cargos e seu papel como grande apoiador de Trajano.[246] O modo pelo qual Plínio gerenciou esses fatores de pertencimento social por meio de seu discurso é, então, o que compõe as representações elaboradas em suas cartas, uma vez que, como definidas por Chartier (2002, p. 17), as *representações* são "categorias de percepção e apreciação do real" dadas pelas classificações, divisões e delimitações que as organizam, e que são determinadas pelos interesses sociais.

.

3.2 O discurso epistolográfico: posicionamento por meio do investimento genérico

Um dos pontos de partida para se compreender a importância do gênero epistolar na leitura das representações é a consideração de que

> Todo o trabalho que se propõe identificar o modo como as configurações inscritas nos textos, que dão lugar a séries, construíram representações aceites ou impostas do mundo social não pode deixar de subscrever o projeto e colocar a questão, essencial, das modalidades da sua recepção (CHARTIER, 2002, p. 24).

Ou seja, a interpretação de um discurso não deve ser dissociada de uma reflexão acerca do meio pelo qual esse discurso se dá a ler, uma vez que "Os textos não são depositados nos objetos, manuscritos ou impressos que o suportam como em receptáculos" (CHARTIER, 2002, p. 25). Desse modo, entendemos que o meio pelo qual um texto é veiculado interfere no modo como ele é concebido e lido.[247] Embora na perspectiva analítica de Chartier referida nesses excertos o autor esteja aludindo principalmente aos suportes materiais desses textos e às práticas de leitura como parte constituinte dos sentidos da obra, é possível aplicar essa mesma reflexão ao gênero textual por meio do qual uma obra é concebida e veiculada. Nas palavras de Maingueneau: "Refletir sobre os dispositivos de comunicação que os textos implicam é entrar em contato com a categoria de gênero" (MAINGUENEAU, 2014, p. 229).

---

romanos conquistaram essa região sob o consulado de Marco Cláudio Marcelo (séc. III a.C), mas o nome de *Novum Comum* foi atribuído apenas sob o principado de Júlio César.

[246] De acordo com Stadler (2010, p. 53) Plínio executou um papel central no processo de legitimação de Trajano, que era de origem provinciana, como imperador e contribuiu muito, ao formular uma imagem virtuosa e ideal, para que o período de governo desse *princeps* tivesse uma representação positiva não só contemporânea, mas também nos séculos que se seguiram.

[247] Como afirma Maingueneau, "A transmissão do texto não vem depois de sua produção a maneira como o texto se institui materialmente é parte integrante de seu sentido [...] [e] é inegável que as mediações materiais não vêm acrescentar-se ao texto como circunstâncias contingentes, mas em vez disso intervêm na própria constituição de sua 'mensagem'" (MAINGUENEAU, 2014, p. 212 e 213).

No caso de Plínio, o Jovem, esse fato se torna bastante evidente. As cartas que compõem o conjunto de sua correspondência foram concebidas, inicialmente, como textos cotidianos de finalidade comunicacional, uma vez que foram parte de uma comunicação privada entre Plínio e muitos de seus conhecidos.[248] Sua veiculação, portanto, seria feita separadamente e direcionada a apenas um leitor – o destinatário. A partir do momento em que Plínio se dispôs a organizá-las em livros e entregá-las à leitura de um público mais amplo por meio da publicação, seu propósito comunicacional e seu caráter cotidiano passaram a realizar outras funções e gerar outros sentidos.

Tendo essa consciência da importância do investimento genérico de Plínio torna-se necessário analisar, por um lado, como o autor utilizou as ferramentas próprias da epistolografia nas treze cartas de elogio selecionadas, inserindo-se, por consequência, numa tradição genérica, e, por outro, como essa maneira de se inserir numa tradição do gênero colabora para a leitura do posicionamento do autor.[249]

Como foi discutido mais amplamente no primeiro capítulo, as cartas se configuram enquanto gênero já na Antiguidade a partir de uma série de elementos próprios, sejam estruturais, sejam situacionais (TRAPP, 2003, p. 1). As fontes para definição desse gênero na Antiguidade são, de modo geral, os tratados retóricos e as próprias obras epistolográficas. É a partir das definições dadas nesses tratados que podemos nos aproximar da obra epistolar de Plínio, o Jovem.

No que se refere aos aspectos situacionais, os elementos que possibilitam a utilização das missivas são: a existência de um diálogo *in absentia*, caracterizado pela distância geográfica dos interlocutores; a finalidade comunicacional do texto; e a possibilidade desse

---

[248] Sobre a autenticidade das cartas enquanto correspondência privada, cf. SHERWIN-WHITE, 1998, p. 11-15; GIBSON;MORELLO, 2012, p. 4; MARCHESI, 2008, p. 12-13.

[249] Em sua produção epistolar, Plínio se posiciona, na verdade, em relação a uma diversidade de outras produções literárias que não se restringem nem à prosa, nem à própria epistolografia. Na análise bastante detalhada que executa da intertextualidade na obra pliniana, Marchesi (2008), por exemplo, identifica de que modo Plínio interage com as tradições poética, histórica e oratória da literatura romana. Neste trabalho, mencionamos apenas uma relação entre Plínio e a produção epistolográfica em prosa que o precede, uma vez que nosso objetivo não é analisar o posicionamento literário de Plínio em seu sentido mais amplo, mas uma identidade discursiva no interior do gênero epistolar em prosa e com vistas a compreender como e porque Plínio lança mão de uma escrita laudatória em sua coleção de cartas. Cabe apenas de destacar que, em relação à poesia, Plínio inscreve em sua obra uma grande aproximação com a tradição poética de caráter cotidiano, especialmente por meio da imitação de Catulo, Calvo e Marcial (Cf. GUILLEMIN, 1929, p. 113-157 e MARCHESI, 2008, p. 12-95). No que se refere à escrita da história, o autor muitas vezes discute a possibilidade de escrever nesse gênero, na maioria delas, porém, a recusa, por considerar uma forma literária elevada e voltada para os grandes feitos (Cf. I, 1; V, 8; VI 16 e 20). Sobre o caráter artístico dessa recusa e a inclusão de formatos e temas historiográficos na prosa pliniana, cf. GUILLEMIN, 1929, 128-131; ASH, 2003. Em nossa percepção, portanto, a opção de Plínio por compor, selecionar e publicar suas epístolas parte de um posicionamento artístico mais amplo do autor, manifestado na sua preferência pelo cotidiano, pelos temas privados e pela dicção menos grandiloquente.

texto ser enviado. Como consequência dessa configuração, as epístolas se compõem pela elaboração de imagens de seus emissores, pela construção de uma atmosfera familiar e pelo tratamento de assuntos diversificados, mas especialmente os ligados ao cotidiano. Em relação aos aspectos formais do gênero, as cartas costumam apresentar os seguintes elementos: a) são textos escritos; b) estão limitadas pelas fórmulas de saudação e de despedida; c) têm um espaço delimitado: geralmente são breves; e d) utilizam uma linguagem simples (*sermo cotidianus*) caracterizada pela clareza, incisos ou interpelações coloquiais, uso de provérbios e, possivelmente, citações ou expressões em grego.[250]

Como destaca Trapp (2003, p. 34) o que faz com que um texto seja mais rapidamente identificado como uma carta são seus aspectos formais, por isso, a análise aqui proposta começa por eles. Dentre esses elementos estruturais, o que mais claramente identifica o texto como uma epístola são as fórmulas de saudação e de despedida: *inscriptio/praefactio* e *subscriptio* (ARCOS PEREIRA, 2008, p. 362). Em contexto latino, as cartas são, de modo geral, iniciadas sempre com a estrutura "*aliquis alicui salutem dicit"* e encerradas com um *vale*.[251] Essas formas, no entanto, podem sofrer algumas variações, tanto pela abreviação (*aliquis alicui s.d.* ou *salutem* ou apenas *s.*), quanto pela expansão: "*aliquis alicui s(alutem) p(lurimam) d(icit)"*, na saudação, e "*cura ut valeas",* na despedida (TRAPP, 2003, p. 33; ARCOS PEREIRA, 2008, p. 363).[252] Podem haver variações também em relação aos nomes e adjetivos utilizados. De acordo com Arcos Pereira,

> A *inscriptio* entre familiares e amigos pode apresentar, na época de Cícero, as seguintes formas: *praenomen – praenomen* (*Marcus Quinto fratri*); *nomen – nomen* (*Tullius s.d. Terentiae*); *cognomen – cognomen* (*Cicero Attico salutem*). Outras vezes, sobretudo nas cartas mais afetuosas, se pode adicionar *suus* como mostra de carinho: *Tullius s. d. Terentiae suae et Tulliolae et Ciceroni suis* (Cíc. *Ad fam.* XIV, 2) [...]. Nas cartas em que o grau de intimidade é muito menor, ou quase nulo, mas sem chegarem a ser cartas oficiais, o *titulus honoris* pode encontrar precedido: a) por um dos *nomina*: *M. Cicero s. d. Lentulo imp.* (Cic. *Ad fam.* I,9,1); b) por dois *nomina*: *M. Cicero imp. s. d. M. Catoni* (Cic. *Ad fam.* XV, 13,1); ou c) pelos *tria*

[250] *"sermo cotidianus*" é o termo utilizado por Antón (1996, p. 120) e Arcos Pereira (2008, p. 356) para definir a linguagem característica da prosa epistolar romana. Esse termo se origina, no entanto, de discussões sobre o gênero existentes nas obras de Cícero e Sêneca: "Costumamos escrever cartas com as palavras cotidianas" (*Epistulas cotidianis uerbis texere solemus*) (Cíc. *Ad fam.* IX, 21,1); Se nós sentássemos a conversar, se nós discutíssemos passeando de um lado para o outro, o meu estilo seria coloquial e pouco elaborado; pois é assim que eu pretendo que sejam as minhas cartas, que nada tenham de artificial, de fingido" (*Qualis sermo meus esset si una desideremus aut ambularemus, inlaboratus et facilis, tales esse epistulas meas volo, quae nihil habent accersitum nec fictum*) (Sêneca. *Cartas a Lucílio.* 75.1). Para uma discussão mais ampla sobre essas caracterizações do gênero, cf. item 1.1 e 1.2 desta dissertação; ANTÓN, 1996, p. 115-118; ARCOS PEREIRA, 2008, p. 351-366.

[251] Sobre as fórmulas gregas de saudação e despedida, cf. TRAPP, 2003, p. 34-35.

[252] De acordo com Trapp (2003, p. 35), é possível também encontrar as estruturas *alicui aliquis s.d.*, usada pela primeira vez em Marcial (VIII. *Praef.*), mas frequente na obra de Frontão; e *alicui ab aliquo salutem*, recorrente a partir de meados do século II em diante.

> *nomina*, acompanhados dos nomes do pai e do avô: *M. Tullius M. f. M. n. Cicero imp. s. d. C. Coelio L. f. C. n. Caldo q.* (Cic. *Ad fam.* II, 19, 1). Na carta oficial, o cargo acompanhará os *tria nomina*, se a carta for de pessoa para pessoa: *M. Tullius M. f. Cicero Q. Metello Q. F. celeri pro. cos. s. d.* (Cic. *Ad fam.* V, 2,1). Se a carta for de uma pessoa para uma entidade ou instituição, então se colocarão os *tria nomina*, o *titulis honoris* e a denominação oficial: *M. Tullius M. F. Cicero procos. s. d. cos. pr. tr. pl. senatui* (Cic. *Ad fam.* XV, 1, 1) (ARCOS PEREIRA, 2008, p. 363-4). [253]

A estrutura geral utilizada nas cartas de Plínio é "*C. Plinius alicui suo/suae s.*". A *inscriptio* desse autor, portanto, é composta pelo seu *praenomen* abreviado, seguido do *nomen*, sem o uso do *cognomen*. Os receptores das cartas, por sua vez, são majoritariamente apresentados apenas pelo *cognomen* seguidos do adjetivo *suus/sua*.[254] As principais exceções a essa regra geral são as missivas à mãe da esposa falecida de Plínio, Pompeia Celerina (*C. Plinius Pompeiae Celerina socrui s. – Ep.* I, 4); ao avô de sua última esposa, Calpúrnio Fabato (*C. Plinius Fabato prosocero suo s. – Ep.* IV, 1; V, 11; VI, 12, por exemplo) e as cartas do livro X, dirigidas ao imperador Trajano (*C. Plinius Traiano imperatori*), para os quais são acrescentados os títulos de familiaridade ou cargo.[255] No que se refere às despedidas, todas as epístolas de Plínio são encerradas com um simples *vale*, sem uso de expressões mais afetuosas.

Diante desse quadro, é possível comparar as *inscriptiones* de Plínio, às de Cícero e Sêneca. O primeiro, como atesta Arcos Pereira (2008, p. 363-4), utiliza, no decorrer da obra, diversos formatos de saudações, que se modificam em relação ao destinatário ou ao conteúdo da carta. Sêneca, por sua vez, emprega apenas um mesmo tipo (*Seneca Lucilio suo salutem*). Plínio, de algum modo, tem características que remetem à obra dos dois. Assim como Cícero,

---

[253] "La *inscriptio* entre familiares y amigos puede presentar, en tiempos de Cicerón, las siguientes formas: *praenomen – praenomen (Marcus Quinto fratri*); *nomen – nomen (Tullius s.d. Terentiae); cognomen – cognomen (Cicero Attico salutem).* Otras veces, sobre todo en las cartas más afectuosas, se puede añadir *suus* como muestra de cariño: *Tullius s. d. Terentiae suae et Tulliolae et Ciceroni suis* (Cic. *fam.* 14.2). *[...]* En las cartas en las que el grado de intimidad es mucho menor, o casi nulo, pero sin llegar a ser cartas oficiales, el *titulus honoris* puede encontrarse precedido: por uno de los *nomina*: M. Cicero s. d. Lentulo imp. (Cic. fam. 1.9.1); por los dos *nomina*: M. Cicero imp. s. d. M. Catoni (Cic. *fam.* 15.13.1); o por los *tria nomina*, acompañados de los nombres del padre y del abuelo: M. Tullius M. f. M. n. Cicero imp. s. d. C. Coelio L. f. C. n. Caldo q. (Cic. *fam.* 2.19.1). En la carta oficial, el cargo acompañará a los *tria nomina*, si la carta es de persona a persona: M. Tullius M. f. Cicero Q. Metello Q. F. celeri pro. cos. s. d. (Cic. fam. 5.2.1). Si la carta es de una persona hacia una entidad o institución, entonces se colocarán los *tria nomina*, el *titulus honoris* y la denominación oficial: *M. Tullius M. F. Cicero procos. s. d. cos. pr. tr. pl. senatui* (Cic. *fam.*15.1.1)" (ARCOS PEREIRA, 2008, p. 363-4).

[254] Como explica Birley (2000) "A nomenclatura do destinatário era, ao que parece, provavelmente dada pelo *gentilicium* e *cognomen*, ou, em alguns casos, por dois *cognomina*, mas [...] a maioria das cartas preserva apenas um nome" (*The nomenclature of the recipient was, it seems, probably given by gentilicium and cognomen, or, in a few cases, by two cognomina, but [...] the majority of letters preserve just one name*) (BIRLEY, 2000, p. 21). Para Syme (1985, 324) esse modelo de nomenclatura escolhido por Plínio causa problemas aos historiadores, uma vez que se torna, em alguns casos, quase impossível identificar um indíviduo.

[255] Para um estudo mais aprofundado sobre como Plínio nomeia seus interlocutores, cf. BIRLEY, 2000, p. 21-35.

Plínio envia cartas para uma diversidade de personagens, porém não modifica suas fórmulas de saudação para diferenciá-los, antes prefere a escolha mais padronizada, próxima a de Sêneca, que lida de modo sempre mais próximo com seu único destinatário. Nesse caso, importa perceber que as cartas de Cícero foram publicadas postumamente e, portanto, manifestam, por meio das próprias fórmulas, a diversidade de adaptações próprias da correspondência real, já Sêneca é o autor de uma correspondência elaborada para a publicação, e apresenta, portanto, o resultado de uma produção pensada para ser lida não apenas pelo destinatário inscrito no texto. Plínio, por sua vez, mantém características de uma correspondência real ao se dirigir a muitos e diferentes indivíduos, mas também apresenta um processo de edição de seus textos, algo visível, por exemplo, na padronização de suas *inscriptiones.* Tal padronização, portanto, é parte de uma escolha estilística do autor.

Um dos principais efeitos causados por essa escolha é a compreensão de que as cartas que compõem os livros I-IX da coleção apresentam todos os seus destinatários como amigos de Plínio em um mesmo nível. Com exceção das poucas cartas a familiares, o missivista não assinala, em seus textos, quaisquer diferenças ou hierarquia entre seus correspondentes. Em contrapartida, ele utiliza em suas epístolas o pronome *suus/sua*, algo que marca a proximidade com seus destinatários e que cria o ambiente de afeto mútuo, algo próprio do gênero epistolográfico.

Além dessas fórmulas de cumprimento, as cartas possuem uma estrutura textual característica. Quando se trata da produção epistolográfica antiga, tal estrutura pode ser compreendida com base nos critérios retóricos do discurso.[256] Diante dessa possibilidade, a disposição geral do texto epistolar se configura da seguinte maneira:

> **Introdução (*captatio benevolentiae*):** serve como um proêmio para capturar a atenção ou benevolência do destinatário.
> **Corpo da carta (*narratio*/*confirmatio*):** exposição do motivo que origina a carta, processamento do assunto.

[256] Afirmamos aqui que essa estrutura *pode* ser compreendida com base nos critérios retóricos porque, por um lado, há leituras modernas que consideram que o aspecto literário das cartas está justamente naquilo que as diferencia do discurso retórico. Almería (1996, p. 239), por exemplo, considera que "a interpretação retórica tem sido um obstáculo para desenvolver outro tipo de investigação: a investigação estética que [...] deve oferecer outra interpretação qualitativamente superior" ([...] *la interpretación retórica ha sido um obstáculo para desarrollar otro de investigación: la investigación estética, que [...] debe ofrecer otra interpretación cualitativamente superior*) (ALMERÍA, 1996, p. 239). De fato, a própria ausência de uma teorização mais antiga e mais estruturada do gênero nos manuais de retórica indica certo afastamento da epistolografia em relação à produção de discursos oratórios. Por outro lado, porém, deve-se levar em conta que a retórica teve um papel fundamental na formação letrada dos indivíduos na Antiguidade e que, por meio dessa formação, passou a também influenciar as produções literárias de modo geral (cf. DOMINIK; HALL, 2007, p. 367-450). Nas cartas de caráter elogioso da obra pliniana, essa influência retórica é reforçada, uma vez que Plínio lança mão de estruturas próprias do discurso epidítico oratório. Optamos por considerar o caráter retórico da construção epistolar, mas compreendendo-o como parte de uma configuração literária do texto.

> **Despedida (*peroratio*):** representa o encerramento da carta, se expressam emoções, sentimentos, cumprimentos, desejos por meio de fórmulas de cortesias, mostra o grau de familiaridade ou relação entre emissor e destinatário (SÁNCHEZ, 2011, p. 39).[257]

Na leitura das treze epístolas analisadas neste trabalho há mais um fator a ser considerado: a inserção de um breve discurso de elogio no texto epistolar. Embora alguns manuais, relativamente tardios, tenham atestado a existência de um tipo laudatório, não há, na teorização antiga, a definição de uma estrutura específica para esse tipo de missiva.[258] No caso das cartas de Plínio, consideradas monotemáticas (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 3), o discurso de elogio se configura como a parte principal do texto (o corpo da carta/ *confirmatio*). Com base nessas reflexões, consideramos que as cartas laudatórias do autor seguem a seguinte organização:

a) Introdução: apresenta o nome do elogiado e uma razão para a carta ter sido escrita (*e.g.* ocorreu ou vai ocorrer uma recitação; o elogiado está doente; Plínio o visitou ou recebeu alguma notícia sobre ele).

b) Desenvolvimento do tema: argumentação do discurso de elogio.

c) Encerramento: nesse momento Plínio reforça a argumentação desenvolvida durante a carta ou solicita alguma ação por parte do destinatário (geralmente ler, ouvir ou admirar o elogiado).[259]

Para Sherwin-White (1998, p. 6-10) Plínio tem como característica de estilo uma formalidade própria nas frases iniciais de suas cartas, as chamadas "aberturas estilizadas" (*stylized openings*). Essas aberturas são pequenos trechos razoavelmente padronizados e recorrentes, mas que, na verdade, indicam uma escolha estilística do autor. As frases mais comuns a esses inícios são as que indicam uma correspondência precedente com o receptor da

---

[257] Esse esquema foi proposto por Sánchez (2011, p. 39). Para esse autor, tal organização "[...] corresponde à estrutura que vem se estabelecendo desde a Antiguidade, especialmente em Roma, com as coleções de cartas de Cícero, Sêneca, [e] Plínio, o Jovem [...]" ([...] *corresponde a la estructura que se ha venido fijando desde la Antigüedad, en especial en Roma, con los epistolarios de Cicerón, Séneca, Plinio el Joven* [...]). Arcos Pereira (2008, p. 381) elabora uma esquematização similar para demonstrar a influência dos recursos retóricos na escrita epistolar a partir da *ars dictaminis* medieval. De acordo com esse autor, é possível fazer um paralelo entre as partes do discurso ciceroniano (*Exordium, Divisio, Narratio, Confirmatio, Refutatio* e *Peroratio*) e a organização textual das epístolas (*Salutatio, Captatio benivolentiae, Narratio, Petitio e Conclusio*) (ARCOS PEREIRA, 2008, p. 381).

[258] Há nos tratados *Typói Epistólikoi* e *Epistolimaioi Charaktéres* (cf. item 1.2 desta dissertação), alguma teorização sobre cartas laudatórias. O *Typói Epistólikoi*, de pseudo-Demétrio, explica que "Trata-se de um tipo epidítico [*epainetikós*] quando encorajamos alguém e expressamos nossa aprovação por algo que ele fez ou ainda vai fazer [...]" (pseudo-Demétrio. *Typói Epistólikoi*, 10. Tradução nossa a partir da versão em inglês de Malherbe, 1988) (*It is the praising type when we encourage someone and exprees our approval of what he has done or has to do so [...]*). O tratado de pseudo-Libânio, *Epistolimaioi Charaktéres*, apenas exemplifica – muito brevemente - esse tipo de carta.

[259] Considerando que a análise do discurso de elogio presente nessas cartas será desenvolvida no item 3.3 deste texto, analisaremos aqui as outras partes que compõem esse texto epistolar: a introdução e o encerramento.

carta, a partir da utilização estruturas como "*rogas ut", "quaeris", "petis ut*" (VI, 18; VI, 27; I, 14; III, 15; VII, 9; IX, 36), e as que afirmam o recebimento ou envio de algum texto, em geral discursos.[260] Há, ainda, outras duas formas importantes de introdução, não consideradas, porém, como formatos estilizados: a) uma frase que introduz diretamente o tema por meio de uma declaração específica e b) o emprego de uma abordagem menos direta, que utiliza uma declaração geral ou frase proverbial (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 9-10).

Nas cartas de elogio, não ocorre o primeiro tipo de introduções. A maioria dessas missivas (nove, no total: I,16; I,22; II,3; IV,27; V,14; VI,11; VI,26; VIII,12 e IX,22) apresenta o tema diretamente. Nesse casos, Plínio nomeia, já na primeira frase da carta, a pessoa sobre quem irá falar e por qual razão está falando sobre ela.[261] As motivações para esses elogios podem ser variadas, mas todas estão relacionadas, de algum modo, a um acontecimento cotidiano. Há cartas enviadas por causa da preocupação de Plínio com a saúde do amigo em questão (I, 22 e IX, 22); outras em consequência de alguma conquista realizada pelo elogiado (V, 14; VI, 26) e, principalmente, outras em virtude de uma recitação ou discurso recente (I, 16; II, 3; IV, 27; VI, 11, VI, 21, VIII, 12). As missivas que não apresentam essa abordagem direta do assunto são a minoria das cartas laudatórias (quatro epístolas: I,10; V,17; VI,21; VII,25) e sua introdução é feita por meio de frases sentenciosas.[262] Nesses casos, antes de apresentar o elogiado e a circunstância motivadora do elogio, o autor acrescenta uma brevíssima consideração sobre um assunto mais geral.[263] Tais considerações iniciais geralmente indicam o otimismo de Plínio em relação à produção literária de seu tempo.

---

[260] "*librum tuum legi"* (VII, 20, 1); "*librum quem misisti recepi*" (IX, 35, 1); "*actionem [...] promissam exhibui"* (II, 5, 1);

[261] Alguns exemplos desse tipo de introdução: "Eu apreciava Pompeio Saturnino – me refiro àquele, nosso amigo – e elogiava o seu talento mesmo antes de saber quão variado [...]" (*Amabam Pompeium Saturninum – hunc dico nostrum – laudabamque eius ingenium, etiam antequam scirem, quam varium*[...]) (I,16, 1); "Fico alegre e o felicito porque prometeu sua filha a Fusco Salinator"(*Gaudeo et gratulor, quod Fusco Salinatori filiam tuam destinasti*) (VI, 26, 1); "Apenas durante este dia eu me desocupo: quem está para fazer uma recitação é Ticínio Capitão, algo que ouvirei não sei se mais por dever ou por desejar" (*Hunc solum diem excuso: recitaturus est Titinius Capitão, quem ego audire nescio magis debeam an cupiam*) (VIII, 12, 1); "Foi grande a preocupação que a saúde de Passeno Paulo me causou, e, de fato, por variadas e justíssimas razões [...]" (*Magna me sollicitudine affecit Passenni Pauli valetudo, et quidem plurimis iustissimisque de causis* [...]) (IX, 22, 1); "Eu havia me retirado para minha cidade natal quando fui informado de que Cornuto Tértulo tornou-se curador da Via Emília" (*Secesseram in municipium, cum mihi nuntiatum est Cornutum Tertullum accepisse Aemiliae viae curam*) (V, 14, 1).

[262] Essas frases sentenciosas são afirmações de caráter mais geral e opinativo e que se relacionam com o restante do texto epistolar de maneira mais ou menos indireta. Trata-se de um breve momento de ponderação do autor sobre um assunto. Esse tipo de construção se assemelha ao que é denominado na retórica de *sententia.* De acordo com Quintiliano (*Inst. Or.* VIII, 5, 1), uma *sententia* pode ser definida, de um modo mais geral, como um pensamento, uma opinião. Em sua aplicação nos discursos oratórios, no entanto, esse recurso possui formas e funções mais amplas, aproximando-se, por exemplo, dos entimemas (Quint., *Inst. Or.*, VIII, 5, 3-4).

[263] "Se alguma vez nossa cidade floresceu por causa das artes liberais, ela, agora, floresce em seu máximo" (*Si quando urbs nostra liberalibus studiis floruit, nunc maxime floret*) (I, 10, 1); "Conheço com quanto empenho você encoraja as artes liberais, quanta alegria alcança se os jovens nobres fazem algo digno de seus

Observando a recorrência desses tipos de introdução, é possível perceber que a missiva laudatória não se apresenta ao leitor da mesma maneira que a maioria das cartas da obra, caracterizadas pelo uso abundante das aberturas estilizadas (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 6-10; GUILLEMIN, 1929, p. 145). Os inícios estilizados, de acordo com Guillemin (1929, p. 11), causam um efeito de naturalidade na prosa epistolar. De fato, esse tipo de frase inicial reforça a existência de um interlocutor – ao usar, com frequência, verbos em segunda pessoa – e de um diálogo epistolar constante – pois indicam que o destinatário pediu algo ou enviou uma carta anteriormente. Essa é uma ambientação que não ocorre em contexto das cartas laudatórias. O elogio não aparece como algo esperado pelo interlocutor ou como parte de uma conversa já estabelecida, mas sim como um texto de caráter fortemente expositivo e no qual a presença de um correspondente fica em segundo plano a maioria do tempo.

Em virtude dessa tendência, concordamos, ainda que parcialmente, com a visão de Casquero (1983, 400-1) ao afirmar que, na cartas de Plínio,

> [...] a base fundamental de toda epístola – a relação entre autor e destinatário – desaparece por completo. Entenda-se: não é que Plínio não escreva a uma pessoa determinada, mas sim que a relação estabelecida com ela é totalmente fictícia [...] Plínio não pensa no destinatário, mas sim no público expectador ou leitor (CASQUERO, 1983, p. 400-1).[264]

Não acreditamos, de fato, que a relação entre o emissor e destinatário desapareça completamente da prosa epistolar de Plínio, uma vez que há, no decorrer da obra, cartas em que o destinatário é inscrito de maneira mais ativa no texto e, portanto, o aspecto dialógico e de correspondência real está mais reforçado (Cf. I, 3; I, 5; I, 11; II, 2; II, 8, VII, 21; VIII, 13). Todavia, como mostra a análise dos textos, essa relação entre os correspondentes está

---

antepassados" (*Scio quanto opere bonis artibus faveas, quantum gaudium capias, si nobiles iuvenes dignum aliquid maioribus suis faciant*) (V, 17, 1); "Estou entre os que admiram os antigos, no entanto, não desconsidero, como alguns, os talentos de nosso tempo. Não está certamente tão cansada e exausta a natureza que já não produza algo de louvável" (*Sum ex iis qui mirer antiquos, non tamen - ut quidam - temporum nostrorum ingenia despicio. Neque enim quasi lassa et effeta natura nihil iam laudabile parit*) (VI, 21, 1).
"Ó! a fama de tantos eruditos é ocultada e roubada ou por sua própria modéstia ou por sua quietude! Nós, porém, tememos, quando estamos para discursar ou recitar alguma coisa, apenas os que expõem sua cultura, quando, na verdade, aqueles que se calam os ultrapassam largamente, pois reconhecem, com seu silêncio, o mais elevado dos labores" (*O quantum eruditorum aut modestia ipsorum aut quies operit ac subtrahit famae! At nos eos tantum dicturi aliquid aut lecturi timemus, qui studia sua proferunt, cum illi qui tacent hoc amplius praestent, quod maximum opus silentio reverentur*) (VII, 25, 1).

[264] "[...] *la base fundamental de toda epístola - la relación entre el autor y el destinartario - se desvanece por completo. Entendámoslo: no es que Plinio no escriba a una persona determinada, sino que la relación establecida con ella es totalmente fictícia [...] Plinio no piensa en el destinatario, sino en el público espectador o lector*" (CASQUERO, 1983, p. 400-1).

colocada em segundo plano, especialmente quando se trata das cartas laudatórias.[265] A maneira por que Plínio elabora sua relação com os correspondentes possui, por isso, características comparáveis tanto à produção de Cícero quanto a de Sêneca, seus principais predecessores na prosa epistolar.

Por um lado, considerando a afirmação de Casquero a respeito de uma ficcionalidade dessas cartas, a obra pliniana se relaciona mais proximamente à de Sêneca ao construir um texto elaborado com vistas à publicação e cujo remetente, portanto, participa de uma correspondência quase fictícia.[266] De fato, nas cartas laudatórias, o conteúdo desenvolvido parece querer atingir um público mais amplo e não apenas seu destinatário.[267] Por outro lado, diferentemente do que ocorre na epistolografia senequiana, as cartas de Plínio não são enviadas a um único indivíduo e são resultado de uma correspondência real de Plínio com muitos de seus contemporâneos. Nesse sentido, é possível perceber uma influência da obra epistolar de Cícero. Na epistolografia ciceroniana, os correspondentes têm um papel mais ativo em relação à composição da obra. Além de o autor inscrevê-los mais em seus textos, ao aplicar, por exemplo, diferentes conteúdos, tons do discurso e modalidades de linguagem para diferentes receptores (ANTÓN, 1996, p. 119; EDWARDS, 2005, p. 272), a própria coleção das cartas, publicadas postumamente, segue como critério, em geral, a divisão por destinatário. Essa pluralidade é o que mantém o aspecto de correspondência autêntica dessa obra epistolar de Cícero, algo que, portanto, também ocorre na obra pliniana.

Se, por um lado, as cartas mostram que esses textos elogiosos não foram, de nenhum modo, solicitados pelos correspondentes e nem fazem parte de algum assunto já em processo no interior da própria correspondência, por outro, o autor se preocupa em apresentar esses elogios a partir de alguma motivação de caráter cotidiano, cuja função parece ser manter, de

---

[265] Afirmar que Plínio executa um apagamento de seus correspondentes na estrutura interna de suas cartas não é considerar que a presença desses personagens, mesmo que inscritos apenas pelas formas de saudação, é insignificante. Questionar-se quem é aquele personagem e que posição ele ocupa na sociedade de Plínio é algo importante para o desenvolvimento deste estudo. A única carta do *corpus* em que Plínio inscreve seu correspondente de maneira mais ativa desde a introdução – *Ep.* VI, 21, destinada a Vestrício Espurina – tem importância para a compreensão da relação de Plínio com seus próprios modelos de imitação. Essas questões, porém, são melhor desenvolvidas nos itens 3.3 e 3.4 desta dissertação.

[266] Como afirma Edwards (2005) a respeito da obra senequiana "Enquanto alguns estudiosos têm procurado ver as cartas como correspondência genuína [...] a maioria agora concorda que as cartas produzem mais sentido se vistas como um projeto filosófico, endereçado a um destinatário específico, mas escrito com um 'leitor externo' em mente" (*While some scholars have wanted to see the letters as genuine correspondence [...] most now agree that the letters make more sense viewed as a philosophical project, addressed to a specific recipient but written with an 'external reader' in mind*) (EDWARDS, 2005, p. 277).

[267] De acordo com Marchesi (2008, p. 15) o que mais aproxima as cartas de Sêneca e de Plínio é a construção de uma *persona* epistolográfica que pode adquirir um valor exemplar. Como veremos, as cartas de elogio presentes na obra pliniana têm como característica construir uma imagem exemplar do próprio autor ao mesmo tempo em que indicam outros modelos exemplares a serem seguidos, por meio do louvor a uma diversidade de personagens.

alguma maneira, o caráter de conversação e comunicação pessoal e privada desses textos. Nessas missivas, os elogios são apresentados ou como fruto de uma amizade já constituída e de uma admiração pregressa que o missivista deseja reforçar (I,10; I,22); ou resultado de um recente encontro de Plínio com aquela pessoa e que, portanto, o autor decide comunicar a outros (II,3; IV,27; V, 17; VI,11; VI,21; VI,26; VI,25). Em alguns casos, ocorrem os dois (I, 16; V, 14; VIII, 12; IX, 22). Plínio elenca, portanto, já na introdução de suas epístolas, alguns argumentos para justificar, de alguma maneira, não só o envio da carta, mas também o elogio que fará.[268] Com isso, o missivista parece querer captar a benevolência de seus leitores para que leiam o texto a partir de seu caráter mais íntimo e cotidiano, o que torna possível notar uma similaridade entre a introdução do texto epistolar de Plínio e o exórdio (ou proêmio) retórico.

Tendo como objetivo preparar e predispor a audiência para o discurso que vai ser realizado (Quint. *Inst. Or.* IV, 1, 5) o exórdio tem como figura principal aquele que emite o discurso. É a imagem positiva desse emissor que, muitas vezes, garante que o discurso será bem recebido (Quint. *Inst. Or.* IV, 1, 6). No caso da epistolografia, essa formulação ganha ainda mais importância uma vez que, "As cartas foram não só um meio de comunicar informações, mas um meio de criar e circular um 'eu' textualizado" (EBBELER, 2001, p. 1).[269] Nas treze cartas laudatórias analisadas neste trabalho, a principal imagem formada na introdução dos textos é, portanto, a do próprio Plínio. Tal representação é realizada, nessas cartas, a partir das conexões de amizade e da frequente participação de Plínio em recitações. Em I, 10, 2; I, 22, 1; VI, 26, 2; V, 14, 2; IX, 22, 1, por exemplo, o autor destaca as ligações

---

[268] Essa necessidade de justificativa pode estar ligada a uma visão negativa que o elogio possui em contexto romano (Cíc. *De or.* II, 41-69). O próprio Plínio (*Ep.* VII, 28) mostra ter recebido críticas por elogiar frequentemente seus amigos. Ele, no entanto, se defende dessas críticas afirmando que os elogios feitos a seus amigos são uma amostra do afeto que tem por eles (VII, 28, 3). Sobre essa carta, cf. REES, 2007, p. 165-168. Para esse autor, Plínio executa, em VII, 28, uma reflexão sobre a problemática da sinceridade, tema recorrente quando se trata dos elogios no período imperial.

[269] "*Not only were letters a mode for communicating information, but they were a medium for creating and circulating a textualized self*" (EBBELER, 2001, p. 1). Como bem apontam as teorias da moderna Análise do Discurso, todo ato discursivo envolve a formação de imagens de seus participantes (AMOSSY, 2008, p. 9). Tal ideia de formação de imagens é tomada, para esses analistas modernos principalmente pelos desenvolvimentos da noção retórica de *éthos*, já definida e discutida pelos antigos. De acordo Trapp (2003, p. 40), essas representações de si mesmo no discurso epistolar podem variar de acordo com o momento, o receptor ou o assunto da carta. "Tanto quando recomenda alguém quanto quando representa a si mesmo, um missivista está sempre propondo um ato para o correspondente do momento, e o contato desse ato pode suportar todos os tipos de diferentes relações por meio das quais o correspondente (ou seu conteúdo) é percebido por ele mesmo e por outros em outros momentos. É possível comparar e contrastar [por exemplo] as maneiras com quais Cícero apresenta a si mesmo para Ático e para Júlio César, ou Plínio para sua esposa, seus amigos e seu imperador [...]" (*Both when recommending another, and when representing himself, a letter-writer is always putting on an act for the correspondent of the moment, and the contact of that act can bear all kinds of different relationships to the ways the correspondent (or his subject) is perceived by himself and others at other times. [...] one might compare and contrast the ways Cicero presents himself to Atticus and to Julius Caesar, or Pliny to his wife, his friends and his Emperor* [...]) (TRAPP, 2003, p. 40).

antigas de amizade que contém com seus elogiados; já em I, 16, 2; II, 3, 1; IV, 27, 1; V, 17, 1; VI, 11, 1; VI, 21, 2; VIII, 12, 1, informa ter participado de algum tipo de auditório.[270] A imagem criada, portanto, é de um homem intensamente preocupado com seus amigos e com a vida cultural da *Vrbs*.

Nas cartas em que há inícios sentenciosos (I,10; V,17; VI,21; VII,25) a similaridade com os proêmios oratórios fica ainda mais evidente. De acordo com Aristóteles, no exórdio dos discursos do tipo epidítico "é necessário fazer o ouvinte pensar que partilha do elogio, ou ele próprio, ou a sua família ou o seu modo de vida, ou pelo menos algo desse tipo" (*Retórica,* 1415b). No caso das cartas de Plínio, o missivista se aproxima do seu interlocutor por meio do envolvimento com a produção literária do período. Isso fica bastante evidente, por exemplo, nas cartas I, 22, e V,17

> O que me atormenta é a longa e demorada doença de Tício Aristo, alguém que eu admiro e amo de modo especial. Não há nada mais sério, mais nobre ou mais douto que ele, de modo que, para mim, não é apenas um homem, mas a própria literatura e todas as boas artes que, em um só homem, parecem correr o mais alto risco (I, 22, 1).
> Conheço com quanto empenho você encoraja as artes liberais, quanta alegria alcança se os jovens nobres fazem algo digno de seus antepassados (V, 17, 1).[271]

O argumento para o elogio, nessas missivas, é atribuído não apenas a uma admiração pessoal do missivista, mas a algo que interessa – ou deveria interessar – a todos: as artes liberais e a própria literatura. Nesses casos, Plínio reforça, mais uma vez, seu pertencimento a um ciclo de homens intensamente interessados no crescimento das artes liberais do período.

A construção de uma imagem positiva de si não se limita, no entanto, nas cartas elogiosas de Plínio, ao momento da introdução, ela aparece também, com frequência, no encerramento das missivas. De modo geral, logo após tecer os elogios sobre a pessoa que é o assunto da carta, o autor torna a falar de si. Tal atitude, é claro, pode ser considerada um movimento natural e próprio do gênero epistolar, cuja função mais básica é dar notícias de si. Plínio, no entanto, o faz de modo a relacionar sua própria imagem ao elogio que acabou de realizar. Um exemplo dessa atitude de Plínio está na carta I, 10. Após efetuar o elogio a Eufrates, um filósofo de origem Síria, Plínio se questiona

---

[270] Sobre a importância das diferentes recitações na obra pliniana, cf. FANTHAM, 2013, p. 205-29.

[271] "*Perturbat me longa et pertinax valetudo Titi Aristonis, quem singulariter et miror et diligo. Nihil est enim illo gravius sanctius doctius, ut mihi non unus homo sed litterae ipsae omnesque bonae artes in uno homine summum periculum adire videantur*" (I, 22, 1). "*Scio quanto opere bonis artibus faveas, quantum gaudium capias, si nobiles iuvenes dignum aliquid maioribus suis faciant*" (V, 17, 1).

> Por que, aliás, estou eu falando tantas coisas sobre um homem com quem não me é permitido conviver? Acaso é para que mais eu me angustie por não poder? De fato, estou ocupado com meu trabalho, tanto o mais ilustre, como o mais desagradável. Sento diante do tribunal, assino registros, preparo tabuinhas, escrevo várias, mas muitíssimo indoutas cartas. Costumo alguma vez – isso ocorre, de fato, ocasionalmente – inquirir a Eufrates sobre essas ocupações. Ele me encoraja e ainda afirma ser essa uma parte, talvez a mais bela, da filosofia: conduzir os negócios públicos, saber julgar, promover e exercer a justiça, coisas que eles mesmos ensinam a praticar. Apenas isso, no entanto, a mim não convence que mais valha fazer estas coisas que gastar todos os dias ouvindo e aprendendo com ele (Plin. *Ep.* I, 10, 9-11).[272]

Há, nesse trecho, um embate de argumentos. Todo o elogio da carta I, 10, está concentrado na atuação intelectual de Eufrates. Trata-se, portanto, de um louvor a alguém que se dedica ao ócio ligado a práticas intelectuais (*studia*). Logo em seguida, no entanto, Plínio muda de assunto e passa a falar que ele mesmo tem estado muito ocupado com as obrigações de seu cargo público (*negotia*). Instaura-se, assim, certa oposição *negotia vs studia* da qual a atuação pública de Plínio sairia menos valorizada se o leitor considerar apenas o elogio feito a Eufrates. O próprio Plínio, no entanto, reconcilia essas duas instâncias de atuação ao afirmar que o próprio Eufrates valoriza o envolvimento com os negócios públicos.[273] Desse modo, Plínio cria pra si mesmo a imagem de um cidadão ideal que está envolvido, ao mesmo tempo, com as causas públicas e com a produção intelectual – nesse caso, filosófica – do período.

Um procedimento similar é adotado por Plínio na carta I, 16, quando, após elogiar longamente as habilidades literárias, tanto em prosa quanto em verso, de Pompeio Saturnino, o missivista afirma que "Por isso, ele está comigo o dia todo: é o mesmo antes que eu escreva, é o mesmo quando eu já escrevi, é o mesmo até quando estou descansando, mas não o leio sempre como o mesmo" (*Ep.* I,16,7).[274] Nessa carta, o autor se posiciona como um consumidor constante e mesmo imitador dessa literatura que elogia. Na epístola V,17, por sua vez, Plínio se apresenta não apenas como consumidor, mas sim incentivador da produção

---

[272] "*Quamquam quid ego plura de viro quo mihi frui non licet? An ut magis angar quod non licet? Nam distringor officio, ut maximo sic molestissimo: sedeo pro tribunali, subnoto libellos, conficio tabulas, scribo plurimas sed illitteratissimas litteras. Soleo non numquam – nam id ipsum quando contingit! – de his occupationibus apud Euphraten queri. Ille me consolatur, affirmat etiam esse hanc philosophiae et quidem pulcherrimam partem, agere negotium publicum, cognoscere iudicare, promere et exercere iustitiam, quaeque ipsi doceant in usu habere. Mihi tamen hoc unum non persuadet, satius esse ista facere quam cum illo dies totos audiendo discendoque consumere*" (I, 10, 9-11).

[273] Gibson e Morello (2012, p. 21-23) analisam a carta I, 10 de Plínio a partir da ideia de um movimento pendular entre *otium* e *negotium,* que se dá não apenas no interior desta carta, mas nas relações que ela estabelece com a carta anterior (I, 9), na qual Plínio comenta o excesso de obrigações citadinas – algumas delas literárias – que se opõem a seu lazer literário em Laurento. Tal temática é, na verdade, algo constante no livro I, cf., por exemplo, I, 7; I, 9; I, 13 e I, 22. Para Gibson e Morello (2012, p. 21-23), no livro I, Plínio se apresenta majoritariamente devotado aos *studia.*

[274] "*Est ergo mecum per diem totum; eundem antequam scribam, eundem cum scripsi, eundem etiam cum remittor, non tamquam eundem lego*" (*Ep.* I, 16, 7)

literária. Após descrever e elogiar a recitação do poema astronômico de Calpúrnio Pisão, o autor informa a seu destinatário que

> [...] terminada a recitação, beijei o jovem muito e longamente, e, porque é a mais penetrante forma de aconselhar, o incentivei com meus elogios para que continuasse aquilo que havia começado, e para que transferisse aos seus descendentes a chama que seus antepassados haviam transferido para ele (*Ep.* V, 17, 4).[275]

Após essa breve mudança de foco em que o missivista fala um pouco a respeito de si mesmo, o encerramento das cartas de elogio se dá pela interpelação dos interlocutores. Nas cartas laudatórias, esse é o momento em que o texto se torna, de algum modo, mais dialógico, uma vez que, excetuando a fórmula de saudação, os destinatários raramente são evocados nas introduções ou no desenvolvimento do elogio. Na carta VIII, 2, por exemplo, o interlocutor não está inscrito no texto em nenhum outro momento além da saudação.[276]

Na maioria das missivas (I, 10, 11; I, 16, 8; II, 3, 7-11; IV, 27, 6; VI 21, 5; VII, 25, 6; IX, 22, 3), essa interpelação tem por objetivo exortar o receptor para que leia, conheça, ouça ou apenas admire aquele que foi elogiado.[277] Nas cartas I,10; I,16 e VII,12, por exemplo, Plínio faz isso de maneira bastante objetiva, ao utilizar os verbos *hortor, hortor et moneo* e *suadeo.* Já nas cartas IV, 27, 5 e VI, 21, 7, o autor realiza essa exortação por meio da promessa de enviar os livros dos elogiados aos destinatários. Nas missivas V, 17, 6 e VI, 11, 1, Plínio faz o encerramento de forma um pouco mais indireta, com uma espécie de prece aos deuses para que a juventude permaneça seguindo bons exemplos. O fechamento dessas cartas, portanto, se assemelha bastante aos epílogos dos discursos epidíticos, nos quais a exortação é um lugar comum (Cf. item 2.2 desta dissertação). Na missiva I, 16, 8, por exemplo, Plínio lança mão da comparação entre os retratos e as obras literárias para reforçar essa exortação, elemento também recorrente nos epílogos de textos laudatórios (Cf. Isóc. *Evag.* 73-4 e Cic. *Arch.* 30)

> Eu não só incentivo, mas aconselho que você também faça isso. O fato de estar vivo não deve ser um obstáculo para a obra dele. Se ele tivesse sido célebre entre aqueles

---

[275] "*recitatione finita multum ac diu exosculatus adulescentem, qui est acerrimus stimulus monendi, laudibus incitavi, pergeret qua coepisset, lumenque quod sibi maiores sui praetulissent, posteris ipse praeferret"* (*Ep.* V, 17, 4).

[276] Consideramos como uma evocação ou inscrição dos interlocutores no texto das cartas elementos como verbos em segunda pessoa, o uso do pronome *tu* ou algum tipo de interpelação mais direta – como perguntas, por exemplo – que indiquem, de algum modo, que Plínio está dialogando com uma pessoa em específico.

[277] As cartas em que não ocorre nenhum tipo de exortação são I, 22 (Plínio apenas pede para que o amigo envie notícias); V, 14 (o missivista demonstra querer ver o amigo quando voltar para Roma); VI, 26 (Plínio faz uma espécie de projeção futura em relação aos filhos do elogiado) e VIII, 12 (em que Plínio não se dirige, em nenhum momento, ao seu destinatário).

> que nunca vimos, acaso não procuraríamos não apenas os seus livros, mas com certeza também imagens suas? (Plin. *Ep.* I, 16, 8).[278]

O epílogo (ou peroração) de um discurso caracteriza-se pela retomada sucinta dos argumentos (Quint. *Inst. Or.* VI, 1, 1-2. Arist. *Retórica*. 1419b) e pelo apelo às emoções (Quint. *Inst. Or.* IV, I, 28 e VI, 1, 9). No caso das cartas laudatórias, essa função é cumprida a partir do momento em que o missivista se dirige diretamente ao seu interlocutor de modo a persuadi-lo a também admirar aquele que é elogiado na missiva.

Um exemplo eloquente desses encerramentos está na carta II, 3.

> 8. Então, senão por qualquer outra causa, mesmo por mim, venha para escutá-lo. Acaso você nunca leu que um Garditano, movido pelo nome e pela fama de Tito Lívio, veio da mais distante parte da terra para vê-lo, e, logo que o tinha visto, partiu? Contrário às artes, ignorante, desqualificado e, ainda, quase monstruoso seria a atitude de desconsiderar tamanha inteligência, em relação a qual não há nada mais agradável, nada mais belo, e finalmente, nada mais humano. 9. Você dirá "Tenho aqui já alguns para ler não menos loquazes". Tudo bem, mas sempre haverá oportunidade para ler; para ouvir, não sempre. Além disso, como geralmente se diz, emociona muito mais a voz viva. É possível que as palavras que você lê sejam mais penetrantes, todavia, no espírito se acomodam mais profundamente aquelas que a fala, o rosto, e mesmo o gesto do orador impõem. 10. A não ser que julguemos de fato uma mentira aquilo que se diz sobre Ésquines, que, tendo ele lido um discurso de Demóstenes para os cidadãos de Rodes, todos muito admirados, acrescentou: "Como seria se tivessem ouvido o próprio prodígio?" e tinha Ésquines, se damos crédito a Demóstenes, uma voz muito sonora. Ele [Ésquines] reconhecia que aquele mesmo que as havia composto, pronunciou muito melhor as próprias palavras. 11. Tudo que foi dito aponta para isso: que você ouça Iseu, mesmo que apenas para que você o tenha escutado. Adeus (*Ep.* II, 3, 8-11).[279]

A exortação própria dos encerramentos toma, nesse texto, proporções maiores que em outras cartas. Ela ocupa cerca de metade da extensão da missiva e se configura quase um discurso deliberativo em que Plínio tenta convencer seu correspondente a assistir uma declamação do retor Iseu. Nesse epílogo, Plínio desenvolve um argumento principal – "É melhor ouvir pessoalmente um grande orador que ler seus discursos" – a partir de duas anedotas, uma romana, em que um Garditano se esforça para ouvir Tito Lívio, e outra grega,

---

[278] "*Quod te quoque ut facias et hortor et moneo; neque enim debet operibus eius obesse quod vivit. An si inter eos quos numquam vidimus floruisset, non solum libros eius verum etiam imagines conquireremus, eiusdem nunc honor praesentis et gratia quasi satietate languescit*?" (Plin. *Ep.* I, 16, 8)

[279] *"Proinde si non ob alia nosque ipsos, at certe ut hunc audias veni. Numquamne legisti, Gaditanum quendam Titi Livi nomine gloriaque commotum ad visendum eum ab ultimo terrarum orbe venisse, statimque ut viderat abisse? Ἀφιλόκαλον illitteratum iners ac paene etiam turpe est, non putare tanti cognitionem qua nulla est iucundior, nulla pulchrior, nulla denique humanior. 9 Dices: 'Habeo hic quos legam non minus disertos.' Etiam; sed legendi semper occasio est, audiendi non semper. Praeterea multo magis, ut vulgo dicitur, viva vox afficit. Nam licet acriora sint quae legas, altius tamen in animo sedent, quae pronuntiatio vultus habitus gestus etiam dicentis affigit; 10 nisi vero falsum putamus illud Aeschinis, qui cum legisset Rhodiis orationem Demosthenis admirantibus cunctis, adiecisse fertur: τί δέ, εἰ αὐτοῦ τοῦ θηρίου ἠκούσατε et erat Aeschines si Demostheni credimus λαμπροφωνότατος. Fatebatur tamen longe melius eadem illa pronuntiasse ipsum qui pepererat. 11 Quae omnia huc tendunt, ut audias Isaeum, vel ideo tantum ut audieris. Vale*." (*Ep.* II, 3, 8-11)

em que o orador grego Ésquines reconhece que os discursos de Demóstenes são melhor recitados pelo próprio autor. Além disso, Plínio inclui em seu discurso um potencial contra-argumento de seu destinatário (§9), que é o que lhe permite alongar sua argumentação, na tentativa de convencer o interlocutor. Toda essa deliberação de Plínio é encerrada, ainda, de maneira bastante direta e por uma recapitulação dos argumentos "Tudo que foi dito aponta para isso: que você ouça Iseu [...]" que reitera o caráter de peroração quase oratória desse trecho. O modo pelo qual Plínio desenvolve essa argumentação no encerramento da carta II, 3 é um exemplo eloquente da preocupação estilística do autor. Nessa carta, a argumentação tem um efeito bastante jocoso uma vez que Plínio parece querer divertir-se com a própria erudição. O motivo central da carta é o elogio de Iseu, um orador profissional que, de acordo com o próprio Plínio, recita *controversiae* de maneira exímia mesmo de improviso.[280] Após elogiar esse orador referindo-se a cada uma das partes dos discursos[281] – o que auxilia na demonstração do conhecimento retórico do próprio missivista – Plínio elabora uma espécie de *suasoria* para convencer seu interlocutor, mostrando, com isso, ser tão bom orador quanto seu elogiado. Ele utiliza, ainda, nessa carta, não só termos em grego (*enthýmemata,* §3; *héxis,* §4 e *aphilókalos,* § 8), mas também uma citação de Demóstenes, elementos que demonstram sua aproximação com essa oratória e seu conhecimento da cultura ática.

Embora o encerramento da carta II, 3, seja uma exceção (em relação ao tamanho, especialmente) dentre as cartas de elogio que compõem o *corpus* de análise deste texto, ela é uma demonstração bastante completa de como se configura a prosa epistolar de Plínio no que se refere aos principais aspectos linguísticos e estilísticos que indicam o caráter comunicacional da epistolografia. Por isso, partiremos dessa carta para mencionar como Plínio utiliza alguns desses recursos. O primeiro deles é a inserção de uma expressão que remete, de algum modo, à fala, o que ocorre em "Você dirá 'tenho aqui já alguns para ler não menos loquazes'"(§9). Dentre as treze cartas que compõem o *corpus* de nossa análise, essa é a única vez em que Plínio antecipa, de algum modo, a fala de seu interlocutor e, portanto, abre espaço para que seu texto se assemelhe um pouco mais a uma conversação. No entanto, é possível identificar em outras epístolas o emprego de algumas expressões coloquiais que

[280] As *controversiae,* assim como as *suasoriae* eram exercícios de declamação geralmente efetuados em contexto escolar. As *controversiae* tinham como motivo casos judiciais, já as *suasoriae* os casos deliberativos (Cf. Quint. *Inst. Or.* II, 10).

[281] No parágrafo terceiro da carta, Plínio atribui característica a cada parte da oratória de Iseu: a) proêmio: adequado (*aptum*); b) narração: clara (*aperta*); c) argumentação: combativa (*acris*) – acrescenta, ainda, sobre os silogismos: abundantes, concisos e perfeitos (*crebri, circunscripti et effecti*); d) conclusão: firme (*fortis*) e e) ornamentação: elevada (*excelsa*). Além disso, o missivista menciona a capacidade de memorização desse orador.

reforçam, de algum modo, o caráter conversacional desses textos. Esse é o caso, por exemplo, do uso de frases mais exclamativas, como em V, 17 e VI, 11

> *Queiram os deuses* que eu o noticie tais coisas mais frequentemente (*Ep.* V, 17, 6).
> *Ó dia feliz*! [...] *Ó dia – vou sim repetir – feliz!* e que deve ser marcado com a mais branca das pedrinhas! (*Ep.* VI, 11, 1 e 3).[282]

E do acréscimo de pequenos comentários, em um formato quase parentético,

> Costumo alguma vez – *isso ocorre, de fato, ocasionalmente* – inquirir a Eufrates sobre essas ocupações [...] Pelo que mais ainda exorto a você, que está livre, para que quando, em breve, vier para a cidade – *e, portanto, venha mais rápido por isso* – permita que ele o depure e lustre (*Ep.* I, 10, 10 e11).
> Além disso, ele produz versos tais quais meu caro Catulo e como Calvo. *De verdade! como Catulo e Calvo* (*Ep.* I, 16, 5).
> [...] percorria minhas contas rapidamente e sem vontade – *são de fato outros os papeis e outras as letras nas quais fui instruído* – e já havia me preparado para a viagem [...] (*Ep.* V, 14, 8).[283]

De acordo com Arcos Pereira (2008, p. 357) o uso dessas expressões indica um caráter mais íntimo das cartas. Outro recurso da prosa epistolar encontrado nas missivas laudatórias de Plínio é a citação de passagens em grego, já comentada em relação à carta II, 3, mas que ocorre também na IV, 27. Em IV, 27, 6, Plínio cita uma máxima, retirada provavelmente de Eurípides, com o objetivo de confirmar o elogio feito ao jovem poeta Sêncio Augurino.[284] As citações em grego podem ser classificadas em pelo menos três tipos: técnicas, em que se empregam os termos de alguma ciência (medicina, filosofia ou gramática, por exemplo); palavras que não possuem tradução em latim; e citações de autores. No caso de Plínio, ocorrem principalmente as citações de textos literários (ANTÓN, 1996, p. 121).

Outra questão estilística importante para a compreensão da prosa epistolar pliniana é a brevidade. De acordo com Zeiner-Carmichael (2014, p. 5) a extensão das cartas é, na verdade,

---

[282] "*Di faciant ut talia tibi saepius nuntiem*" (*Ep.* V, 17, 6); "*O diem laetum! [...] O diem – repetam enim – laetum notandumque mihi candidissimo calculo!"* (*Ep.* VI, 11, 1 e 3).

[283] "*Soleo non numquam – nam id ipsum quando contingit! – de his occupationibus apud Euphraten queri [...] Quo magis te cui vacat hortor, cum in urbem proxime veneris – venias autem ob hoc maturius -, illi te expoliendum limandumque permittas*" (*Ep.* I, 10, 10 e11); "*Praeterea facit versus, quales Catullus meus aut Calvus, re vera quales Catullus aut Calvus"* (*Ep.* I, 16, 5). "[...] *rationes legebam invitus et cursim – aliis enim chartis, aliis sum litteris initiatus -, coeperam etiam itineri me preparar"* (*Ep.* V, 14, 8).

[284] "Observe, portanto, a partir disso, quão correto é esse rapaz, já que é estimado dessa forma por senhores tão ilustres. Não há nada mais certo que isso: 'Você pode conhecer um homem pelas companhias que ele escolhe'. Adeus" ("*Possis ex hoc facere coniecturam, quam sit emendatus adulescens, qui a gravissimis senibus sic amatur. Est enim illud verissimum: 'γινώσκων ὅτι/ τοιοῦτὸς ἐστιν, οἷσπερ ἥδεται συνών.' Vale.*) (*Ep.* IV, 27, 6). De acordo com Radice (1969, p. 313, nota 2) o trecho em grego citado ao final da carta é de Eurípedes (*Frag. 812 N²*). Cf. NAUCK, 1856, p. 490.

quase um lugar comum a ser discutido entre os autores que se dispõem a escrever nesse gênero

> O comprimento é um tema repetido entre os teóricos antigos e missivistas: a brevidade é a expectativa convencional, talvez desenvolvida a partir de considerações de ordem prática pelo alto custo dos materiais de escrita, especialmente o papiro, e pela função original das cartas, que é comunicar mensagens breves (ZEINER-CARMICHAEL, 2014. p. 5).[285]

Embora a brevidade seja o que se espera, ela não é consensual, mesmo entre os autores latinos. Cícero, por exemplo, algumas vezes pede desculpas por escrever uma epístola muito breve (*Ad Att.* II, 20, 3; *Ad fam.* III, 2 e IX, 11, 2) e, em outras, queixa-se pela brevidade do correspondente (*Ad Att.* VI, 9, 1; *Ad fam.* XI, 24, 1), o que demonstra certa preferência desse autor por epístolas maiores.[286] Sêneca, por outro lado, defende a brevidade como característica própria do gênero, ao corrigir-se por estar escrevendo uma carta longa demais (*Ep.* 45, 13). Plínio, em seu turno, se posiciona em relação a esse assunto em pelos menos duas ocasiões. Na primeira, como parte do conselho dado a Fusco Salinator sobre a melhor rotina de estudos, o missivista afirma que a escrita de cartas auxilia na aquisição de uma expressão mais concisa (*pressus*) e correta (*Ep.* VII, 9, 8). Na segunda ocasião, Plínio dedica uma epístola inteira ao assunto (IX, 2) e defende sua preferência pela brevidade por meio de uma *recusatio* ao estilo ciceroniano.[287] Nessa epístola, Plínio afirma que Sabino, o destinatário do texto, lhe tem solicitado uma correspondência mais frequente e cartas mais extensas. O missivista, todavia, afirma possuir não só menos talento que Cícero, a quem Sabino o teria comparado, como também menos assuntos.[288]

---

[285] "*Length is a repeated theme among ancient theorists and letter-writers: brevity is the conventional expectation, perhaps developed out of practical considerations for the high cost of writing supplies, especially papyrus, and the letter's original function is to communicate brief messages*" (ZEINER-CARMICHAEL, 2014, p. 5)

[286] Sobre essa variação do uso da brevidade nas coleções latinas, cf. ANTÓN, 1996, p. 18-9. Para Zeiner-Carmichael (2014, p. 5) o modo como Cícero se posiciona em relação a essa brevidade é também uma escolha estilística que influencia na recepção dos textos: "Cícero, por exemplo, ocasionalmente pede desculpas por cartas excepcionalmente breves nos momentos em que ele se desespera pela flutuação das marés políticas ou situações pessoais. Em tais contextos, sua brevidade transmite mensagens mais profundas sobre a atmosfera política e sua posição dentro dela" (*Cicero, for example, occasionally apologizes for exceptionally brief letters at times when he despairs of fluctuating political tides or personal situations In such contexts, his brevity conveys deeper messages about the political atmosphere and his position within it*.) (ZEINER-CARMICHAEL, 2014. p. 5).

[287] A *recusatio* é um expediente poético de caráter estilístico em que um poeta se recusa a escrever em um determinado gênero. Trata-se de um recurso de origem calimaquiana e, portanto, geralmente associada à negação do poeta incluir-se em um gênero mais elevado (a épica, por exemplo). Sobre a utilização desse expediente não só como elemento literário, mas também político em contexto romano, cf. FREUDENBURG, 2014.

[288] É importante esclarecer que a brevidade em oposição a uma abundância ciceroniana é defendida por Plínio como recurso próprio da epistolografia. No que se refere à oratória, esse autor demonstra preferência por um estilo copioso e ciceroniano de discursos. Cf. *Ep.* I, 20; RIGGSBY, 1995.

Essa *recusatio* de Plínio, por sua vez, possui um aspecto duplo. Por um lado, o autor esclarece que suas próprias epístolas são mais breves, seja por uma questão prática – em IX, 2, 1, ele afirma estar sem tempo para escrever e que também imagina que seu destinatário não possui tempo livre para o ler –, ou por uma questão estilística – ele não possui o mesmo talento que Cícero (IX, 2, 2). Por outro, fica implícita a valorização de um estilo mais prolixo de escrita epistolar, no qual apenas supõe ser incapaz de escrever.[289] O que o conjunto de suas cartas demonstra, todavia, é uma maior inclinação pelo estilo breve. No caso das epístolas laudatórias, por exemplo, o texto não ultrapassa a extensão de doze parágrafos (I, 10; I, 22) e utiliza no mínimo três (VI, 26 e IX, 22).[290] Em nível frasal, essa brevidade é garantida pela utilização de frases mais curtas e com um menor número de subordinações.[291] A preferência por um estilo breve na obra epistolar é considerada uma escolha poética de Plínio. Guillemin (1929, p. 150) afirma, por exemplo, que as cartas desse autor são verdadeiros epigramas em prosa.

Considerando, portanto, que Plínio utiliza, em sua obra, essa diversidade de recursos estruturais e estilísticos, é possível afirmar que a prosa epistolar desse autor converte o ato espontâneo de conversação à distância com um amigo em um texto sofisticado e estilizado (ANTÓN, 1996, p. 122-3). É a partir dessa compreensão que se pode afirmar que Plínio executa um posicionamento discursivo por meio do investimento genérico e tentar compreender quais as razões e implicações da escolha pela epistolografia.

De acordo com Maingueneaeu (2014, p. 151), o posicionamento discursivo é a

> [...] construção de uma identidade enunciativa que é tanto "tomada de posição" quanto recorte de um território cujas fronteiras devem ser incessantemente redefinidas [...] não são apenas doutrinas estéticas mais ou menos elaboradas; são

---

[289] É provavelmente por causa dessa segunda possibilidade de leitura que Antón (1996, p. 16) afirma que "Plínio, como Cícero, prefere as cartas extensas e assíduas" (*Plinio, como Cicerón, prefiere cartas extensas y assíduas*) (ANTÓN, 1996, p. 16).

[290] As cartas mais longas do conjunto dos livros I-IX, por sua vez são a III, 9, uma explicação detalhada do processo judicial dos Béticos contra Clássico (37 parágrafos); e V, 6, uma descrição minuciosa de *villa* de Plínio na Toscana (46 parágrafos). Na missiva II, 5, que possui apenas treze parágrafos, Plínio põe fim à carta afirmando já sentir que está ultrapassando os limites de uma epístola e se aproximando de um discurso (II, 5, 13).

[291] Para Guillemin, o "arranjo de sentença plininana é uma das principais comodidades das cartas; por sua pouca extensão, que traz, se se pode dizer assim, os elementos para a escala do todo e faz com que tudo seja proporcional e adequado para a pequena peça que é uma carta projetada à maneira de Plínio ([...] *agencement de la phrase plinienne est l'un des agréments principaux des letters; par son peu d'etendue, il raméne, si l'on peut ainsi parler , les elements à l'echelle de l'ensemble et fait que tout est proportionné et bien adapté dans le petite piéce qu'est une lettre conçue à la maniere de Pline*) (GULLEMIN, 1929, p. 152). Falaremos mais sobre a frase pliniana ao tratarmos dos elogios nessas cartas (item 3.3). Sobre esse assunto numa leitura da obra como um todo, cf. GUILLEMIN, 1929, p. 150-2; CASTILLO, 1974, p. 434; CASQUERO, 1983, p. 401; ANTÓN, 1996, p. 143-145 e FERNÁNDEZ, 2004, p. 42-43.

> indissociáveis das modalidades de sua existência social, do estatuto de seus atores (MAINGUENEAU, 2014, p. 151).

O investimento genérico é uma das formas de executar esse posicionamento, uma vez que ao investir em um determinado gênero, o autor se aproxima de algumas produções e escolhas estéticas e se afasta de outras. No caso de Plínio, o autor opta pela publicação de suas cartas pessoais organizadas em nove diferentes livros. Ao fazer isso, ele passa a dialogar com uma produção precedente de cartas em contexto romano, especialmente com as de Cícero e de Sêneca, uma vez que os textos estão em prosa e em formato de coleção. Em relação a essas duas, Plínio se aproxima sobretudo de uma tradição epistolar ciceroniana. De acordo com Edwards (2005, p. 279), embora escritas poucas décadas após as de Sêneca, as cartas de Plínio mostram pouca relação clara com o tratamento da forma epistolar feita por esse autor precedente. Para a autora, Cícero, no entanto, emerge rapidamente como um modelo significativo.[292] Como vimos, no entanto, essa aproximação com a obra de Cícero, de quem Plínio se declara, em algumas ocasiões, imitador (Cf. PEREIRA, 2006, p. 81-92), é constantemente negociada. Por vezes essa negociação ocorre de forma explícita (como as declarações em *Ep.* I,2; I,5,12; IX,2,2, por exemplo); em outras, são as escolhas identificadas no decorrer do texto que permitem enxergá-la. Nas treze epístolas analisadas neste trabalho, algumas dessas escolhas são identificáveis no modo como Plínio estrutura – desde a introdução ao encerramento – seu texto, colocando seu interlocutor, majoritariamente, em segundo plano; no uso mais restrito de palavras e expressões que remetem à fala ou à ideia de uma conversação e mesmo em uma utilização mais literária das citações em grego. Tais características afastam ou aproximam, em diferentes graus, a prosa epistolar pliniana da epistolografia de Cícero.

Não é, porém, naquilo em que se afasta de Cícero que podemos tentar compreender porque Plínio opta por escrever seus elogios a contemporâneos vivos em cartas e não em outro gênero[293], mas sim naquilo em que ele se aproxima. Um importante ponto de contato

---

[292] "*The Younger Pliny's letters, written a few decades after those of Seneca, show little obvious engagement with Seneca's treatment of the epistolary form [...] Cicero, however, rapidly emerges as a significant model*" (EDWARDS, 2005, p. 279).

[293] Nesse ponto, é necessário lembrar que o elogio, como forma e eternização do nome e dos feitos de alguém, é uma matéria bastante própria para o gênero biográfico, por exemplo, (pelo menos o é na *Vida de Agrícola*¸ de Tácito, e na concepção biográfica de Plutarco. Cf. PLUTARCO, *Vida de Alexandre*, I,2) e, portanto, próprio da historiografia. Apesar disso, porém, ainda que não tenha sido apenas em virtude dos louvores que faz a seus contemporâneos, há uma recusa frequente de Plínio em relação à escrita da história.

entre esses textos é a atenção dada por ambos à construção de uma imagem positiva de si em contexto privado, mas válida para vida pública.[294] Em relação a Cícero, Edwards afirma que

> [...] nós também podemos ler essas cartas como instrumentos cuidadosamente forjados de autorrepresentação – ou talvez, ainda, de autopromoção. Cícero e Ático são repetidamente contrastados, para melhor delinear Cícero como uma figura pública engajada (veja particularmente *Ad Att.* IX,10). E é no contexto de uma carta a Ático (escrita após Cicero ter sido enviado para o exílio em 58) que Cícero se sente capaz de lamentar a dissolução de seu "eu" público cuidadosamente construído: "Eu lamento a perda não somente das coisas e das pessoas que eram meus, mas do meu próprio ser. O que eu sou agora?" (*Ad Att.* III, 15). As cartas traçam mudanças na autopercepção de Cícero, ao mesmo tempo em que trabalham para apresentar um retrato mais fluido e íntimo de seu autor para os leitores externos, um retrato que muitos têm achado significantemente mais atrativo do que aqueles identificáveis a partir dos discursos públicos ou escritos filosóficos de Cícero (EDWARDS, 2005, p. 273). [295]

Já em relação a Plínio, a autora considera que

> As cartas de Plínio podem ser lidas como oferecendo um autorretrato sistemático de seu autor. A ênfase não é, no entanto, na vida interior de Plínio, mas sim sobre a forma exemplar com a qual ele cumpre uma série de funções sociais e políticas. Através de suas cartas, ele aparece como um orador dirigente, o amigo de outros senadores dirigentes, patrono por mérito, um filantropo (note, por exemplo, suas doações para Como, *Ep.* I, 8), um proprietário de terras, homem de refinamento – e marido. Como comenta Veyne, "as cartas são e se destinam a ser um manual para o senador romano perfeito" (EDWARDS, 2005, p. 280-1).[296]

Como se pode observar, a construção dessas imagens de si está fortemente relacionada às características próprias do gênero epistolar. Os textos epistolares podem ser considerados naturalmente portadores de representações se tivermos em vista a compreensão mais primária do termo (como uma re-apresentação de um objeto ausente), já que o item fundamental para que esse gênero se efetive é a existência de uma ausência. Uma epístola se configura, nesse

---

[294] Uma análise mais aprofundada sobre as influências ciceronianas na obra de Plínio, cf. MARCHESI, 2008, p. 207-244; GIBSON;MORELLO, 2012, 74-103.

[295] "*[...] we can also read these letters as carefully wrought instruments of self-representation – or perhaps rather self-fashioning. Cicero and Atticus are repeatedly contrasted, the better to delineate Cicero as an engaged public figure (see particularly Att. 9.10). And it is in the context of a letter to Atticus (written after Cicero had been sent into exile in 58) that Cicero feels able to lament the dissolution of his carefully constructed public self: 'I mourn the loss not only of the things and persons that were mine, but of my very self. What am I now?' (Att. 3.15). The letters chart shifts in Cicero's self-perception, at the same time working to present a more fluid, intimate picture of their author to external readers, a picture that many have found significantly more attractive than those discernible from Cicero's public speeches or philosophical writings*" (EDWARDS, 2005, p. 273). Cf. também LEACH, 1990, p. 16-27 e ZEHNARCKER, 2003, p. 51.

[296] "*Pliny's letters can be read as offering a systematic self-portrait of their author. The emphasis is not, however, on Pliny's inner life but rather on the exemplar manner in which he fulfils a range of social and political roles. Through his letters he appears as leading orator, the friend of other leading senators, patron of the deserving, a philanthropist (note, for instance, his donations to Comum, 1.8), a landowner, man of refinement – and husband. As Veyne comments, 'the letters are and are meant to be a handbook for the perfect Roman senator*'" (EDWARDS, 2005, p. 280-1).

caso, como uma espécie de ponte que administra essa presença-ausência.[297] Considerando, ainda, que todo ato discursivo envolve a formação de imagens de seus participantes (AMOSSY, 2008, p. 9), pode-se afirmar que, em uma correspondência, o participante cuja imagem está em maior destaque é, certamente, o emissor da mensagem (EBBELER, 2001, p.1). Nesse contexto, a utilização do gênero epistolar para formular uma imagem de si ou mesmo de outra pessoa tem como vantagem discursiva a ambientação familiar e cotidiana.

> A carta é um gênero fluido, o que lhe permite cumprir muitas finalidades diferentes e chegar a muitos tipos de público, potencializando, assim, seus autores com grande liberdade de experimentação e autoapresentação. Uma vantagem excepcional do gênero epistolar é o seu potencial para a expressão autobiográfica sem o estigma ostensivo da presunção muitas vezes associada à autobiografia formal (ZEINER-CARMICHAEL, 2014, p. 6).[298]

Uma mostra dessa diferença entre o autoelogio feito em contexto epistolográfico e o que é realizado fora dele é dada pelo próprio Plínio na carta I,8,5-6, quando divide com seu destinatário a preocupação a respeito de um discurso que ele – Plínio – fez na inauguração de uma biblioteca dada por ele mesmo à cidade de Como e que gostaria de publicar. Na carta, ele demonstra haver uma rejeição social a discursos em que alguém elogia a si mesmo e a própria família. Por outro lado, a carta é, na verdade, uma defesa desse autoelogio realizado no discurso, ao mesmo tempo em que funciona como um novo anúncio do feito elogiado. Na missiva, porém, Plínio parece realizar esse louvor de seus feitos mais livremente do que o faria no discurso oratório.[299] Se é possível compreender, portanto, que o investimento na epistolografia cria um ambiente menos hostil para a prática de um elogio de si, acreditamos que não possua um efeito diferente em relação aos louvores a contemporâneos ainda vivos, como é o caso das treze epístolas analisadas neste trabalho. Riggsby (1995) resume bem essa perspectiva a respeito do investimento genérico ao afirmar que Plínio se posiciona a favor de uma tradição ciceroniana do discurso porque a força retórica de muitas de suas cartas "depende da aceitação do leitor (disposto ou não) de que elas são dirigidas ao destinatário

---

[297] Para Zeiner-Carmichael (2014, p. 4) "Ao substituir uma comunicação face a face, a carta preenche uma lacuna temporal e espacial, uma função frequentemente notada pelo emissor" (*In substituting for face-to-face communication, the letter bridges a temporal and spatial gap, a function often noted by the sender*)

[298] "*The letter is a fluid genre, which enables it to fulfill many different purposes and to reach many types of audience, thus empowering its authors with great freedom in experimentation and self-presentation. One exceptional advantage of the epistolar genre is its potential for autobiographical expression without the overt stigma of conceit often associated with formal autobiography*" (ZEINER-CARMICHAEL, 2014, p. 6).

[299] Esse elogio não é, de todo, incontestável. Para Gibson (2003), por exemplo, o autoelogio realizado por Plínio nas epístolas só se torna aceito a partir do momento em que ele utiliza uma série de elementos discursivos para amenizar o caráter pretensioso desses textos.

mais que a um público geral" (RIGGSBY, 1995, p. 31).[300] Ou seja, a partir do momento que o leitor assume a autenticidade desses textos enquanto correspondência amistosa, a imagem textual ali desenvolvida tem maior força de persuasão. De fato, a construção desse ambiente familiar e cotidiano e, portanto, aparentemente desinteressado é capaz de gerar a sensação de sinceridade.[301]

Desse modo, Plínio nos apresenta, por meio do elogio, uma imagem pública de seus contemporâneos; tal imagem, porém, é veiculada por meio de um gênero literário de caráter pessoal e, portanto, originalmente privado. Mais que apenas ser o suporte para esses textos, no entanto, a utilização do gênero dá sentido ao que está sendo dito, pois é, muitas vezes, o que permite que esses elogios não sejam recebidos como bajulação gratuita.

3.3 Louvor aos contemporâneos: a *eloquentia* e o *ingenium*

Considerando a possível diferenciação aristotélica entre elogio e encômio (*Retórica*, I, 1367b), que é, de algum modo, mantida também por Cícero (*De or.* II, 342), o que Plínio elabora em suas cartas é, na verdade, um encômio, uma vez que seu discurso objetiva exaltar, de modo geral, alguém que realizou algo. Embora neste trabalho essa diferença existente entre os dois tipos de discurso de louvor não possua grande relevância, a retomamos aqui para destacar que, ao fazer essa divisão, Aristóteles afirma a necessidade de que as exposições laudatórias façam uso de provas para confirmar aquilo que dizem.[302] Tal afirmação está presente de maneira bastante clara, também na teorização de Quintiliano a respeito do tema.

> Assim como o louvor que é aplicado aos negócios públicos exige provas, também aquele que é composto apenas para a exibição às vezes possui algum tipo de provas, de modo que alguém que afirme que Rômulo era filho de Marte e foi educado pela loba usará para a confirmação da origem divina os seguintes [argumentos]: que ele, tendo sido lançado na corrente de água, não pode ser morto; que realizou todas as coisas de modo que fosse crível que ele era um nascido do deus das guerras; que os homens não duvidaram, naqueles tempos, de que ele mesmo também havia sido recebido no céu (Quint. *Inst. Or.* III, 7, 4-6).[303]

---

[300] "*The rhetorical force of many of the letters depends on the reader's assumption (willing or otherwise) that they are directed at the addressee rather than a general public*" (RIGGSBY, 1995, p. 31).

[301] Sobre a preocupação de Plínio com a sinceridade de seus textos, cf. REES, 2007a, p. 165-168.

[302] "[...] e as circunstâncias que as rodeiam concorrem para as provas, como, por exemplo, a nobreza e a educação; pois é provável que de bons pais nasçam bons filhos, e que o caráter corresponda à educação recebida" (*Retórica*, I, 1367b).

[303] "*Vt desiderat autem laus quae negotiis adhibetur probationem, sic etiam illa quae ostentationi componitur habet interim aliquam speciem probationis, ut qui Romulum Martis filium educatumque a lupa dicat in argumentum caelestis ortus utatur his, quod abiectus in profluentem non potuerit extingui, quod omnia sic egerit ut genitum praeside bellorum deo incredibile non esset, quod ipsum quoque caelo receptum temporis eius homines non dubitaverint*" (Quint. *Inst. Or.* III, 7, 4-6).
Esse assunto também foi tratado na Retórica a Herênio (III, 10-11) e por Cícero (Cíc. *De or.* II, 45).

Desse modo, o discurso laudatório, assim como o deliberativo e o judiciário, requer que seu emissor desenvolva uma determinada estrutura argumentativa para persuadir seus receptores. Os meios de persuasão próprios dos discursos de elogio são conseguidos a partir de três tópicos principais, todos relacionados, de algum modo, ao próprio elogiado: coisas externas (ou bens da fortuna), coisas do corpo (aparência física) e o caráter (virtudes) (*Ad. Her.* III, 10; Cíc. *De or.* II, 45 e Quint. *Inst. Or.* III, 7, 12). É a partir desses meios de persuasão comuns que nos propromos a analisar aquilo que consideramos breves discursos laudatórios inseridos no texto epistolar pliniano.[304]

Como mencionamos na análise da organização textual das cartas laudatórias de Plínio (item 3.2), o elogio mais direto aos contemporâneos vivos compõe a parte central desse discurso epistolar, não apenas porque é nele que reside o assunto e a motivação principal da missiva em questão, mas também porque se localiza, de modo geral, no centro do texto. Desse modo, os elogios, nessas cartas, são comparáveis à *confirmatio* dos discursos oratórios, momento em que o orador elenca as provas ou argumentos que confirmam o seu discurso (Quint. *Inst. Or.* V, *praef.*, 2). É justamente nesse trecho das cartas em que se pode notar um caráter mais argumentativo do texto pliniano.

Observemos, por exemplo, como Plínio desenvolve esse elogio na epístola I,10, destinada a Ácio Clemente, em que louva as virtudes do filósofo Eufrates.[305] Nessa missiva, é possível notar a utilização dos recursos da oratória epidítica especialmente no trecho dos parágrafos cinco ao oito.

---

[304] Os discursos oratórios são compostos, de maneira bastante ampla, por duas substâncias principais: *res* e *verba*, que podem ser traduzidas *grosso modo*, por "coisas e palavras". *Res* se refere ao conteúdo, ao material a ser utilizado no discurso e é desenvolvido, na retórica, no momento da *inventio*. As *verba*, por sua vez, dão forma a esse conteúdo e são especialmente empregadas no momento da *elocutio* (BARTHES, 1975, p. 183). Quando falamos de estrutura argumentativa dos textos de Plínio nos referimos àquilo que compõe a *res* desse discurso, isso porque a *matéria* principal de uma exposição oratória são as provas. Tais provas, por sua vez, podem ser de dois tipos: não técnicas (como os testemunhos e provas escritas) e técnicas (*éthos, pathós e lógos*) (BARTHES, 1975, p. 185-5; ALEXANDRE-JUNIOR, 2005, 37-8). Na análise desenvolvida aqui, importa compreender o desenvolvimento das provas técnicas, mais especificamente as que são elaboradas no discurso (*lógos*), que são os denominados argumentos lógicos e se dividem, basicamente, entre os entimemas e os exemplos (BARTHES, 1975, p. 186-195; ALEXANDRE-JUNIOR, 2005, 37-8). Não é nosso objetivo, no entanto, analisar como Plínio desenvolve seus entimemas, mas sim a matéria que ele utiliza para formulá-los, ou seja, os tópicos comuns a partir dos quais esses argumentos são formulados. Nos discursos de tipo epidítico, os tópicos mais comuns são aqueles retirados das coisas externas, da aparência física ou do caráter dos elogiados. Em nossa análise, portanto, nos concentramos na investigação de como Plínio aplica tais tópicos comuns em suas epístolas.

[305] Elencamos essa epístola como exemplo para a análise desses elementos argumentativos, pois, dentre as cartas que compõem o *corpus*, ela é a que apresenta a maior variedade deles e funciona, portanto, como um exemplo mais completo. Sobre o elogiado, sabe-se que era um filósofo estóico, natural de Tiro, rival de Apolônio de Tiana e discípulo de Musônio Rufo. Foi expulso por Domiciano de Roma em 93 e regressou mais tarde, durante o reinado de Nerva (FERNÁNDEZ, 2005, p. 78; SHERWIN-WHITE, 1998, p. 746).

> No que é dado a mim julgar, no entanto, há muitas coisas em Eufrates que de tal forma dele emanam e vertem que educam e afetam até os medianamente doutos. Ele argumenta tênue, séria e elegantemente, além disso, com frequência aplica aquela sublimidade e grandeza de Platão. Seu discurso é copioso e variado, agradável principalmente, de modo que move e conduz até mesmo os relutantes. 6. Além disso, a estatura elevada do corpo, o rosto elegante, o cabelo pendente, a barba grande e branca, que podem ser considerados [atributos] casuais e insignificantes, a ele, no entanto, acrescentam maior reverência. 7. Não há nada de rude em suas maneiras, nem de desânimo, mas muito de seriedade. Encontrando-o, você o respeitaria, não recearia. A retidão de sua vida é máxima, a delicadeza igualmente. Ele censura os vícios, não os homens, nem castiga os que erram, mas emenda. Você o acompanharia atento e cativo enquanto aconselhasse e desejaria também ser persuadido quando ele já tivesse te persuadido. 8. Ele já tem, por certo, três filhos, dois rapazes, os quais forma com a maior dedicação. Seu sogro, Pompeio Juliano, grande e ilustre por um lado pela trajetória de vida e, por outro, ainda por este feito, pois foi, ele mesmo, príncipe de província, o elegeu como primeiro entre as mais altas condições de sua família, não pelas honras, mas pela sabedoria (*Ep.* I,10, 5-8).[306]

Primeiramente (I, 10, 5), Plínio elogia a inteligência e a habilidade oratória do filósofo, tanto em relação ao modo como expõe quanto a como constrói seu discurso. O missivista utiliza inclusive um recurso aconselhado por Cícero (*De or.* III, 348), que é a comparação do elogiado a outros homens notáveis, estabelecida, nesse caso, entre Eufrates e Platão. Em seguida (I, 10, 6), são louvados os atributos físicos do filósofo, relacionando-os também aos aspectos morais, especialmente a uma respeitabilidade (I, 10, 7). Por fim, o autor fala da estirpe de Eufrates, tanto em relação à descendência (os filhos) quanto em relação à ascendência (representada pelo sogro).[307] Na carta I, 10, as virtudes mais evidentes são a *benignitas* (benignidade) e a *continentia* (moderação; ou *temperantia:* temperança). No que se refere à benignidade, Plínio destaca, em I, 10, 3, a acessibilidade do filósofo em relação aos discípulos, ressaltando que "Ele é, de fato, acessível e disposto, cheio de uma humanidade que ele mesmo ensina.", ideia que o autor reforça em I, 10, 5, ao falar da capacidade desse sábio em se fazer entendido mesmo pelos homens de conhecimento mediano – "[...] há muitas

---

[306] "*Quantum tamen mihi cernere datur, multa in Euphrate sic eminent et elucent, ut mediocriter quoque doctos advertant et afficiant. Disputat subtiliter graviter ornate, frequenter etiam Platonicam illam sublimitatem et latitudinem effingit. Sermo est copiosus et varius, dulcis in primis, et qui repugnantes quoque ducat impellat. 6 Ad hoc proceritas corporis, decora facies, demissus capillus, ingens et cana barba; quae licet fortuita et inania putentur, illi tamen plurimum venerationis acquirunt. 7 Nullus horror in cultu, nulla tristitia, multum severitatis; reverearis occursum, non reformides. Vitae sanctitas summa; comitas par: insectatur vitia non homines, nec castigat errantes sed emendat. Sequaris monentem attentus et pendens, et persuaderi tibi etiam cum persuaserit cupias. 8 Iam vero liberi tres, duo mares, quos diligentissime instituit. Socer Pompeius Iulianus, cum cetera vita tum vel hoc uno magnus et clarus, quod ipse provinciae princeps inter altissimas condiciones generum non honoribus principem, sed sapientia elegit.*" (*Ep.* I,10, 5-8).

[307] Nesse segundo aspecto do elogio por meio da família, percebe-se que o autor optou por uma solução diferente da descrita pelos tratados retóricos. Para enobrecer Eufrates, Plínio utiliza não sua família natural, como o pai, mas sim a figura do sogro. Eufrates provavelmente não era cidadão Romano (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 244), mas casou-se com a filha de um cidadão da província, Pompeio Juliano, como mostra a própria carta.

coisas em Eufrates que de tal forma dele emanam e vertem que educam e afetam até os medianamente doutos" – e de como, usando um discurso agradável, convence até os ânimos mais difíceis: "Seu discurso é copioso e variado, agradável principalmente, de modo que move e conduz até mesmo os relutantes". A *continentia*, por sua vez, fica evidente na descrição que Plínio faz de Eufrates tanto em relação ao seu estilo de discurso, ao afirmar que o filósofo é, ao mesmo tempo, tênue e grave (I, 10, 5), quanto em relação a sua moral e ao modo como lida com os discípulos, momento em que descreve Eufrates física e moralmente como um homem sério e admirável, ao mesmo tempo em que agradável (I, 10, 7). Considerando o conjunto desses elementos e partindo da compreensão de que subjaz no louvor a Eufrates um enaltecimento das virtudes desejáveis nos homens (Eufrates é evocado, no texto de Plínio, como *exemplum*), Plínio não está construindo apenas a imagem desse filósofo específico, mas o perfil exemplar de intelectual que é o desejável para ele e para sua época.

Uma argumentação similar é notada nas demais cartas que compõem nosso *corpus* de análise. Considerando as dimensões e os objetivos deste estudo, opta-se por não apresentar, neste texto, uma análise estrutural e argumentativa detalhada de cada uma das treze missivas individualmente. O que desenvolveremos aqui, portanto, é uma análise desses textos feita de maneira conjunta e tendo como ponto de partida os elementos argumentativos que compõem os discursos epidíticos (coisas externas, coisas do corpo e o caráter). É a análise desses elementos que permitem entender como Plínio estrutura seu discurso epidítico no interior dos textos epistolares e de que maneira essa estruturação colabora para uma representação de seus contemporâneos.

Mencionamos, no início deste estudo, a ideia de que as imagens criadas nos textos se assemelham, em algum grau, aos retratos ou às esculturas. Tal metáfora, recorrente nas próprias produções laudatórias antigas, pode deixar a impressão de que, no discurso de elogio, a aparência física tem um papel central para permitir que o leitor formule uma imagem mental daquele que está sendo descrito. Paradoxalmente, todavia, Plínio raras vezes se interessa em descrever fisicamente a aparência de seus elogiados nas epístolas.[308] Com exceção da carta sobre Eufrates (I,10), e de um breve comentário sobre a voz e o rubor do rosto de Calpúrnio Pisão (V,17,3), Plínio não utiliza os bens do corpo como um argumento para seus elogios.

[308] De acordo com Leach (1990, p. 20) essa é uma tendência geral na obra do autor. Plínio descreve a beleza de homens ou mulheres poucas vezes na coleção, por outro lado, se dedica a descrever detalhadamente objetos e, especialmente, propriedades.

Mesmo no caso do texto sobre esses dois personagens, a menção ao aspecto físico está fortemente ligada a um contexto moral.

> Além disso, a estatura elevada do corpo, o rosto elegante, o cabelo pendente, a barba grande e branca, que podem ser considerados [atributos] casuais e insignificantes, a ele, no entanto, acrescentam maior reverência (I,10,6).
> Ele valorizava essas coisas por meio da voz mais suave, e sua voz, por meio de sua inibição: havia em seu rosto grande rubor e grande cuidado, grandes ornamentos para quem recita. Realmente desconheço por qual razão o receio, mais que a segurança, se ajusta aos homens dos estudos (V,17,3).[309]

Um dos elementos que se destaca nessa descrição de Plínio sobre Eufrates é a barba grande e branca, uma vez que esse é um elemento que nem sempre parece bem vindo em contexto público romano. Quintiliano (*Inst. Or.* XII, 3, 12), por exemplo, critica o uso da barba associando-o ao descuido com a eloquência e a uma falsa aparência de filósofo. Por outro lado, como parece atestar a própria descrição de Plínio, essa característica física está associada à própria representação de filósofo nesse período. Segundo Sherwin-White (1998, p. 109) a utilização de barba como uma marca positiva foi retomada principalmente a partir do estóico Musônio Rufo, do qual Eufrates foi discípulo. Portanto, Plínio não fornece apenas a descrição física de seu elogiado, mas também já elabora a leitura representativa dessas características físicas. Para ele, a barba, assim como a altura, a elegância do rosto e os cabelos longos destacam a seriedade e a reverência filosófica de Eufrates.

Para Leach (1990, p. 20) a razão de Plínio não utilizar os elementos físicos como um argumento recorrente em suas cartas "não é difícil de conjecturar, e, na verdade, o próprio Plínio fornece, muitas vezes, a razão: rostos, aparências físicas não são indicadores confiáveis de caráter".[310] De fato, Plínio esclarece isso em uma de suas cartas laudatórias. Ao falar de Tício Aristo[311], o autor afirma que

---

[309] "*Ad hoc proceritas corporis, decora facies, demissus capillus, ingens et cana barba; quae licet fortuita et inania putentur, illi tamen plurimum venerationis acquirunt*" (I,10,6); "*Commendabat haec voce suavissima, vocem verecundia: multum sanguinis, multum sollicitudinis in ore, magna ornamenta recitantis. Etenim nescio quo pacto magis in studiis homines timor quam fiducia decet*" (V,17,3).

[310] "*A reason for this lack of interest is not difficult to conjecture, and indeed Pliny in several instances supplies the reason himself. Faces, physical appearances, are not reliable indicators of character*" (LEACH, 1990, p. 21).

[311] De acordo Sherwin-White (1998, p. 136), "Tício Aristo é conhecido a partir de fontes jurídicas como um dos grandes advogados da época, um aluno do distinto Cassius Longinus [...], conselheiro judicial de Trajano, e correspondente do Neratio Prisco e Juvencio Celso, seus rivais. Nada se sabe de sua carreira. Ele deve ter sido mais velho do que Plínio [...] ele desempenha um papel considerável na textos do *Digesto* [*Corpus Juris Civilis*, de Justiniano] e Plínio fala dele como de um oráculo" (*Titius Aristo is known from legal sources as one of the great lawyers of the day, a pupil of the distinguished Cassius Longinus [...], judicial adviser of Trajan, and correspondent of Neratius Priscus and Juventius Celsus, his rivals. Nothing is known of his career. He must have been older than Pliny [...] he plays a considerable part in Digest texts, and Pliny speaks of him as of an*

> Diante disso, dificilmente você conseguirá comparar a este homem qualquer um daqueles que ostentam sua dedicação à sabedoria pela forma física. Ele realmente não frequenta os ginásios ou os pórticos, nem usufrui o seu tempo livre ou o dos outros com longas controvérsias, mas ocupa-se com a toga e os negócios e ajuda a muitos com a assistência jurídica e outros muitos com seu conselho (*Ep.* I, 22,6).[312]

Nessa missiva, Plínio considera o investimento em uma aparência de filósofo como um modo de falsear a verdadeira sabedoria ao comparar o comportamento modesto de Aristo aos dos filósofos estóicos (pórticos) e dos retores profissionais (ginásio) (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 138).

Se não é, portanto, na aparência que Plínio busca os argumentos para elogiar seus contemporâneos, a afirmação de Leach (1990, p. 20) assim como a própria carta I, 22 leva a crer em uma preocupação maior desse missivista com o caráter. É, de fato, a partir da descrição moral que alguns dos textos de sua correspondência estruturam os argumentos dos louvores. Os exemplos mais completos dos louvores baseados nas virtudes morais são as cartas I, 22; V, 14 e VI, 26.

Na missiva I,22, em que Plínio elogia Tício Aristo, que tinha estado adoentado, um dos principais argumentos elencados por Plínio é a modéstia desse jurista romano, expressa não só nas atitudes do elogiado, mas na própria habitação.

> Além disso, há tanta simplicidade em seu modo de vida, tanta modéstia em seus hábitos! Costumo considerar seu próprio quarto e sua própria cama como uma imagem da sobriedade antiga. 5. O que embeleza essas coisas é a grandeza de seu caráter, que ele mantém não pela exibição, mas sim pelo senso moral. Certamente não é na opinião da população que ele busca as recompensas por suas ações, mas sim no próprio feito (*Ep.* I, 22, 4-5).[313]

Mais que a simplicidade, porém, Plínio atribui a esse jurista as outras duas virtudes cardinais, justiça e coragem, e uma virtude tipicamente romana, o respeito (*pietas*).[314] Como argumenta Stadler (2010, p. 104) a *pietas* forma, juntamente com a *clementia*, a *iustitia* e a *virtus*, o conjunto das virtudes augustas romanas (Cf. também PEREIRA, M., 1990, p. 328-

---

oracle) (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 136). Essas informações também são confirmadas por Radice (1969, p. 583).

[312] *"In summa non facile quemquam ex istis qui sapientiae studium habitu corporis praeferunt, huic viro comparabis. Non quidem gymnasia sectatur aut porticus, nec disputationibus longis aliorum otium suumque delectat, sed com in toga negotiisque versatur, multos advocatione plures consilio iuvat"* (*Ep.* I, 22,6).

[313] "*Ad hoc quam parcus in victu, quam modicus in cultu! Soleo ipsum cubiculum illius ipsumque lectum ut imaginem quandam priscae frugalitatis adspicere. 5 Ornat haec magnitudo animi, quae nihil ad ostentationem, omnia ad conscientiam refert recteque facti non ex populi sermone mercedem, sed ex facto petit"* (*Ep.* I, 22, 4-5)

[314] "Ele não perderia em integridade, respeito, justiça, coragem ou ainda, primazia para ninguém" (*Nemini tamen istorum castitate pietate, iustitia, fortitudine etiam primo loco cesserit*) (*Ep.* I, 22,7).

332). Para esse autor, algo que define a particularidade da *pietas* é que "ela não entra no rol das glórias pessoais, mas é ostentada por aqueles que cumprem deveres com os outros" (STADLER, 2010, p. 104-5). Nesse caso, se destaca o fato de que, diferentemente de Eufrates, por exemplo, Aristo é alguém descrito por Plínio como uma pessoa envolvida com os negócios públicos, mais especificamente com a prática jurídica. Pelas virtudes elencadas, portanto, o missivista nos fornece a imagem de um homem envolvido com as atividades públicas e que pratica ações voltadas para o bem comum.

Outra carta destinada ao louvor de alguém envolvido principalmente com a atuação em cargos públicos é a V, 14, em que Plínio elogia Cornuto Tértulo, seu companheiro no consulado do ano 100 d.C (*Ep.* V, 14, 5). Nesse texto, que objetiva comemorar a nomeação de Cornuto como curador da *Via Emília* e que se estrutura por meio de uma intensa comparação entre a carreira de Plínio e a do elogiado, as virtudes são enumeradas de forma menos explícita. Na verdade, é possível destacar apenas uma menção mais clara a esse respeito:

> Não é, de fato, mais satisfatório elevar-se em título que ser equiparado a um homem excelente. Pois quem seria melhor do que Cornuto, quem mais íntegro, ou um *exemplo mais claro de todos os tipos das louvadas virtudes antigas*. Porque eu o conheço não pela fama, da qual, advinda de outros, a mais merecida e mais excelente, ele desfruta, mas sim de uma prolongada e copiosa experiência (*Ep.* V, 14, 3, grifo nosso).[315]

Plínio define as virtudes de Cornuto de maneira ampla como sendo aquelas louváveis nos antigos. Para Sherwin-White (1998, p. 207) essa *antiquitas* se refere a um conjunto de virtudes e maneiras próprias de provinciais italianos e é usada para se referir a outros personagens, como Erúcio Claro e Vestrício Espurina, definidos como *sancti et antiqui* (II,9,4 e III,1,6). Esse tipo de elogio, portanto, está voltado para os homens mais velhos e que são apresentados como modelos seguidos pelo próprio Plínio.[316] O restante da epístola, se dedica a demonstrar que Cornuto ocupou, dignamente, vários cargos de administração pública.

A terceira epístola em que uma argumentação baseada nas características morais está em maior evidência é a carta VI, 26. Nessa missiva, Plínio felicita brevemente Julio Serviano pelo casamento de sua filha com Fusco Salinator. Em uma estrutura marcada pelo grande poder de síntese de Plínio e pela utilização de uma série de orações trimembres, o autor define

---

[315] "*Neque enim augeri dignitate quam aequari bonis gratius. Cornuto autem quid melius, quid sanctius, quid in omni genere laudis ad exemplar antiquitatis expressius? quod mihi cognitum est non fama, qua alioqui optima et meritissima fruitur, sed longis magnisque experimentis"* (*Ep.* V, 14, 3).

[316] Sobre essa exemplaridade, cf. GIBSON;MORELLO, 2012, p. 115-123 (Vestrício Espurina) e p. 154-156 (Cornuto Tértulo).

Salinator a partir de três argumentos principais: a origem familiar, a prática intelectual e as virtudes morais.

> Sua família é patrícia, o pai honestíssimo e a mãe digna de igual louvor; ele mesmo, um estudioso, literato e loquaz, menino por sua simplicidade, em amabilidade, um jovem e um senhor por sua seriedade (*Ep.* VI, 26, 1).[317]

No que diz respeito às virtudes, novamentente Plínio elenca a simplicidade como uma carcaterística importante (como também ocorre em I, 22 – modéstia). O que se destaca nessa missiva, no entanto, é a seriedade (*gravitas*). De acordo com Pereira (1990, p. 343) a *gravitas* designa o comportamento do homem público investido de *dignitas*, associando-se, por isso, aos homens versados nas práticas públicas e, em geral, mais velhos. Salinator, todavia, é, de acordo com Birley (2000, p. 19) "um jovem membro de uma família senatorial". Plínio recorre, portanto, a uma virtude própria de homens mais velhos para elogiar alguém ainda jovem e iniciando a carreira pública. Considerando que uma das funções do elogio é o conselho (Aristóteles. *Retórica,* 1368a), mais que apenas descrever Salinator, Plínio parece aconselhá-lo a buscar essas virtudes louvadas nos antigos, ao mesmo tempo em que, por atribuir a ele essas virtudes, o torna exemplo para outros jovens.

Além da demonstração a partir do caráter, Plínio utiliza, nessa epístola, argumentos relacionados aos bens da fortuna: o elogio à estirpe e o elogio à capacidade literária.[318] Entre as treze cartas de elogio analisadas, o elogio à estirpe acontece apenas em VI, 26,1; I,10,8 e V,17,5. Seu efeito argumentativo, de modo geral, é uma legitimação da romanidade desses elogiados. O elogio à capacidade literária, no entanto, é a argumentação mais recorrente no *corpus* analisado.

O que denominamos aqui capacidade literária não foi um argumento elogioso teorizado com muita frequência nos textos antigos. Considerando a tradição romana, encontram-se menções ao uso desse recurso nos elogios apenas em Cícero, em dois trechos do *De oratore*. No primeiro, o orador enumera o *ingenium* – "engenho", "competência" ou "habilidade técnica inata" (MARTINS, 2009, p. 26) – como um dos bens da fortuna; no segundo, Cícero

---

[317] "*Domus patricia, pater honestissimus, mater pari laude; ipse studiosus litteratus etiam disertus, puer simplicitate comitate iuvenis senex gravitate"* (*Ep.* VI, 26, 1).

[318] De acordo com a *Retórica a Herênio,* os bens da fortuna (ou coisas externas) "são aquelas que podem acontecer por obra do acaso ou da fortuna [...] ascendência, educação, riqueza, poder, glória, cidadania, amizades [...]" (*sunt e aquae casu aut fortuna secunda [...] genus, educativo, divitiae, potestates, gloria, civitas amicitia [...]*) (*Ad. Her.* III, 10). Para Cícero, "tais são os de estirpe, dinheiro, parentes, amigos, recursos, saúde, beleza, forças, engenho e demais coisas que são do corpo ou externas" ([...] *ea sunt generis, pecuniae, propinquorum, amicorum, opum, valetudinis, formae, virium, ingeni et ceterarum rerum, quae sunt aut corporis aut extraneae*) (*De or.* II, 45).

apresenta certa capacidade na reflexão (*ingenium excogitando*) e a *eloquentia* como virtudes possíveis de serem louvadas.

> A sabedoria e a magnanimidade, pela qual todos os casos humanos são considerados insignificantes e de nenhum valor, bem como certo poder de inteligência na reflexão e a própria eloquência causam igual admiração, mas não tão grande prazer: é que parecem honrar e defender antes aqueles a quem louvamos que aqueles perante os quais os louvamos. Ainda assim, também esses tipos de virtudes devem ser associados quando se louva, pois os ouvidos humanos toleram que se louve não apenas o que é prazeroso e grato, mas também o que é agradável na virtude (Cíc. *De or*. II, 343).[319]

Embora a teorização sobre o uso desse tipo de evidência para a confirmação dos louvores seja escassa, nas treze missivas analisadas neste estudo, o espaço concedido a esse tipo de argumento é bastante vasto. Nas três cartas enumeradas até aqui, ocorrem apenas breves menções às capacidades intelectuais como parte da argumentação mais ampla das virtudes dos elogiados. No decorrer da correspondência pliniana, todavia, o elogio à habilidade oratória e/ou literária se torna não apenas um complemento do louvor às virtudes morais, mas o elemento principal do discurso epidítico e, em alguns casos, parece quase tornar-se o próprio objeto de elogio. É com base nessas reflexões de Cícero e na frequência desse tipo de elogio que pensamos as características intelectuais *studiosus*, *litteratus* e *disertus*, atribuídas a Fusco Salinator na carta VI, 26,1, por exemplo, como um elemento importante da argumentação laudatória de Plínio. Entendemos que as noções de *ingenium* e *eloquentia*, mencionadas por Cícero, podem ser aplicadas nos discursos epidíticos desenvolvidos por Plínio em suas cartas como virtudes de seus elogiados e que são manifestas por meio das habilidades (e mesmo obras) oratórias e/ou literárias (na poesia ou na prosa) desses indivíduos.

Para que se compreenda melhor o papel que a argumentação baseada no *ingenium* e na *eloquentia* executa no interior das treze cartas laudatórias de Plínio, elas podem ser divididas em três grupos, distintos pelo grau de abrangência que esses argumentos ocupam em cada carta: a) textos em que a capacidades literárias ou oratórias posssuem pouca ou nenhuma menção (I, 22; V, 14 e VI, 26); b) cartas em que a eloquência (não apenas oratória, mas literária) funciona como um dos argumentos para louvar um indivíduo (I, 10; VI, 11; e VIII,

---

[319] "*Sapientia et magnitudo animi, qua omnes res humanae tenues ac pro nihilo putantur, et in excogitando vis quaedam ingeni et ipsa eloquentia admirationis habet non minus, iucunditatis minus: ipsos enim magis videntur, quos laudamus, quam illos, apud quos laudamus, ornare ac tueri. Sed tamen in laudando iungenda sunt etiam haec genera virtutum; ferunt enim aures hominum cum illa, quae iucunda et grata, tum etiam illa, quae mirabilia sunt in virtute, laudari*."

12); e c) missivas em que quase toda a argumentação está pautada nas habilidades oratórias ou literárias do elogiado (I, 16; II, 3; IV, 27; V, 17 ; VI, 21 e IX, 22).[320]

Sobre o primeiro grupo, acreditamos já ter demonstrado as questões principais ao analisar os argumentos desenvolvidos a partir do caráter nas missivas I, 22; V, 14 e VI, 26. Como visto, esse conjunto é formado por textos em que Plínio louva um de seus contemporâneos utilizando, para isso, majoritariamente argumentos relacionados ao caráter desses indivíduos, o que inclui um determinado conjunto de virtudes: modéstia, simplicidade, justiça, coragem, respeito e seriedade. Em relação ao segundo grupo, também já comentamos brevemente a carta I, 10, sobre o filósofo Eufrates. Resta, porém, demonstrar de que modo Plínio desenvolve sua argumentação nas epístolas VI, 11 e VIII, 12.

A carta VI, 11 louva os dois jovens advogados romanos Fusco Salinator e Umídio Quadrato.[321] Todo o elogio propriamente dito está concentrado no quarto parágrafo da carta e tem como argumentos gerais, primeiramente a moral: "admirável integridade, firmeza sadia, comportamento adequado" (*probitas, constantia salva, decorus habitu*) e, em seguida, a habilidade oratória, que pode ser sistematizada da seguinte forma: a) correção da linguagem (*os Latinum*); b) a virilidade da eloquência (*vox virilis*); c) a tenacidade da memoria (*memoria tenax*); d) um grande engenho (*magnum ingenium*) e e) a equidade do julgamento (*iudicium aequale*). Nessa carta, o elogio feito por meio das capacidades oratórias dos indivíduos é realizado logo em seguida à enumeração das qualidades morais. Note-se que Plínio subdivide os elogios a essa capacidade oratória enumerando as virtudes próprias de diferentes elementos que compõem o próprio discurso oratório (a linguagem, a voz, a memória), em uma espécie de análise do estilo oratório de seus elogiados. Já em VIII, 12, o louvor é feito diretamente ao

---

[320] Há apenas uma carta que consideramos não se adequar a essa forma de divisão proposta. Trata-se da *Ep.*VII, 25. Nesse texto, Plínio narra sua visita a Têrencio Júnior, que, após ter desempenhado funções no exército e ter sido procurador na Gália Narbonense (VII, 25,2) havia se recolhido em sua propriedade na área campesina. Durante essa visita, Plínio surpreendeu-se em descobrir que Terêncio era um homem douto (VII, 25,3), por conseguir manter uma conversação culta tanto em latim quanto em grego. Nessa missiva, portanto, o argumento principal do elogio não está no *ingenium* ou na *eloquentia*, mas sim na educação do elogiado, que é, na divisão da *confirmatio* laudatória, um dos bens da fortuna. Ainda que não possa ser incluído entre essas categorias propostas, o elogio efetuado por Plínio em VII, 25, reforça a tendência geral da obra em valorizar os homens a partir da sua ligação com os as atividades intelectuais do período (*studia*).

[321] Fusco Salinator era um jovem, membro de uma família senatorial originária de Barcino, na Espanha (BIRLEY, 2000, p. 19) e foi cônsul em 118 d.C. Ele é mencionado por Plínio na carta VI, 16 (também parte de *corpus* desta dissertação) e recebe as epístolas VII, 9 (conselho sobre que rotina de estudos deve adotar); IX, 36 (sobre a rotina de Plínio quando está na Toscana) e IX, 40 (última carta do IX. Sobre a rotina de Plínio quando está em Laurento)(SHERWIN-WHITE, 1998, p. 386). Umídio Quadrato, por sua vez, era "neto, aparentemente por adoção, de Umídia Quadratila [*Ep.*VII, 24] [...] tem 23 anos em 107 d.C. [...] e sua carreira não é conhecida até sua nomeação como cônsul *suffectus* em 118" (*"grandson, apparently by adoption, of Ummidia Quadratilla [...] is aged 23 c. 107 [...] His career is not known until his suffect consulship in 118*") (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 762). Ele é mencionado elogiosamente na carta VII, 24 e recebe duas cartas longas: VI, 29 (conselho sobre em quais causas atuar e como) e IX, 13 (detalhamento de um processo em que Plínio atuou ainda sob o governo de Domiciano).

ingenium de Ticínio Capitão: "[...] eu seria compelido a vê-lo quer pelo *engenho* desse homem, algo belíssimo e agradabilíssimo não apenas na superioridade, mas também em seu supremo rigor, quer pela dignidade do assunto".[322] Além dessa menção ao talento literário, o único argumento desenvolvido por Plínio são os incentivos dados por Capitão às recitações e produções literárias do período (Cf. VIII,12,1). Esse segundo conjunto de cartas é formado, portanto, por textos em que Plínio exalta um de seus contemporâneos a partir de um série de argumentos (família – I, 10 – e caráter – VI,11 -, por exemplo), entre os quais inclui a eloquência ou o engenho.

Nas missivas que compõem o terceiro grupo I, 16; II, 3; IV, 27; V, 17 ; VI, 21 e IX, 22, o elogio desenvolvido emprega a capacidade literária ou oratória como virtude principal do indivíduo e, algumas vezes, a única. Na carta I,16, por exemplo, Plínio objetiva exaltar Pompeio Saturnino por tê-lo visto advogar em uma causa (I,16,2).[323] O missivista não cita, para isso, no entanto, nenhuma característica moral de seu elogiado, mas sim descreve, em detalhes, o talento oratório e literário de Saturnino. Primeiramente (§§2-3), Plínio examina as qualidades do discurso oratório desse pesrsonagem:

> Eu o ouvi advogando em uma causa de maneira incisiva e intensa, mas não menos correta e elegante, quer pronunciasse algo elaborado, quer improvisado. Encontram-se, nele, sentenças adequadas e numerosas, uma construção séria e apropriada, palavras sonoras e clássicas (*Ep.* I,16,2).[324]

Uma análise atenta desse detalhamento permite notar uma grande semelhança entre os elementos elogiados por Plínio e a caracterização de um bom discurso oratório feita pelos manuais de retórica. De acordo com Kirchner (2007, p. 182), as principais virtudes do discurso, desde Aristóteles e passando por Cícero e Quintiliano são quatro: correção da linguagem (*latinitas*); clareza (*perspicuitas*); adequação (*aptum/decorum*) e ornato (*ornatus/dignitas*). Nessa carta, essas virtudes estão distribuídas da seguinte maneira: a correção da linguagem é atribuida às palavras (*antiquae*); a adequação, à construção (*gravis et*

---

[322] "*sollicitarer tamen vel ingenio hominis pulcherrimo et maxime et in summa severitate dulcissimo, vel honestate materiae*" (*Ep.* VIII, 12, grifo nosso).

[323] Pompeio Saturnino foi, provavelmente, um advogado de ordem equestre originário da região Transpadana, mesma de Plínio (SYME, 1985, p. 343). De acordo com Sherwin-White (1998, p. 103), sua carreira é desconhecida. É citado em I, 16 e VII, 8; e recebe as cartas I, 8 (sobre a biblioteca dada por Plínio a cidade de Como); V, 21 (lamento pela morte de Avito e doença de Júlio Valente); VII, 7 (Plínio expressa alegria pela amizade mútua de Saturnino e Prisco, um amigo em comum); VII, 15 (resposta ao destinatário: envia notícias do que tem feito) e IX, 38 (elogio a Saturnino por um livro publicado).

[324] "*Audivi causas agentem acriter et ardenter, nec minus polite et ornate, sive meditata sive subita proferret. Adsunt aptae crebraeque sententiae, gravis et decora constructio, sonantia verba et antiqua"* (*Ep.* I,16,2).

decora) e às sentenças (*aptae*); o ornato, às palavras (*sonantia*) e às sentenças (*crebrae*). Plínio apenas não cita a clareza.

É de modo bastante semelhante que Plínio elogia também a oratória de Iseu, na carta II, 3.[325] Nessa outra missiva, porém, Plínio se refere não às construções no nível da sentenças, mas às partições que compõem o discurso oratório (*exordium, narratio, confirmatio, peroratio*). No terceiro parágrafo do texto, o autor atribui as seguintes características ao orador: a) proêmio: adequado (*aptum*); b) narração: clara (*aperta*); c) argumentação: combativa (*acris*) – acrescenta, ainda, sobre os silogismos: abundantes, concisos e perfeitos (*crebri, circunscripti et effecti*); d) conclusão: firme (*fortis*) e e) ornamentação: elevada (*excelsus*). O missivista menciona, ainda, a capacidade da memória do orador, que é, segundo ele, capaz de lembrar mesmo um discurso improvisado.[326]

Na epístola I,16, no entanto, Plínio não se limita ao elogio da habilidade oratória de Pompeio Saturnino. Além da produção historiográfica de Pompeio, caracterizada "ou pela brevidade, ou pela clareza, ou pela delicadeza, ou pela pompa, e, acima de tudo, pela grandeza da narração" (*vel brevitate vel luce vel suavitate vel splendore etiam et sublimitate narrandi*) (I,16,4), Plínio menciona também a poesia produzida por Saturnino, cuja qualidade principal, de acordo com o missivista, é poder ser comparada às produções de Catulo e Calvo, poetas imitados pelo próprio Plínio (I,16,5). Por fim, o missivista enaltece a produção epistolográfica do elogiado, para a qual também é utilizada como recurso argumentativo a comparação.[327] Percebe-se, portanto, que, na missiva I,16, Plínio utiliza a produção literária como a matéria principal de seu breve discurso epidítico e a desenvolve a partir do conceito de *variatio*, anunciada desde o começo da carta como um das características principais de Pompeio: "Eu apreciava Pompeio Saturnino – me refiro àquele, nosso amigo – e elogiava o seu talento mesmo antes de saber quão variado, quão flexível, quão abundante ele é. Agora, ele

---

[325] "Iseu foi um orador profissional e não, como Eufrates (I,10) e Artemidoro (III,11), um filósofo. Ele é contado entre os "sofistas" canônicos da era imperial por Filóstrato" (*Isaeus was a professional orator, not, like Euphrates (I. 10) and Artemidorus (III. 11), a philosopher. He is reckoned among the canonical 'sophists' of the imperial era by Philostratus*)(SHERWIN-WHITE, 1998, p. 146-7). Iseu é um retor citado por Juvenal (*Sat*. III, 74) e por Filóstrato (*Vida dos Filósofos*, I, 20).

[326] "Ele faz proêmios adequados, narra claramente, disputa com vivacidade, conclui com firmeza e ornamenta com elevação. Enfim, ele ensina, deleita e emociona, você duvidará qual deles melhor. Utiliza abundantes entimemas, abundantes silogismos, concisos e perfeitos, algo muito requerido também na escrita. Sua memoria é inacreditável: ele repete com mais clareza aquilo que disse de improviso e não escorrega em uma só palavra" (*Prohoemiatur apte, narrat aperte, pugnat acriter, colligit fortiter, ornat excelse. Postremo docet delectat afficit; quid maxime, dubites. Crebra ἐνθυμήματα crebri syllogismi, circumscripti et effecti, quod stilo quoque assequi magnum est. Incredibilis memoria: repetit altius quae dixit ex tempore, ne verbo quidem labitur*) (*Ep*. II,3,3).

[327] Plínio destaca na missiva que há a possibilidade de que essa produção epsitolográfica não seja de fato de Pompeio Saturnino, mas sim de sua esposa (I,16,6). Nsse caso, não havendo como elogiar diretamente Pompeio, Plínio adapta seu louvor afirmando que, mesmo que não seja Saturnino o responsável por escrever as cartas, é dele o crédito por ter educado e refinado a esposa.

certamente me cativa, toma e domina por completo".[328] Para comprovar essa *variatio* de Pompeio, o missivista enumera os diversos gêneros em que esse personagem escreve.

Na carta IX, 22, o discurso laudatório a Passeno Paulo é organizado de modo bastante similar a esse encontrado em I,16.[329] Primeiramente, Plínio apresenta Passeno Paulo como um grande imitador dos antigos, especialmente Propércio (de quem é parente) (IX,22,1). Em seguida, o missivista detalha quais características positivas Passeno consegue imitar de Propércio e de Horácio. Em relação a Propércio, modelo de poesia elegíaca para Passeno, ele produz uma obra impoluta, versátil e prazerosa (*opus tersum, molle, iucundum*). Já em relação à imitação da lírica horaciana, Passeno se caracteriza pela variedade e versatilidade (*varietas et mobilitas*) (IX,22,2). Nesse caso, o tema da *variatio* é evocado pelos próprios poetas que Plínio afirma serem imitados por Passeno.

O recurso da comparação com outros autores é também utilizado na carta VI, 21, no elogio a Vergílio Romano, de quem Plínio afirma ter assistido à recitação de uma comédia.[330] O missivista apresenta esse personagem a partir de uma súmula de suas qualidades morais e intelectuais: "ele é, de fato, notável pela probidade da moral, elegância do engenho e variedade da obra" (VI,21,3).[331] Plínio desenvolve seus argumentos ao longo da carta, porém, apenas a partir da produção intelectual de seu elogiado. Primeiramente, ele descreve as qualidades dos versos iâmbicos de Vergílio, cuja composição se caracteriza pela finura, argúcia e maestria (*tenuiter; argute; venuste*) além de uma eloquência (*eloquentissime*) no gênero como um todo. Em seguida, Plínio enumera os modelos de imitação que podem ser identificados na obra de Vergílio: Menandro, Plauto e Terêncio. Essas indicações tem um valor significativo para a argumentação desenvolvida nessa carta. Plínio inicia o texto sobre Vergílio afirmando que "Estou entre os que admiram os antigos, no entanto, não desconsidero, como alguns, os talentos de nosso tempo. Não está certamente tão cansada e exausta a natureza que já não produza algo de louvável" (VI,21,1).[332] Para que possa efetuar o elogio a esse "talento de seu próprio tempo", porém, o missivista recorre à imitação de autores

---

[328] "*Amabam Pompeium Saturninum – hunc dico nostrum – laudabamque eius ingenium, etiam antequam scirem, quam varium quam flexibile quam multiplex esset; nunc vero totum me tenet habet possidet*" (I,16,1).

[329] Passeno Paulo foi um cavaleiro (*eques*) romano, descendente de Propércio (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 754; BIRLEY, 2000, p. 77). Além da carta IX, 22, é citado em VI, 15 (trata-se de uma anedota contada a Vocônio Romano sobre a leitura de versos elegíacos de Passeno, na qual o jurista para quem a obra se dedicava interviu como se o poema falasse verdades).

[330] Vergílio Romano é um personagem sobre o qual não possuímos informações (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 181; FERNÁNDEZ, 2005, p. 317).

[331] "*est enim probitate morum, ingenii elegantia, operum varietate monstrabilis"* (VI, 21,3).

[332] "*Sum ex iis qui mirer antiquos, non tamen (ut quidam) temporum nostrorum ingenia despicio. Neque enim quasi lassa et effeta natura nihil iam laudabile parit*" (VI,21,1).

já bastante consagrados na tradição literária.[333] A última parte o elogio de Plínio se dirige mais propriamente à comédia que ele afirma ter escutado, a primeira de Vergilio ao modelo da comédia antiga. De acordo com o missivista, as qualidades dessa obra são a força, a grandeza, a sutileza, a amargura, a doçura e graça, além de um tratamento adequado das virtudes e vícios e dos personagens (reais e fictícios).

Os elogios desenvolvidos por Plínio das cartas IV, 27 e V, 17, semelhantemente ao texto sobre Vergílio Romano, também têm como motivação inicial a recitação de uma obra literária. Nessas duas missivas, porém, Plínio elogia os poemas recitados pelos jovens Sêncio Augurino (IV, 27) e Calpúrnio Pisão (V,17).[334] Em relação ao primeiro, Plínio fornece apenas poucos detalhes acerca da obra. De acordo com o texto pliniano, Augurino é o autor de uma coletânea de poemas breves, cujos versos são caracterizados da seguinte maneira: "muitos deles são suaves, muitos, elevados; muitos, elegantes, muitos, delicados; muitos, serenos, muitos, coléricos" (IV, 27,2).[335] Em relação a Calpúrnio Pisão, porém, o elogio de Plínio abrange mais aspectos não só da obra do poeta, mas da própria recitação.

> Ele estava recitando *Catasterismo*, um assunto erudito e, certamente, ilustre. O tema havia sido escrito em elegíacos, não só fluentes, mas delicados e desenvoltos, elevados também, como convinha ao trecho. O poema, correta e alternadamente, ora se elevava, ora se recolhia, mudava o sublime em rasteiro, o vazio em pleno, o grave em alegre, tudo isso com a mesma habilidade. Ele valorizava essas coisas por meio da voz mais suave, e sua voz, por meio de sua inibição: havia em seu rosto grande rubor e grande cuidado, grandes ornamentos para quem recita (*Ep.* V,17,2-3).[336]

Com mais ou menos detalhe, é possível perceber nessas duas cartas certa recorrência da alternância ou da variação como uma característica positiva das obras literárias, especialmente as poéticas. Tanto no elogio a Augurino, quanto no exame da recitação de Pisão, Plínio destaca como virtude a capacidade de os versos apresentarem, ao mesmo tempo, elevação e leveza, delicadeza e força, alegria e seriedade, por exemplo. A invocação de certa variação é

---

[333] Menandro é identificado como sendo participante da comédia nova grega – sec. IV-III a.C. – que influenciou os principais autores da comédia latina – Plauto e Terêncio – também citados nas cartas (Cf. CARDOSO, 2013, p. 27).

[334] Sêncio Augurino "foi procônsul da Macedônia e, por isso, permanece como um senador pretoriano sob Adriano" (*Sentius Augurinus was proconsul of Macedonia, and hence still a praetorian senator, under Hadrian*) (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 306). Era mais jovem que Plínio (Cf. IV, 27). Recebe a missiva IX, 8 (brevíssima nota em que Plínio elogia Augurino por tê-lo elogiado). Calpúrnio Pisão era provavelmente mais jovem que Plínio. Era de uma família aristocrática tradicional de Roma, embora seu pai possivelmente tenha sido um conspirador contra Nerva e Trajano (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 761). Foi *consul ordinarius* em 111 (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 349).

[335] "*Multa tenuiter multa sublimiter, multa venuste multa tenere, multa dulciter multa cum bile"* (IV, 27, 2).

[336] "*Recitabat καταστερισμῶν eruditam sane luculentamque materiam. Scripta elegis erat fluentibus et teneris et enodibus, sublimibus etiam, ut poposcit locus. Apte enim et varie nunc attollebatur, nunc residebat; excelsa depressis, exilia plenis, severis iucunda mutabat, omnia ingenio pari. 3 Commendabat haec voce suavissima, vocem verecundia: multum sanguinis, multum sollicitudinis in ore, magna ornamenta recitantis*" (V,17, 2-3).

também perceptível no elogio à comédia antiga de Vergílio (VI, 21) e mesmo na pluralidade de obras de Pompeio (I,16). Esses elementos reforçam a ideia de que a *variatio* é um dos princípios literários mais caros à obra pliniana.

Em uma análise geral das cartas que compõem o terceiro grupo de textos, a produção literária ocupa a maior parte do elogio ao indivíduo. Nesse processo, nota-se que Plínio passa a fazer uma análise não mais apenas das virtudes dos seus contemporâneos, mas também – e talvez principalmente – das virtudes das próprias produções literárias e/ou oratórias. Essa descrição detalhada dos produtos do *ingenium* e da *eloquentia* de seus elogiados se torna, no último grupo de textos, não só parte do elogio a um homem, mas parece se transformar num elogio à própria obra produzida.

Diante disso, é possível afirmar que o discurso epidítico presente na obra epistolar de Plínio cria, por um lado, uma imagem bastante positiva da produção literária de seu tempo. Na maior parte dos casos, o que leva Plínio a elogiar algum de seus contemporâneos ainda vivos é a capacidade desse indivíduo de produzir algo intelectualmente ou pelo menos se interessar pela produção literária do período. Por outro lado, o modo como Plínio escolhe falar desses homens, examinando com detalhes seus discursos, textos historiográficos, epistolográficos ou poemas, produz uma imagem do próprio Plínio como um crítico da literatura que lhe é contemporânea. Nas cartas, ele utiliza ferramentas próprias dos discursos epidíticos para louvar os homens, e elementos – e vocabulário – próprios do conhecimento sobre retórica e poesia para analisar, julgar e classificar a obra desses elogiados. Atentar para esta linguagem usada por Plínio na construção de seu discurso elogioso nas cartas é também uma parte importante de nossa análise.

De acordo com Maingueneau, "a literatura não tem nenhuma relação natural com nenhum uso linguístico; mesmo quando a obra parece usar a língua mais 'comum', há um confronto com a alteridade da linguagem, vinculada a um determinado posicionamento" (MAINGUENEAU, 2014, p.188). Com isso, entendemos que o escritor, estando inserido em um universo de atuação literária e comunicando-se com outros escritores, participa sempre de "uma interação de línguas e usos", e se reapropria dela mediante um trabalho criador, o que é denominado por Maingueneau de *interlíngua* (MAINGUENEAU, 2014, p. 181-2). É modo como cada autor gere essa *interlíngua* que permite compreender seu posicionamento.

No caso da obra epistolar pliniana, e, mais especificamente, do *corpus* de cartas selecionadas, refletir sobre um estilo da linguagem utilizado requer a consideração de pelo menos duas formas principais de construção textual. Por um lado, é preciso ter em mente o estilo e a linguagem próprios do gênero epistolográfico; por outro, os mecanismos formais

adequados ao gênero epidítico. Sobre o estilo epistolográfico, Quintiliano informa que o modo de composição apropriado para esses textos é a *oratio soluta,* que se caracteriza pela simplicidade (*Inst. Or.* IX, 4, 19 e 20). A respeito dos mecanismos formais próprios dos discursos laudatórios, Cícero, ao falar da adequação dos estilos ao tipo de causa, menciona que os louvores, assim como a conversa, a consolação e a repreensão, por exemplo, devem adotar "uma figura do discurso mais pleno, mais tênue e, de mesmo modo, intermediário, adequada ao que defendemos" (*De or.* III, 212).[337] De acordo com Kirchner (2007, p. 192), que utiliza exemplos do próprio Cícero para demonstrar os diferentes estilos dos discursos, o mais adequado ao laudatório é o médio, uma vez que "a matéria encomiástica requer um tom nem muito simples nem muito emocional".[338] Ainda segundo esse autor, o estilo médio é marcado pela simplicidade, atendendo às regras principais de clareza e de adequação do discurso, sem, contudo, deixar de utilizar alguns dos ornamentos estabelecidos pela arte retórica (KIRCHNER, 2007, p. 193). Há, portanto, uma grande compatibilidade entre o estilo simples que se espera da prosa epistolar e a linguagem mediana adequada aos textos epidíticos.

Na prosa epistolar e encomiástica de Plínio, o que encontramos é, por um lado uma linguagem marcada por certa simplicidade, mas, por outro, uma grande preocupação com o uso de figuras de linguagem e construções sintáticas que conseguem unir a brevidade e a elegância do discurso. A simplicidade do texto de Plínio se expressa, principalmente, na construção de frases relativamente curtas e com um uso menos abundante de subordinações (FERNÁNDEZ, 2005, p. 44). Nas cartas laudatórias, por exemplo, é possível notar essa brevidade das frases frequentemente nos inícios dos textos:

> Se alguma vez nossa cidade floresceu por causa das artes liberais, ela, agora, floresce em seu máximo (I, 10, 1);
> Já há algum tempo estou preso na cidade e, na verdade, bastante atemorizado. O que me atormenta é a longa e demorada doença de Tício Aristo, alguém que eu admiro e amo de modo especial. (I, 22, 1-2);
> Estou entre os que admiram os antigos, no entanto, não desconsidero, como alguns, os talentos de nosso tempo. Não está certamente tão cansada e exausta a natureza que já não produza algo de louvável" (VI,21,1);
> Fico alegre e o felicito porque prometeu sua filha a Fusco Salinator (VI, 26,1).[339]

---

[337] "*ut figuram orationis plenioris et tenuioris et item illius mediocris ad id, quod agemus, accommodatam deligamus*" (*De or.* III, 212).
[338] "*The encomiastic matter requires a tone neither too simple nor too emotional*" (KIRCHNER, 2007, p. 192).
[339] "*Si quando urbs nostra liberalibus studiis floruit, nunc maxime floret"* (I,10, 1); "*Diu iam in urbe haereo et quidem attonitus. Perturbat me longa et pertinax valetudo Titi Aristonis, quem singulariter et miror et diligo*" (I,22, 1-2); "*Sum ex iis qui mirer antiquos, non tamen (ut quidam) temporum nostrorum ingenia despicio. Neque enim quasi lassa et effeta natura nihil iam laudabile pari"* (VI,21,1); "*Gaudeo et gratulor, quod Fusco Salinatori filiam tuam destinasti*" (VI, 26,1).

Essa brevidade e ausência de subordinação, por sua vez, que, na opinião de Fernández (2005, p. 44) buscam um efeito dramático da prosa, é conseguida também por meio da frequente sucessão de verbos.

> Agora, ele certamente me cativa, toma e domina por completo (I,16,1);
> Ele cultiva os estudos, aos estudiosos ele estima, incentiva e promove (VIII,12,1).[340]

Mais que certo dramatismo, essas sucessões de verbos produzem um efeito retórico de acumulação. A acumulação (*congeries*) é, de acordo com Quintiliano, uma figura de ornamento utilizada para produzir o efeito de amplificação para o que está sendo dito no discurso (*Inst. Or.* VIII, 4, 27). Esse efeito de acumulação é conseguido, nas cartas laudatórias de Plínio, não apenas a partir da sequência de vários verbos, mas também – e com maior frequência – pelo encadeamento de adjetivos ou substantivos, ora em estruturas assindéticas,

> Ele não perderia em integridade, respeito, justiça, coragem ou ainda, primazia para ninguém (I, 22,7);
> Há, em ambos, admirável integridade, firmeza sadia, comportamento adequado, linguagem correta, entonação viril, memória firme, grande talento e juízo equânime (VI,11,2).[341]

ora por meio de polissíndetos,

> O mesmo ainda mais irá agradar em história, ou pela brevidade, ou pela clareza, ou pela delicadeza, ou pela pompa, e, acima de tudo, pela grandeza da narração (I,16,4);
> O tema havia sido escrito em elegíacos, não só fluentes, mas delicados e desenvoltos, elevados também [...](V,17,2)[342]

ou, ainda, pelo uso, bastante recorrente, de anáforas.

> Porque mesmo se eu não devesse qualquer troca de favores ou qualquer responsabilidade mútua [...](VIII,12,4);
> Dê-me felicitações, dê felicitações também às próprias letras [...] (IX,22,3);
> E que elegância em tudo! Que latim! Que grego! (VII,25,4);
> [...] muitos deles são suaves, muitos elevados; muitos, elegantes, muitos, delicados; muitos, serenos, muitos, coléricos (IV, 27, 1).[343]

---

[340] "[...] *nunc vero totum me tenet habet possidet*" (I,16,1); "*Colit studia, studiosos amat fovet provehit*" (VIII,12,1).

[341] "*Nemini tamen istorum castitate, pietate, iustitia, fortitudine etiam primo loco cesserit"* (I, 22,7); "*Mira utrique probitas, constantia salva, decorus habitus, os Latinum, vox virilis, tenax memoria, magnum ingenium, iudicium aequale* [...](VI,11,2).

[342] "*Idem tamen in historia magis satisfaciet vel brevitate vel luce vel suavitate vel splendore etiam et sublimitate narrandi*" (I,16,4); "*Scripta elegis erat fluentibus et teneris et enodibus, sublimibus etiam*" (V,17,2).

[343] "*Quod si illi nullam vicem nulla quasi mutua officia deberem* [...] (VIII,12,4); "*Gratulare mihi, gratulare etiam litteris ipsis* [...]" (IX,22,3); "*Quam tersa omnia, quam Latina, quam Graeca!*" (VII,25,4); "[...] *Multa tenuiter, multa sublimiter, multa venuste, multa tenere, multa dulciter multa cum bile*" (IV, 27, 1).

Em relação ao efeito causado pelos assíndetos, por exemplo, Aristóteles afirma que

> [...] os assíndetos ainda possuem outro aspecto particular: muitas coisas parecem ser ditas num mesmo espaço de tempo. É que a conjunção faz de muitas uma coisa só, de tal forma que, se for eliminada, é manifesto que o oposto acontecerá: uma coisa resultará muitas coisas. Resulta, por conseguinte, numa amplificação [...] (Aristóteles. *Retórica*, 1413b).

Como se pode ver nos trechos exemplificados, não são apenas os assíndetos que promovem essa amplificação, mas também a repetição das conjunções ou outros vocábulos. A amplificação produzida por essas construções tem como consequência, além de produzir certo ritmo na frase, fazer com que a ação ou a virtude que está sendo louvada pareça maior ou mais importante, uma vez que o autor parece multiplicar as qualidades atribuídas a um mesmo elemento. Com isso, Plínio está desenvolvendo um recurso próprio do gênero epidítico. Ainda, ao acumular muitas informações em apenas uma frase, o autor consegue dizer muito em pouco espaço, o que auxilia na brevidade do texto. Tal brevidade, por sua vez, é propriedade da prosa epistolográfica.

Em alguns casos, as frases marcadas por essas sequências cumulativas são acompanhadas também pelo uso de outras figuras, como, por exemplo, a antítese.

> O poema, correta e alternadamente, ora se elevava, ora se recolhia, mudava o sublime em rasteiro, o vazio em pleno, o grave em alegre, tudo isso com a mesma habilidade (V,17, 2);
> A ele não faltou a força, nem a grandeza, nem a sutileza, nem a amargura, nem a doçura, nem a graça (VI, 21, 5).[344]

Em V,17,2, Plínio marca as alternâncias de tons do poema de seu elogiado criando certa alternância de sentidos das palavras no seu próprio texto, a partir do uso de uma sequência de antíteses. Já em VI, 21, 5, o autor utiliza a acumulação associada à antítese e ao polissíndeto. Além do emprego de uma sequência de conjunções *non*, que dão certo ritmo ao texto, a construção da frase é feita de modo que o primeiro substantivo (*vis*) e o último (*lepos*) tenham terminações diferentes e, nesse intervalo, há dois pares de palavras que se assemelham pela terminação *granditas/subtilitas* e *amaritudo/dulcedo*. No plano dos sentidos, Plínio elabora a oposição de ideias justamente entre os pares de palavras aproximadas pela sonoridade - grandeza/sutileza (*granditas/subtilitas*), amargura/ doçura (*amaritudo/dulcedo*) – ou pela

[344] "*Apte enim et varie nunc attollebatur, nunc residebat; excelsa depressis, exilia plenis, severis iucunda mutabat, omnia ingenio pari*" (V,17, 2); "*Non illi vis, non granditas, non subtilitas, non amaritudo, non dulcedo, non lepos defuit* […]" (VI, 21, 5).

ausência – dela força/graça (*vis/lepos*). Essas sequências de oposições, por sua vez, parecem remeter, em uma escala menor, ao princípio da *variatio*, atribuído a Plínio tanto na organização de sua obra quanto na imitação de autores (GUILLEMIN, 1929, p. 152-3; GOETZL, 1952).

Outro recurso percebido na composição textual de Plínio são as frases trimembres (ou *tricólon*) (CASTILLO, 1974, p. 434). Para Guillemin (1929, p. 151-2) o uso de estruturas desse tipo na obra de Plínio participa tanto de uma tradição poética (assemelhando-se a construções de Virgílio, por exemplo), quanto de uma tradição retórica, pois o autor acrescenta outras figuras clássicas a suas construções. Esse tipo de oração é marcada, por um lado, pela repetição, uma vez que prevê um paralelismo sintático; por outro, pela variação, pois cada membro adiciona uma informação nova. Um dos trechos em que a construção em três partes é utilizada intensamente está na carta VI, 26, em que há uma tripla sequência de frases em formato trimembre:

> Sua família é patrícia, o pai honestíssimo e a mãe digna de igual louvor; ele mesmo, um estudioso, literato e loquaz, menino por sua simplicidade, em amabilidade, um jovem e um senhor por sua seriedade (*Ep.*VI, 26, 1).[345]

Para que a sequência não se torne, porém, monótona, Plínio elabora algumas variações na estrutura dessas frases. Ele adiciona, por exemplo, no terceiro item da primeira sequência, não um adjetivo, como ocorreu nos dois primeiros sintagmas, mas "*pari laude*". Já na última sequência, ele utiliza uma estrutura quiasmática. Em V,14,3, há também certa variação associada a um estrutura ternária:

> Pois quem seria melhor do que Cornuto, quem mais íntegro, ou um exemplo mais claro de todos os tipos das louvadas virtudes antigas? (V,14,3).[346]

Nesse trecho, a última parte da sequência é expandida de modo que não apenas modifica o ritmo da frase, mas também provoca um efeito de clímax, acentuando o valor de "*exemplar laudis antiquitatis*".

Todos esses exemplos aqui evocados servem para demonstrar, portanto, que os textos que compõem a prosa epistolar laudatória de Plínio foram, como bem afirma Fantham (2013, p. 197), "compostos, não simplesmente selecionados, para criar um retrato do mundo de

---

[345] "*Domus patricia, pater honestissimus, mater pari laude; ipse studiosus litteratus etiam disertus, puer simplicitate comitate iuvenis senex gravitate*" (*Ep*. VI, 26, 1).

[346] "*Cornuto autem quid melius, quid sanctius, quid in omni genere laudis ad exemplar antiquitatis expressius?*" (V,14,3).

Plínio".[347] A interlíngua que se formula a partir dessas missivas pode ser caracterizada como a interação entre a pretensa simplicidade do *sermo cotidianus*, próprio do gênero epistolar, e o emprego de uma linguagem bastante retórica, própria dos discursos epidíticos. O posicionamento que se coloca nessas missivas, por meio da interlíngua, por sua vez, reitera aquilo que se percebe já no investimento genérico. O contexto de surgimento do discurso – a correspondência pessoal – é aparentemente privado, mas a linguagem utilizada nele pode ser facilmente submetida a uma apreciação pública, uma vez que é possível perceber no texto um processo de elaboração literária.

3.4 Elogio às letras e aos letrados como forma de representação positiva da dinastia antonina

O resultado mais visível do trabalho laudatório realizado por Plínio em relação a seus contemporâneos é uma visão bastante otimista sobre a sua própria comunidade. Mais que apenas uma mostra natural de sua satisfação, no entanto, essa recorrência do elogio é um modo de Plínio se posicionar e intervir no seu presente. Como percebido por Hoffer, subjaz ao otimismo pliniano, na verdade, uma série de preocupações.

> O traço principal no autorretrato epistolar de Plínio é a sua confiança: confiança em si mesmo e seus amigos, em seus escritos e atividades, no governo romano e no imperador. [...] Plínio evidentemente protesta demais; sua imagem alegre e confiante é projetada para escamotear as tensões e contradições básicas da vida da camada superior romana (HOFFER, 1999, p. 1).[348]

Acreditamos que uma dessas preocupações está de relacionada ao período de transição política do qual o missivista participa. Embora o início da publicação das cartas provavelmente se dê apenas a partir do ano 104 d.C., os primeiros textos da coleção são escritos entre o período de 96 e 100 d.C. (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 41 e p. 55-6). Esse momento é marcado pelo assassinato de Domiciano seguido pela ascensão de Nerva, e, por fim, de Trajano ao poder imperial. A transferência do império para as mãos desses dois últimos personagens, por sua vez, implicou não apenas a transição de imperadores, mas de dinastias. De acordo com Syme, "o fim da dinastia flaviana e a ascensão de Nerva parece

---

[347] "*Composed, not merely selected, to create a picture of Pliny's world*" (FANTHAM, 2013, p. 197).

[348] "*The leading trait in Pliny's epistolar self- portrait is his confidence: confidence in himself and his friends, in their writings and activities, in the Roman government and in the emperor [...] Pliny evidently protests too much; his cheerful and confident picture is designed to wish away the basic tensions and contradictions of upper-class Roman life*" (HOFFER, 1999, p. 1).

inaugurar uma nova era, própria de ser aclamada e celebrada" (SYME, 1958, p. 12).[349] Essa celebração é, na verdade, parte do processo de legitimação desse novo governo.

Plínio, que já havia desenvolvido grande parte de seu *cursus honorum* ainda sob Domiciano, utiliza sua coleção de cartas também para se posicionar diante dessa nova ordem.[350] Para Venturini,

> Após ter exercido uma oposição moderada durante o reinado do imperador Domiciano, Plínio se torna um dos ideólogos e participantes mais ativos do poder imperial, principalmente nos tempos de Nerva e de Trajano. Dirigente de um círculo político e cultural e amigo íntimo de Trajano, ele ilustra a ótica do *princeps*, mas, sobretudo, ilustra as ideias de um grupo senatorial de conciliação permanente entre a cúria e o imperador, um grupo aspirando a legitimar a política do César e orientar os interesses dos senadores (VENTURINI, 2005, p. 144).

Retomando a abertura da primeira missiva da coleção em que há o louvor a um contemporâneo ainda vivo, por exemplo, vê-se que Plínio afirma: "Se alguma vez nossa cidade floresceu por causa das artes liberais, ela, agora, floresce em seu máximo. Há muitos e ilustres exemplos, um apenas seria suficiente: Eufrates, o filósofo" (I,10,1-2).[351]

O que torna imperativo pensar que se trata, nessa carta, de uma oposição evidente entre o império de Domiciano e a dinastia antonina que se estabelecia no momento é o fato de que essa epístola é datada provavelmente do ano de 98 d.C., logo após o retorno dos filósofos que haviam sido expulsos de Roma por membros da dinastia anterior (SHERWIN-WHITE, 1966, p. 118.). Importa perceber que, na missiva I,10, o argumento elencado para estabelecer essa diferenciação que tem como consequência o apoio a Trajano é o reflorescimento das artes liberais, exemplificada, nesse texto, pela atuação do filósofo Eufrates.[352] Essa representação do início da dinastia antonina como o momento propício para a prática literária não é, todavia, apenas uma construção de Plínio. Tácito, por exemplo, utiliza o mesmo argumento nos prefácios das obras *Vida de Agrícola* (*Ag.* 1-3) e *Histórias* (*Hist.* I,1,4). Para Plínio – e, em

---

[349] "*The end of the Flavian dynasty and the accesion of Nerva seem to inaugurate a new era, duly to be acclaimed and celebrate"* (SYME, 1958, p.12).

[350] Depois de ter se tornado herdeiro de seu tio em 79 d.C., Plínio foi tribuno militar na província da Síria (por volta de 82), *quaestor caesaris* (em 90), tribuno da plebe (92), pretor (93), *praefectus aerarii militaris* (94), *praefectus aerarii Saturni* (98), cônsul (100), augure (103) e, por fim, governador de província na Bitínia (a partir de 109). Cf. MOMMSEN, 1873, p. 31-78; SYME, 1958, p. 75-86; SHERWIN-WHITE, 1998, p. 69-82; GIBSON; MORELLO, 2012, p. 265-273 e SOUZA, 2013b, p. 150-152.

[351] "*Si quando urbs nostra liberalibus studiis floruit, nunc maxime floret. 2 Multa claraque exempla sunt; sufficeret unum, Euphrates philosophus*" (*Ep.* I,10).

[352] De acordo com Gibson e Morello (2012, p. 24), Eufrates, juntamente com Júnio Maurício e Aruleno Rústico formavam um grupo estoico de oposição a Domiciano. Outro momento em que Plínio faz uma oposição mais direta ao período anterior está em V,14,6, sobre Cornuto Tértulo: "Por esses motivos todos é que felicito do mesmo modo a ele e a mim, e nem o faço mais em privado do que publicamente, pois enfim a virtude leva os homens às honras e não aos perigos, como outrora" (*His ex causis ut illi sic mihi gratulor, nec privatim magis quam publice, quod tandem homines non ad pericula ut prius verum ad honores virtute perveniunt*) (*Ep.* V,14.6).

algum grau, também para Tácito –, uma distinção entre o período de Domiciano e a nova fase do império que está se estabelecendo pode ser feita pela constatação de uma literatura crescente, literatura essa que era produzida por membros de famílias senatoriais e equestres (FANTHAM, 2013, p. 183). Na epistolografia pliniana, esse fato se torna mais claramente perceptível a partir da leitura das cartas de elogio aos contemporâneos vivos.

Do conjunto de treze missivas analisadas, cinco têm como fundamento principal do elogio a atuação poética ou literária dos indivíduos elogiados (I,16; IV,27; V,17; VI,21 e VIII,12). Acrescentam-se a essas os louvores à atuação filosófica de Eufrates (I,10), à performance retórica – não judicial – de Iseu (II,3) e à erudição geral de Terêncio Júnior (VII,25). Em relação à atividade pública, seja no exercício de cargos oficiais ou na oratória, contamos com um número de mais quatro missivas (I,22; V,14; VI,11 e VI,26).[353] Considerando tal recorrência, pode-se afirmar que Plínio representa, em suas cartas, sobretudo uma elite letrada de sua época, com a qual busca estabelecer intensos laços identitários.

O que evidencia a formulação dessas representações nas cartas laudatórias de Plínio é, como discutimos inicialmente, a formulação de certas imagens textuais idealizadas dos indivíduos e de suas ações. Essas imagens idealizadas compõem, por meio do elogio, perfis ideais, feitos para serem não apenas admirados, mas, de algum modo, imitados, como Plínio deixa claro em várias de suas epístolas.[354] Por meio dessas representações, o autor elabora também uma identidade para si e para os amigos que elogia. Como afirma Tadeu (2000, p. 17) "A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas". Plínio elabora essas representações e mantém a identidade desse grupo de homens a partir das cartas laudatórias.

Um dos primeiros elementos que constitui a representação desses homens letrados é a consonância estabelecida entre suas atitudes públicas e privadas. Plínio se esforça por fornecer, em suas cartas, dados que demonstrem que os feitos públicos desses homens condizem com sua conduta privada. Na carta sobre Eufrates, por exemplo, Plínio afirma que conheceu o filósofo "profunda e intimamente" e, por isso, pode afirmar que "Ele é, de fato, acessível e disposto, cheio de uma humanidade que ele mesmo ensina" (*Ep.* I,10,2).[355] O

---

[353] Cabe observar, porém, que há cartas que escapam dessa distinção simplificada. Em I,16, a habilidade oratória forense é citada como uma das habilidades intelectuais de Pompeio Saturnino, ao lado da prática literária. A carta VI,26, por sua vez, não parece se adequar, de fato, a nenhum dos grupos, uma vez que é a felicitação por um casamento. Os argumentos elogiosos desta missiva, todavia, podem ser considerados como parte de uma oratória pública em virtude da carta VI,11, que elogia o mesmo personagem.

[354] A ideia de imitação de um exemplo é algo próprio do elogio. Esse caráter de ideal exemplar é dado principalmente pelo aspecto aconselhatório que o elogio pode assumir e, com frequência, se manifesta no texto epidítico por meio da exortação. Cf. I,16,7-8; V,17, 5-6 e VI,11,3.

[355] "*Est enim obvius et expositus, plenusque humanitate quam praecipit*" (*Ep.* I,10,2)

missivista reforça, nesse trecho, que os ensinamentos desse filósofo não são uma argumentação falaciosa ou parte de uma conduta que está presente apenas no discurso. De modo similar, na epístola I,22, Plínio, ao falar sobre Tício Aristo, relata que "Costumo considerar seu próprio quarto e sua própria cama como uma imagem da sobriedade antiga" (I,22,4).[356] Com essa afirmação, o missivista demonstra, por um lado, que possui grande familiaridade com Aristo, ao visitá-lo em seu próprio quarto, e, por outro, que o elogiado mantém, em sua vida íntima, as virtudes que são valorizadas no ambiente social mais amplo. Essa atmosfera de familiaridade é também elaborada na carta V,14, em que Plínio celebra a carreira de Cornuto Tértulo:

> Porque eu o conheço não pela fama, da qual, advinda de outros, a mais merecida e mais excelente, ele desfruta, mas sim de uma prolongada e copiosa experiência [...] Eu mesmo comprovei, mais que qualquer outro, que tipo de homem e quão grande homem ele era, quando então o acompanhava como um professor e como um pai o respeitava, algo que merecia não tanto pela experiência da idade quanto pela de vida. 6. Por esses motivos todos é que felicito do mesmo modo a ele e a mim, e nem o faço mais em privado do que publicamente, pois enfim a virtude leva os homens às honras e não aos perigos, como outrora (*Ep.* V,14, 3, 5 e 6).[357]

Uma das principais comprovações para os argumentos elogiosos de Plínio nessas cartas é, portanto, como se vê em V,14,5, ter convivido intimamente com esses personagens. A recorrência de uma representação pública com base nas atitudes tomadas em domínio privado foi algo verificado e debatido por Leach (1990), em um estudo que investiga como se dá a autorrepresentação de Plínio em suas cartas e as relações que essa imagem de si estabelece com as representações materiais de imperadores. Para essa autora, Plínio se encontra em um momento de mudança não só política, mas também na forma de se considerar a individualidade, uma vez que o segundo século do império tem sido compreendido como um período de transformação na história da autodefinição pessoal que resulta no surgimento de uma identidade social que se pode chamar de indivíduo (LEACH, 1990, p. 20).[358] Essa

---

[356] "*Soleo ipsum cubiculum illius ipsumque lectum ut imaginem quandam priscae frugalitatis adspicere*" (*Ep.* I,22,4)

[357] "*quod mihi cognitum est non fama, qua alioqui optima et meritissima fruitur, sed longis magnisque experimentis [...] Tum ego qui vir et quantus esset altissime inspexi, cum sequerer ut magistrum, ut parentem vererer, quod non tam aetatis maturitate quam vitae merebatur. 6 His ex causis ut illi sic mihi gratulor, nec privatim magis quam publice, quod tandem homines non ad pericula ut prius verum ad honores virtute perveniunt*" (*Ep* V,14, 3,5 e 6).

[358] A discussão dessa autora a respeito da insurgência do indivíduo no segundo século do império está pautada principalmente em Foucault e em alguns indícios da própria literatura antiga. Na literatura, exemplos desse processo estariam no endereçamento de Cícero a Ático, em Catulo e nos poetas augustanos, cujas obras se baseavam em *personae* privadas, mas com uma finalidade de exibição pública. Em relação à contribuição de Foucault, a autora destaca a atenção dada por ele à análise do cuidado de si (LEACH, 1990, p. 20).

mudança tem como consequência política uma transformação na forma de criar, retoricamente, as representações imperiais. Para Leach,

> Fundamentalmente, essa forma de discurso [de Plínio/flaviana] não é menos retórica que a forma júlio-claudiana de criar retratos, mas é um novo estilo de retórica desenhado para reduzir a lacuna entre a *persona* imperial e a pessoa imperial, por meio da valorização do caráter privado na performance pública" (LEACH, 1990, p. 27).[359]

A razão para que se deseje minimizar essa lacuna é, segundo a autora (LEACH, 1990, p.16), o fato de que a cisão entre essas faces do poder imperial gerou, no momento anterior, incredibilidade.[360] Embora não estejamos analisando a representação imperial, essas considerações permitem verificar uma grande coerência dos argumentos que legitimam o poder na sociedade apresentada por Plínio. De modo similar ao que ocorre com a representação imperial, portanto, a conciliação entre as *personae* pública e privada é uma das categorias que garantem a representação positiva da elite letrada inscrita na epistolografia pliniana.

Essa harmonia ética desenvolvida na obra está, ainda, intimamente relacionada à rejeição de uma falsa imagem de virtude. Plínio costuma demonstrar em sua correspondência que seus elogiados não ostentam as próprias virtudes com o intuito de conseguir fama, que apareceria, na verdade, apenas como consequência de uma vida equilibrada. A carta em que isso se mostra de maneira mais evidente é a I,22, quando, a respeito de Tício Aristo, o missivista afirma que

> O que embeleza essas coisas é a grandeza de seu caráter, que ele mantém não pela exibição, mas pelo senso moral. Certamente não é na opinião da população que ele busca as recompensas por suas ações, mas sim no próprio feito. 6. Diante disso, dificilmente você conseguirá comparar a este homem qualquer um daqueles que ostentam sua dedicação à sabedoria pela forma física. Ele realmente não frequenta os ginásios ou os pórticos, nem usufrui o seu tempo livre ou o dos outros com longas controvérsias, mas ocupa-se com a toga e os negócios e ajuda a muitos com a assistência jurídica e outros muitos com seu conselho. 7. Ele não perderia em

---

[359] "*Fundamentally this mode of address is no less rhetorical than that of Julio-Claudian portraiture, but it is a new style of rhetoric designed to narrow the gap between imperial persona and imperial person by valorizing the private character in public performance*" (LEACH, 1990, p. 27).

[360] "A oportunidade de uma tal integração nos anos da metade do Império Romano deve ser entendida como um novo conceito na sociedade romana, quando as convenções retóricas já haviam sancionado a ficcionalização de carácter performativo, e, assim, uma separação legítima de 'eus' públicos e privados. Para senadores críticos como Plínio e Tácito, tal separação tornou-se um fato da vida real que fez o governo imperial não confiável" (*The desirability of such an integration in the middle years of the Roman empire should strike us as a novel concept in Roman society, where rhetorical conventions had previously sanctioned the performative fictionalization of character, and thus a legitimate separation of public and private selves. For critical senators like Pliny and Tacitus, such a separation had become a real-life fact that made imperial government untrustworthy*) (LEACH, 1990, p. 16).

> integridade, respeito, justiça, coragem ou ainda, primazia para ninguém (*Ep.* I, 22, 5-7).[361]

Não é, portanto, na aparência física, e nem mesmo nas atitudes tomadas publicamente – frequentar os ginásios ou pórticos, ou seja, filiar-se ao estoicismo ou a uma prática de oratória profissional – que o missivista busca destacar o caráter virtuoso de seus elogiados, mas nas ações tomadas em âmbito mais cotidiano e particular, como ocupar-se com sua função pública e aconselhar seus amigos, atos que, a princípio, não parecem motivos para uma grande fama. Na carta VII, 25, por exemplo, Plínio introduz o elogio de Terêncio Júnior com uma consideração a esse respeito: "Nós, porém, tememos, quando estamos para discursar ou recitar alguma coisa, apenas os que expõem sua cultura, quando, na verdade, aqueles que se calam os ultrapassam largamente, pois reconhecem, com seu silêncio, o mais elevado dos labores" (*Ep.* VII, 25, 1).[362]

Nesse contexto, é possível entrever a preferência de Plínio pela moderação (ou modéstia) como uma virtude desses indivíduos. De acordo com Cícero (*De inventione,* II, 163), a modéstia (*modestia*) é uma das três partes da temperança, que é uma das quatro virtudes cardinais (justiça, temperança, prudência e coragem), e se define como "aquela pela qual o pudor do nobre garante o cuidado e o respeito estável".[363] Trata-se de uma das virtudes mais recorrentes nas obras dos autores flavio-antoninos Plínio e Tácito. No *Agrícola,* por exemplo, a *moderatio* e a *prudentia* são os dois atributos mais louvados (FAVERSANI; JOLY, 2013, p. 113). A *modestia* e *moderatio* são também as qualidades mais frequentes no *Panegírico* a Trajano (ROCHE, 2011, p. 8). Mais uma vez, é possível destacar uma coerência entre as virtudes desejadas para os membros da aristocracia – Júlio Agrícola, por exemplo, na obra de Tácito – e o próprio *princeps.*

Embora não apareça citada direta ou frequentemente no texto das cartas[364], essa virtude pode ser identificada tanto na ênfase dada aos atos virtuosos mantidos em ambiente familiar, quanto na negação de uma fama conseguida pela aparência ou publicidade dada aos feitos.

---

[361] "*5 Ornat haec magnitudo animi, quae nihil ad ostentationem, omnia ad conscientiam refert recteque facti non ex populi sermone mercedem, sed ex facto petit. 6 In summa non facile quemquam ex istis qui sapientiae studium habitu corporis praeferunt, huic viro comparabis. Non quidem gymnasia sectatur aut porticus, nec disputationibus longis aliorum otium suumque delectat, sed in toga negotiisque versatur, multos advocatione plures consilio iuvat. 7 Nemini tamen istorum castitate pietate, iustitia, fortitudine etiam primo loco cesserit*" (*Ep*. I,22, 5-7).

[362] "*At nos eos tantum dicturi aliquid aut lecturi timemus, qui studia sua proferunt, cum illi qui tacent hoc amplius praestent, quod maximum opus silentio reverentur*" (*Ep*. VII, 25, 1)

[363] "*modestia, per quam pudor honesti curam et stabilem comparat auctoritatem*" (Cíc. *De inventione*, II, 163)

[364] A palavra *modestia* aparece mencionada apenas em VI,25,1. Outros termos de sentidos próximos, porém, são utilizados com alguma frequência, como no caso de *modicus* e *parcus* (I,22,4) e *simplicitas* (VI,26,1).

Um exemplo da aplicação da modéstia como virtude está na epístola V,17, em que Plínio elogia o jovem poeta Calpúrnio Pisão:

> Ele valorizava essas coisas por meio da voz mais suave, e sua voz, por meio de sua inibição: havia em seu rosto grande rubor e grande cuidado, grandes ornamentos para quem recita. Realmente desconheço por qual razão o receio, mais que a segurança, se ajusta aos homens dos estudos (*Ep.* V,17,3).[365]

Nesse trecho, Plínio evoca certo acanhamento e a apreensão ao recitar como uma forma de reverência à plateia. O temor, nesse caso, não é compreendido como a ausência de coragem, mas como o respeito à erudição dos que ouvem, algo que se pode notar também no fragmento da missiva VII, 25, citado há pouco. Mais um exemplo do valor que Plínio concede à modéstia é o vitupério que esse missivista dirige a Régulo, na carta IV,7.[366] Nessa epístola, Plínio critica, com grande ironia, a persistência de Régulo ao escrever e publicar – tanto em recitação quanto por meio de cópias escritas – as memórias de seu filho que havia falecido (*Ep.* IV, 2). Para Plínio, "embora a força seja menor no interior dos bons do que no dos maus, assim como 'ousadia significa ignorância e reflexão traz a hesitação', também a vergonha enfraquece os espíritos retos e a audácia fortalece os pervertidos. Exemplo disso é Régulo [...]" (*Ep.* IV, 7, 3-4).[367] Nesse caso, a ausência de modéstia – a audácia – cria a oportunidade para o vitupério.

Outro elemento que constitui a representação dos contemporâneos de Plínio é a imitação dos antigos, que está evidenciada na obra tanto em relação aos modelos literários quanto aos membros de uma geração anterior. No que se refere à imitação dos textos literários, é possível destacar os elogios direcionados a Pompeio Saturnino (I,16), Vergílio Romano (VI,21), e Passeno Paulo (IX,22). Conforme esclarecem Conte e Barchiesi (2010, p. 87), o campo literário da Antiguidade, fortemente ligado à ideia de tradição, era concebido de maneira que conceitos como *imitatio* (imitação) *e aemulatio* (emulação) permitiam a produção de uma literatura baseada em um sistema de referenciação a outros textos. Imitar autores ou retomar textos anteriores era, portanto, elemento constitutivo tradicional da produção literária antiga.

---

[365] "*Commendabat haec voce suavissima, vocem verecundia: multum sanguinis, multum sollicitudinis in ore, magna ornamenta recitantis. Etenim nescio quo pacto magis in studiis homines timor quam fiducia decet*" (V, 17, 3).

[366] *M. Aquilius Regulus* foi um senador pretoriano e *delator* sob os governos de Nero e Domiciano (RADICE, 1969, p. 579; SHERWIN-WHITE, 1998, p. 739). Plínio sempre se dirige a ele de maneira negativa e o vitupera mais intensamente em cinco missivas: I,5; II, 20; IV, 2 e 7; e VI, 2.

[367] "*Quamquam minor vis bonis quam malis inest ac sicut ἀμαθία μὲν θράσος, λογισμὸς δὲ ὄκνον φέρει, ita recta ingenia debilitat verecundia, perversa confirmat audacia. Exemplo est Regulus* [...]" (*Ep.* IV, 7, 3-4).

No caso das epístolas laudatórias de Plínio em que o autor cita a referência a outros textos como uma forma de louvar as produções artísticas de seus contemporâneos, o que as une é a ideia de emulação. Em I,16,3, por exemplo, Plínio afirma que os discursos de Pompeio Saturnino podem ser comparados "a qualquer um dos antigos, aos quais ele *emulou*"[368]. De modo semelhante, na carta VI, 21 o missivista declara que Vergílio Romano "escreveu comédias em *emulação* a Menandro e outros da mesma época" (VI,11,4).[369] Por fim, em IX,22,1, o missivista destaca que Passeno Paulo "*emula*, expressa e traz de volta os clássicos em sua obra literária" (IX,22,1).[370] A *aemulatio* é, mais que a imitação, o desejo de superação do modelo imitado.[371] Na epistolografia pliniana, a ideia de superar os modelos antigos é significativa porque ajuda a compor um quadro geral de crescimento intelectual do período. Nessas mesmas cartas em que apresenta a emulação como um dos argumentos principais do elogio, Plínio também costuma exortar seu interlocutor para que valorize a produção contemporânea. Em VI,21, esse incentivo é dado ao destinatário ainda na introdução do texto, quando o missivista afirma estar entre os que admiram as obras antigas, no entanto, considera louvável também a produção contemporânea. Em I,16, Plínio é ainda mais claro em sua argumentação, afirmando que "é algo insensato e perverso: não admirar o homem mais digno de admiração porque é possível vê-lo, conversar com ele, ouvi-lo e tocá-lo. Convém não apenas louvar, mas também amá-lo" (*Ep.* I,16,9).[372]

Embora esses três elogiados não emulem os mesmos autores, é possível perceber algumas semelhanças entre os modelos literários elencados por Plínio. Pompeio Saturnino emula Catulo e Calvo, indicados, na carta, também como referências para o próprio missivista: "Além disso, ele produz versos tais quais *meu caro* Catulo e como Calvo (*Ep.* I,16,5, grifo nosso).[373] Vergílio Romano, por sua vez, é autor de comédias ao modelo de Menandro, mas que podem ser comparadas também aos textos dos autores romanos Plauto e Terêncio. Por fim, Passeno Paulo é apresentado como exímio êmulo da elegia de Propércio e da lírica de Horácio. O que une esse cânone apresentado por Plínio em seus elogios é, primeiramente, o fato de que esses contemporâneos imitam autores de poesia. Nas cartas de elogio, Plínio não cita, em nenhum momento, autores de prosa como modelo, ainda que, por

---

[368] "*facile cuilibet veterum, quorum est aemulus, comparabis*" (*Ep.* I,16,3, grifo nosso).
[369] "*Scripsit comoedias Menandrum aliosque aetatis eiusdem aemulatus"* (*Ep.* VI,11,4, grifo nosso).
[370] "*praeterea in litteris veteres aemulatur exprimit reddit"* (*Ep.* IX,22,1, grifo nosso).
[371] Essa diferença é reconhecida por Plínio, na carta VI,11 quando afirma "peço que todos os que considerarem futuramente que é de algum valor me imitar, queiram ser melhores que eu. Adeus" (*ut omnes qui me imitari tanti putabunt meliores esse quam me velint*) (*Ep.* VI,11,2-4).
[372] "*At hoc pravum malignumque est, non admirari hominem admiratione dignissimum, quia videre alloqui audire complecti, nec laudare tantum verum etiam amare contingit*" (*Ep.* I,16,9).
[373] "*Praeterea facit versus, quales Catullus meus aut Calvus, re vera quales Catullus aut Calvus*" (*Ep.* I,16,5).

exemplo, mencione, no elogio a Saturnino, uma produção historiográfica e mesmo epistolográfica. Em segundo lugar, o tipo de poesia imitada pelos elogiados de Plínio – a comédia, a lírica e a elegia – pode ser classificada entre os gêneros humildes do discurso literário. Como mostram Hershkowitz (1995, p. 168-181) e Marchesi (2008, p. 40-96), Plínio, ainda que cite e mesmo afirme já ter produzido algo nos gêneros poéticos elevados, como a tragédia e épica, por exemplo (Cf. *Ep.* VII, 4, 2-3), demonstra com bastante clareza sua preferência pela poesia de caráter cotidiano e, em especial, a neotérica.

Para Hershkowitz (1995, p. 169) e Marchesi (2008, p. 61), a função dessa poesia de caráter mais baixo e breve é, na verdade, reforçar uma imagem do autor como homem público. Para essas autoras, a prática poética é inserida no cotidiano de Plínio e de seus amigos como uma forma de treinamento para que melhorem sua eloquência e como divertimento para os momentos de *otium*.[374] De acordo com Marchesi,

> Para a cultura de Plínio, épica é o gênero de escolha para aqueles que já cumpriram seu período de serviço ativo – eles ganharam liberação do serviço do Estado. Mas para aqueles que ainda não estão desobrigados, a curta poesia epigramática é uma saída ideal, porque inofensiva, dos cuidados e deveres da vida ativa. Ela oferece uma pausa muito necessária longe de tarefas diárias – uma saída, no entanto, que deixa as prioridades do poeta-político intactas. Poesia curta não é uma distração na medida em que é menos dominadora; deixa aos seus praticantes o tempo para desempenhar as suas funções (mais importantes) na sociedade (MARCHESI, 2008, p. 61-2).[375]

Por meio dessa escolha dos modelos imitados, o autor consegue conciliar, portanto, a representação desses homens como participantes da atividade cultural do período ao mesmo tempo em que mantém sua identidade senatorial.

Uma das consequências de elencar tais modelos poéticos como referências para a imitação é a apreciação da *variatio* como principal virtude estilística das obras. De fato, esse é um recurso que aparece com frequência na avaliação feita por Plínio sobre o estilo de seus elogiados. Na carta I,16, por exemplo, esse princípio é aplicado mais globalmente em relação

---

[374] Exemplo dessa perspectiva de Plínio a respeito de como lidar com a poesia está na carta VII, 9, 9-14. Nessa missiva, considerada a *Institutio Oratoria* de Plínio (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 413), o autor fornece uma série de instruções a Fusco Salinator sobre o que pode ser uma rotina adequada de estudos nos períodos de recesso. Uma dessas instruções e, na verdade, a que ocupa maior espaço na carta, são os exercícios de versificação. Em relação a tais exercícios, Plínio destaca, primeiramente (VII,9, 9-10) que o gênero a ser escolhido precisa ser breve, e não os cantos épicos, por exemplo. Em seguida (VII, 9, 12) afirma que a versificação foi um treinamento certamente utilizado pelos grandes oradores e, por fim (VII, 9, 13-14) demonstra quais são os benefícios de tal prática.

[375] "*For Pliny's culture, epic is the genre of choice for those who have already served their term of active duty – they have earned release from service to the State. But for those not yet discharged, short epigrammatic poetry is an ideal, because unthreatening, diversion from the cares and duties of active life. It affords a much-needed break away from daily chores – a diversion, however, which leaves the poet-politician's priorities intact. Short poetry is not a distraction insofar as it is less absorbing; it leaves to its practitioners the time to play their (more important) roles in society*" (MARCHESI, 2008, p. 61-2).

à obra de Pompeio Saturnino. Na introdução da missiva, o autor apresenta como uma das razões para admirar ainda mais esse amigo o fato de que ele é variado, flexível e abundante (*Ep.* I,16,1). Tais características são comprovadas pelos diferentes tipos de textos que Saturnino escreve: oratórios, historiográficos, poéticos (elegíacos) e, possivelmente, epistolográficos.

No elogio aos poetas, no entanto, essa variação é perceptível em relação ao estilo utilizado no texto dos poemas. Quanto aos versos de Sêncio Augurino, por exemplo, Plínio destaca que "Muitos deles são suaves, muitos, elevados; muitos, elegantes, muitos, delicados; muitos, serenos, muitos, coléricos. (IV,27,1).[376] Já em relação a Capúrnio Pisão, o missivista considera que "O tema havia sido escrito em elegíacos, não só fluentes, mas delicados e desenvoltos, elevados também, como convinha ao trecho" (V,17,2).[377] Por fim, em relação a Vergílio Romano, o autor afirma que "A ele não faltou força, nem grandeza, nem sutileza, nem amargura, nem doçura, nem graça: as virtudes louvou, os vícios perseguiu (VI,21,5).[378] Em todos esses exemplos, algo que se mostra recorrente é a oposição entre certa leveza (*tenuiter, teneris, subtilitas*) e uma sublimidade do discurso (*sublimiter, sublimitibus, granditas*). Desse modo, a representação que Plínio elabora desses poetas se caracteriza principalmente pela versatilidade.

Essa variação não se limita, no entanto, aos textos poéticos; também na produção oratória, Plínio representa seus contemporâneos a partir dessa categoria. Sobre Eufrates, por exemplo, Plínio afirma que "Ele argumenta tênue, séria e elegantemente, além disso, com frequência aplica aquela sublimidade e grandeza de Platão. Seu discurso é copioso e variado, agradável principalmente" (*Ep.* I,10,5).[379] O missivista demonstra essa alternância positiva da obra não apenas ao afirmar diretamente que o discurso de Eufrates é variado, mas também ao elencar características diversificadas para a eloquência desse filósofo. Ele afirma, por exemplo, que o discurso de Eufrates é tênue e agradável, o que indica leveza e talvez mesmo certa coloquialidade, mas, simultaneamente, o caracteriza como sério e sublime, algo que remete a uma grandiloquência, própria de discursos bem preparados.

No tocante à imitação não de autores antigos, mas de modelos de conduta contemporâneos, Plínio parece realizar, ele mesmo, uma emulação. Em IV,27,5, o missivista

---

[376] "*Multa tenuiter multa sublimiter, multa venuste multa tenere, multa dulciter multa cum bile*" (IV,27,1).
[377] "*Scripta elegis erat fluentibus et teneris et enodibus, sublimibus etiam, ut poposcit locus*" (V,17,2).
[378] "*Non illi vis, non granditas, non subtilitas, non amaritudo, non dulcedo, non lepos defuit*" (VI,21,5)
[379] "*Disputat subtiliter graviter ornate, frequenter etiam Platonicam illam sublimitatem et latitudinem effingit. Sermo est copiosus et varius, dulcis in primis* [...]" (*Ep.* I,10,5)

complementa seu louvor à obra de Sêncio Augurino destacando os laços de amizade e parentesco que o jovem poeta possui com Vestrício Espurina e Árrio Antonino:

> Por enquanto, estime esse jovem e agradeça ao nosso tempo por ter produzido um talento tal, que Augurino ainda ornamenta mais com seu caráter. Convive com Espurina, convive com Antonino, entre os quais, sendo parente de um, é amigo dos dois. 6. Observe, portanto, a partir disso, quão correto é esse rapaz, já que é estimado dessa forma por senhores tão ilustres (*Ep.* IV, 27, 5).[380]

Tanto Árrio Antonino quanto Vestrício Espurina são homens já retirados da vida pública (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 306) e se apresentam, na obra pliniana, como exímios poetas (*Ep.* IV, 3, IV,18, V,15 e III,1). Vestrício Espurina, sobretudo, é apresentado como o modelo de imitação a ser seguido pelo próprio Plínio, não só como exemplo literário, mas também de conduta (III,1).

A carta VI,11, assim como a IV, 27, retrata jovens talentos dignos de serem inseridos no círculo letrado de Plínio, são os advogados Umídio Quadrato e Fusco Salinator. Nessa missiva, porém, diferentemente do que ocorre no louvor a Augurino, Plínio não utiliza como argumento seus próprios modelos de imitação, mas sim apresenta a si mesmo como o modelo a ser seguido.

> Todas e cada uma dessas coisas me agradaram. Entre elas também o fato de que eles olhavam atentamente para mim, como se eu fosse seu mestre, professor. Para aqueles que os ouviam, eles pareciam estar me imitando e seguindo meus passos. [...] O que poderia ser mais feliz para a sociedade do que seus jovens mais distintos procurarem renome e fama por meio da erudição, ou mais desejável para mim do que ter sido apresentado quase como um exemplo de direção correta? 4. Que eu alcance continuamente tal alegria é o que peço aos deuses; a eles, sendo você testemunha, peço que todos os que considerarem futuramente que é de algum valor me imitar, queiram ser melhores que eu. Adeus (*Ep.* VI,11,2-4).[381]

Essa é uma das cartas que marcam certa mudança nos textos elogiosos do missivista. Até o livro IV, os louvores são feitos a contemporâneos mais velhos que o autor e que são apresentados, em geral, como exemplos para a conduta do próprio Plínio. A partir do livro V, porém, há um número maior de cartas de louvor a contemporâneos mais jovens e nas quais o

---

[380] "*Interim ama iuvenem et temporibus nostris gratulare pro ingenio tali, quod ille moribus adornat. Vivit cum Spurinna, vivit cum Antonino, quorum alteri affinis, utrique contubernalis est. 6 Possis ex hoc facere coniecturam, quam sit emendatus adulescens, qui a gravissimis senibus sic amatur*" (*Ep.* IV, 27, 5).

[381] "*quae singula mihi voluptati fuerunt, atque inter haec illud, quod et ipsi me ut rectorem, ut magistrum intuebantur, et iis qui audiebant me aemulari, meis instare vestigiis videbantur. 3 O diem — repetam enim — laetum notandumque mihi candidissimo calculo! Quid enim aut publice laetius quam clarissimos iuvenes nomen et famam ex studiis petere, aut mihi optatius quam me ad recta tendentibus quasi exemplar esse propositum? 4 Quod gaudium ut perpetuo capiam deos oro; ab isdem teste te peto, ut omnes qui me imitari tanti putabunt meliores esse quam me velint. Vale.*" (*Ep.* VI,11,2-4).

autor se apresenta se não diretamente como o modelo a ser imitado, como o faz na epístola VI,11, pelo menos como um dos incentivadores dessa nova geração. Em V,17, por exemplo, a carta é endereça a Vestrício Espurina que é, como vimos, um dos modelos antigos para Plínio. O missivista o apresenta, na introdução de sua missiva, como alguém que incentiva os jovens literatos: "Conheço com quanto empenho você encoraja as artes liberais, quanta alegria alcança se os jovens nobres fazem algo digno de seus antepassados" (*Ep.* V,17, 1).[382] Após elogiar o poema de Calpúrnio Pisão, Plínio, então, apresenta a si mesmo como um incentivador dessa literatura: "o incentivei com meus elogios, para que continuasse aquilo que havia começado, e que transferisse aos seu descendentes a chama que seus antepassados haviam transferido para ele" (*Ep.* V,17,4).[383] Ao fazer isso, o missivista parece reivindicar para si a mesma imagem que constrói sobre Espurina. Outro fator que reforça a aproximação buscada nessa carta é o uso do verbo *favere* ("favorecer", "incentivar"), que aparece no primeiro e no último parágrafo. No primeiro, ele indica o incentivo que é dado por Espurina ([...] *bonis artibus faveas*), no último, o que é feito pelo próprio Plínio (*faveo*).

Pensando em termos da identidade do círculo de letrados representados por Plínio, o missivista demonstra, nessas cartas sobre os mais jovens, uma modificação sutil em relação ao seu próprio lugar no interior desse grupo. Como aponta Elias (2000, p. 38) os grupos que se formam a partir das representações possuem hierarquias inconscientes. No caso dessas epístolas de Plínio, essa hierarquia está expressa, de algum modo, pelo critério de antiguidade. A identidade de novos membros, a ser legitimada, depende da imitação de modelos anteriores desse mesmo grupo. Por outro lado, os membros mais antigos acabam se tornando, quando já estabelecidos, exemplos para os novos integrantes.

Nas cartas laudatórias de Plínio, uma das formas de ser representado como modelo é assumindo a posição de incentivador da própria contemporaneidade. O missivista atribui também essa qualidade a alguns de seus elogiados. Em V,14, por exemplo, o autor afirma a respeito de Cornuto Tértulo "Juntos nós apreciamos, juntos já apreciávamos antes praticamente todos aqueles – em ambos os sexos – que nossa época apresentou como exemplos a serem imitados" (*Ep.* V,14,4).[384] Nessa missiva, Plínio constrói tanto uma imagem de si quanto de Cornuto Tértulo como indivíduos que valorizam o que é produzido

---

[382] "*Scio quanto opere bonis artibus faveas, quantum gaudium capias, si nobiles iuvenes dignum aliquid maioribus suis faciant*" (*Ep.* V,17, 1).
[383] "*laudibus incitavi, pergeret qua coepisset, lumenque quod sibi maiores sui praetulissent, posteris ipse praeferret*" (*Ep.* V,17,4).
[384] "*Una diligimus, una dileximus omnes fere quos aetas nostra in utroque sexu aemulandos tulit; quae societas amicitiarum artissima nos familiaritate coniunxit*" (*Ep.* V,14,4).

em seu próprio tempo. Nesse texto, não se trata necessariamente de literatura, mas de exemplos de virtude.

Na carta VIII,12, por sua vez, a maior parte da argumentação está na importância que o elogiado, Ticínio Capitão, dá às recitações e à produção literária do período. Embora o motivo da carta, como se apresenta na introdução, seja noticiar a recitação do próprio Ticínio (*Ep.* VIII,12,1), Plínio informa qual é a obra apenas no último parágrafo da carta, sem fornecer maiores informações sobre ela ou o estilo do autor. Esse fato se justifica, certamente, porque o texto sobre o qual fala o missivista ainda não foi recitado, uma vez que o evento ainda está para acontecer (*recitaturus est Titinius* [...]). Independentemente da produção literária, no entanto, para Plínio, Ticínio Capitão deve ser considerado entre os principais de sua geração porque

> Para muitos dos que escrevem algo, ele é um porto, um colo, um refúgio, além de um exemplo para todos, enfim, é um condutor e reformador da própria literatura já decadente. 2. Oferece sua casa para recitadores, frequenta plateias – não apenas em sua casa – com uma generosidade admirável. Estando eu um pouco na cidade, nunca me desamparou (*Ep.* VIII,12,1-2).[385]

Nessa carta está evidenciada, na verdade, a existência de práticas sociais que sustentam a representação letrada desse indivíduo. Plínio demonstra que tanto o apoio material – oferecer a casa para uma recitação – quanto o imaterial – estar presente nas recitações – são ações que constituem a identidade dos indivíduos desse grupo.

Especialmente nas cartas em que Plínio dirige seus louvores a contemporâneos mais jovens – e o autor costuma demarcar a diferença geracional no próprio texto das cartas – é possível entrever alguns mecanismos práticos que mantém a coerência do grupo e que asseguram, por exemplo, a inserção de novos membros. Esse é o caso das cartas IV, 27, V,17 e VI,11. Em IV, 27, por exemplo, o que missivista elogia na obra de Augurino é justamente o poema em que esse jovem dirige louvores ao próprio Plínio. Mais que para uma autopromoção, Plínio aponta, nessa carta, para a importância que a troca de elogios exerce na manutenção desse círculo de letrados. Tal importância fica mais clara quando se leva em consideração a carta enviada a Augurino (IX,8). Nessa missiva, Plínio elogia – novamente – seu interlocutor, agradece os elogios feitos por Augurino e afirma que esse jovem escreve muito bem (*optime*) quando o faz a respeito de seus amigos. Considerando aquilo que Plínio afirma na carta a Vestrício Espurina, em que também elogia o jovem Calpúrnio Pisão, "e,

---

[385] "*multorum qui aliqua componunt portus sinus gremium, omnium exemplum, ipsarum denique litterarum iam senescentium reductor ac reformator. 2 Domum suam recitantibus praebet, auditoria non apud se tantum benignitate mira frequentat; mihi certe, si modo in urbe, defuit numquam*" (*Ep.* VIII,12,1-2).

porque é a mais penetrante forma de aconselhar, o incentivei com meus elogios para que continuasse aquilo que havia começado [...]" (*Ep.* V,17,4), mais que um louvor, a *Ep.* IX,8 é uma exortação e um conselho. Diante disso, é possível concordar com Fitzgerald (2007, p. 196) na constatação de que "a sociedade que Plínio imagina nas *Cartas* é uma em que os correspondentes estão constantemente encorajando um ao outro para sair e fazer o mesmo" (FITZGERALD, 2007, p. 196).[386] O elogio mútuo, público ou privado (V,14,6) é, desse modo, uma prática que assegura essa identidade com o círculo do qual aquele indivíduo faz parte.

Nas epístolas laudatórias de Plínio, há ainda mais um mecanismo utilizado para representar os contemporâneos como parte desse grupo de letrados: a oratória. O autor recorre à avaliação da eloquência retórica dos seus elogiados em cinco missivas: I,10; I,16; I,22, II,3 e VI,11. De modo geral, como já mencionado anteriormente, o elogio de Plínio à oratória de seus contemporâneos é realizado a partir da análise da eloquência desses indivíduos com base nas divisões e classificações advindas da própria preceituação retórica – como Aristóteles, Quintiliano e Cícero, por exemplo –, e funciona como uma maneira de demonstrar tanto o nível elevado de letramento do próprio missivista quanto de seu elogiado.[387] Na missiva VI,11, no entanto, é possível ler o elogio à oratória como um mecanismo de diferenciação e posicionamento em relação a outros grupos. Além de uma avaliação dos elogiados com base nos critérios próprios da preceituação retórica, a menção às habilidades oratórias realizada na *Ep.* VI, 11 parece manter uma relação intertextual com a missiva IV,7, que é uma invectiva contra Régulo.

Em VI,11,2, Plínio elogia os jovens advogados Umídio Quadrato e Fusco Salinator. Sobre eles, o missivista afirma que "Há, em ambos, admirável integridade, firmeza sadia, comportamento adequado, linguagem correta, entonação viril, memória firme, grande talento e juízo equânime. Todas e cada uma dessas coisas me agradaram" (*Ep.* VI,11,2).[388] Já em IV,7,4, sobre a eloquência de Régulo, Plínio destaca que "Seu pulmão é fraco, a expressão confusa, a linguagem vacilante, a elaboração a mais lenta, a memória é nula e não há [nele] nada mais que um talento insensato" (*Ep.* IV,7,4).[389] Aquilo que é elogiado nos dois jovens (*os Latinum, vox virilis, tenax memoria, magnum ingenium*) é, como se vê nos textos,

---

[386] "*The society that Pliny imagines in the Letters is one in which the correspondentes are constantly encouraging each other to go out and do likewise*" (FITZGERALD, 2007, p. 196).

[387] Cf. item 3.2, por exemplo, a respeito da análise da oratória de Iseu e a discussão sobre a aplicação das virtudes comuns da oratória ao discurso de Pompeio Saturnino.

[388] "*Mira utrique probitas, constantia salva, decorus habitus, os Latinum, vox virilis, tenax memoria, magnum ingenium, iudicium aequale; quae singula mihi voluptati fuerunt*" (*Ep.* VI,11,2).

[389] "*Imbecillum latus, os confusum, haesitans lingua, tardissima inventio, memoria nulla, nihil denique praeter ingenium insanum* [...]" (*Ep.* IV,7,4).

justamente o que falta na eloquência de Régulo (*os confusum, haesitans lingua, memoria nulla, ingenium insanum*).

Para Gibson e Morello (2012, p. 68-72), essa contraposição entre o elogio feito aos dois jovens advogados e a invectiva dirigida a Régulo, um senador bastante mais velho que Plínio e, de algum modo, representante da eloquência própria de dinastias anteriores, evidencia a existência de uma disputa no interior do Tribunal dos Centúnviros, no qual ambos – Plínio e Régulo – atuavam.[390] A missiva VI,11 é, para Gibson e Morello (2012, p. 68-72), um texto que demarca um processo de renovação na oratória judicial a partir desse mesmo tribunal. De acordo com esses autores, quando essa contraposição entre a oratória de Régulo e a de Umídio Quadrato e Fusco Salinator é somada ao fato de que eles olhavam para Plínio como se ele fosse um "mestre" ou "professor" (VI,11,2-3), "nós somos convidados a sentir que há, agora, esperança para a oratória romana, quando a exemplaridade de Plínio leva na direção oposta daquela de Régulo" (GIBSON;MORELLO, 2012, p. 70).[391] Algo que complementa essa representação de um reflorescimento da oratória judicial é o fato de que o livro VI apresenta uma grande quantidade de cartas relacionadas à atuação advocatícia do próprio Plínio, não apenas na corte dos Centúnviros.[392] Além disso, a segunda carta do livro noticia, em tom irônico e invectivo, a morte de Régulo.

Desse modo, as virtudes oratórias não são apenas utilizadas como mecanismos para elaborar uma representação letrada dos jovens advogados, mas também para criar uma oposição à representação negativa de Régulo. Essa diferenciação, por sua vez, é um item fundamental para a manutenção da identidade do grupo de Plínio. Pois, como afirma Tadeu (2000, p. 39), "As identidades são fabricadas por meio da marcação de diferença".

Na análise que faz a respeito da presença do autoelogio na obra pliniana, Gibson conclui que:

---

[390] O tribunal dos Centúnviros "era a corte responsável pelo julgamento de disputas em torno de heranças" (SOUZA, 2013a, p. 12).

[391] "*we are invited to feel there is now hope for Roman oratory when Pliny's exemplarity leads in the opposite stylistic direction from that of Regulus*" (GIBSON;MORELLO, 2012, p. 70).

[392] "Esta sequência inclui VI,2 (sobre a morte de Régulo), VI,12 (Plínio concorda a aparecer em nome do associado do avô de sua esposa no tribunal dos Centúnviros), VI,18 (sobre a prontidão de Plínio para atuar como defensor da cidade de *Firmum* no tribunal), VI,23 (Plínio aceita um caso particular no tribunal dos Centúnviros), VI,29 (a avaliação dos mais importantes casos senatoriais de Plínio até o momento) e VI,33 (Plínio [escreve] a respeito de seu maior discurso no tribunal dos Centúnviros)" (*This sequence includes 6.2 (on the death of Regulus) [...], 6.12 (Pliny agrees to appear on behalf of his grandfather-in-law's associate in the Centumviral court), 6.18 (on Pliny's readiness to appear as advocate for the town of Firmum in court), 6.23 (Pliny accepts a private case in the Centumviral court), 6.29 (a review of Pliny's most important senatorial cases to date) and 6.33 (Pliny on his greatest ever speech in the Centumviral court).*) (GIBSON;MORELLO, 2012, p. 69).

> O elogio de si é um mecanismo fundamental para exercer o controle antecipadamente sobre a recepção de seus atos por parte da sociedade. As cartas fornecem, por assim dizer, um comentário sobre as realizações e talentos públicos de Plínio que orienta os leitores em direção a avaliações positivas do mesmo (tudo em um contexto íntimo, que, em certa medida, legitima o elogio de si) (GIBSON, 2003, p. 253).[393]

Não é diferente o modo como pensamos a função exercida pelas cartas em que Plínio louva seus contemporâneos ainda vivos. Como procuramos demonstrar, o missivista constrói, por meio da apropriação de uma modalidade literária privada e quotidiana – as epístolas – associada a uma prosa de caráter encomiástico, imagens públicas de alguns de seus contemporâneos que se apresentam, de algum modo, como modelos representativos e ideais. Esses perfis configuram-se a partir de uma série de representações administradas por Plínio e que acabam por formular a identidade de um grupo letrado cuja produtividade literária é favorável ao novo *princeps.*

[393] "*Praise of the self is a key mechanism for exercising control in advance over the reception of your deeds by society. The letters provide, as it were, a commentary on Pliny's public achievements and talents which guides readers towards positive assessments of the same (all in an intimate context which, to some extent, legitimises the praise of the self*)" (GIBSON, 2003, p. 253).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paulo Martins (2011), ao discutir, em seu trabalho a respeito das relações entre a imagem e o poder durante o principado de Augusto, de que maneira é possível analisar as representações iconográficas greco-latinas, destaca que a análise de um material visual requer uma consciência anterior acerca das prescrições que determinam tal produção e uma observação sobre o posicionamento daquele que constrói a imagem em relação ao objeto representado (MARTINS, 2011, p. 43-4). De modo similar, acreditamos que, para que fosse possível examinar as imagens textuais construídas pela utilização do elogio, e, desse modo, as representações presentes na obra epistolar de Plínio, o Jovem, fez-se necessário reconhecer os elementos que compuseram sua formação e prática literária, assim como o lugar ocupado por ele na tradição dos gêneros que utilizou.

Primeiramente, a discussão sobre o que é e como se configura o gênero epistolográfico na Antiguidade contribuiu para a apreciação literária do texto pliniano. Tradicionalmente compreendidas como gênero de caráter utilitário e função sobretudo comunicacional, as cartas antigas, em especial aquelas de origem privada e autêntica, têm sido lidas como um repositório de informações a respeito do seu momento histórico, autores e correspondentes. Ainda que não se deva negar esse aspecto da literatura epistolográfica, seu estatuto de gênero literário pode ser renovado na medida em que esses textos são reconhecidos como uma manifestação comunicativa sócio-historicamente construída e definida por critérios situacionais – diálogo à distância, escrita em material transportável – e linguístico-estruturais – textos escritos, limitados por fórmulas de saudação e de despedida, marcados pela brevidade e por uma linguagem simples, por vezes coloquial. Tais critérios foram empregados de maneiras diversas por vários autores greco-romanos, não apenas em uma correspondência real com amigos, familiares, autoridades ou mesmo um público mais amplo, mas também em textos fictícios, filosóficos ou poéticos. Essa variedade na prática epistolar, somada à existência de discussões teórico-estilísticas sobre o tema, contribuiu para a construção de uma tradição literária do gênero, marcada, por exemplo, pela emergência de coleções, formato especialmente desenvolvido em contexto romano, a partir da publicação das cartas privadas de Cícero.

No interior dessa tradição epistolográfica, a obra pliniana, e especialmente o conjunto de textos que compõem os livros I-IX da coleção, se apresenta como um exemplo singular para uma leitura literária, uma vez que é formada por textos autênticos e de caráter originalmente privados, mas que são apresentados ao público em um formato bastante

autoconsciente da própria literariedade e posicionamento em relação à tradição precedente. Tal consciência é demonstrada não só pela atitude do autor ao selecionar, compilar e publicar suas cartas de acordo com determinados princípios de composição (*Ep.* I,1), mas também pelos processos de alusão a modelos oratórios, historiográficos e poéticos e pela utilização de uma linguagem marcada por uma diversidade de estilos imitados e presença constante de figuras. Alguns dos traços distintivos da epistolografia de Plínio em relação à tradição epistolar em prosa que a precede são, como procuramos destacar, além da organização literária do conjunto, o emprego de missivas monotemáticas e o frequente ocultamento de indicadores de lugar e tempo. Tais características, indicativos de uma consciência genérica e do trabalho estilístico no autor, auxiliam na apreciação literária desse texto.

Observar o emprego do gênero epistolar por Plínio, o Jovem, resultou ainda na análise de um posicionamento estético e discursivo do autor realizado por meio do investimento genérico. Como procuramos demonstrar, Plínio mantém, em suas epístolas laudatórias, os recursos característicos de uma correspondência privada em prosa, o que o aproxima da epistolografia ciceroniana, por exemplo; entretanto realiza também uma diversidade de escolhas estilísticas em suas cartas, como a estruturação próxima aos discursos retóricos e certo apagamento do aspecto conversacional desses textos, que ajudam a caracterizá-los como publicáveis. Esteticamente, portanto, Plínio emprega, em suas cartas pessoais, uma linguagem marcada pela elegância da escrita que as caracteriza como publicação de caráter literário, ao mesmo tempo em que, discursivamente, a manutenção do seu aspecto pessoal contribui para a força retórica desses textos. A forma epistolar funciona, portanto, também como um recurso argumentativo, pois permite a realização de um elogio público a alguém ainda vivo, algo que suscita, por vezes, certo desconforto social em contexto romano (Cíc. *De or.* II, 341 - 342; Plin. *Ep.* I,8 e VII,28), mas que, submetido a um suporte textual privado, alcança certa legitimidade.

Em seguida, a investigação sobre o discurso epidítico permitiu examinar como Plínio utilizou os elementos próprios do elogio retórico para descrever seus contemporâneos e formular as imagens textuais que se configuram perfis humanos exemplares elaborados para serem não apenas admirados, mas também imitados. Para tanto, foi útil examinar, primeiramente, as modificações ocorridas no campo da teoria e da prática do gênero. Tal exame resultou na percepção de que Plínio, embora não tenha efetuado grandes considerações teóricas sobre o tema, é uma figura importante quando se trata da prática do louvor. Tanto os elogios elaborados em seu *Panegírico*, quanto os textos encomiásticos nas missivas, colaboram para a compreensão do crescimento da prática laudatória durante os séc. I e II d.C..

Na Antiguidade, o epidítico foi tanto uma atividade oratória de caráter celebrativo, quando atrelada, por exemplo, às comemorações pan-helênicas, quanto performance fundamental em cerimônias formais e institucionalizas, como no caso dos elogios fúnebres gregos e romanos e, tempos depois, dos discursos em honra aos imperadores. Se, por um lado, o gênero dos louvores recebeu críticas em virtude de um caráter apenas ornamental e de demonstração da habilidade oratória, como ocorre com o *Elogio*, de Górgias, também pôde ser visto como instrumento de atuação política séria, como no caso de Cícero, Sêneca e Plínio, cujos discursos laudatórios a figuras autocráticas são lidos a partir das relações não apenas de adulação, mas também de aconselhamento que estabelecem com o poder centralizado. Essa forma de atuação se estende, ainda, a outros campos, como podemos ver, por exemplo, na biografia-elogio de Tácito ao seu sogro Agrícola. Esse texto se configura como uma peça importante para compreensão do posicionamento das cartas laudatórias plinianas em relação à tradição epidítica que o precede, uma vez que se direciona não ao imperador, mas a um cidadão romano, prática que se aproxima da realizada por Plínio em suas cartas. Nesse tipo de elogio, realizado em ambiente privado e dirigido a pessoas de posição social mais próxima daquele que louva, o aconselhamento e a exemplaridade subjacentes se aplicam não apenas ao elogiado, mas sim apresentam ideais de atitudes a serem seguidas por um público aristocrático mais amplo.

Buscamos evidenciar, portanto, que, na coleção epistolar pliniana, a utilização de recursos argumentativos próprios dos discursos retóricos configura uma parte significativa das imagens textuais criadas por esse missivista. Por isso, foi importante reconhecer os elementos que delimitavam a estruturação e prática das exposições laudatórias dos quais Plínio certamente lançou mão na escrita de suas cartas. Exemplos da utilização desses recursos são a construção das missivas a partir de argumentos próprios do exórdio e epílogo laudatórios; o uso das virtudes, especialmente a *modestia*, a *eloquentia* e o *ingenium* para o louvor; e o emprego das amplificações na composição do texto. A análise desses expedientes indicou que o discurso epidítico presente nas cartas do autor cria uma imagem bastante otimista de seu próprio período, otimismo esse que passa pelo enaltecimento de um grupo de amigos caracterizados principalmente pelo envolvimento com a produção literária contemporânea. Na maior parte dos casos, Plínio apresenta como motivo para elogiar algum de seus coetâneos a capacidade desse indivíduo de produzir algo intelectualmente ou pelo menos se interessar pela produção letrada do período. O modo como o autor escolhe falar desses homens, avaliando em detalhes seus discursos, textos historiográficos, epistolográficos ou poemas, produz uma imagem do próprio Plínio como um crítico dessa produção intelectual letrada. O otimismo

expresso pelo autor, todavia, não tem caráter apenas de constatação. A frequência de referências a recitações, discursos ou publicações de livros, o emprego de exortações, e a valorização, em geral, de indivíduos que escrevem algo ou propiciam a escrita de alguma obra parecem querer incentivar e aconselhar para que tais atitudes continuem a ser tomadas.

Barthes (1975, p. 148) afirma que a retórica antiga, vista de maneira bastante ampla, pode ser sinteticamente definida como uma metalinguagem. Mais que apenas discurso sobre o discurso, porém, essa metalinguagem funcionou, na análise desse autor, como uma técnica, um ensino, uma ciência, uma moral, uma prática social e uma prática lúdica (BARTHES, 1975, p. 148-9). De fato, tendo sido, na Antiguidade, não só um conjunto de regras para a formulação dos discursos oratórios, mas também a base para a formação dos cidadãos; um campo de observação dos fenômenos da linguagem; espaço de regulação da moral; conhecimento básico para atuação política e, por vezes, recurso utilizado para o deleite, a retórica influenciou os critérios éticos, estéticos, culturais, políticos e sociais das sociedades em que se fez presente. Ainda que se deva ter a consciência de que a própria retórica não é estática e de que varia não só em diferentes momentos da história, mas mesmo de autor para autor, vista a partir de sua multiplicidade aplicações, ela pode ser entendida como um recurso bastante eficiente para a construção e veiculação de representações, pois fornece um dos pontos de vista por meio do qual um objeto, pessoa ou grupo podem ser lidos – ou dados a ler. Não foi de modo diferente que a retórica, estudada neste texto a partir de uma de suas subdivisões, o gênero epidítico, foi pensada. Entendemos que os elementos retóricos utilizados para formar as imagens textuais dos contemporâneos de Plínio foram empregados de modo que compõem representações desses indivíduos. Tais representações formulam a identificação de uma comunidade erudita da qual Plínio busca participar.

Por fim, então, a discussão sobre como se organizam essas representações e como é mantida tal identidade nas cartas do autor buscou explicar de que modo a utilização do elogio, realizado de acordo com determinados critérios estilísticos e inserido num suporte epistolar, inscreve um posicionamento político e social de Plínio no período do qual faz parte. Como destaca Chartier (2002, p. 17), as representações nunca são neutras, mas sim participam de ambientes de concorrências relacionadas ao poder e à dominação. No caso das epístolas laudatórias de Plínio, esse ambiente de concorrência manifestou-se como relacionado principalmente a certa instabilidade causada pela transição de dinastias no comando do império que resultou na necessidade de Plínio se posicionar em relação a esse contexto. Nesse sentido, concordamos com a visão de Venturini (2005, p. 144), de que Plínio assume um papel bastante ativo durante o reinado de Trajano, mas não de maneira necessariamente

individualizada, e sim como participante da visão de um grupo senatorial que busca conciliação entre a cúria e o *princeps*. Tratava-se de uma busca pela legitimação do poder de Trajano, mas também da orientação dos interesses dos senadores.

Como procuramos indicar, em primeiro lugar, Plínio representa essa elite letrada como sendo constituída por indivíduos cujas ações tomadas tanto em domínio público quanto em privado manifestam virtudes valorizadas em um contexto mais amplo. Tal modo de manifestar as virtudes demonstrou uma preferência do autor pela moderação (ou modéstia). Mais que uma preferência individual, porém, esse modo de apresentação dos indivíduos como modestos mostrou-se parte de uma retórica da representação imperial própria do período, como apontado por Leach (1990, p. 27), assim como das expectativas de virtude para a aristocracia.

Em segundo lugar, as produções intelectuais desses indivíduos foram apresentadas, nas missivas, tendo como uma das principais caraterísticas a emulação de autores antigos. A seleção dos modelos de imitação, especialmente concentrada em obras poéticas e de temática cotidiana, conseguiu, como pôde ser observado, conciliar a imagem desses homens como participantes da atividade cultural do período e como membros ativos na realização das obrigações públicas. A ideia de uma imitação de modelos anteriores não se restringiu, porém, ao contexto literário. Plínio apresentou os contemporâneos sobre os quais buscava criar uma imagem exemplar como imitadores também de modelos de conduta próprios de indivíduos da geração anterior. Em relação a isso, foi possível constatar, nas missivas, principalmente uma autorrepresentação do autor. Em um primeiro momento, o missivista destacou quais modelos de conduta ele mesmo buscava imitar, em seguida, porém, ele passou a se apresentar como o próprio modelo de conduta. Essa reverência a um *corpus* literário comum e a indivíduos mais antigos no interior do próprio grupo mostrou-se, portanto, uma forma de legitimação. A análise desses processos de imitação possibilitou a ocasião para que discutíssemos, ainda que brevemente, algumas das práticas que podem ser percebidas, nessas missivas, como mecanismos de manutenção da coerência do grupo de eruditos que Plínio representa em suas missivas laudatórias. Nesse contexto, aparecem como principais práticas o incentivo à produção intelectual do período, por meio da presença em recitações, por exemplo, e a execução do elogio mútuo.

A última forma de representação que discutimos neste texto foi avaliação da eloquência oratória dos contemporâneos, realizada por Plínio, nas cartas laudatórias, com base nas divisões e classificações advindas da própria preceituação retórica – como Aristóteles, Quintiliano e Cícero, por exemplo. Nesses casos, as considerações feitas pelo autor foram

lidas como uma maneira de exibir tanto o nível elevado de erudição do próprio missivista quanto de seu elogiado. Especialmente a partir das reflexões desenvolvidas sobre a carta VI,11, na qual se pode perceber um diálogo com o vitupério feito em IV,7,4, foi possível concluir que as virtudes oratórias elencadas na construção dos elogios não são apenas utilizadas como mecanismos para elaborar uma representação dos indivíduos como versados nas práticas da retórica, mas também para criar uma oposição a outros estilos dessas práticas. No caso específico da missiva VI, 11, por exemplo, essa oposição é feita em relação a figura de Régulo, um representante da eloquência própria de dinastias anteriores.

A partir da análise dos elementos que compõem a epistolografia desse autor, assim como os textos epidíticos utilizados em suas epístolas e as representações inscritas nelas, verificamos, portanto, que o missivista constrói, por meio da apropriação de uma modalidade literária privada e quotidiana – as epístolas – associada a uma prosa de caráter público, o encômio, imagens textuais de alguns de seus contemporâneos que se apresentam, de algum modo, como modelos representativos e ideais de homem público. Essas imagens textuais são marcadas especialmente pelo otimismo de Plínio em relação à produção literária contemporânea, que leva a uma visão geral do período como momento de liberdade artística e desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

1. Fontes primárias

PLINIO EL JOVEN. *Cartas.* Trad. introd. e notas de Julián González Fernádez. Madrid: Gredos, 2005.

PLINY. *Letters:* Books I-VII. Trans. Betty Radice. Cambridge: Harvard University, 1969.

PLINY. *Letters:* Books VIII- X and Panegyricus. Trans.Betty Radice. Cambridge: Harvard University, 1969.

PLINY. *Complete Letters.* Trans. Peter Gerard Walsh. New York: Oxford, 2006.

[Cícero]. *Retórica a Herênio*. Tradução de Ana Paulo Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

ARISTÓTELES. *Retórica.* Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 2 ed. Lisboa: Casa da Moeda, 2005.

CÍCERO. *Do orador*. Trad. Adriano Scatolin. In: *A invenção no Do orador de Cícero:* um estudo à luz de *Ad Familiares I, 9, 23*. 308p. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CÍCERO. *Pro Archia.* Tradução de Maximiano Augusto Gonçalves. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1955.

CÍCERO. *Pro Marcello.* Tradução de Maximiano Augusto Gonçalves. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1955.

CICERÓN. *Cartas.* Vol. III: Cartas a los familiares (1-173). Trad. José A. Beltrán. Madrid: Gredos, 2008.

CICERÓN. *Cartas.* Vol. IV: Cartas a los familiares II (174-435). Trad. Isabel Magallón García. Madrid: Gredos, 2008.

CICERÓN. *Cartas:* Cartas a Ático. 2 vols. Trad. M. Rodríguez-Pantoja Márquez. Madrid: Gredos, 1996.

CICERÓN. *El orador.* Trad. Eustáquio Sánchez Salor. Madrid: Alianza, 2013.

CICERÓN. *La invención retórica.* Trad. Salvador Nuñez. Madrid: Gredos, 1997.

DEMÉTRIO. *Sobre o estilo.* Tradução de Gustavo Araújo de Freitas. In: FREITAS, Gustavo Araújo de. *Sobre o estilo de Demétrio*: um olhar crítico sobre a Literatura Grega (tradução e estudo introdutório do tratado). 2011. 177 p. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

DEMÓSTENES. *A oração da Coroa.* Tradução de Adelino Capistrano. São Paulo: Atena, 1956.

EURIPIDE. *Théatre complet.* Trad. Henri Berguin e Georges Duclos. 4 vols. Paris: Garnier-Flammarion, 1965-6.

FILÓSTRATO. *Vida de los Sofistas.* Tradução de María Concepción Giner Soria. Madrid: Gredos, 1982.

FITZGERALD, William. The Letter's the Thing (in Pliny, Book 7). In: MORELLO, Ruth; MORRISON, A. D. (ed). *Ancient Letters:* Classical and Late Antique Epistolography. New York: Oxford University, 2007. p. 191-210.

GÓRGIAS. *Elogio de Helena*. Trad. Manuel José de Sousa Barbosa; Inês Luisa de Ornellas e Castro. *Górgias: Testemunhos e Fragmentos*. Lisboa: Colibri, 1993.

HERÓDOTO. *História.* Trad. J. Brito Broca. Rio de Janeiro: Tecnoprint [19--].

HOMERO. *Ilíada.* Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

ISÓCRATES. *Evágoras.* Tradução de Júlio de Figueiredo Lopes Rego. In: REGO, Júlio de Figueiredo Lopes. *Os discursos cipriotas:* Para Demônico, para Nícocles e Evágoras de Isócrates. tradução, introdução e notas. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ISÓCRATES. *Panegírico*. Tradução de André Rodrigues Bertacchi. In: BERTACCHI, André Rodrigues. *O* Panegírico, *de Isócrates:* tradução e comentário. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

JULIO VICTOR. *Das epístolas.* Tradução de Thaís Morgato Martin. In: MARTIN, Thaís Morgato. *Tradução anotada e comentários da* Ars rhetorica *de Caio Júlio Victor.* 2010. Dissertação (mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

JUVENAL. *Sátiras.* Tradução de Manuel Balasch. Madrid: Gredos, 2008.

MARCIAL. *Epigramas.* Tradução de Delfim Leão, José Luís Brandão e Paulo Sérgio Ferreira. Introdução e notas de Cristina de Sousa Pimentel. Lisboa: Edições 70, 2000 (vols. I e II), 2001 (vol. III) e 2004 (vol. IV).

OVÍDIO. *Amores.* Tradução de Guilherme Horst Duque. In: DUQUE, Guilherme Horst. *Do pé à letra:* os *Amores* de Ovídio em tradução poética. 2015. Dissertação (mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

PLAUTO. *Comedias I:* Anfitrión; La comedia de los asnos; La comedia de la olla; Las dos Báquides; Los cautivos; Casina. Trad. Mercedes González-Haba. Madrid: Gredos, 1992.

PLAUTO. *Comedias II:* La comedia de la Arquilla; Gorgojo; Epídico; Lod dos Menecmos; El mercader; El militar fanfarrón; La comedia del fantasma; El Persa. Trad. Mercedes González-Haba. Madrid: Gredos, 1996.

PLAUTO. *Comedias III:* El Cartaginés; Pséudolo; La Maroma; Estico; Tres monedas; Truculento; Vidularia; Fragmentos. Trad. Mercedes González-Haba. Madrid: Gredos, 2002.

PLUTARCO. *Vidas.* Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 19--.

POLÍBIO. *Histórias*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Universidade de Brasília, 1996.

PSEUDO DEMETRIUS. *Epistolary Types.* In: MALHERBE, Abraham. *Ancient Epistolary Theorists*. Atlanta: Scholars, 1988.

QUINTILIAN. *Institutio Oratoria.* Trans. H. E. Butler. London: Harvard University, 1980.

QUINTILIANO. *Educação Oratória:* livro décimo. Trad. Antônio Martinez de Rezende. In: REZENDE, Antônio Martinez. *Rompendo o silêncio*: a construção do discurso oratório em Quintiliano. 1ed. Belo Horizonte: Crisálida, 2010.

SÊNECA. *Cartas a Lucílio.* Trad. Pref. e notas de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Calouste Gulberkian, 1991.

SUETÔNIO. *A Vida e os Feitos do Divino Augusto.* Trad. Matheus Trevizam, Paulo Sérgio Vasconcellos e Antônio Martinez de Rezende. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

TÁCITO. *Agrícola.* Tradução de Agostinho da Silva. In: TÁCITO. *Obras menores*. Trad. Agostinho da Silva. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.

TÁCITO. *Anais.* Tradução de Leopoldo Pereira. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1964.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso.* Tradução de Mário da Gama Kury. 4 ed.. Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

3. Referências bibliográficas

ALEXANDRE JUNIOR, Manuel. Introdução. In: ARISTÓTELES. *Retórica.* Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 2 ed. Lisboa: Casa da Moeda, 2005. p. 15-35.

ALLAIN, Eugéne. *Pline le Jeune et ses héritiers.* Tomo I. Paris: Fontemoing, 1901.

AMATO, Rosangela Santoro de Souza. Péricles e a peste: o corpo da pólis ou o corpo e a pólis. *Codex*, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.127-136, 2010.

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do* ethos. Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-56.

ANTÓN, Beatriz. La epistolografia romana. Cicerón, Sêneca y Plinio. *Helmántica*, Salamanca, v. 142-143, p.106-148, 1996.

ARCOS PEREIRA, Trinidad. De Cicerón a Erasmo: La configuración de la epistolografia como género literario. *Boletín Millarés Carlo*, Las Palmas, n. 27, p. 347-400, 2008.

ASH, Rhiannon. "*Aliud est enim epistulam, aliud historiam…scribere*" (Epistles 6.16.22): Pliny the historian?. *Arethusa*, Baltimore, v. 36, n. 2, p. 211-225, 2003.

AUBRION. Etienne. La "Correspondance" de Pline le Jeune: Problemes et orientations actuelles de la recherche. *ANRW*, Berlin et New York, v. II, n. 33, p. 304-374, 1989.

BARBIERO, Emilia A. *Reading between the lines:* Letters in Plautus. 2014. Thesis (Doctorate on Philosophy) – Graduate Department of Classics, University of Toronto, Toronto, 2014.

BARBOSA, Manuel José de Sousa; CASTRO, Inês Luisa de Ornellas e. *Górgias:* Testemunhos e Fragmentos. Lisboa: Colibri, 1993.

BARTHES, Roland. A Retórica Antiga. In: COHEN, Jean et alii. *Pesquisas de Retórica.* Tradução de Leda Pinto Mafra Iruzun. São Paulo: Vozes, 1975.

BARTSCH, Shadi. The art of sincerity: Pliny's Panegyricus. In: REES, Roger (ed.). *Latin Panegyric*. Oxford Readings in Classical Studies. Oxford; New York: Oxford University, 2012. p. 148-193.

BERTACCHI, André Rodrigues. *O* Panegírico, *de Isócrates:* tradução e comentário. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

BIRLEY, Anthony R. *Onomasticon to the Younger Pliny:* Letters and Panegyric. Munich: Leipzig, 2000.

BRAUND, Susanna Morton. Praise and Protreptic in Early Imperial Panegyric: Cicero, Seneca, Pliny. In: REES, Roger (ed.). *Latin Panegyric.* Oxford Readings in Classical Studies. Oxford; New York: Oxford University Press, 2012. p. 85-108.

BURGESS, Theodore Chalon. *Epideictic literature.* Chicago: The University of Chicago, 1902.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. 3 ed. (revista). São Paulo: Martins Fontes, 2013.

CARVALHO, Luiza Helena Rodrigues de Abreu. As características do gênero demonstrativo em Cícero, Horácio e Quintiliano. *Rónai – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, Juiz de Fora, v. 2, p. 41-54, 2014.

CARLON, Jacqueline. *Women in the Letters of Pliny the Younger*. New York: Cambridge University, 2009.

CASQUERO, Manuel Antonio Marcos. Epistolografia Romana. *Helmántica*, Salamanca, v.103-105, p. 377-406, 1983.

CASTILLO, Carmen. La epístola como género literario: de la Antigüedad a la Edad Media Latina. *Estudios Clásicos*, v.18, n. 73, 427-442, 1974.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural:* entre Práticas e Representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Miraflores, Portugal: DIFEL, 2002.

CHIRON, Pierre. A *Retórica a Alexandre* e os oradores áticos. *Letras Clássicas*, São Paulo, n. 4, 2000, p. 109-136.

CONTE, Gian Biagio; BARCHIESI, Alessandro. *Imitação e arte alusiva: modos e funções da intertextualidade*. In: CAVALLO, Guglielmo; FEDELI, Paolo.; GIARDINA, Andrea. O espaço literário da Roma Antiga. Trad. Daniel Peluci Carrara e Fernanda Messeder Moura Tessitura: Belo Horizonte, 2010. p. 87-121.

CONTE, Gian Biagio. *Latin Literature:* a history. Trans. Joseph B. Solodow. Maiden, USA: Johns Hopkins University, 1999.

COSTA, Alex Aparecido da. *A virtus do príncipe ideal no Panegírico de Trajano de Plínio o Jovem*. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

COSTA, Alex Aparecido da; VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. Virtus e o mos maiorum do príncipe ideal no panegírico de Trajano. *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 2, n. 6, 2013. p. 23-40. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fabio/ojs/index.php/oficinadohistoriador>. Acesso em: 20 de maio de 2014.

COSTA, C.D.N. *Greek Fictional Letters.* New York: Oxford University, 2001.

COSTA, Marco Antônio da. *Cícero e a retórica do exílio*: as figuras de repetição. 2013. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

COVA, P. V. Arte alusiva e stilizzazione retorica nelle lettere di Plinio. *Aevum*, n. 46, p. 16-36, 1972.

COVA, P. V.. *La critica letteraria di Plinio il Giovane*. Brescia: La Scuola 1966.

CRAWFORD, O. C.. Laudatio funebris. *The Classical Journal*, v. 17, n.1, 1941, p. 17-27.

DINUCCI, Aldo. Apresentação e tradução do Elogio de Helena de Górgias de Leontinos. *ETHICA*, Rio de Janeiro, v.16, n.2, p.201-212, 2009.

DOMINIK, William. Tacitus and Pliny on Oratory. In: DOMINIK, William; HALL, Jon (ed.) *Companion to Roman Rhetoric*. Oxford: Blackwell, 2007. p. 323-338.

DOMINIK, William; HALL, Jon (ed.) *Companion to Roman Rhetoric.* Oxford: Blackwell, 2007.

EBBELER, Jennifer Valerie. *Pedants in the apparel of heroes?:* Culture of Latin letter-writing from Cicero to Ennodius. 2001. 244 p. Dissertation (degree of doctor) – Faculties of the University of Pennsylvania, Pennsylvania, 2001.

EBBELER, Jennifer Valerie. Letters. In: BARCHIESI, Alessandro; SCHEIDEL, Walter (Ed.). *The Oxford handbook of Roman Studies.* New York: Oxford University, 2010. p. 464-476.

EDWARDS, Catharine. Epistolography. In: HARRISON, Stephen (ed.). *A companion to Latin Literature.* Oxford: Blackwell, 2005.

EIRE, Antonio López. Sobre los origines de la oratoria (I). *Minerva: revista de filologia Clásica,* Valladolid (Espanha), n. 1, 1987, p. 13-31. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/revista/945/A/1987>. Acesso em 13 de maio de 2015.

ELIAS, Norbert, Introdução: ensaio teórico sobre as relações estabelecidos-*outsiders*. In: ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders:* sociologia de relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p.19-47.

FANTHAM, Elaine. Literature and the governing classes: from the accession of Vespasian to the death of Trajan. In: FANTHAM, Elaine. *Roman Literary Culture: From Plautus to Macrobius*. 2 ed. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2013. p. 183-212.

FARIA, Ana Paula Celestino; SEABRA, Adriana. *Retórica a Herênio: Tradução, introdução e notas*. São Paulo: Hedra, 2005.

FAVERSANI, Fábio; JOLY, Fábio Duarte. Tácito, sua Vida de Agrícola e a competição aristocrática no Alto Império Romano. *Mnemosine*, Campina Grande-PB, v.4, p. 133 - 147, 2013.

FERNÁNDEZ, Julián González. Introducción. In: PLINIO EL JOVEN. *Cartas.* Trad. Introd. e notas de Julián González Fernádez. Madrid: Gredos, 2005.

FITZGERALD, William. The Letter's the Thing (in Pliny, Book 7). In: MORELLO, Ruth; MORRISON, A. D. (ed). *Ancient Letters:* Classical and Late Antique Epistolography. New York: Oxford University, 2007. p. 191-210.

FOX, Matthew. Rhetoric and Literature at Rome. In: DOMINIK, William; HALL, Jon (ed.) *Companion to Roman Rhetoric*. Oxford: Blackwell, 2007. p. 369-381.

FRAZER, Ray. The Origin of the Term Image. *English Literary History*, Baltimore, v. 27, n. 2, p. 149-161, jun. 1980.

FREITAS, Gustavo Araújo de. *Sobre o estilo de Demétrio*: um olhar crítico sobre a Literatura Grega (tradução e estudo introdutório do tratado). 2011. 177 p. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

FREUDENBURG, Kirk. *Recusatio* as Political Theatre: Horace's Letter to Augustus. *Journal of Roman Studies.* v. 104, p 105-132, 2014.

GABRECHT, Ana Penha. *A representação do espaço da Odisséia*: definindo isotopias, heterotopias e utopias na Grécia Antiga. 2014. 256 p. Tese de doutoramento – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

GALLÉ-CEJUDO, Rafael J.. La epistolografia griega. [sd]. Disponível em <http://www.liceus.com/bonos/compra1.asp?idproducto=457&la-epistolografia-griega>. Acesso em 03 de fevereiro de 2016.

GIBSON, Bruce. Contemporary Contexts. In: ROCHE, Paul (ed.). *Pliny's Praise*: The Panegyricus in the Roman World. New York: Cambridge University, 2011. p. 104-124.

GIBSON, Roy K; MORELLO, Ruth. *Reading the Letters of Pliny the Younger:* an introduction. New York: Cambridge University, 2012.

GIBSON, Roy K. Pliny and the Art of (in)offensive self-praise. *Arethusa,* v. 36, n. 2, p. 235-254, 2003.

GOETZL, Johanna. Variatio in the Plinian Epistle. *The Classical Journal,* v. 47, n. 7, p. 265-268 e 299, 1952.

GUILLEMIN, Anne-Marie. *Pline le Jeune:* Lettres. 3 vols. Paris: Les Belles Lettres, 2003 [1969].

GUILLEMIN, Anne-Marie. *Pline et la vie littéraire de son temps.* Paris: Les Belles-Lettres, 1929.

HABINEK, Thomas. *Ancient rhetoric and oratory.*Oxford: Blackwell, 2005.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos culturais.* Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

HALLA-AHO, Hilla. *The non-literary Latin letters:* a study of their syntax and pragmatics. 2008. Academic dissertation – Faculty of Arts, University of Helsinki. Helsinki, 2008.

HARPINE, William D. Epideictic and Ethos in the Amarna Letters: The Withholding of Argument. *Rhetoric Society Quarterly* v. 28, n.1, p. 81-98, 1998.

HEATH, Malcolm. Codifications of Rhetoric. In: GUNDERSON, Erik. *The Cambridge Companion to Ancient Rhetoric.* New York: Cambridge University, 2009. p. 59-73.

HENDERSON, John. Down the Pan: historical exemplarity in the panegyrics. In: ROCHE, Paul (ed.). *Pliny's Praise*: The *Panegyricus* in the Roman World. New York: Cambridge University, 2011. p. 142-174.

HENDERSON, John. *Pliny's statue:* the letters, self- portraiture and classical art. Exeter: University of Exeter, 2002.

HERSHKOWITZ, Debra. Pliny the poet. *Greece & Rome.* v. 42, n. 2, p. 168-181, 1995.

HESK, Jon. Types of oratory. In: GUNDERSON, Erik. *The Cambridge Companion to Ancient Rhetoric.* New York: Cambridge University, 2009. p. 145-161.

HOFFER, Stanley. *The Anxieties o f Pliny the Younger.* Atlanta: Scholars, 1999.

IDDENG, Jon W. *Publica aut peri!:* The releasing and distribution of Roman books. *Symbolae Osloensis,* Norway, n. 81, p. 58-84, 2006.

INNES, Doreen C. The *Panegyricus* and rhetorical theory. In: ROCHE, Paul (ed.). *Pliny's Praise*: The *Panegyricus* in the Roman World. New York: Cambridge University, 2011. p. 67-84.

KENNEDY, George A. *Progymnasmata*. Atlanta/USA: Society of Biblical Literature, 2003.

KENNEDY, George A. *A new history of Classical rhetoric.* New Jersey: Princeton University, 1994.

KENNEY, Edward J.. Books and readers in the Roman world. In: KENNEY, Edward J. (ed.). *The Cambridge history of Classical literature II:* Latin Literature. New York: Cambridge University, 1982. p. 3-32.

KIRCHNER, Roderich. *Elocutio:* Latin Prose Style. In: DOMINIK, William; HALL, Jon (ed.) *Companion to Roman Rhetoric.* Oxford: Blackwell, 2007. p. 181-194.

LACERDA, Ticiano Curvelo Estrela de. Contra os Sofistas *e* Elogio de Helena *de Isócrates:* tradução, notas e estudo introdutório. 2011. Dissertação (mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

LEACH, Eleanor Winsor. The Politics of Self-Presentation: Pliny's "Letters" and Roman Portrait Sculpture. *Classical Antiquity,* California, v. 9, n. 1, 1990. p. 14-39.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2014.

MALHERBE, Abraham. *Ancient Epistolary Theorists*. Atlanta: Scholars, 1988.

MANUWALD, Gesine. Ciceronian praise as a step towards Pliny's Panegyrics. In: ROCHE, Paul (ed.). *Pliny's Praise*: The *Panegyricus* in the Roman World. New York: Cambridge University, 2011. p. 85-103.

MARCHESI, Ilaria. *The Art of Pliny's Letter:* A Poetic of Allusion in the Private Correspondence. New York: Cambridge University, 2008.

MARROU, Henri. *História da educação na Antiguidade*. São Paulo: EPU/Edusp, 1990.

MARTIN, Thaís Morgato. *Tradução anotada e comentários da* Ars rhetorica *de Caio Júlio Victor.* 2010. Dissertação (mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MARTINS, Paulo. Os romanos, o direito, a imagem e a morte. In: FAVERSANI, Fábio; JOLY, Fábio Duarte (orgs.). *As formas do Império Romano.* Mariana (MG): UFOP, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/7734532/JOLY_Fabio_Duarte_FAVERSANI_Fabio_orgs._As_formas_do_Imperio_Romano>. Acesso em 14 de novembro de 2014. p. 81-93.

MARTINS, Paulo. *Imagem e poder:* considerações sobre a representação de Otávio Augusto. São Paulo: Edusp, 2011.

MARTINS, Paulo. *A literatura latina.* Curitiba: IESDE Brasil, 2009.

MATOS, Marly de Bari. A imagem da criança e uma criança destituída de imagem: considerações sobre a infância nas cartas de Plínio o Jovem. In: MARTINS, Paulo; CAIRUS, Henrique; OLIVA-NETO, Paulo Martins (org.). *Algumas visões da Antiguidade.* Vol.2. Rio de Janeiro: 7letras, 2011. p. 160-176.

MATOS, Marly de Bari. *O estudo da* pueritia *nos séculos I e II d.C.* 2006. Tese (Doutorado em Letras – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MAYER, Roland. Pliny and *gloria dicendi*. *Arethusa,* Baltimore, v. 36, p. 227-234, 2003.

MÉTHY, Nicole. *Les Lettres de Pline le Jeune: un representation de l'homme.* Paris: Université Paris-Sorbonne, 2007.

MITCHELL, Willian John Thomas. *Iconology: Image, Text, Ideology*. Chicago and London: The University of Chicago, 1986.

MOMMSEN, Theodor. *Étude sur Pline le Jeune.* Trad. C. Morel. Paris: Libraire A. Frank. 1873.

MONFORD, Mark. Iubes esse liberos: Pliny's Panegyricus and Liberty. In: REES, Roger (ed.). *Latin Panegyric.* Oxford Readings in Classical Studies. 1ed. Oxford; New York: Oxford University, 2012. p. 126-147.

MORELLO, Ruth; Confidence, *invidia,* and Pliny's epistolary curriculum. MORELLO, Ruth; MORRISON, A. D. (ed). *Ancient Letters:* Classical and Late Antique Epistolography. New York: Oxford University, 2007.

MORELLO, Ruth; MORRISON, A. D. (ed). *Ancient Letters:* Classical and Late Antique Epistolography. New York: Oxford University, 2007.

MORGAN, Teresa. *Literate education in the Hellenistic and Roman worlds*. New York: Cambridge University, 1998.

MURPHY, James Jerome. The Codification of Roman Rhetoric. With a Synopsis of the *Rhetorica ad Herennium.* In: MURPHY, James Jerome; KATULA, Richard A. with HILL, Forbes I.; OCHS, Donavam J. 3rd ed. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2003. p. 127-149.

MURPHY, Paul R.. Cicero's *Pro Archia* and the Periclean *Epitáphios*. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association,* vol. 89, p. 99-111, 1958.

NAUCK, Augustus. *Tragicorum Graecorum fragmenta.* Leipzig: B. G. Teubner, 1856.

NIXON, C.E.V.; RODGERS, Barbara Saylor. General introduction. In. NIXON, C.E.V.; RODGERS, Barbara Saylor. *In praise of late Roman Emperors:* The *Panegyrici Latini*. Introduction, translation and historical comentary. California: University of California, 1994.

OLIVEIRA, Carlos Roberto. *O Senhorio Rural nas Cartas de Plínio, o Jovem.* 1984. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

OLIVEIRA, Carlos Roberto. *As Propriedades Rurais de Plínio, o Jovem:* algumas considerações sobre a origem, a superfície e a exploração econômica. 1978. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica, vol. II: Cultura Romana*. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste-Gulbenkian, 1990.

PEREIRA, Virgínia Soares. Plínio e a sombra tutelar de Cícero. *Ágora:* Estudos Clássicos em Debate, Aveiro, n. 8, p. 79-104, 2006.

PERNOT, Laurent. *Rhetoric in Antiquity.* Trans. W. E. Higgins. Washington: The Catholic University of America, 2005.

PERNOT, Laurent. *La rhétorique de l'eloge dans le monde gréco-romain.* Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 1993.

PIERNAVIEJA, Pablo. Epistolografia Latina. *Estudios Clásicos*, Madrid, v. 22, n. 81-82, p. 361-374, 1978.

PONCE, María Jesús. Menandro rétor y el discurso imperial. *Habis*, Universidad de Sevilla, n. 29, p. 221-232, 1998.

POSTER, Carol. A conversation halved: epistolar theory in greco-roman Antiquity. In: POSTER, Carol; MITCHELL, Linda C. (Ed.). *Letter-writing manuals and instruction:* from the Antiquity to the presente. South Carolina: University of South Carolina, 2007. p. 21-51.

POSTER, Carol; MITCHELL, Linda C. (Ed.). *Letter-writing manuals and instruction:* from the Antiquity to the presente. South Carolina: University of South Carolina, 2007.

RADICE, Betty. Pliny and the Panegyricus. In: REES, Roger (ed.). *Latin Panegyric*. Oxford Readings in Classical Studies. Oxford; New York: Oxford University, 2012. p. 77-84.

RADICE, Betty. Introduction. In: PLINY. *Letters:* Books I-VII. Trans. Betty Radice. Cambridge: Harvard University, 1969. p. ix-xxviii.

REES, Roger (ed.). *Latin Panegyric*. Oxford Readings in Classical Studies. Oxford; New York: Oxford University, 2012.

REES, Roger. Letters of recommendation and the rhetoric of Praise. In: MORELLO, Ruth; MORRISON, A. D. (ed). *Ancient Letters:* Classical and Late Antique Epistolography. New York: Oxford University, 2007a. p. 149-168.

REES, Roger. Panegyric. In: DOMINIK, William; HALL, Jon (Org.). *A Companion Roman Rhetoric*. Malden: Blackwell, p. 154-166, 2007b. p. 136-148.

REZENDE, Antônio Martinez. *Rompendo o silêncio:* a construção do discurso oratório em Quintiliano. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade de Minas Gerias, Belo Horizonte, 2009.

RIGGSBY, Andrew M. Pliny on Cicero and Oratory: Self-Fashioning in the Public Eye. *The american Journal of Philology,* v.16, n.1, p. 123-135, 1995.

ROCHE, Paul. Pliny's thanksgiving: an introduction. In: ROCHE, Paul (ed.). *Pliny's Praise*: The *Panegyricus* in the Roman World. New York: Cambridge University, 2011. p.1-28

ROCHE, Paul (ed.). *Pliny's Praise*: The *Panegyricus* in the Roman World. New York: Cambridge University, 2011.

ROSENMEYER, Patricia A. *Ancient Epistolary Fictions*: The Letter in Greek Literature. Cambridge: Cambridge University, 2001.

RUSSELL, Donald Andrew. The panegyrists and their teachers. In: WHITBY, Mary (Ed.). *The propaganda of power:* The role of panegyric in late Antiquity. Boston: Brill, 1998. p. 17-50.

RUSSELL, Donald Andrew; WILSON, Nigel Guy. *Menander Rhetor: a commentary*. Oxford: Clarendon, 1981.

RUTLEDGE, Steven H. Oratory and Politics in the Empire. In: DOMINIK, William; HALL, Jon (ed.) *Companion to Roman Rhetoric.* Oxford: Blackwell, 2007. p. 109-121.

SÁNCHEZ, Armando José Ríos. La Epistolografía: Roma y El Renacimiento. *Káñina,* Univ. Costa Rica, v. 35, n. 2, p. 37-49, 2011.

SANTOS, Marcos Martinho dos. Arte dialógica e epistolar segundo as *epístolas morais a Lucílio. Letras Clássicas,* n. 3, p. 45-93, 1999.

SEGURADO E CAMPOS, J. A.. Introdução. In: SÊNECA. *Cartas a Lucílio.* Trad. Pref. e notas de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1991. p. v-liv.

SHERWIN-WHITE, Adrian Nicholas. *The Letters of Pliny: A Historical and Social Commentary*. Oxford: Clarendon, 1998 [1966].

SILVA, Gilvan Ventura. Representação social, identidade e estigmatização: Algumas considerações de caráter teórico. In.: FRANCO, Sebastião Pimentel; SILVA, Gilvan Ventura da; LARANJA, Anselmo Laghi (Org.). *Exclusão social, violência e identidade.* 1 ed. Vitória: Flor&Cultura, 2004. p. 13-29.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos culturais.* Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, Daniel Aparecido. *A representação do homem político no principado romano: uma leitura das cartas de Plínio, o Jovem (96–113 d.C.).* 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2010.

SOUZA, Dominique Monge Rodrigues de. *Ações judiciais de Plínio, o jovem, no Tribunal dos Centúnviros e na Corte Senatorial (séculos I-II d.C.).* 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca – SP, 2013a.

SOUZA, Dominique Monge Rodrigues. Administração e cortes de justiça durante o principado romano: uma análise do *cursus honorum* de Plínio, o jovem. *História e Cultura,* Franca-SP, v.2, n.3 (especial), p.150-171, 2013b.

STADLER, Thiago David. *O poder das palavras na idealização de um princeps: epistolário cruzado entre Plínio, o Jovem e Trajano (98-113 d. C.).* 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR. Curitiba, 2010.

SUÁREZ DE LA TORRE, Emílio. La epistolografia griega. *Estudios Clásicos* (*Eclás.*), n. 83, p. 19-46, 1979.

SULLIVAN, Robert G. Classical epistolar theory and letters of Isocrates. In: POSTER, Carol; MITCHELL, Linda C. (Ed.). *Letter-writing manuals and instruction:* from the Antiquity to the presente. South Carolina: University of South Carolina, 2007. p. 7-20.

SYME, Ronald. Correspondents of Pliny. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte,* v. 34, n. 3, p. 324-359, 1985

SYME, Ronald. Pliny's less successful friends. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte,* v. 9, n. 3, p. 362-379, 1960.

SYME, Ronald. *Tacitus*. vol. I. New York: Oxford, 1958.

TRAPP, Michael (ed.). *Greek and Latin letters: an anthology with translation.* New York: Cambridge University, 2003.

VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. A Prática da *Commendatio* na Correspondência Pliniana. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 6, 2013, Maringá. *Anais eletrônicos do VI Congresso Internacional de História.* Disponível em <http://www.cih.uem.br/anais/2013/>. Acesso em: 20 de maio de 2014.

VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. As palavras e as idéias: o poder na Antigüidade. *Diálogos,* Maringá, v. 9, n. 2, p. 143-155, 2005. Disponível em:<http://www.uem.br/dialogos/>. Acesso em: 20 de maio de 2014

VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. *Relações de poder em Roma: o patronato na correspondência pliniana.* 2000. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. Amizade e política em Roma: o patronato na época imperial. *Acta Scientiarum,* Maringá, v. 23, n.1, p. 215-222, 2001.

VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. *O viver urbano em Roma:* uma leitura de Plínio, o Jovem e Marcial. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 1993.

VIEIRA, Mára Rodrigues. Considerações sobre o estilo de Plínio o Jovem. In*: JORNADA DE ESTUDOS DA ANTIGUIDADE,* n. 4, 2002, Niterói. *Anais da IV Jornada de Estudos da Antiguidade: Antiguidade – Representações e Apropriações*. Niterói : UFF, 2002. v. 1. p. 15-15.

VIEIRA, Mára Rodrigues. A linguagem afetiva nas Cartas de Plínio, o jovem. In: REUNIÃO DA SBEC/SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CLÁSSICOS, n. 11, 1999, Araraquara. *XI Reunião da SBEC/Simpósio Nacional de Estudos Clássicos*, 1999. v. 1. p. 70- 71.

VIEIRA, Mára Rodrigues. Cartas: testemunho de uma época. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, n. 11, 1996, João Pessoa. *Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL*. João Pessoa: Bartira Gráfica, 1996. p. 105-107.

VIEIRA, Mára Rodrigues. A beleza literária da Carta II, 17 de Plínio o Jovem. In: SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA FACULDADE DE LETRAS, n. 14, 1994, Rio de Janeiro. *Anais da XIV Semana de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993. p. 139-143

WALSH, Peter Gerard. *Pliny the Younger:* Complete Letters. New York: Oxford, 2006.

WEBB, Ruth. The *Progymnasmata* as practice. In: TOO, Yun Lee (ed.). *Education in the Greek and Roman Antiquity.* Brill: Boston, 2001. p. 289-316.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos culturais.* Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

ZEHNACKER, Hubert. Les lettres de Pline le Jeune, ou l'idéalisation du quotidien. *Vita Latina,* Montpellier, n. 168, p. 47-56, 2003.

ZEINER-CARMICHAEL, Noelle K. Letters and letter-writing in ancient Rome. In: ZEINER-CARMICHAEL, Noelle K. *Roman letters: An Antology*. UK: Wiley Blackwell, 2014. p. 1-20.

APÊNDICE A - Tradução das epístolas que compõem o *corpus*

1. Considerações iniciais

É comum, especialmente em traduções acadêmicas, que o texto traduzido queira refletir muito proximamente as palavras e mesmo a sintaxe do original. Tal aproximação leva em muitos casos à formação de sentenças pouco naturais na língua de chegada ou à utilização de um tom demasiado formal, que nem sempre está presente na obra de partida. Diante desse quadro, dois fatores foram determinantes para a tradução das treze cartas que compuseram o nosso *corpus* de estudo aqui apresentada, cujo tom escolhido é ligeiramente mais familiar, embora formal. Em primeiro lugar está o gênero: epístola. Trata-se de um texto oferecido, a princípio, como correspondência privada de caráter cotidiano. Nesse sentido, a carta se assemelha ao diálogo. Como afirma Sherwin-White, "O teórico grego [Demétrio] identificou a carta como uma forma de literatura aparentada do diálogo, com um pensamento semelhante e estilo mais simples" (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 1).[394] O tom da escrita, portanto, é mais coloquial ou ao menos mais livre em relação a alguns parâmetros literários de elevação. Como afirma o próprio Plínio, ao aconselhar um de seus amigos,

> Quero que você apreenda, em algum momento, alguma passagem de história, quero que você escreva cartas mais bem cuidadas. Pois muitas vezes, em um discurso, a necessidade também recai não apenas na forma histórica, mas na forma quase poética das descrições e se busca, por meio das cartas, uma linguagem concisa e correta (Plin. *Ep.* VII, 9, 8).[395]

Em segundo lugar, deve-se considerar que, na retórica antiga, havia três estilos principais de composição dos discursos em prosa: *genus tenue*, *genus medium* e *genus grande* (KIRCHNER, 2007, p. 192-193). A obra pliniana costuma circular por vários desses estilos. Nas cartas, no entanto, e em especial nas de caráter encomiástico, a utilização de um *estilo médio* é muito mais comum. Tal estilo costuma ser mais simples, atendendo às regras principais de clareza e de adequação do discurso, sem, contudo, deixar de utilizar alguns dos ornamentos estabelecidos pela arte retórica (KIRCHNER, 2007, p. 193).

Desse modo, tentamos traduzir a aparente simplicidade do texto epistolar de Plínio, o Jovem, pela utilização de palavras mais acessíveis, não executando muitas inversões sintáticas

---

[394] "*The Greek theorist recognized the letter as a by-form of literature akin to the dialogue, with a similar though simpler style (Demetrius, 223*)" (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 1)

[395] "[...] *Volo interdum aliquem ex historia locum apprendas, volo epistulam diligentius scribas. Nam saepe in oratione quoque non historica modo sed prope poetica descriptionum necessitas incidit, et pressus sermo purusque ex epistulis petitur.*[...]" (Plin. *Ep.* VII, 9, 8).

ou rebuscamento da linguagem. Além disso, optou-se, na composição do texto, pelo uso de "você" em oposição ao "tu". Embora em latim os verbos sejam conjugados apenas por meio da segunda pessoa "tu", em português a conjugação dos verbos a partir desse pronome se apresenta muito mais formal do que o que interpretamos serem as cartas plinianas. O uso de "você" como segunda pessoa reflete melhor o aspecto dialogado e familiar dos textos epistolares. Essa é uma diferença que fica clara se compararmos, por exemplo, uma tradução da carta I, 1 feita por Marco Antônio da Costa e a que propusemos para a mesma carta.

> *Frequenter hortatus es, ut epistulas, si quas paulo curatius scripsissem, colligerem publicaremque. Collegi non servato temporis ordine – neque enim historiam componebam – , sed ut quaeque in manus venerat. 2 Superest ut nec te consilii nec me paeniteat obsequii. Ita enim fiet, ut eas quae adhuc neglectae iacent requiram et si quas addidero non supprimam. Vale.* (Plin. *Ep.* I, 1).
>
> Frequentemente, aconselhaste-me a reunir e publicar as epístolas, se as tivesse escrito um pouco mais esmeradamente. Reuni, embora não observando a ordem cronológica (pois não compunha uma história), mas segundo cada uma tinha vindo à mão. Basta que nem te arrependas dos conselhos nem me arrependa da obediência. Assim, pois, acontecerá de modo que aquelas que ainda jazem abandonadas eu procurarei e, quando as tiver juntado, não ocultarei. Adeus. (Tradução de Marco Antônio da Costa).
>
> Com frequência você me encorajou a reunir e publicar minhas cartas, caso as tivesse escrito um pouco mais cuidadosamente. Reuni, não conservando a ordem temporal, pois certamente não estava compondo história, mas como cada uma veio às mãos. Resta que nem você se arrependa da recomendação, nem eu da obediência. Certamente assim se fará, de modo que as que até agora permanecem esquecidas eu procurarei e, se as tiver juntado, não esconderei. Adeus. (Tradução nossa).

No texto de Costa, a proximidade entre a recriação e o texto original está bastante patente. Além da utilização de palavras imediatamente relacionadas às palavras em latim (*epistulas* = epistolas; *consilii* = conselhos; *iacent* = jazem) e do rebuscamento de outras ("esmeradamente" e "jazem"), o uso da conjugação verbal na segunda pessoa do singular "tu" e a manutenção dos mesmos tempos verbais denotam aproximação bastante literal entre a tradução e o referente latino. Em contrapartida, a versão que propusemos procura, mesmo tendo em vista os critérios de correção e clareza caros aos discursos em prosa antigos, uma liberdade ligeiramente maior em relação ao texto latino. Tal efeito se dá pela utilização de "você" como interlocutor e de palavras de uso mais corrente em língua portuguesa. Essa tentativa de atribuir maior liberdade à tradução e de diminuir o grau de possível sublimidade do texto latino é o que direciona as traduções aqui apresentadas.

Para tradução das cartas de Plínio, utilizamos o texto em latim da edição em dois volumes da Loeb Classical Library, por Betty Radice (2012). Outras traduções consultadas

para comparação foram: a) em inglês, o texto da própria Betty Radice (LOEB, 2012) e a tradução de Patrick Gerard Walsh (Oxford, 2006); b) em espanhol, as traduções de Carmen Guzman Arias e Miguel E. Perez Molina (Universid de Murcia)[396] e Julián González Fernádez (Gredos, 2005).

2. Traduções

Epístola I, 10

C. PLINIUS ATTIO CLEMENTI SUO S.

1 Si quando urbs nostra liberalibus studiis floruit, nunc maxime floret. 2 Multa claraque exempla sunt; sufficeret unum, Euphrates philosophus. Hunc ego in Syria, cum adulescentulus militarem, penitus et domi inspexi, amarique ab eo laboravi, etsi non erat laborandum. Est enim obvius et expositus, plenusque humanitate quam praecipit. 3Atque utinam sic ipse quam spem tunc ille de me concepit impleverim, ut ille multum virtutibus suis addidit! aut ego nunc illas magis miror quia magis intellego. 4 Quamquam ne nunc quidem satis intellego; ut enim de pictore scalptore fictore nisi artifex iudicare, ita nisi sapiens non potest perspicere sapientem. 5

Ao amigo Ácio Clemente[397]

1. Se alguma vez nossa cidade floresceu por causa das artes liberais, ela, agora, floresce em seu máximo.[398] 2. Há muitos e ilustres exemplos, apenas um seria suficiente: Eufrates, o filósofo.[399] Eu o conheci profunda e intimamente quando, muito jovem, fui militar na Síria e esforcei-me para ser amado por ele, embora não fosse necessário o esforço.[400] Ele é, de fato, acessível e disposto, cheio de uma humanidade que ele mesmo ensina. 3. E espero que eu mesmo tenha atendido à grande expectativa que ele criou então a meu respeito do mesmo modo que ele acrescentou muito a suas próprias virtudes; ou sou eu que as admiro mais porque compreendo mais, ainda que nem mesmo agora eu compreenda o suficiente. De fato, assim como ninguém se não um artista pode avaliar o pintor, o escultor, o inventor, ninguém se não um sábio pode reconhecer um

[396] Essa tradução está disponível apenas em uma edição on-line, no site da instituição da qual os tradutores fazem parte (http://www.um.es/jano/plinio/).

[397] Ácio Clemente (*Attius Clemens*), personagem desconhecido (RADICE, 1969, p. 559; SHERWIN-WHITE, 1998, p. 108). Provavelmente originário da região Narbonense (SYME, 1985, p. 343). Recebe a *Ep.* IV,2 (sobre a morte do filho de Régulo) e possivelmente a *Ep.* IX, 35 (recebimento de um livro).

[398] Plínio faz essa mesma afirmativa em outros momentos. Cf. *Ep.* I, 13.

[399] Eufrates (*Euphrates*) foi um filósofo estoico, natural de Tiro, rival de Apolônio de Tiana e discípulo de Musônio Rufo. Foi expulso de Roma por Domiciano em 93 d.C., para onde retorna durante o governo de Nerva (FERNÁNDEZ, 2005, p. 78; SHERWIN-WHITE, 1998, p. 746). Provavelmente um não cidadão romano (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 244), mas que casou-se com a filha de um romano com influência política (*Ep.* I,10). Não recebe nem é citado em nenhuma outra carta.

[400] Plínio foi tribuno militar na Syria no ano de 82 a.C . (BIRLEY, 2000, p. 7). De acordo com Sherwin-White, "Plínio também conheceu o filósofo Artemidoro na Síria naquela ocasião, em um ano mais inicial [do governo] de Domiciano, antes que os filósofos expulsos por Vespasiano fossem novamente permitidos em Roma (III, 11, 5; VIII, 14, 7). Ele estava, então, servindo como tribuno militar da III legião Gallica, como sua inscrição revela. […] Para outras referências a Plínio como tribuno militar ver VII, 16, 2, 31; X, 87" (*Pliny also met the philosopher Artemidorus in Syria then, in an early year of Domitian before the philosophers expelled by Vespasian were again allowed in Rome, III. 11. 5, VIII. 14. 7. He was then serving as military tribune of Legio III Gallica, as his inscription reveals […] For other references to Pliny as military tribune see VII. 16. 2, 31. 2, X. 87*) (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 109).

Quantum tamen mihi cernere datur, multa in Euphrate sic eminent et elucent, ut mediocriter quoque doctos advertant et afficiant. Disputat subtiliter graviter ornate, frequenter etiam Platonicam illam sublimitatem et latitudinem effingit. Sermo est copiosus et varius, dulcis in primis, et qui repugnantes quoque ducat impellat. 6 Ad hoc proceritas corporis, decora facies, demissus capillus, ingens et cana barba; quae licet fortuita et inania putentur, illi tamen plurimum venerationis acquirunt. 7 Nullus horror in cultu, nulla tristitia, multum severitatis; reverearis occursum, non reformides. Vitae sanctitas summa; comitas par: insectatur vitia non homines, nec castigat errantes sed emendat. Sequaris monentem attentus et pendens, et persuaderi tibi etiam cum persuaserit cupias. 8 Iam vero liberi tres, duo mares, quos diligentissime instituit. Socer Pompeius Iulianus, cum cetera vita tum vel hoc uno magnus et clarus, quod ipse provinciae princeps inter altissimas condiciones generum non honoribus principem, sed sapientia elegit. 9 Quamquam quid ego plura de viro quo mihi frui non licet? An ut magis angar quod non licet? Nam distringor officio, ut maximo sic molestissimo: sedeo pro tribunali, subnoto libellos, conficio tabulas, scribo plurimas sed illitteratissimas litteras. 10 Soleo non numquam – nam id ipsum quando contingit! – de his occupationibus apud Euphraten queri. Ille me consolatur,

sábio. 5. No que é dado a mim julgar, no entanto, há muitas coisas em Eufrates que de tal forma dele emanam e vertem que educam e afetam até os medianamente doutos. Ele argumenta tênue, séria e elegantemente, além disso, com frequência aplica aquela sublimidade e grandeza de Platão. Seu discurso é copioso e variado, agradável principalmente, de modo que move e conduz até mesmo os relutantes. 6. Além disso, a estatura elevada do corpo, o rosto elegante, o cabelo pendente, a barba grande e branca que podem ser considerados [atributos] casuais e insignificantes, a ele, no entanto, acrescentam maior reverência. 7. Não há nada de rude em suas maneiras, nem de desânimo, mas muito de seriedade. Encontrando-o, você o respeitaria, não recearia. A retidão de sua vida é máxima, a delicadeza igualmente. Ele censura os vícios, não os homens, nem castiga os que erram, mas emenda. Você o acompanharia atento e cativo enquanto aconselhasse e desejaria também ser persuadido quando ele já tivesse te persuadido. 8. Ele já tem, por certo, três filhos, dois rapazes, os quais forma com a maior dedicação. Seu sogro, Pompeio Juliano, grande e ilustre, por um lado, pela trajetória de vida e, por outro, ainda por este feito, pois foi, ele mesmo, príncipe de província, o elegeu como primeiro entre as mais altas condições de sua família, não pelas honras, mas pela sabedoria. 9. Por que, aliás, estou eu falando tantas coisas sobre um homem com quem não me é permitido conviver? Acaso é para que mais eu me angustie por não poder? De fato, estou ocupado com meu trabalho, tanto o mais ilustre, como o mais desagradável.[401] Sento diante do tribunal, assino registros, preparo tabuinhas, escrevo várias, mas muitíssimo indoutas cartas.[402] 10. Costumo alguma vez – isso ocorre, de fato, ocasionalmente – inquirir a Eufrates sobre essas ocupações. Ele me encoraja

[401] De acordo com Sherwin-White (1998, p. 110) o trabalho a que Plínio alude nesta carta é o de *praefectus aerarii Saturni*, cargo exercido por ele provavelmente em 98 d.C. (MOMMSEN, 1873, p. 8; SHERWIN-WHITE, 1998, p. 110; SOUZA, 2013b, p. 151; GIBSON;MORELLO, 2012, p. 21)

[402] Essa afirmação feita por Plínio de que "[...] *scribo plurimas sed illitteratissimas litteras* [...]" é uma das poucas menções na obra desse autor em que se pode perceber alguma reflexão metatextual mais específica a respeito da escrita epistolar. Note-se que Plínio aponta, ainda que sutilmente, para a existência de diferenças – provavelmente composicionais e estilísticas – entre as cartas escritas por e para o trabalho e aquelas escritas com apreciação mais literária. Essa referência, marcada por um jogo de palavras em que o autor opõe *litteras*, substantivo, ao adjetivo *ilitteratissimas*, ambas formadas por uma base comum - *littera* -, colabora para um tom mais geral do encerramento da carta, marcado pela opisição *otium vs. negotium.*

affirmat etiam esse hanc philosophiae et quidem pulcherrimam partem, agere negotium publicum, cognoscere iudicare, promere et exercere iustitiam, quaeque ipsi doceant in usu habere. 11 Mihi tamen hoc unum non persuadet, satius esse ista facere quam cum illo dies totos audiendo discendoque consumere. Quo magis te cui vacat hortor, cum in urbem proxime veneris – venias autem ob hoc maturius -, illi te expoliendum limandumque permittas. 12 Neque enim ego ut multi invideo aliis bono quo ipse careo, sed contra: sensum quendam voluptatemque percipio, si ea quae mihi denegantur amicis video superesse. Vale**.**

e ainda afirma ser essa uma parte, talvez a mais bela, da filosofia: conduzir o negócio público, saber julgar, promover e exercer a justiça, coisas que eles mesmos ensinam a ter em uso. 11. Apenas isso, no entanto, a mim não convence que mais valha fazer estas coisas que gastar todos os dias ouvindo e aprendendo com ele. Pelo que mais ainda exorto a você, que está livre, para que quando, em breve, vier para a cidade – e, portanto, venha mais rápido por isso – permita que ele o depure e lustre. 12. Eu certamente não invejo aos outros, como muitos, pelo bem do qual eu mesmo careço, mas ao contrário, alcanço certo sentimento de alegria, se vejo aquilo que é negado a mim sobrar aos amigos. Adeus.

Epístola I, 16

C. PLINIUS ERUCIO SUO S.

1 Amabam Pompeium Saturninum – hunc dico nostrum – laudabamque eius ingenium, etiam antequam scirem, quam varium quam flexibile quam multiplex esset; nunc vero totum me tenet habet possidet. 2 Audivi causas agentem acriter et ardenter, nec minus polite et ornate, sive meditata sive subita proferret. Adsunt aptae crebraeque sententiae, gravis et decora constructio, sonantia verba et antiqua. Omnia haec mire placent cum impetu quodam et flumine pervehuntur, placent si retractentur. 3 Senties quod ego, cum orationes eius in manus sumpseris, quas facile cuilibet veterum, quorum est

Ao amigo Erúcio[403]

1. Eu apreciava Pompeio Saturnino[404] – me refiro àquele, nosso amigo – e elogiava o seu talento mesmo antes de saber quão variado, quão flexível, quão abundante ele é. Agora, ele certamente me cativa, toma e domina por completo. 2. Eu o ouvi advogando em uma causa de maneira incisiva e intensa, mas não menos correta e elegante, quer pronunciasse algo elaborado, quer improvisado. Encontram-se, nele, sentenças adequadas e numerosas, uma construção séria e apropriada, palavras sonoras e clássicas. Tudo isso, que agrada muito quando conduzido com ímpeto e afluência, agrada se é revisado. 3. Você pensará como eu quando tiver em mãos os seus discursos, que você facilmente irá comparar a qualquer um dos antigos, os quais ele emulou. 4. O mesmo ainda mais irá

[403] Erúcio Claro (*M. Erucius Clarus*) era cunhado de Septício Claro (*Ep.* I,1; I,9). Foi um cavaleiro romano originário da região Transpadana (GIBSON;MORELLO, 2012, 310). É citado elogiosamente na carta II,9 (*Commendatio* em favor do filho, Sex. Erúcio Claro).

[404] *Pompeius Saturninus* foi, provavelmente, um advogado de ordem equestre originário da região Transpadana (SYME, 1985, p. 343). Sua carreira é desconhecida (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 103). É citado em I, 16 e VII, 8; recebe as cartas I, 8 (sobre a biblioteca dada por Plínio a cidade de Como); V, 21 (lamento pela morte de Avito e doença de Júlio Valente); VII, 7 (Plínio expressa alegria pela amizade mútua de Saturnino e Prisco, um amigo em comum); VII, 15 (resposta ao destinatário: envia notícias do que tem feito) e IX, 38 (elogio a Saturnino por um livro publicado).

aemulus, comparabis. 4 Idem tamen in historia magis satisfaciet vel brevitate vel luce vel suavitate vel splendore etiam et sublimitate narrandi. Nam in contionibus eadem quae in orationibus vis est, pressior tantum et circumscriptior et adductior. 5 Praeterea facit versus, quales Catullus meus aut Calvus, re vera quales Catullus aut Calvus. Quantum illis leporis dulcedinis amaritudinis amoris! Inserit sane, sed data opera, mollibus levibusque duriusculos quosdam; et hoc quasi Catullus aut Calvus. 6 Legit mihi nuper epistulas; uxoris esse dicebat. Plautum vel Terentium metro solutum legi credidi. Quae sive uxoris sunt ut affirmat, sive ipsius ut negat, pari gloria dignus, qui aut illa componat, aut uxorem quam virginem accepit, tam doctam politamque reddiderit. 7 Est ergo mecum per diem totum; eundem antequam scribam, eundem cum scripsi, eundem etiam cum remittor, non tamquam eundem lego. 8 Quod te quoque ut facias et hortor et moneo; neque enim debet operibus eius obesse quod vivit. An si inter eos quos numquam vidimus floruisset, non solum libros eius verum etiam imagines conquireremus, eiusdem nunc honor praesentis et gratia quasi satietate languescit? 9 At hoc pravum malignumque est, non admirari hominem admiratione dignissimum, quia videre alloqui audire complecti, nec laudare tantum verum etiam amare contingit. Vale.

agradar em história, ou pela brevidade, ou pela clareza, ou pela delicadeza, ou pela pompa, e, acima de tudo, pela grandeza da narração. Nas disputas fictícias, há a mesma força que em seus discursos, apenas mais condensada, mais delimitada e reduzida. 5. Além disso, ele produz versos tais quais meu caro Catulo e como Calvo. De verdade! como Catulo e Calvo. Quanta elegância, quanta doçura, quanta mordacidade, quanta paixão há neles! Ele acrescenta, de fato, mas com a devida atenção, aos versos mais doces e delicados, alguns um tanto grosseiros; e nisto, é como Catulo e Calvo. 6. Ele leu para mim, recentemente, algumas cartas. Dizia que eram de sua esposa. Acreditei estar lendo Plauto ou Terêncio em prosa. Quer sejam da esposa, como assegura, quer dele mesmo, como nega, é digno da mesma honra – ou porque ela escreve [as cartas] ou porque ele a aceitou como esposa ainda virgem – aquele que tenha tornado sua esposa tão douta e refinada. 7. Por isso, ele está comigo o dia todo: é o mesmo antes que eu escreva, é o mesmo quando eu já escrevi, é o mesmo até quando estou descansando, mas não o leio sempre como o mesmo. 8. Eu não só incentivo, mas também aconselho que você também faça isso. O fato de estar vivo não deve ser um obstáculo para a obra dele. Se ele tivesse sido célebre entre aqueles que nunca vimos, acaso não procuraríamos não apenas os seus livros, mas com certeza também imagens suas? Agora, porém, a honra deste, por ser um contemporâneo, diminui como que por causa do enfado? 9. Mas isto é algo insensato e perverso: não admirar o homem mais digno de admiração porque é possível vê-lo, conversar com ele, ouvi-lo e tocá-lo. Convém não apenas louvar, mas também amá-lo. Adeus.

Epístola I, 22

C. PLINIUS CATILIO SEVERO SUO S.

Ao amigo Catílio Severo[405]

[405] Catílio Severo (*L. Catilius Severus*) foi senador sob Adriano (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 473). Era provavelmente originário da Bitínia (GIBSON;MORELLO, p. 310). Para Birley (2000, p. 19), mais especificamente de Apamea. Foi *consul sulffectus* em 110 e 120. Recebe a carta III, 12 (um bilhete aceitando um convite para jantar. Há, nesse texto, várias alusões literárias).

1 Diu iam in urbe haereo et quidem attonitus. Perturbat me longa et pertinax valetudo Titi Aristonis, quem singulariter et miror et diligo. Nihil est enim illo gravius sanctius doctius, ut mihi non unus homo sed litterae ipsae omnesque bonae artes in uno homine summum periculum adire videantur. 2 Quam peritus ille et privati iuris et publici! quantum rerum, quantum exemplorum, quantum antiquitatis tenet! Nihil est quod discere velis quod ille docere non possit; mihi certe quotiens aliquid abditum quaero, ille thesaurus est. 3 Iam quanta sermonibus eius fides, quanta auctoritas, quam pressa et decora cunctatio! quid est quod non statim sciat? Et tamen plerumque haesitat dubitat, diversitate rationum, quas acri magnoque iudicio ab origine causisque primis repetit discernit expendit. 4 Ad hoc quam parcus in victu, quam modicus in cultu! Soleo ipsum cubiculum illius ipsumque lectum ut imaginem quandam priscae frugalitatis adspicere. 5 Ornat haec magnitudo animi, quae nihil ad ostentationem, omnia ad conscientiam refert recteque facti non ex populi sermone mercedem, sed ex facto petit. 6 In summa non facile quemquam ex istis qui sapientiae studium habitu corporis praeferunt, huic viro comparabis. Non quidem gymnasia sectatur aut porticus, nec disputationibus longis aliorum otium suumque delectat, sed in toga negotiisque versatur, multos advocatione plures consilio iuvat. 7 Nemini tamen istorum castitate pietate, iustitia, fortitudine etiam

1. Já há algum tempo estou preso na cidade e, na verdade, bastante atemorizado.[406] O que me atormenta é a longa e demorada doença de Tício Aristo[407], alguém que eu admiro e amo de modo especial. Não há nada mais sério, mais nobre ou mais douto que ele, de modo que, para mim, não é apenas um homem, mas as próprias letras e todas as boas artes que, em um só homem, parecem correr o mais alto risco. 2. Quão competente ele é no direito público e no privado! Ele detém tantos conteúdos, tantos exemplos, tanta tradição! Não há nada que você queira aprender que ele não possa ensinar. Toda vez que procuro algo que desconheço, encontro-o nele. 3. Há tanta integridade em suas falas, tanta autoridade, tão contida e adequada delonga. Existe algo que ele não saiba de pronto? Muitas vezes, no entanto, ele hesita e questiona-se em razão da diversidade dos argumentos, os quais ele retoma, distingue e examina desde o começo a partir da origem da causa. 4. Além disso, há tanta simplicidade em seu modo de vida, tanta modéstia em seus hábitos! Costumo considerar seu próprio quarto e sua própria cama como uma imagem da sobriedade antiga. 5. O que embeleza essas coisas é grandeza de seu caráter, que ele mantém não pela exibição, mas sim pelo senso moral. Certamente não é na opinião da população que ele busca as recompensas por suas ações, mas sim no próprio feito. 6. Diante disso, dificilmente você conseguirá comparar a este homem qualquer um daqueles que ostentam sua dedicação à sabedoria pela forma física. Ele realmente não frequenta os ginásios ou os pórticos, nem usufrui o seu tempo livre ou o dos outros com longas controvérsias, mas ocupa-se com a toga e os negócios e ajuda a muitos com a assistência jurídica e outros muitos com seu conselho. 7. Ele não perderia para ninguém em integridade, respeito, justiça, coragem ou, ainda, primazia. Você ficaria admirado, se presenciasse com que paciência ele suporta essa

[406] Para Sherwin-White, essa afirmação indica que Plínio ainda não havia assumido o cargo de *praefectus aerarii Saturni*, em 98 d.C., função que limitaria as viagens do missivista (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 136).

[407] Tício Aristo (*Titius Aristo*) é conhecido a partir de fontes jurídicas como um dos grandes advogados de sua época. Nada se sabe de sua carreira. Para Syme (1958, p. 352) certamente não era senador e seu nome parece remeter a uma origem grega. Ele provavelmente era mais velho do que Plínio. Desempenha um papel considerável nos textos do *Digesto* [*Corpus Juris Civilis*, de Justiniano] (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 136). Recebe as cartas V, 3 (a respeito de alguns versos de Plínio) e VIII, 14 (pedido de conselho a respeito de uma ação no senado).

primo loco cesserit. Mirareris si interesses, qua patientia hanc ipsam valetudinem toleret, ut dolori resistat, ut sitim differat, ut incredibilem febrium ardorem immotus opertusque transmittat. 8 Nuper me paucosque mecum, quos maxime diligit, advocavit rogavitque, ut medicos consuleremus de summa valetudinis, ut si esset insuperabilis sponte exiret e vita; si tantum difficilis et longa, resisteret maneretque: 9 dandum enim precibus uxoris, dandum filiae lacrimis, dandum etiam nobis amicis, ne spes nostras, si modo non essent inanes, voluntaria morte desereret. 10 Id ego arduum in primis et praecipua laude dignum puto. Nam impetu quodam et instinctu procurrere ad mortem commune cum multis, deliberare vero et causas eius expendere, utque suaserit ratio, vitae mortisque consilium vel suscipere vel ponere ingentis est animi. 11 Et medici quidem secunda nobis pollicentur: superest ut promissis deus adnuat tandemque me hac sollicitudine exsolvat; qua liberatus Laurentinum meum, hoc est libellos et pugillares, studiosumque otium repetam. Nunc enim nihil legere, nihil scribere aut assidenti vacat aut anxio libet. 12 Habes quid timeam, quid optem, quid etiam in posterum destinem: tu quid egeris, quid agas, quid velis agere invicem nobis, sed laetioribus epistulis scribe. Erit confusioni meae non mediocre solacium, si tu nihil quereris. Vale.

doença, como resiste à dor, como enfrenta a sede e como atravessa inabalável e imune os inacreditáveis calores das febres. 8. Recentemente me convocou e, comigo, alguns poucos a quem ele aprecia muito e pediu que consultássemos os médicos a respeito de sua terrível doença. Caso ela fosse instransponível, ele deixaria, por vontade própria, a vida, mas se apenas fosse longa e penosa, ele resistiria e sobreviveria. 9. Tal ato deve ser atribuído aos pedidos da esposa, às lagrimas da filha, e também a nós, seus amigos, para que não frustrasse, com a morte voluntária, nossas esperanças, se já não eram inúteis. 10. Isso, penso eu, é, antes de tudo, algo muito penoso e digno de especial louvor. É comum, para muitos, recorrer à morte por algum ímpeto e pelo instinto; deliberar verdadeiramente e ponderar sobre suas causas, de modo que seja o argumento a persuadir se a decisão pela vida ou pela morte deve ser abandonada ou mantida, isso é apenas para alguém de caráter sublime. 11. Os médicos nos garantem desenlaces favoráveis, resta apenas que algum deus confirme essas promessas e, enfim, eu me liberte dessa angústia. Uma vez libertado, retornarei a minha casa em Laurento[408], isto é, para meus livros e tabuinhas e para meu tempo de estudo. Agora, não me agrada escrever ou ler qualquer coisa, pois ora estou junto a ele, ora estou aflito. 12. Você já sabe o que temo, o que desejo e, ainda, o que farei em seguida. Escreva você, em compensação, o que tem feito, o que está fazendo e o que quer fazer, porém em uma carta mais alegre. Não será um pequeno consolo para a minha inquietação saber que você não tem nenhuma queixa. Adeus.

[408] Essa propriedade de Plínio é detalhadamente descrita na carta II, 17.

Epístola II, 3

C. PLINIUS NEPOTI SUO S.

1 Magna Isaeum fama praecesserat, maior inventus est. Summa est facultas copia ubertas; dicit semper ex tempore, sed tamquam diu scripserit. Sermo Graecus, immo Atticus; praefationes tersae graciles dulces, graves interdum et erectae. 2 Poscit controversias plures; electionem auditoribus permittit, saepe etiam partes; surgit amicitur incipit; statim omnia ac paene pariter ad manum, sensus reconditi occursant, verba – sed qualia! – quaesita et exculta. Multa lectio in subitis, multa scriptio elucet. 3 Prohoemiatur apte, narrat aperte, pugnat acriter, colligit fortiter, ornat excelse. Postremo docet delectat afficit; quid maxime, dubites. Crebra ἐνθυμήματα crebri syllogismi, circumscripti et effecti, quod stilo quoque assequi magnum est. Incredibilis memoria: repetit altius quae dixit ex tempore, ne verbo quidem labitur. 4 Ad tantam ἕξιν studio et exercitatione pervenit; nam diebus et noctibus nihil aliud agit nihil audit nihil loquitur. 5 Annum sexagensimum excessit et adhuc scholasticus tantum est: quo genere hominum nihil aut sincerius aut simplicius aut melius. Nos enim, qui in foro verisque litibus terimur, multum malitiae quamvis nolimus addiscimus: 6 schola et

Ao amigo Mecílio Nepos[409]

1. Uma grande fama havia precedido o próprio Iseu[410]: revelou-se ser ainda maior. Há nele extrema facilidade, profusão e abundância. Ele fala sempre de improviso, mas tal qual tivesse elaborado por muito tempo, sempre em língua grega, ou melhor, em Ático. Seus prefácios são elegantes, graciosos, suaves e, algumas vezes, solenes e elevados. 2. É ele que propõe a maioria das controvérsias, concede a escolha aos ouvintes e, muitas vezes, até o posicionamento. Levanta-se, veste a toga e começa. De pronto do fundo de seu pensamento chegam quase ao mesmo tempo até sua mão as palavras todas – e que palavras! – escolhidas e elaboradas. Revela-se muita leitura em seus improvisos, muita composição escrita.[411] 3. Ele faz proêmios adequados, narra claramente, disputa com vivacidade, conclui com firmeza e ornamenta com elevação. Enfim, ele ensina, deleita e emociona, você duvidará qual deles melhor. Utiliza abundantes entimemas, abundantes silogismos, concisos e perfeitos, algo muito requerido também na escrita. Sua memoria é inacreditável: ele repete com clareza aquilo que disse de improviso e não escorrega em uma só palavra. 4. Ele alcançou tamanha abundância por meio do estudo e da exercitação. De fato, em seus dias e noites, ele não faz, ouve ou fala qualquer coisa além disso. 5. Ele já ultrapassa seus sessenta anos e, até agora, é apenas professor de retórica. Não há nada ou mais puro, ou mais singelo ou melhor que essa classe de homens. Nós, no entanto, que somos moldados, no foro, pelos litígios verdadeiros, aprendemos muitas malícias, ainda que sem querer. 6. Não só

---

[409] Há controvérsias sobre quem seria esse destinatário. Após levantar uma série de dados, Sherwin-White (1998, p. 146-7) conclui que "O Nepos de Plínio pode ser Mecílio Nepos [*Maecilius* ou *Metilius Nepos*], mas ele não pode ser também o Sabino de IX,2 e 18". Possivelmente cônsul em 91. Na carta IV, 26, Plínio afirma que Mecílio está prestes a ser procônsul em uma província, o que, para Sherwin-White, pode ter se concretizado provavelmente em 105 ou 106 (1998, p. 306). Recebe as cartas III, 16 (sobre os feitos de Arria), IV, 26 (sobre a revisão das cópias de seu próprio livro) e VI, 19 (sobre o aumento de preço das propriedades).

[410] *Isaeus* foi um orador profissional e não, como Eufrates (I,10) e Artemidoro (III,11), um filósofo (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 146-7). Iseu é um retor citado por Juvenal (*Sat.* III, 74) e por Filóstrato (*Vida dos Filósofos*, I, 20). Não é correspondente nem citado em outras cartas.

[411] Essa é uma ideia que Quintiliano defende no livro X da *Institutio Oratoria*. Para esse autor, a facilidade da eloquência é alcançada a partir da constante leitura de outros autores e treinamento da própria escrita (Cf. Quint. *Inst. Or.* X, 1-4). Algo semelhante é aconselhado por Plínio na carta VII, 9, para Fusco Salinator.

auditorium et ficta causa res inermis innoxia est, nec minus felix, senibus praesertim. Nam quid in senectute felicius, quam quod dulcissimum est in iuventa? 7 Quare ego Isaeum non disertissimum tantum, verum etiam beatissimum iudico. Quem tu nisi cognoscere concupiscis, saxeus ferreusque es. 8 Proinde si non ob alia nosque ipsos, at certe ut hunc audias veni. Numquamne legisti, Gaditanum quendam Titi Livi nomine gloriaque commotum ad visendum eum ab ultimo terrarum orbe venisse, statimque ut viderat abisse? Ἀφιλόκαλον illitteratum iners ac paene etiam turpe est, non putare tanti cognitionem qua nulla est iucundior, nulla pulchrior, nulla denique humanior. 9 Dices: 'Habeo hic quos legam non minus disertos.' Etiam; sed legendi semper occasio est, audiendi non semper. Praeterea multo magis, ut vulgo dicitur, viva vox afficit. Nam licet acriora sint quae legas, altius tamen in animo sedent, quae pronuntiatio vultus habitus gestus etiam dicentis affigit; 10 nisi vero falsum putamus illud Aeschinis, qui cum legisset Rhodiis orationem Demosthenis admirantibus cunctis, adiecisse fertur: τί δέ, εἰ αὐτοῦ τοῦ θηρίου ἠκούσατε et erat Aeschines si Demostheni credimus λαμπροφωνότατος. Fatebatur tamen longe melius eadem illa pronuntiasse ipsum qui pepererat. 11 Quae omnia huc tendunt, ut audias Isaeum, vel ideo tantum ut audieris. Vale.

a escola, mas também o auditório e a causa fictícia é algo inocente e inofensivo, mas não menos aprazível, sobretudo para os mais velhos. Afinal, o que há de mais aprazível na velhice do que aquilo que era o mais agradável na juventude? 7. Por isso, considero Iseu não apenas o mais loquaz, mas também o mais feliz. Se ainda não está desejando muito conhecê-lo, é porque você é de pedra ou de ferro. 8. Então, senão por qualquer outra causa, mesmo por mim, venha para escutá-lo. Acaso você nunca leu que certo Garditano, movido pelo nome e pela fama de Tito Lívio, veio da mais distante parte da terra para vê-lo, e, logo que o tinha visto, partiu? Contrário às artes, ignorante, desqualificado e, ainda, quase monstruoso seria a atitude de desconsiderar tamanha inteligência, em relação a qual não há nada mais agradável, nada mais belo, e finalmente, nada mais humano. 9. Você dirá "Tenho aqui já alguns para ler não menos loquazes". Tudo bem, mas sempre haverá oportunidade para ler; para ouvir, não sempre. Além disso, como geralmente se diz, emociona muito mais a voz viva. É possível que as palavras que você lê sejam mais penetrantes, todavia no espírito se acomodam mais profundamente aquelas que a fala, o rosto, e mesmo o gesto do orador impõem. 10. A não ser que julguemos de fato uma mentira aquilo que se diz sobre Ésquines, que, tendo ele lido um discurso de Demóstenes para os cidadãos de Rodes, todos muito admirados, acrescentou: "Como seria se tivessem ouvido o próprio prodígio?"[412] e tinha Ésquines, se damos crédito a Demóstenes, uma voz muito sonora. Ele reconhecia que aquele mesmo que as havia composto, pronunciou muito melhor as próprias palavras. 11. Tudo que foi dito aponta para isso: que você ouça Iseu, mesmo que apenas para que você o tenha escutado. Adeus.

[412] Essa história era um lugar comum na Antiguidade. Cf. Plin. *Ep.* IV, 5; Cic. *De or.* III, 213; Quint. *Inst. Or.* XI, 3, 7.

Epístola IV, 27

C. PLINIUS POMPEIO FALCONI SUO S.

1 Tertius dies est quod audivi recitantem Sentium Augurinum cum summa mea voluptate, immo etiam admiratione. Poematia appellat. Multa tenuiter multa sublimiter, multa venuste multa tenere, multa dulciter multa cum bile. 2 Aliquot annis puto nihil generis eiusdem absolutius scriptum, nisi forte me fallit aut amor eius aut quod ipsum me laudibus vexit. 3Nam lemma sibi sumpsit, quod ego interdum versibus ludo. Atque adeo iudicii mei te iudicem faciam, si mihi ex hoc ipso lemmate secundus versus occurrerit; nam ceteros teneo et iam explicui.

4 Canto carmina versibus minutis,
his olim quibus et meus Catullus
et Calvus veteresque. Sed quid ad me?
Unus Plinius est mihi priores:
mavult versiculos foro relicto
et quaerit quod amet, putatque amari.
I nunc, quisquis amas, amare noli.
Ille o Plinius, ille quot Catones!

Ao amigo Pompeio Falcão[413]

1. Há três dias que ouvi, com profunda satisfação e, mais ainda, com fascinação Sêncio Augurino[414] recitando. Ele os chama de "poemas breves". Muitos deles são suaves, muitos outros elevados; muitos, elegantes, muitos, delicados; muitos, serenos, muitos, coléricos. 2. Há vários anos que, acredito, nada desse tipo foi escrito com tamanha plenitude, a não ser que me engane ou a afeição por ele, ou porque ele mesmo me engrandeceu com seus elogios. 3. Tomou como matéria para si o fato de que, às vezes, também pratico alguns versos. Agora, então, farei de você o juiz do meu próprio juízo, se me for possível lembrar o segundo verso dessa mesma obra, pois os outros tenho de cor e já expus.

4. "Canto poemas em versos mesquinhos,
como outrora o caro Catulo,
e Calvo[415], e os antigos. Mas que me importa?
Um Plínio apenas substitui os anteriores:
deixado o foro, prefere os versinhos,
busca algo para amar e imagina ser amado.
Aquele, ó, Plínio, aquele qual Catões!
Vá agora, quem quer que ame, não ame!"[416]

5. Você reconhece que é tudo tão perspicaz, tão adequado, tão claro. Garanto que todo o livro tem a mesma qualidade, eu o enviarei para você

---

[413] Pompeio Falcão (*Pompeius* Falco) era um jovem amigo senatorial de Plínio. Comandou uma legião e uma província (*Lycia-Pamphyla*) entre 101 e 105 (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 306). Segundo Radice (1969, p. 577), foi *consul suffectus* em 108 e legado sob Trajano e Adriano. Era genro de Sósio Senécio. Sua origem é incerta. Acredita-se que não era Cisalpino (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 306). Para Birley (2000, p. 80), ele provavelmente é da Sicília. Recebe as missivas I, 23 (respondendo a Pompeio, Plínio dá seu parecer sobre a simultaneidade de atuações em processos judiciais e o tribunato), VII, 22 (indicação de Cornélio Miniciano a um tribunato) e IX, 15 (Plínio fala sobre sua estadia na Toscana, o trabalho que tem feito e pede notícias da cidade). É citado em IX, 13 (longa carta sobre um processo judicial).

[414] Sêncio Augurino (*Q. Gellius Sentius Augurinus*) foi procônsul da Macedônia e senador pretoriano sob Adriano (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 306). Era mais jovem que Plínio (Cf. IV, 27). Provavelmente originário de Verona (SYME, 1985, p. 348). Recebe a missiva IX, 8 (brevíssima nota em que Plínio elogia Augurino por tê-lo elogiado).

[415] Há comparação com Catulo e Calvo também em I, 16. A ligação de Plínio com Catulo e com a poesia neotérica de um modo geral é um assunto bastante comentado pela crítica. Sobre isso, cf. MARCHESI, 2008, p. 54-96.

[416] Embora estejamos utilizando o texto latino da edição de Radice (1969, p. 312), a tradução dos últimos versos do poema executam a mesma inversão realizada por Fernández (2005). Apesar de o texto estar em formato poético no original, optou-se por uma tradução em prosa, apenas mantendo a separação de versos em diferentes linhas. Tentamos manter, todavia, alguma musicalidade e estruturas mais poéticas, especialmente certa concisão.

5 Vides quam acuta omnia quam apta quam expressa. Ad hunc gustum totum librum repromitto, quem tibi ut primum publicaverit exhibebo. Interim ama iuvenem et temporibus nostris gratulare pro ingenio tali, quod ille moribus adornat. Vivit cum Spurinna, vivit cum Antonino, quorum alteri affinis, utrique contubernalis est. 6 Possis ex hoc facere coniecturam, quam sit emendatus adulescens, qui a gravissimis senibus sic amatur. Est enim illud verissimum:
"γινώσκων ὅτι
τοιοῦτὸς ἐστιν, οἷσπερ ἥδεται συνών."
Vale.

logo que ele estiver sido publicado. Por enquanto, estime esse jovem e agradeça ao nosso tempo por ter produzido um talento tal, que Augurino ainda ornamenta mais com seu caráter. Convive com Espurina, convive com Antonino, entre os quais, sendo parente de um, é amigo dos dois.[417] 6. Observe, portanto, a partir disso, quão correto é esse rapaz, já que é estimado dessa forma por senhores tão ilustres. Não há nada mais certo que isso: "Você pode conhecer um homem pelas companhias que ele escolhe".[418] Adeus.

Epístola V, 14

C. PLINIUS PONTIO ALLIFANO SUO S.

1 Secesseram in municipium, cum mihi nuntiatum est Cornutum Tertullum accepisse Aemiliae viae curam. 2 Exprimere non possum, quanto sim gaudio affectus, et ipsius et meo nomine: ipsius quod, sit licet – sicut est – ab omni ambitione longe remotus, debet tamen ei iucundus honor esse ultro datus,

Ao amigo Pôncio Alifano[419]

1. Eu havia me retirado para minha cidade natal quando fui informado de que Cornuto Tértulo[420] tornou-se curador da Via Emília. 2. Não posso expressar de que modo fiquei alegre, não apenas por ele, mas também por mim. Por ele porque, mesmo que se afaste largamente de qualquer ambição, ele deve alegrar-se por ter recebido essa honra indicada por outra pessoa; por mim, porque me agrada ainda mais ver que um cargo similar a um já ocupado por mim é agora dado a Cornuto.[421] 3. Não é, de fato, mais satisfatório

[417] Sobre Vestrício Espurina, cf. *Ep.* V,17. Árrio Antonino (*Arrius Antoninus*) era, de acordo Radice (1969, p. 558), um *amicus* de Nerva. Foi *consul suffectus* em 69 e 97 e procónsul da Ásia em 78. Recebe três missivas de Plínio – IV,3; IV,18 e V,15 – todas são elogios aos versos em grego de Antonino.
[418] De acordo com Radice (1969, p. 313, nota 2) esse trecho é de Eurípedes (*Frag. 812 N²*). Cf. NAUCK, 1856, p. 490.
[419] Pôncio Alifano (*Pontius Allifanus*) é um correspondente com quem Plínio compartilha preocupações literárias (RADICE, 1969, p. 578). Provavelmente também um senador e contemporâneo próximo de Cornuto Tértulo (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 343). Originário da Campânia (*Ep.* V,14 e VII, 4). Recebe as cartas VI,28 (agradecimento pela hospitalidade do destinatário na Campânia, mesmo que ele não estivesse pessoalmente lá para receber Plínio); VII, 4 (resposta ao destinatário sobre o livro de hendecassílabos de Plínio, que explica suas razões para escrevê-los).
[420] Cornuto Tértulo (*C. Julius Cornutus Tertullus*) era pelo menos quinze anos mais velho que Plínio (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 345) e provavelmente amigo do imperador Tito (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 344). Pode ter sido, juntamente com Corélio e Júlio Basso, um dos amigos de Vespasiano e Tito que foram abandonados por Domiciano (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 112). Originário de Perge (ou Antália), na província da Panfília (SYME, 1958, 356). Recebe as missivas VII, 21 (Sobre os cuidados com uma inflamação nos olhos de Plínio) e VII, 31 (*commendatio* de Cláudio Polião).
[421] Plinio foi nomeado para a *cura alvei Tiberis et riparum et cloacarum* em 104 d.C. (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 345; SOUZA, 2013b, p. 152).

meo quod aliquanto magis me delectat mandatum mihi officium, postquam par Cornuto datum video. 3 Neque enim augeri dignitate quam aequari bonis gratius. Cornuto autem quid melius, quid sanctius, quid in omni genere laudis ad exemplar antiquitatis expressius? quod mihi cognitum est non fama, qua alioqui optima et meritissima fruitur, sed longis magnisque experimentis. 4 Una diligimus, una dileximus omnes fere quos aetas nostra in utroque sexu aemulandos tulit; quae societas amicitiarum artissima nos familiaritate coniunxit. 5 Accessit vinculum necessitudinis publicae; idem enim mihi, ut scis, collega quasi voto petitus in praefectura aerarii fuit, fuit et in consulatu. Tum ego qui vir et quantus esset altissime inspexi, cum sequerer ut magistrum, ut parentem vererer, quod non tam aetatis maturitate quam vitae merebatur. 6 His ex causis ut illi sic mihi gratulor, nec privatim magis quam publice, quod tandem homines non ad pericula ut prius verum ad honores virtute perveniunt. 7 In infinitum epistulam extendam, si gaudio meo indulgeam. Praevertor ad ea, quae me agentem hic nuntius deprehendit. 8 Eram cum prosocero meo, eram cum amita uxoris, eram cum amicis diu desideratis, circumibam agellos, audiebam multum rusticarum querellarum, rationes legebam invitus et cursim – aliis enim chartis, aliis sum litteris initiatus –, coeperam etiam itineri me praeparare. 8 Nam includor angustiis commeatus, eoque ipso, quod delegatum Cornuto audio officium, mei admoneor. Cupio te quoque sub idem tempus Campania tua remittat, ne quis cum in urbem rediero, contubernio nostro dies pereat. Vale.

elevar-se em título que ser equiparado a um homem excelente. Pois quem seria melhor do que Cornuto, quem mais íntegro, ou um exemplo mais claro de todos os tipos das louvadas virtudes antigas? Porque eu o conheço não pela fama, da qual, advinda de outros, a mais merecida e mais excelente, ele desfruta, mas sim de uma prolongada e copiosa experiência. 4. Juntos nós apreciamos, juntos já apreciávamos antes praticamente todos aqueles – em ambos os sexos – que nossa época apresentou como exemplos a serem imitados. Tal compartilhamento tão estreito de amizades nos uniu intimamente. 5. Acrescenta-se a isso um vínculo nas obrigações públicas. Como você sabe, na prefeitura do Tesouro, como se tivesse sido indicado por mim, ele foi meu companheiro, companheiro, do mesmo modo, no consulado. Eu mesmo comprovei, mais que qualquer outro, que tipo de homem e quão grande homem era, quando então o acompanhava como um professor e como um pai o respeitava, algo que merecia não tanto pela experiência da idade quanto pela de vida. 6. Por esses motivos todos é que felicito do mesmo modo a ele e a mim, e nem o faço mais em privado do que publicamente, pois enfim a virtude leva os homens às honras e não aos perigos, como outrora. 7. Eu estenderia minha carta para sempre, se desse liberdade à minha alegria. Volto, agora, para aquilo que estava fazendo quando a notícia me surpreendeu. 8. Estava com meu caro sogro, estava com a tia de minha esposa, estava com amigos que há muito tempo desejava ver, percorria meus pequenos campos, escutava muitas das reclamações dos camponeses, lia minhas contas rapidamente e sem vontade – são de fato outros os papeis e outras as letras nas quais fui instruído – e já havia me preparado para a viagem, 8. pois estou limitado pela brevidade da minha licença, e, ao escutar sobre a magistratura de Cornuto, estou sendo lembrado da minha própria. Espero que sua querida Campania o envie de volta a Roma no mesmo período, para que, quando eu tiver retornado à cidade, não careça de nossa amizade nem por um dia. Adeus.

Epístola V, 17

C. PLINIUS VESTRICIO SPURINNAE SUO S.

1 Scio quanto opere bonis artibus faveas, quantum gaudium capias, si nobiles iuvenes dignum aliquid maioribus suis faciant. Quo festinantius nuntio tibi fuisse me hodie in auditorio Calpurni Pisonis. 2 Recitabat καταστερισμῶν eruditam sane luculentamque materiam. Scripta elegis erat fluentibus et teneris et enodibus, sublimibus etiam, ut poposcit locus. Apte enim et varie nunc attollebatur, nunc residebat; excelsa depressis, exilia plenis, severis iucunda mutabat, omnia ingenio pari. 3 Commendabat haec voce suavissima, vocem verecundia: multum sanguinis, multum sollicitudinis in ore, magna ornamenta recitantis. Etenim nescio quo pacto magis in studiis homines timor quam fiducia decet. 4 Ne plura – quamquam libet plura, quo sunt pulchriora de iuvene, rariora de nobili -, recitatione finita multum ac diu exosculatus adulescentem, qui est acerrimus stimulus monendi, laudibus incitavi, pergeret qua coepisset, lumenque quod sibi maiores sui

Ao amigo Vestrício Spurina[422]

1. Conheço com quanto empenho você encoraja as artes liberais, quanta alegria alcança se os jovens nobres fazem algo digno de seus antepassados. 2. Por isso, o mais rapidamente que posso, noticio que estive hoje no auditório de Calpúrnio Pisão.[423] Ele estava recitando *Catasterismo*, um assunto erudito e, certamente, ilustre. O tema havia sido escrito em elegíacos, não só fluentes, mas delicados e desenvoltos, elevados também, se a passagem convidasse a isso. O poema, correta e alternadamente, ora se elevava, ora se recolhia, mudava o sublime em rasteiro, o vazio em pleno, o grave em alegre, tudo isso com a mesma habilidade. 3. Ele valorizava essas coisas por meio da voz mais suave, e sua voz, por meio de sua inibição: havia em seu rosto grande rubor e grande cuidado, grandes ornamentos para quem recita. Realmente desconheço por qual razão o receio, mais que a segurança, se ajusta aos homens dos estudos.[424] 4. Para que eu não diga ainda outras qualidades – embora muitas mais seja possível dizer, pois são mais belas nos jovens e mais raras nos nobres – terminada a recitação, beijei o jovem muito e longamente, e, porque é a mais penetrante forma de aconselhar, o incentivei com meus elogios, para que continuasse aquilo que havia começado, e que transferisse aos seu descendentes a chama que seus antepassados

[422] Vestrício Espurina (*T. Vestricius Spurinna*) era um dos *veteres* admirados e seguidos como exemplos por Plínio. Gibson e Morello (2012, p. 115-123) dedicam-se mais longamente à discussão sobre a exemplaridade e a influência que Espurina, sendo de uma geração anterior (a do tio de Plínio), exerce sobre ele. Para os autores, essa exemplaridade está ligada tanto ao *cursus honorum* quanto ao modelo de *otium studiosum*. A origem de Espurina é Cisalpina ou Narbonense. Teve longa carreira militar e política, especialmente próspera quando relacionada aos flavianos. Atuou na economia de Nerva e foi cônsul em 98 e 100 (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 761). Já estava retirado da carreira pública no momento desta carta, embora muito ativo intelectualmente (*Ep.* III, 1). Recebe, juntamente com a esposa Cotia, a missiva III, 10 (Plínio informa o envio do texto elogioso que escreveu sobre o filho do casal, que teve uma morte prematura). É citado, dentre outras, nas cartas II, 7 (sobre as honras triunfais que recebeu, assim como a estátua do filho falecido. É um elogio póstumo ao filho); III, 1 (Plínio descreve toda a rotina de Espurina em seus momentos de ócio, já aos 77 anos de idade); IV, 27 (sobre a eloquência de Sêncio Augurino).

[423] Calpúrnio Pisão (*C. Calpurnius Piso*) era provavelmente mais jovem que Plínio. Originário de uma família aristocrática tradicional de Roma, embora seu pai possivelmente tenha sido um conspirador contra Nerva e Trajano (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 761). Foi *consul ordinarius* em 111 (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 349).

[424] Essa é uma idéia que Plínio também reafirma ao vituperar Régulo. Para Plínio, "embora a força seja menor no interior dos bons do que no dos maus, assim como 'ousadia significa ignorância e reflexão traz a hesitação', também a vergonha enfraquece os espíritos retos e a audácia fortalece os pervertidos. Exemplo disso é Régulo [...]" (*Quamquam minor vis bonis quam malis inest ac sicut ἀμαθία μὲν θράσος, λογισμὸς δὲ ὄκνον φέρει, ita recta ingenia debilitat verecundia, perversa confirmat audacia. Exemplo est Regulus* [...]) (Plin. *Ep.* IV, 7, 3-4).

praetulissent, posteris ipse praeferret. 5 Gratulatus sum optimae matri, gratulatus et fratri, qui ex auditorio illo non minorem pietatis gloriam quam ille alter eloquentiae retulit: tam notabiliter pro fratre recitante primum metus eius, mox gaudium eminuit. 6. Di faciant ut talia tibi saepius nuntiem! Faveo enim saeculo ne sit sterile et effetum, mireque cupio ne nobiles nostri nihil in domibus suis pulchrum nisi imagines habeant; quae nunc mihi hos adulescentes tacitae laudare adhortari, et quod amborum gloriae satis magnum est, agnoscere videntur. Vale.

haviam transferido para ele. 5. Felicitei sua magnífica mãe, também seu irmão que, do auditório, não emanou honra menor por sua lealdade que Pisão por sua eloquência. De modo tão admirável demonstrou pelo irmão que recitava primeiramente preocupação e, logo depois, alegria. 6. Queiram os deuses que eu o noticie tais coisas mais frequentemente. Incentivo, de fato, que essa geração não seja estéril e vazia, também desejo intensamente que nossos nobres não considerem nada belo em suas casas que não as imagens de antepassados, as quais me parecem que agora, secretamente, louvam, exortam esses jovens, e, porque ambos têm muita e suficiente glória, os reconhecem. Adeus.

Epístola VI, 11

C. PLINIUS MAXIMO SUO S.

1 O diem laetum! Adhibitus in consilium a praefecto urbis audivi ex diverso agentes summae spei summae indolis iuvenes, Fuscum Salinatorem et Ummidium Quadratum, egregium par nec modo temporibus nostris sed litteris ipsis ornamento futurum. 2 Mira utrique probitas, constantia salva, decorus habitus, os Latinum, vox virilis, tenax memoria, magnum ingenium, iudicium aequale;

Ao amigo Máximo[425]

1. Ó dia feliz! Tendo sido convidado pelo prefeito da cidade para participar de um conselho, ouvi atuando, em lados opostos, dois jovens de grande perspectiva e de grande disposição: Fusco Salinator e Umídio Quadrato[426], um par emérito, que será um ornamento não apenas para o nosso tempo, mas para as próprias letras. 2. Há, em ambos, admirável integridade, firmeza sadia, comportamento adequado, linguagem correta, entonação viril, memória firme, grande talento e juízo equânime. Todas e cada uma dessas coisas

[425] Nessa carta, encontramos grande dificuldade de identificação do destinatário, uma vez que há muitos *Maximi* na obra indicados apenas pelo sobrenome. Sobre isso, cf. SHERWIN-WHITE, 1998, p. 180-1; SYME, 1985, p. 324-5 e BIRLEY, 2000, p. 70-71. De modo geral, o destinatário de VI,11 é identificado como Nóvio Máximo (*Novius Maximus*), originário da região Transpadana (BIRLEY, 2000, p. 76). Provavelmente foi cônsul em 78 (SYME, 1958, p. 348). Recebe as epístolas II,14 (o declínio da oratória em seus dias, especialmente na corte dos Centúnviros); IV, 20 (elogio a um texto do próprio Máximo); V, 5 (lamento pela morte de Caio Fânio e elogio póstumo); VI, 11 (elogio de Umídio Quadrato e Fusco Salinator); VII, 26 (sobre a necessidade de manter-se virtuoso mesmo na doença); VIII, 19 (envio de um livro e comentário sobre problemas de saúde de sua mulher e escravos); IX, 1 (Plínio incentiva o destinatário a publicar o mais rápido possível seus discursos contra Pompeio Planta); IX, 23 (demonstração de alegria pelo reconhecimento público tanto de seu talento quanto do de Tácito).

[426] Fusco Salinator (*Cn. Pedanius Fuscus Salinator*) era um jovem, membro de uma família senatorial originária de Barcino, na Espanha. Foi cônsul em 118 d.C. Ele é mencionado por Plínio na carta VI, 26 (felicitação pelo casamento entre Salinator e a filha de Serviano) e recebe as epístolas VII, 9 (conselho sobre que rotina de estudos deve adotar); IX, 36 (sobre a rotina de Plínio quando está na Toscana) e IX, 40 (última carta do IX. Sobre a rotina de Plínio quando está em Laurento). Umídio Quadrato (*C.Ummidius Quadratus*) era neto por adoção de Umídia Quadratila (*Ep.*VII, 24). Sabe-se que tinha vinte e três anos em 107 d.C. Sua carreira não é conhecida até sua nomeação como *consul suffectus* em 118. Ele é mencionado elogiosamente na carta VII, 24 e recebe duas cartas longas: VI, 29 (conselho sobre em quais causas atuar e como) e IX, 13 (detalhamento de um processo em que Plínio atuou ainda sob o governo de Domiciano).

quae singula mihi voluptati fuerunt, atque inter haec illud, quod et ipsi me ut rectorem, ut magistrum intuebantur, et iis qui audiebant me aemulari, meis instare vestigiis videbantur. 3 O diem – repetam enim – laetum notandumque mihi candidissimo calculo! Quid enim aut publice laetius quam clarissimos iuvenes nomen et famam ex studiis petere, aut mihi optatius quam me ad recta tendentibus quasi exemplar esse propositum? 4 Quod gaudium ut perpetuo capiam deos oro; ab isdem teste te peto, ut omnes qui me imitari tanti putabunt meliores esse quam me velint. Vale.

me agradaram. Entre elas também o fato de que eles olhavam atentamente para mim, como se eu fosse seu mestre, professor. Para aqueles que os ouviam, eles pareciam estar me imitando e seguindo meus passos. 3. Ó dia – vou sim repetir – feliz! e que deve ser marcado com a mais branca das pedrinhas! O que poderia ser mais feliz para a sociedade do que seus jovens mais distintos procurarem renome e fama por meio da erudição, ou mais desejável para mim do que ter sido apresentado quase como um exemplo de direção correta? 4. Que eu alcance continuamente tal alegria é o que peço aos deuses; a eles, sendo você testemunha, peço que todos os que considerarem futuramente que é de algum valor me imitar, queiram ser melhores que eu. Adeus.

Epístola VI, 21

C. PLINIUS CANINIO SUO S.

1 Sum ex iis qui mirer antiquos, non tamen (ut quidam) temporum nostrorum ingenia despicio. Neque enim quasi lassa et effeta natura nihil iam laudabile parit. 2 Atque adeo nuper audivi Vergilium Romanum paucis legentem comoediam ad exemplar veteris comoediae scriptam, tam bene ut esse quandoque possit exemplar. 3 Nescio an noris hominem, quamquam nosse debes; est enim probitate morum, ingenii elegantia, operum varietate monstrabilis. 4 Scripsit mimiambos tenuiter argute venuste, atque in hoc genere

Ao amigo Canínio[427]

1. Estou entre os que admiram os antigos, no entanto, não desconsidero, como alguns, os talentos de nosso tempo. Não está certamente tão cansada e exausta a natureza que já não produza algo de louvável.[428] 2. Além disso, de tal modo ouvi, recentemente, Vergílio Romano[429] lendo tão bem, para poucos, uma comédia escrita ao modelo da comédia antiga, que algum dia poderá ser um modelo.[430] 3. Não sei se você o conhece, embora deva conhecer; ele é, de fato, notável pela probidade da moral, elegância do engenho e variedade da obra. 4. Escreveu mimos iâmbicos com finura, argúcia, maestria, e ainda, nesse gênero, com máxima eloquência; de fato, não há gênero algum em que não se possa dizer que ele é o mais eloquente. Escreveu comédias em

[427] *Caninius Rufus* foi um proprietário de terras em Como e amigo literário de Plínio (FERNÁNDEZ, 2005, p. 181; SHERWIN-WHITE, 1998, p. 742-3). Recebe as missivas I, 3 (sobre as ocupações de Plínio); II, 8 (ainda sobre as ocupações de Plínio); III, 7 (morte de Sílio Itálico); VII, 18 (benfeitorias municipais de Plínio); VII, 25 (Elogio a Terêncio Junior); VIII, 4 (poema sobre a guerra na Dácia); IX, 33 (uma história sobre um menino e um golfinho).

[428] Plínio também faz essa afirmação na carta V, 17, 6, na qual elogia o poema astronômico de Calpúrnio Pisão. Essa ideia de que a terra tende ao esgotamento era comum na Antiguidade, cf. Virgílio, *Geórg.* I, 496; Lucrécio, II, 1150 ss. (RADICE, 1969, p. 446; SHERWIN-WHITE, 1998, p. 381; FERNÁNDEZ, 2005, p. 317).

[429] Vergílio Romano é um personagem sobre o qual não possuímos informações (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 181; FERNÁNDEZ, 2005, p. 317).

[430] Como aponta Sherwin-White (1998, p. 381), o teatro é citado, em Plínio, sempre como forma de recitação, ou seja, como texto escrito e lido, não como espetáculo. Cf. I, 15, 2; III, 1, 9; V, 3, 2.

eloquentissime; nullum est enim genus quod absolutum non possit eloquentissimum dici. Scripsit comoedias Menandrum aliosque aetatis eiusdem aemulatus; licet has inter Plautinas Terentianasque numeres. 5 Nunc primum se in vetere comoedia, sed non tamquam inciperet ostendit. Non illi vis, non granditas, non subtilitas, non amaritudo, non dulcedo, non lepos defuit: ornavit virtutes, insectatus est vitia; fictis nominibus decenter, veris usus est apte. 6 Circa me tantum benignitate nimia modum excessit, nisi quod tamen poetis mentiri licet. 7 In summa extorquebo ei librum legendumque, immo ediscendum mittam tibi; neque enim dubito futurum, ut non deponas si semel sumpseris. Vale.

emulação a Menandro e a outros da mesma época; é possível que você até as enumere entre as plautinas e as terencianas. 5. Pela primeira vez, agora, ele se aventurou na comédia antiga, mas não foi como se estivesse começando. A ele não faltou força, nem grandeza, nem sutileza, nem amargura, nem doçura, nem graça: as virtudes louvou, os vícios perseguiu; os nomes fictícios ele usou com adequação, os nomes verdadeiros com precisão. 6. A meu respeito, apenas, excedeu um pouco na extrema bondade, senão porque aos poetas é permitido mentir. 7. Enfim, arrebatarei dele o livro e enviarei a você para que leia, ou melhor, para que aprenda de cor; e não duvido que, uma vez que você o tiver aberto não vai deixá-lo. Adeus.

Epístola VI, 26

C. PLINIUS SERVIANO SUO S.

1 Gaudeo et gratulor, quod Fusco Salinatori filiam tuam destinasti. Domus patricia, pater honestissimus, mater pari laude; ipse studiosus litteratus etiam disertus, puer simplicitate comitate iuvenis senex gravitate. Neque enim amore decipior. 2Amo quidem effuse – ita officiis ita reverentia meruit -, iudico tamen, et quidem tanto acrius quanto magis amo; tibique ut qui exploraverim spondeo, habiturum te generum quo melior fingi ne voto quidem potuit. 3 Superest ut avum te quam maturissime similium sui faciat. Quam felix tempus illud, quo mihi liberos illius

Ao amigo Serviano[431]

1. Fico alegre e o felicito porque prometeu sua filha a Fusco Salinator.[432] Sua família é patrícia, o pai honestíssimo e a mãe digna de igual louvor; ele mesmo, um estudioso, literato e loquaz, menino por sua simplicidade, em amabilidade, um jovem e um senhor por sua seriedade. E não estou me deixando enganar por meu afeto. O amo efusivamente, é verdade – e ele merece, tanto por seu trabalho quanto por sua reverência – todavia também é verdade que o critico tão mais violentamente quanto mais o amo e posso lhe prometer – como alguém que já o conhece bem – que você está para ter um genro melhor do que o que imaginou ou que estabeleceu em seus desejos. 3. Resta que, o quanto antes, ele faça de você um avô de crianças comparáveis a ele. Quão

[431] *L. Julius Ursus Servianus* viveu entre 46/47 d.C e 136 (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 475; RADICE, 1969, p. 571). Originário da *Hispania*, era filho adotivo de *Julius Ursus*, foi legado na Germânia e Panônia em 98-101 e cônsul por três vezes: 97, 102 e 134 (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 386). Sherwin-White (1998, p. 250) o considera um dos pilares do governo de Trajano ao fazer parte do grupo hispânico de sustentação desse imperador.

[432] Cf. VI,11.

nepotes tuos, ut meos vel liberos vel nepotes, ex vestro sinu sumere et quasi pari iure tenere continget! Vale.

alegre será o momento que em que eu tirarei dos seus braços os filhos dele e seus netos, como se fossem meus filhos ou netos, e os segurarei quase que com a mesma autoridade. Adeus.

Epístola VII, 25

C. PLINIUS RUFO SUO S.

1 O quantum eruditorum aut modestia ipsorum aut quies operit ac subtrahit famae! At nos eos tantum dicturi aliquid aut lecturi timemus, qui studia sua proferunt, cum illi qui tacent hoc amplius praestent, quod maximum opus silentio reverentur. 2 Expertus scribo quod scribo. Terentius Iunior, equestribus militiis atque etiam procuratione Narbonensis provinciae integerrime functus, recepit se in agros suos, paratisque honoribus tranquillissimum otium praetulit. 3 Hunc ego invitatus hospitio ut bonum patrem familiae, ut diligentem agricolam intuebar, de his locuturus, in quibus illum versari putabam; et coeperam, cum ille me doctissimo sermone revocavit ad studia. 4 Quam tersa omnia, quam Latina, quam Graeca! Nam tantum utraque lingua valet, ut ea magis videatur excellere, qua cum maxime loquitur. Quantum ille legit, quantum tenet! Athenis vivere hominem, non in villa putes. 5 Quid multa? Auxit sollicitudinem meam effecitque ut illis quos doctissimos novi, non minus hos seductos et quasi rusticos verear. 6 Idem suadeo tibi: sunt enim ut in castris sic etiam in litteris nostris, plures cultu

Ao amigo Rufo[433]

1. Ó! a fama de tantos eruditos é ocultada e roubada ou por sua própria modéstia ou por sua quietude! Nós, porém, tememos, quando estamos para discursar ou recitar alguma coisa, apenas os que expõem sua cultura, quando, na verdade, aqueles que se calam os ultrapassam largamente, pois reconhecem, com seu silêncio, o mais elevado dos labores. 2. É por experiência que escrevo o que escrevo. Terêncio Júnior[434], que, da mais honesta maneira, exerceu funções no exército de cavaleiros e, ainda, foi procurador na província da Galia Narbonense retirou-se em seus campos, e, com as honras que havia alcançado, dirigiu-se para o mais sossegado ócio. 3. Eu, tendo sido convidado para ir até lá em visita e prevendo que ele era um bom proprietário e um agricultor zeloso, já estava prestes a falar sobre essas coisas, nas quais eu pensava que ele estava versado e eu já havia mesmo começado quando ele me chamou de volta aos estudos com a mais douta conversação. 4. E que elegância em tudo! Que latim! Que grego! Tamanha fluência tinha em ambos que naquele que estivesse utilizando mais parecia superar-se. Quanto ele já leu, quanto ele guarda! Você pensaria que o homem vive em Atenas, não em uma casa no campo. 5. Que mais direi? Ele aumentou o meu cuidado e me fez respeitar aqueles distantes e quase camponeses não menos que aos mais doutos que eu conheço. 6. Persuado para que você faça o mesmo: certamente há, tanto nos acampamentos quanto nas nossas queridas letras, muitos outros

[433] Há vários *Rufi* na correspondência pliniana mencionados apenas pelo *cognomen* (Cf. SYME, 1985, p. 341). É provável que o destinatário dessa carta seja Canínio Rufo. Sobre essa personagem, cf. VI, 21.

[434] Terêncio Júnior (*Terentius Iunior*) foi um cavaleiro que atuou na Perúgia (Perúsia). Também era ex-procurador da Gália Narbonense (RADICE, 1969, p. 582). Segundo Sherwin-White (1998, p. 434), ele teria preferido a posição de cavaleiro aos riscos da classe senatorial. Recebe as missivas VIII, 15 (breve nota. Plínio envia mais livros para o destinatário); IX,12 (Plínio dá conselhos ao destinatário a respeito de como educar um filho. Ele recomenda menor rigidez em alguns aspectos).

pagano quos cinctos et armatos, et quidem ardentissimo ingenio, diligenter scrutatus invenies. Vale.

de aspecto rústico que, procurando cuidadosamente, você os achará armados e equipados, porém também com o mais brilhante talento. Adeus.

Epístola VIII, 12

C. PLINIUS MINICIANO SUO S.

1 Hunc solum diem excuso: recitaturus est Titinius Capito, quem ego audire nescio magis debeam an cupiam. Vir est optimus et inter praecipua saeculi ornamenta numerandus. Colit studia, studiosos amat fovet provehit, multorum qui aliqua componunt portus sinus gremium, omnium exemplum, ipsarum denique litterarum iam senescentium reductor ac reformator. 2 Domum suam recitantibus praebet, auditoria non apud se tantum benignitate mira frequentat; mihi certe, si modo in urbe, defuit numquam. Porro tanto turpius gratiam non referre, quanto honestior causa referendae. 3 An si litibus tererer, obstrictum esse me crederem obeunti vadimonia mea, nunc, quia mihi omne negotium omnis in studiis cura, minus obligor tanta sedulitate celebranti, in quo obligari ego, ne dicam solo, certe maxime possum? 4 Quod si illi nullam vicem nulla quasi mutua officia deberem, sollicitarer tamen vel ingenio hominis pulcherrimo et maxime et in summa severitate dulcissimo, vel honestate

Ao amigo Miniciano[435]

1. Apenas durante este dia eu me desocupo: quem está para fazer uma recitação é Ticínio Capitão[436], algo que ouvirei não sei se mais por dever ou por desejar. Esse homem é excelente e deve ser contado entre os principais ornamentos de nossa geração. Ele cultiva os estudos, aos estudiosos ele estima, incentiva e promove. Para muitos dos que escrevem algo, ele é um porto, um colo, um refúgio, além de um exemplo para todos, enfim, é um condutor e reformador da própria literatura já decadente. 2. Oferece sua casa para recitadores, frequenta plateias – não apenas em sua casa – com uma generosidade admirável. Estando eu um pouco na cidade, nunca me desamparou. De longe, seria tão mais indecoroso não retribuir seu favor quanto mais digna é razão para retribui-lo. 3. Acaso, se estivesse envolvido em causas judiciais, eu não acreditaria estar comprometido com aquele que me acompanhasse à audiência? Agora, porém, porque toda minha ocupação é o cuidado com os estudos, estou menos comprometido com aquele que, com tamanha assiduidade, me honra com sua presença e, ainda, é alguém com quem eu sou capaz de me comprometer, senão exclusivamente, com certeza antes de todos os outros?. 4. Porque mesmo se eu não devesse qualquer troca de favores ou qualquer responsabilidade mútua, seria compelido a vê-lo

[435] *Cornelius Minicianus.* De acordo com Sherwin-White (1998, p. 744), foi um equestre e magnata municipal originário de Bérgamo, homenageado também em Mediolano e Otesia, recebeu o posto de *praefectus cohortis* por Pompeio Falcão, legado da Judéia (107). Depois, foi *tribunus militaris* e *praefectus fabrorum.* Recebe as epístolas III, 9 (carta longa. Plínio explica em detalhes o processo dos Béticos contra Clássico); IV, 11 (Plínio noticia que Valério Liciniano está dando aula de retórica na Sicília. Relaciona esse personagem à história de execução de uma vestal ainda sob Domiciano).

[436] *Cn. Octavius Tititnius Capito.* "Oficial equestre e homem de letras. Ele é o primeiro dos secretários de Estado nascidos livres conhecido (*a patrimonio* e *ab epistulis*), mantendo-se no ofício de Domiciano até 102. Mais tarde, foi *vigilum praefectus*" (SHERWIN-WHITE, p. 759). Originário do norte da Itália, perto de Verona, ou mesmo de Roma (BIRLEY, 2000, p. 92). Recebe as cartas V, 8 (sobre a possibilidade de Plínio escrever história) e VIII,12. É citado em I, 17 (elogio ao ato de Ticínio Capitão que pediu permissão para fazer uma estátua em honra a Lúcio Silano).

materiae. Scribit exitus illustrium virorum, in his quorundam mihi carissimorum. 5 Videor ergo fungi pio munere, quorumque exsequias celebrare non licuit, horum quasi funebribus laudationibus seris quidem sed tanto magis veris interesse. Vale.

quer pelo talento desse homem, algo belíssimo e agradabilíssimo não apenas na superioridade, mas também em seu supremo rigor, quer pela dignidade do assunto. Ele está escrevendo sobre a morte de homens notáveis, entre os quais estão alguns dos mais caros a mim. 5. Desse modo, parece que realizo uma piedosa homenagem ao comparecer ao que são praticamente os elogios fúnebres – tardios, é verdade, mas não menos genuínos – daqueles em cujos funerais eu não pude estar. Adeus.

Epístola IX, 22

C. PLINIUS SEVERO SUO S.

1 Magna me sollicitudine affecit Passenni Pauli valetudo, et quidem plurimis iustissimisque de causis. Vir est optimus honestissimus, nostri amantissimus; praeterea in litteris veteres aemulatur exprimit reddit, Propertium in primis, a quo genus ducit, vera suboles eoque simillima illi in quo ille praecipuus. 2 Si elegos eius in manus sumpseris, leges opus tersum molle iucundum, et plane in Properti domo scriptum. Nuper ad lyrica deflexit, in quibus ita Horatium ut in illis illum alterum effingit: putes si quid in studiis cognatio valet, et huius propinquum. Magna varietas magna mobilitas: amat ut qui verissime, dolet ut qui impatientissime, laudat ut qui benignissime, ludit ut qui facetissime, omnia denique tamquam singula absolvit. 3 Pro hoc ego amico, pro hoc

Ao amigo (Herênio) Severo[437]

1. É grande a preocupação que a saúde de Passeno Paulo[438] me causou, e, de fato, por variadas e justíssimas razões. Ele é o homem mais excelente, mais digno e o mais estimado por mim. Além disso, ele emula, expressa e traz de volta os clássicos em sua obra literária, principalmente Propércio, cuja linhagem ele dá continuidade. Sendo um descendente genuíno, é idêntico a ele mesmo naquilo em que foi mais singular. 2. Se você tiver em mãos os versos elegíacos de Passeno, irá ler uma obra impoluta, versátil, prazerosa e certamente escrita no território de Propércio. Inclinou-se, recentemente, para a poesia lírica, na qual personificou Horácio tal qual o fez em relação ao outro. Se laços de sangue tivessem influência na erudição, você pensaria que Passeno é também congênere de Horácio. Há nele extrema variedade, extrema versatilidade: ama como os amantes mais verdadeiros, sofre como as vítimas mais aflitas, louva como os mais generosos, graceja como os mais espirituosos, e, acima de tudo, as desenvolve tanto em conjunto

[437] O destinatário desta carta, em virtude de ser identificado apenas pelo *cognomen*, é difícil de ser identificado. Há pelo menos cinco *Severi* correspondentes de Plínio: *Annius, Catilius, Herennius, Vetenius* e *Vibius*. Consideramos *Herennius* como sendo o possível destinatário dessa carta a partir das considerações de Sherwin-White (1998) e Radice (1969). Herênio Severo foi estudioso (*scholar*) e, aparentemente, um senador consular (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 744). Não recebe nenhuma outra carta. É citado em IV, 28 (Plínio solicita ao destinatário para que procure um pintor para fazer retratos de dois cidadãos notáveis para a biblioteca de Herênio Severo).

[438] Passeno Paulo (*C. Passenus Paulus Propertius Blaesus*) foi um cavaleiro (*eques*) romano, descendente de Propércio (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 754; BIRLEY, 2000, p. 77). Além da carta IX, 22, é citado em VI, 15 (trata-se de uma anedota contada a Vocônio Romano sobre a leitura de versos elegíacos de Passeno, na qual o jurista para quem a obra se dedicava interviu como se o poema falasse verdades).

ingenio non minus aeger animo quam corpore ille, tandem illum tandem me recepi. Gratulare mihi, gratulare etiam litteris ipsis, quae ex periculo eius tantum discrimen adierunt, quantum ex salute gloriae consequentur. Vale

quanto separadamente. 3. Eu mesmo, por causa desse amigo, por causa desse talento, não estive menos abalado no espírito do que ele no corpo: quando ele finalmente se recuperou, eu também me recuperei. Dê-me felicitações, dê felicitações também às próprias letras que, na doença dele, correram tanto perigo quanto, na saúde, conseguirá em glória. Adeus.

APÊNDICE B - Apresentação geral do conteúdo das cartas que compõem o *corpus*

Carta	Destinatário	Extensão (parágrafos)	Conteúdo geral
I.10	Ácio Clemente	12	Elogio ao Filósofo Eufrates, homem que Plínio conheceu na província da Síria. O missivista exalta sua aparência física, sua capacidade filosófica e o seu modo de discursar.
I.16	Erúcio Claro	9	Elogio ao estilo literário de Pompeio Saturnino, versado tanto na oratória, quanto na história e na poesia.
I.22	Catílio Severo	12	Elogio a Tício Aristo, jurista romano que, bastante doente, estava sendo acompanhado por Plínio naquele momento. Os louvores da carta são dedicados à carreira e capacidade moral de Aristo.
II.3	Mecílio Nepos	11	Exaltação da eloquência de Iseu, retor de origem Síria que, no momento, estava em Roma realizando recitações – controvérsias – em língua grega.
IV.27	Pompeio Falcão	6	Elogio aos poemas breves recitados por Sêncio Augurino, nos quais o próprio Plínio é citado.
V.14	Pôncio Alifano	9	Comemoração por Cornuto Tértulo ter sido nomeado curador da via Emília. Plínio elogia a atuação pública desse personagem traçando um paralelo com sua própria experiência nos cargos públicos.
V.17	Vestrício Espurina	6	Plínio elogia Calpúrnio Pisão pela recitação de seu poema astronômico *Catasterismos*.
VI.11	Máximo	4	Demonstração de alegria por ter visto os jovens oradores Fusco Salinator e Umídio Quadrato discursarem numa causa. Plínio destaca que esses dois jovens eram, de algum modo, seus discípulos em relação à oratória.
VI.21	Canínio Rufo	7	Elogio a Vergínio Romano por uma comédia que recitou ao estilo da Comédia Antiga.
VI.26	Julio Serviano	3	Felicitação pelo casamento da filha de Serviano com Fusco Salinator. Plínio exalta as qualidades do noivo.
VII.25	(Canínio) Rufo	6	Elogio a Terêncio Júnior que, mesmo retirado a uma vida rústica, demonstrou grande erudição e conhecimento durante uma conversa.

VIII.12	Cornélio Miniciano	5	Plínio informa que assistirá a uma recitação de Ticício Capito e já o elogia previamente pelo incentivo que dá à literatura de seu tempo.
IX.22	(Herênio) Severo	3	Elogio a Passeno Paulo, poeta lírico e elegíaco, que esteve doente. Plínio exalta a habilidade poética de Passeno por meio da comparação com Horácio e Propércio.

APÊNDICE C - Apresentação dos correspondentes e destinatários das cartas que compõem o *corpus*

Carta	Destinatário	Informações biográficas	Elogiado	Informações biográficas
I,10	Ácio Clemente	Personagem desconhecido (RADICE, 1969, p. 559; SHERWIN-WHITE, 1998, p. 108). Provavelmente originário da região Narbonense (SYME, 1985, p. 343). Recebe a *Ep.* IV,2 (sobre a morte do filho de Régulo) e possivelmente a *Ep.* IX,35 (recebimento de um livro)	Eufrates	Foi um filósofo estoico, natural de Tiro, rival de Apolônio de Tiana e discípulo de Musônio Rufo. Foi expulso de Roma por Domiciano em 93 d.C., para onde retorna durante o governo de Nerva (FERNÁNDEZ, 2005, p. 78; SHERWIN-WHITE, 1998, p. 746). Provavelmente um não cidadão romano (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 244), mas que casou-se com filha de cidadão (*Ep.* I,10). Plínio o conhece na província da Síria. Não recebe nem é citado em nenhuma outra carta.
I,16	Erúcio Claro	É cunhado de Septício Claro (*Ep.* I,1). Foi um cavaleiro romano originário da região Transpadana (GIBSON;MORELLO, 2012, 310). É citado elogiosamente na carta II,9 (*Commendatio* em favor do filho, Sex. Erucio Claro).	Pompeio Saturnino	Pompeio Saturnino foi, provavelmente, um advogado de ordem equestre originário da região Transpadana (SYME, 1985, p. 343). Sua carreira é desconhecida (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 103). É citado em I, 16 e VII, 8; recebe as cartas I, 8 (sobre a biblioteca dada por Plínio a cidade de Como); V, 21 (lamento pela morte de Avito e doença de Júlio Valente); VII, 7 (Plínio expressa alegria pela amizade mútua de Saturnino e Prisco, um amigo em comum); VII, 15 (resposta ao destinatário: envia notícias do que tem feito) e IX, 38 (elogio a Saturnino por um livro publicado).

I,22	Catílio Severo	Foi um notável senador sob Adriano (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 473). Era provavelmente originário da Bitínia (GIBSON;MORELLO, p. 310). Para Birley (2000, p. 19), mais especificamente, de Apamea. Foi *consul sulffectus* em 110 e 120. Recebe a carta III, 12 (um bilhete aceitando um convite para jantar. Há, nesse texto, várias alusões literárias)	Tício Aristo	Tício Aristo é conhecido a partir de fontes jurídicas como um dos grandes advogados de sua época. Nada se sabe de sua carreira. Para Syme (1958, p. 352) certamente não era senador e seu nome parece remeter a uma origem grega. Ele deve ter sido mais velho do que Plínio. Desempenha um papel considerável nos textos do *Digesto* [*Corpus Juris Civilis*, de Justiniano] (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 136). Recebe as cartas V, 3 (a respeito dos versos do próprio Plínio) e VIII, 14 (pedido de conselho a respeito de uma ação no senado).
II,3	Mecílio Nepos	Há controvérsias sobre quem seria esse destinatário. Após levantar uma série de dados, Sherwin-White (1998, p. 146-7) conclui que "O Nepos de Plínio pode ser Mecílio Nepos, mas ele não pode ser também o Sabino de IX,2 e 18". Possivelmente cônsul em 91. Na carta IV, 26, Plínio afirma que Mecílio está prestes a ser procônsul em uma província, o que, para Sherwin-White, pode ter se concretizado provavelmente em 105 ou 106 (1998, p. 306). Recebe as cartas III, 16 (sobre os feitos de Arria), IV, 26 (sobre a revisão das cópias de seu próprio livro) e VI, 19 (sobre o aumento de preço das propriedades).	Iseu	Iseu foi um orador profissional e não, como Eufrates (I,10) e Artemidoro (III,11), um filósofo (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 146-7). Iseu é um retor citado por Juvenal (*Sat*. III, 74) e por Filóstrato (*Vida dos Filósofos,* I, 20). Não é correspondente nem citado em outras cartas.
IV,27	Pompeio Falcão	Era um jovem amigo senatorial de Plínio e comandou uma legião e uma província (Lycia-Pamphyla) entre 101 e 105 (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 306). Segundo	Sêncio Augurino	Sêncio Augurino foi procônsul da Macedônia e senador pretoriano sob Adriano. (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 306). Era mais jovem que Plínio (Cf. IV, 27). Provavelmente

		Radice (1969, p. 577), foi *consul suffectus* em 108 e legado sob Trajano e Adriano. Era genro de Sósio Senecio. Sua origem é incerta. Acredita-se que não era Cisalpino (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 306). Para Birley (2000, p. 80), ele provavelmente é da Sicília. Recebe as missivas I, 23 (Respondendo a Pompeio, Plínio dá seu parecer sobre a simultaneidade de atuações em processos judiciais e o tribunato), VII, 22 (Indicação de Cornélio Miniciano a um tribunato) e IX, 15 (Plínio fala sobre sua estadia na Toscana, o trabalho que tem feito e pede notícias da cidade). É citado em IX, 13 (longa carta sobre um processo judicial).		originário de Verona (SYME, 1985, p. 348). Recebe a missiva IX, 8 (brevíssima nota em que Plínio elogia Augurino por tê-lo elogiado).
V,14	Pôncio Alifano	É um amigo com quem Plínio compartilha preocupações literárias (RADICE, 1969, p. 578). Provavelmente também um senador e contemporâneo próximo de Tértulo (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 343). Originário da Campânia (*Ep.* V,14 e VII, 4). Recebe as cartas VI,28 (agradecimento pela hospitalidade do destinatário na Campânia, mesmo que ele não estivesse pessoalmente lá para receber Plínio); VII, 4 (resposta ao destinatário sobre o livro de hendecassílabos de Plínio. Explica suas razões em escrevê-los).	Cornuto Tértulo	Era pelo menos 15 anos mais velho que Plínio (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 345). Era provavelmente amigo do imperador Tito (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 344). Pode ter sido, juntamente com Corélio e Júlio Basso, um dos amigos de Vespasiano e Tito que foram abandonados por Domiciano (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 112). Originário de Perge ou Antália), na província da Panfília (SYME, 1958, 356). Recebe as missivas VII, 21 (Sobre os cuidados com uma inflamação nos olhos de Plínio) e VII, 31 (*commendatio* de Cláudio Polião).
V,17	Vestrício Espurina	É um dos *veteres* admirados e seguidos como exemplos por Plínio. Gibson e Morello (2012, p. 115-123) dedicam-se mais longamente à discussão sobre a exemplaridade e a	Calpúrnio Pisão	Calpúrnio Pisão era provavelmente mais jovem que Plínio. Era de uma família aristocrática tradicional de Roma, embora seu pai possivelmente tenha sido um conspirador

		influência que Espurina, sendo de uma geração anterior (a do tio de Plínio), exerce sobre ele. Para os autores, essa exemplaridade está ligada tanto ao *cursus honorum* quanto ao modelo de *otium studiosum*. Sua origem é Cisalpina ou Narbonense. Teve longa carreira militar e política, especialmente próspera quando relacionada aos flavianos. Atuou na economia de Nerva e foi cônsul em 98 e 100 (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 761). Já estava retirado da carreira pública, embora muito ativo intelectualmente (*Ep.* III, 1). Recebe, juntamente com a esposa Cotia, a missiva III, 10 (Plínio informa o envio do texto elogioso que escreveu sobre o filho do casal, que teve uma morte prematura). É citado, dentre outras, nas cartas II, 7 (sobre as honras triunfais que recebeu, assim como a estátua do filho falecido. É um elogio póstumo ao filho); III, 1 (Plínio descreve toda a rotina de Espurina em seus momentos de ócio, já aos 77 anos de idade); IV, 27 (sobre a eloquência de Sêncio Augurino).		contra Nerva e Trajano (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 761). Foi *consul ordinarius* em 111 (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 349).
VI,11	Máximo	Nessa carta, encontramos grande dificuldade de identificação do destinatário, uma vez que há muitos *Maximi* na obra indicados apenas pelo sobrenome. Sobre isso, Cf. SHERWIN-WHIT (1998, p. 180-1); SYME (1985, p. 324-5) e BIRLEY (2000, p. 70-71) De modo geral, o destinatário de VI,11 é identificado como Nóvio Máximo, originário da região Transpadana (BIRLEY, 2000, p. 76).	Umídio Quadrato	Umídio Quadrato era neto por adoção, de Umídia Quadratila [*Ep.*VII, 24]. Sabe-se que tinha tem 23 anos em 107 d.C. Sua carreira não é conhecida até sua nomeação como *consul suffectus* em 118. Ele é mencionado elogiosamente na carta VII, 24 e recebe duas cartas longas: VI, 29 (conselho sobre em quais causas atuar e como) e IX, 13 (detalhamento de um processo em que Plínio

		Provavelmente foi cônsul em 78 (SYME, 1958, p. 348). Recebe as epístolas II,14 (o declínio da oratória em seus dias, especialmente na corte dos Centúnviros); IV, 20 (elogio a um texto do próprio máximo); V, 5 (lamento pela morte de Caio Fanio e elogio póstumo); VI, 11 (elogio de Umidio Quadrato e Fusco Salinator); VII, 26 (sobre a necessidade de manter-se virtuoso mesmo na doença); VIII, 19 (envio de um livro e comentário sobre problemas de saúde de sua mulher e escravos); IX, 1 Plínio incentiva o destinatário a publicar o mais rápido possível seus discursos contra Planta); IX, 23 (demonstração de alegria pelo reconhecimento público tanto de seu talento quanto do de Tácito).		atuou ainda sob o governo de Domiciano).
			Fusco Salinator	Fusco Salinator era um jovem, membro de uma família senatorial originária de Barcino, na Espanha. Foi cônsul em 118 d.C. Ele é mencionado por Plínio na carta VI, 16 (também parte de *corpus* desta dissertação) e recebe as epístolas VII, 9 (conselho sobre que rotina de estudos deve adotar); IX, 36 (sobre a rotina de Plínio quando está na Toscana) e IX, 40 (última carta do IX. Sobre a rotina de Plínio quando está em Laurento).
VI,21	Canínio Rufo	Há vários *Rufi* na correspondência pliniana mencionados apenas pelo *cognomen* (Cf. SYME, 1985, p. 341). É provável que o destinatário dessa carta seja Canínio Rufo. Foi um proprietário de terras em Como e amigo literário de Plínio (FERNÁNDEZ, 2005, p. 181; SHERWIN-WHITE, 1998, p. 742-3). Recebe as missivas I, 3 (sobre as ocupações de Plínio); II, 8 (ainda sobre as ocupações de Plínio); III, 7 (morte de Sílio Itálico); VII, 18 (benfeitorias municipais de Plínio); VII, 25 (Elogio a Terêncio Junior); VIII, 4 (poema sobre a guerra na Dácia); IX, 33 (uma história sobre um menino e um golfinho).	Virgílio Romano	Virgílio Romano é um personagem sobre o qual não possuímos informações (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 181; FERNÁNDEZ, 2005, p. 317).

VI,26	Júlio Serviano	Viveu entre 46/47 d.C e 136 (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 475; Radice, 1969, p. 571). Originário da *Hispania*, era filho adotivo de *Julius Ursus*, foi legado na Germânia e Panônia em 98-101 e cônsul por três vezes: 97, 102 e 134 (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 386). Sherwin-White (1998, p. 250) o considera um dos pilares do governo de Trajano ao fazer parte do grupo hispânico de sustentação desse imperador.	Fusco Salinator	Cf. *Ep.* VI,11
VII,25	(Canínio) Rufo	Cf. VI,21	Terêncio Júnior	Foi um cavaleiro que atuou na Perúgia (Perúsia). Também era ex-procurador da Galia Narbonense (RADICE, 1969, p. 582). Segundo Sherwin-White (1998, p. 434), ele teria preferido a posição de cavaleiro aos riscos da classe senatorial. Recebe as missivas VIII, 15 (breve nota. Plínio envia mais livros para o destinatário); IX,12 (Plínio dá conselhos ao destinatário a respeito de como educar um filho. Ele recomenta menor rigidez em alguns aspectos).
VIII,12	Cornélio Miniciano	De acordo com Sherwin-White (1998, p. 744), foi um equestre e magnata municipal originário de Bérgamo, homenageado também em Mediolano e Otesia, recebeu o posto de *praefectus cohortis* por Pompeio Falcão, legado da Judéia (107). Depois, foi *tribunus militaris* e *praefectus fabrorum.* Recebe as epístolas III, 9 (carta longa. Plínio explica em detalhes o processo dos Béticos contra Clássico); IV, 11 (Plínio noticia que Valério Liciniano está dando aula de retórica na	Ticínio Capito	"Oficial equestre e homem de letras. Ele é o primeiro dos secretários de Estado nascidos livres conhecido (*a patrimonio* e *ab epistulis*), mantendo-se no ofício de Domiciano até 102. Mais tarde, foi *vigilum praefectus*" (SHERWIN-WHITE, p. 759). Originário do norte da Itália, perto de Verona, ou mesmo de Roma (BIRLEY, 2000, p. 92). Recebe as cartas V, 8 (sobre a possibilidade de Plínio escrever história) e VIII,12. É citado em I, 17 (elogio ao ato de Ticínio Capito que pediu

		Sicilia. Relaciona esse personagem a história de execução de uma vestal ainda sob Domiciano).		permissão para fazer uma estátua em honra a Lúcio Silano).
IX,22	(Herênio) Severo	O destinatário desta carta, em virtude de ser identificado apenas pelo *cognomen*, é difícil de ser identificado. Há pelo menos cinco *Severi* correspondentes de Plínio: *Annius, Catilius, Herennius, Vetenius* e *Vibius*. Consideramos *Herennius* como sendo o possível destinatário dessa carta a partir das considerações de Sherwin-White (1998) e Radice (1969). Foi estudioso (*scholar*) e, aparentemente, um senador consular (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 744). Não recebe nenhuma outra carta. É citado em IV, 28 **(**Plínio solicita ao destinatário para que procure um pintor para fazer retratos de dois cidadãos notáveis para a biblioteca de Herênio Severo).	Passeno Paulo	Passeno Paulo foi um cavaleiro (*eques*) romano, descendente de Propércio (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 754; BIRLEY, 2000, p. 77). Além da carta IX, 22, é citado em VI, 15 (trata-se de uma anedota contada a Vocônio Romano sobre a leitura de versos elegíacos de Passeno, na qual o jurista para quem a obra se dedicava interviu como se o poema falasse verdades).